



Universidade
Tuiuti do
Paraná

PRG
Com

“SOMOS AUTISTAS”

UMA CARTOGRAFIA
AFETIVA DE ENUNCIADOS
DE NEURODIVERGENTES
NO INSTAGRAM

IGOR LUCAS RIES

Orientação: Prof^a Dr^a Angie Biondi

CURITIBA/PR 2023

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS**

IGOR LUCAS RIES

“SOMOS AUTISTAS”:
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DE ENUNCIADOS
DE NEURODIVERGENTES NO *INSTAGRAM*

CURITIBA

2023

IGOR LUCAS RIES

**“SOMOS AUTISTAS”:
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DE ENUNCIADOS
DE NEURODIVERGENTES NO *INSTAGRAM***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens - PPGCOM, pertencente à linha de pesquisa de Processos Midiáticos e Práticas Comunicacionais, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Angie Gomes Biondi.

CURITIBA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sidnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

R559 Ries, Igor Lucas.

"Somos autistas": uma cartografia afetiva de enunciados de neurodivergentes no Instagram / Igor Lucas Ries; orientadora Profª. Drª. Angie Gomes Biondi.

314f.

Tese (Doutorado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2023

1. Autista. 2. Autonomia. 3. Cartografia. 4. Enunciação.
5. Instagram. 6. Neurodiversidade. 7. Vulnerabilidade.
I. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens / Doutorado em Comunicação e Linguagens. II. Título.

CDD – 302.3

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212



Universidade Tuiuti do Paraná

Inscrição 31A - Decreto Presidencial nº 0233/180 de 1997 - D.O.U. nº 128, de 08 de julho de 1997 - Seção 1 - Página 122

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS ATA DO EXAME DE DEFESA DA TESE

Aos dois dias do mês de março de dois mil e vinte e três foi realizada a sessão de Defesa da Tese de Doutorado intitulada "Somos Auristas": uma cartografia de enunciados de neurodivergentes no Instagram" apresentada por Igor Lucas Ries. Os trabalhos foram iniciados às 14 horas pela Profa. Dra. Angie Gomes Biondi, Presidente da Banca Examinadora constituída pelos professores abaixo nominados. A Banca Examinadora passou à arguição do doutorando. Encerrados os trabalhos às 17:30 horas, os examinadores reuniram-se para avaliação cujo resultado é o que segue:

Profa. Dra. Angie Biondi - Presidente da Banca - Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Aprovado com indicação unânime para publicação.

Angie Biondi

Assinatura

Aprovado

Conceito

Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques - Membro Titular Externo - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

aprovado com destaque para a originalidade, relevância, avanços para pesquisas de forma e indicação para publicação.

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Assinatura

Aprovado

Conceito

Profa. Dra. Sônia Caldas Pessoa - Membro Titular Externo - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Sônia Pessoa

Assinatura

Aprovado

Conceito

Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martinho - Membro Titular Externo - Fundação Cásper Líbero - Cásper Líbero

Luis Mauro Sá Martinho

Assinatura

Aprovado

Conceito

Prof. Dr. Geraldo Pieroni - Membro Titular - Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Geraldo Pieroni

Assinatura

Aprovado

Conceito

Curitiba, 02 de março de 2023.

Angie Biondi

Profa. Dra. Angie Biondi
Presidente da Banca

Ao Davi, meu menino alegre, meu tesouro e mestre,
e a todas as pessoas autistas que ele representa.
À estrela Maria Clara que, mesmo tão breve,
nos fez outros e despertou sensibilidades.
À Rafaella, meu amor, força e refúgio,
minha melhor companhia.

AGRADECIMENTOS

A vocês: Amanda Paschoal, Kmylla Borges, Ana Cândida Carvalho, Dan Aley, João Victor Ipirajá, Naty Souza, Lucas Pontes, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Willian Chimura, Enã Nascimento, Autristinha, que representam a voz coletiva neurodivergente porque vivem e constroem, no cotidiano da vida, o discurso que qualifica esta pesquisa.

À Rafaella, minha esposa, que deu conta de suportar os desafios que vivemos durante a pesquisa e por toda a vida, sempre ao meu lado. Por misturar bravura e ternura, força e leveza e ser o que é.

Ao Davi, meu filho, que desperta as minhas sensibilidades e o interesse pelas descobertas. Pela sua diferença que me impulsiona e liberta. Pela sua vida, aqui, conosco.

À Maria Clara, nossa menina e irmã do Davi, tão anunciada e amada. Por ser esta estrela guia, movente, que ilumina, abre caminhos e se mantém brilhante. E, mesmo numa passagem tão breve, ter nos renovado.

À minha mãe Vera, por acreditar sempre em mim, na educação, na sensibilidade e afetividade, por ser e me ensinar a ser livre. Por todas as revisões textuais que dedicadamente realizou e incansáveis leituras a tudo o que eu escrevi. Por ser minha companheira, a Senhora do meu amor.

À Ivonete, minha querida sogra e amiga. Por me esperar dizer: “*terminei a tese*”. E então, mesmo fraca, responder: “*parabéns, Pequeno!*”. E então, partir.

À toda a minha família, que tanto amo.

Aos amigos que seguem presentes em nossas vidas, mais que especiais, representados aqui pelo Alexandre (Pato) e Marcela.

À Prof^a Dr^a Angie Biondi, minha orientadora, por acolher meus anseios e me fazer enxergar mais longe. Por sua sabedoria, inteligência, calma, gentileza e potência. Por respeitar minhas dificuldades e transformá-las em pesquisa viva.

À banca de qualificação e de defesa: Prof^a Dr^a Ângela Cristina Salgueiro Marques (UFMG), Prof^a Dr^a Sônia Caldas Pessoa (UFMG), Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino (Cáster Libero), Prof. Dr. Geraldo Pieroni (UTP), Prof^a Dr^a Mônica Cristine Fort (UTP) e Prof^a Dr^a Flávia Brito Dias (FIEP, Gran). Pelo interesse que dedicaram à pesquisa e por se permitirem ser afetados por ela, tornando-se presentes em cada momento.

Aos docentes, colegas e equipe da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – PPGCom/UTP.

Às adoráveis e amigas Professoras Mônica Fort e Denise Guimarães, parceiras de editoria da Revista Interin-UTP, por tudo o que me ensinaram e generosamente repartiram comigo durante quatro anos. Pela companhia, pelo encorajamento constante, por acreditarem e me fazerem crer. Por tantos encontros sensíveis.

À Aline Vaz, Bany Naronny Lima e Roberta Baccarim, pela parceria nas pesquisas, nos artigos e congressos, por seguirmos juntos, dedicados aos nossos propósitos e também ao fortalecimento do PPGCom/UTP, em cada atitude ou processo que inauguramos.

Aos grupos de pesquisas “Corpo, Imagem e Sociabilidade (CIS)” e “Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM)”, por me proporcionarem o rico e intenso convívio com outros pesquisadores.

À CAPES, pela bolsa que me permitiu uma dedicada entrega à pesquisa de doutoramento.

Enfim, no sonho de reunir todas estas pessoas especiais num mesmo abraço, agradeço a Deus que, por meio delas, fez-se brilhantemente presente, cuidando de tudo. Sinto-me feliz por tudo o que somos.

Obrigado!

RESUMO

RIES, Igor Lucas. “*Somos Autistas*”: uma cartografia afetiva de enunciados de neurodivergentes no *Instagram*. 314 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2023.

Esta tese investiga os enunciados de sujeitos neurodivergentes no *Instagram*. Procura-se compreender como as demandas, os agenciamentos e os discursos enunciados por autistas em seus arranjos comunicacionais na plataforma de redes sociais digitais mobilizam suas vulnerabilidades e condições de reconhecimento de sua autonomia. A pesquisa privilegia a análise das postagens de forma afetiva, dedicada à escuta das vozes dos sujeitos autistas e à apresentação dos seus manifestos. As discussões são mobilizadas pelos seus enunciados e discursos e as reflexões que delas resultam são aproximadas dos eixos operadores de análise: a autodefinição, os esquemas normativos de julgamento, as vulnerabilidades e a autonomia relacional. Uma intuição cartográfica orienta a construção metodológica atenta às conexões rizomáticas (Deleuze e Guattari, 1995), às sensibilidades investigativas do pensamento por constelações (Walter Benjamin, 2009) e por uma escritura de afetos sensível marcada pela subjetividade decorrente da exploração dos limiares e da relação com a alteridade. O objeto empírico é formado por 12 perfis de sujeitos autistas no *Instagram*, com média de 28 anos, presentes em 10 diferentes estados brasileiros, nas 5 regiões do território e com 8 diferentes tipos de ocupações. O recorte temporal reúne dados coletados durante 21 meses, no período entre junho de 2020 e fevereiro de 2022, com 574 publicações relacionadas à temática do autismo. Do material colecionado e organizado em constelações temáticas, 95 posts compõem a seleção de análise. O corpus teórico é constituído por noções do movimento da neurodiversidade (Singer, 2017; Silberman, 2015; Bailin, 2019; Abreu, 2021, 2022), pelos estudos da deficiência (Campbell, 2001, 2009; Mello, 2016; Dias, 2013; Diniz, 2003, 2007, 2010), por teorias do discurso, das modalidades enunciativas, questões da técnica e cuidado de si (Foucault, 1997, 2008, 2014), e pela biopotência (Pelbart, 2008). É formado ainda pelas noções de afeto e narrativas autobiográficas (Marques, Martino e Pessoa, 2022), de interação, dispositivos e arranjos comunicacionais (Braga, 2012, 2020), estigma (Goffman, 1963, 1975), vulnerabilidade, reconhecimento e autonomia relacional (Butler, 2011, 2015; Ferrarese, 2016; Laugier, 2005, 2016; Marques, 2018). Neste cenário são revelados sujeitos neurodivergentes que, ao enunciarem suas demandas, agenciamentos e arranjos disposicionais compartilhados em rede, mobilizam suas vulnerabilidades. Com o potencial transformador de seus discursos, pelos relatos das suas vidas e experiências cotidianas, buscam modificar a própria estrutura da vulnerabilidade, definir a si mesmos, alterar quadros e esquemas normativos de julgamento para que sejam vistos e reconhecidos como seres de autonomia. Portanto, empenham suas táticas de reorganização de significados e, nas suas singularidades, fazem conexões e arranjos. Por isso, em rede, neste coletivo, definem: “*somos autistas*”.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Autonomia; Cartografia; Enunciação; *Instagram*; Neurodiversidade; Vulnerabilidade.

ABSTRACT

RIES, Igor Lucas. *"We are Autistic": an affective cartography of neurodivergent enunciations on Instagram*. 314 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2023.

This thesis investigates the enunciations of neurodivergent subjects on Instagram. We seek to understand how the demands, agencies and discourses which are enunciated by autistic people in their communication arrangements on the digital social networking platform mobilize their vulnerabilities and conditions for recognizing their autonomy. The research favors the analysis of posts in an affective way, dedicated to listen to the voices of autistic subjects and present their manifestos. The discussions are mobilized by their statements and speeches and the reflections that result from them are close to the analysis operator axes: self-definition, normative judgment schemes, vulnerabilities and relational autonomy. A cartographic intuition guides the methodological construction that is attentive to the rhizomatic connections (Deleuze and Guattari, 1995), to the investigative sensibilities of thinking in constellations (Walter Benjamin, 2009) and by a sensitive deed of affections marked by the subjectivity resulting from the exploration of the thresholds and the relationship with otherness. The empirical object is shaped by 12 profiles of autistic subjects on Instagram, with an average of 28 years old, present in 10 different Brazilian states, in the 5 regions of the territory and with 8 different kinds of occupations. The time frame gathers data that were collected over 21 months, in the period between June 2020 and February 2022, within 574 publications related to the theme of autism. From the material collected and organized into thematic constellations, 95 posts set the analysis selection. The theoretical corpus consists of notions of the neurodiversity movement (Singer, 2017; Silberman, 2015; Bailin, 2019; Abreu, 2021, 2022), disability studies (Campbell, 2001, 2009; Mello, 2016; Dias, 2013; Diniz, 2003, 2007, 2010), discourse theories, enunciative modalities, issues of technique and the care of the self (Foucault, 1997, 2008, 2014), and biopotency (Pelbart, 2008). It is also formed by the notions of affection and autobiographical narratives (Marques, Martino and Pessoa, 2022), interaction, communication devices and arrangements (Braga, 2012, 2020), stigma (Goffman, 1963, 1975), vulnerability, recognition and relational autonomy (Butler, 2011, 2015; Ferrarese, 2016; Laugier, 2005, 2016; Marques, 2018). In this scenario are revealed neurodivergent subjects who, by enunciating their demands, agencies and dispositional arrangements shared in a network, mobilize their vulnerabilities. With the transforming potential of their speeches, through the reports of their lives and everyday experiences, they pursue to modify their own structure of vulnerability, define themselves, alter frameworks and normative judgment schemes in order to be seen and recognized as autonomy beings. Therefore, they engage their meaning reorganization tactics and, in their singularities, make connections and arrangements. Thereupon, in a network, in this collective, they define: "we are autistic".

KEY WORDS: Autism; Autonomy; Cartography; Instagram; Neurodiversity; Utterance; Vulnerability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Prevalência de autismo nos EUA (2021).....	42
Figura 2 – Constelação do corpus empírico (autistas ativistas) representado com interações em rede .	75
Figura 3 – Diário de Campo no <i>WhatsApp</i>	85
Figura 4 – Armazenamento digital de postagens organizadas por perfil	86
Figura 5 – Armazenamento de dados organizados por perfil.....	86
Figura 6 – Dados gerais dos perfis pesquisados	87
Figura 7 – Seleção 1 (inicial): constelação de autistas ativistas em rede	88
Figura 8 – Seleção 1 (inicial): identificação dos perfis de autistas ativistas	88
Figura 9 – Seleção 1 (inicial): mapeamento dos 12 perfis no território brasileiro	90
Figura 10 – Seleção 2 (expandida): constelação de autistas ativistas em rede (seleções 1 e 2).....	91
Figura 11 – Seleção 2 (expandida): identificação dos perfis de autistas ativistas	92
Figura 12 – Seleção 2 (expandida): mapeamento dos 30 perfis no território brasileiro	94
Figura 13 – Seleção 2 (expandida): mapeamento dos 30 perfis no território brasileiro com destaque..	95
Figura 14 – Percurso entre as seleções e coleta de dados	97
Figura 15 – Seleção 3 (final / amostra): constelação de autistas ativistas em rede	97
Figura 16 – Seleção 3 (final / amostra): identificação dos 12 perfis de autistas ativistas.....	98
Figura 17 – Seleção 3 (final / amostra): mapeamento dos 12 perfis finais no território brasileiro.....	102
Figura 18 – Representação gráfica da questão-problema da pesquisa	107
Figura 19 – Do clínico ao social: as coleções	108
Figura 20 – Constelação de Postagens Social 1 – “Eu sou autista”: Protagonismo e Modo de Ser (Parte A).....	121
Figura 21 – Constelação de Postagens Social 1– “Eu sou autista”: Protagonismo e Modo de Ser (Parte B)	122
Figura 22 – Dan Aley – Sequência de postagens do perfil @explicandoautismo – Fala coletiva.....	142
Figura 23 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Temas do podcast Introvertendo.....	144
Figura 24 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – O que não dizer	146
Figura 25 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Afirmações falsas e generalizações	147
Figura 26 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 1	148
Figura 27 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 2	149
Figura 28 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Orgulho de ser autista	154
Figura 29 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – Diálogos entre ser autista e transgênero	160
Figura 30 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Protagonismo autista no podcast	168
Figura 31 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A camuflagem social no autismo	171

Figura 32 – Naty Souza – Carrossel da publicação do perfil @meumundoautistaa – Dicas sobre como se comunicar com autista	172
Figura 33 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Comunicação como temática de episódios do podcast Introvertendo	174
Figura 34 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Olhar nos olhos: o que é importante e o que é cruel?.....	178
Figura 35 – Naty Souza – Sequência de postagens do perfil @meumundoautistaa – “Padronizar” e “normalizar” é mutilar a identidade autista	180
Figura 36 – Constelação de Postagens Social 2 – “Não pareço autista?”: Capacitismo e Violências .	187
Figura 37 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Eu não sou um anjo azul.....	202
Figura 38 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Falas que parecem legais	203
Figura 39 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Autismo e bullying	210
Figura 40 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Suicídio em autistas	212
Figura 41 – Constelação de Postagens Social 3 – “A minha vida autista”: Autismo Adulto, Profissões e Relações.....	220
Figura 42 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autismo adulto como tema dos episódios do podcast Introvertendo	227
Figura 43 – Kmylla Borges – Sequência de postagens do perfil @kmylla.borges – Diagnóstico do autismo em meninas e mulheres.....	228
Figura 44 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A mulher autista é o outro do outro.....	230
Figura 45 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Mulheres autistas como temas dos episódios do podcast Introvertendo	231
Figura 46 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Sexualidade no autismo como tema dos episódios do podcast Introvertendo	234
Figura 47 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autistas no mercado de trabalho como tema dos episódios do podcast Introvertendo	238
Figura 48 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Amizades e família como tema dos episódios do podcast Introvertendo	244
Figura 49 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Religião como tema dos episódios do podcast Introvertendo.....	245
Figura 50 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Jogos e música como temas dos episódios do podcast Introvertendo	246
Figura 51 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autonomia como tema dos episódios do podcast Introvertendo.....	250

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis de Intensidade do Autismo	37
Quadro 2 – Marcos históricos do Autismo	38
Quadro 3 – Percurso histórico-clínico do Autismo.....	40
Quadro 4 – Leis e normas que embasam os Direitos das Pessoas com TEA	45
Quadro 5 – Relação de marcos histórico-clínicos globais com impactos políticos no Brasil.....	47
Quadro 6 – Dados gerais do corpus empírico (autistas ativistas) e das suas configurações em RSD ...	76
Quadro 7 – Plataformas de RSD observadas e quantificadas	89
Quadro 8 – Síntese dos dados gerais do corpus empírico (autistas ativistas) e das suas configurações em RSD.....	99
Quadro 9 – Plataformas de RSD observadas e quantificadas	99
Quadro 10 – Dados gerais dos perfis da região Centro-Oeste	102
Quadro 11 – Dados gerais dos perfis da região Nordeste	103
Quadro 12 – Dados gerais dos perfis da região Norte	104
Quadro 13 – Dados gerais dos perfis da região Sudeste	104
Quadro 14 – Dados gerais dos perfis da região Sul	105
Quadro 15 – Quantitativo das coleções analisadas (recorte do período: jun/2020 a fev/2022).....	109
Quadro 16 – Coleções das publicações (as coleções e subcoleções das demandas autistas).....	110
Quadro 17 – Coleção Social 1 – Constelação: protagonismo e modo de ser	124
Quadro 18 – Coleção Social 2 – Constelação: capacitismo e violências	188
Quadro 19 – Coleção Social 3 – Constelação: autismo adulto, profissão e outras relações	221

LISTA DE POSTS

Post 1 – Amanda Paschoal – Deficiência ou diferença?	126
Post 2 – Amanda Paschoal – O criador do Pokémon.....	130
Post 3 – Tiago Abreu – Messi não é autista!	131
Post 4 – Ana Cândida Carvalho - Relativização de padrões de comportamentos autistas	132
Post 5 – Ana Cândida Carvalho - Respeito às singularidades.....	134
Post 6 – Ana Cândida Carvalho – Sobrecarga sensorial	137
Post 7 – Ana Cândida Carvalho – Interação em demasia: desregulação	138
Post 8 – Ana Cândida Carvalho – Dificuldade em expressar-se	139
Post 9 – Dan Aley – Transtorno do Processamento Sensorial (TPS).....	140
Post 10 – Lucas Pontes – Indicador de tom (ironia)	150
Post 11 – Lucas Pontes – O foco no autismo precisa de reajustes	151
Post 12 – Lucas Pontes – Como somos retratados versus como realmente somos	153
Post 13 – Naty Souza – #OrgulhoAutista	155
Post 14 – Sophia Mendonça – Sobre autismo, identidade de gênero e a vida pessoal	158
Post 15 – Sophia Mendonça – Meu maior fantasma foi ser transgênero	159
Post 16 – Sophia Mendonça – Pesquisadora da UFMG apresenta histórias de trans e autistas como ela	161
Post 17 – Sophia Mendonça – Primeira trans autista mestra pelo PPGCOM/UFMG	162
Post 18 – Sophia Mendonça – O dia do orgulho autista é um convite	163
Post 19 – Tiago Abreu – Mas por que orgulho autista?	163
Post 20 – Lucas Pontes – A mídia brasileira no dia das pessoas com deficiência.....	164
Post 21 – Lucas Pontes – Importância do ativismo autista nas plataformas digitais	165
Post 22 – João Victor Ipirajá – Minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade.....	166
Post 23 – Willian Chimura – Palestrantes autistas em eventos sobre autismo	167
Post 24 – Lucas Pontes – Peço desculpa caso eu tenha sido grosseiro	170
Post 25 – Naty Souza – Mutismo seletivo	173
Post 26 – Amanda Paschoal – Ocitocina para ajudar autistas na socialização	175
Post 27 – Kmylla Borges – Roupas adequadas versus conforto e bem-estar sensorial	176
Post 28 – Lucas Pontes – Ser feliz versus estar no padrão.....	177
Post 29 – Lucas Pontes – A cura do autismo e o argumento mais comum de quem a defende.....	179
Post 30 – Amanda Paschoal – Meme sobre como nos veem	193
Post 31 – Ana Cândida Carvalho – O estigma do “autismo leve”	194
Post 32 – Lucas Pontes – “Sou autista e isso não me faz inferior”	195
Post 33 – Lucas Pontes – As diversas formas de invalidar	195
Post 34 – Ana Cândida Carvalho – A luta é multicolorida e multifacetada	199
Post 35 – Amanda Paschoal – O capacitismo gritante na academia	200
Post 36 – Dan Aley – O protocolo de Coimbra, o MMS e... o capacitismo.....	201
Post 37 – Lucas Pontes – Autistas são humanos.....	202
Post 38 – Lucas Pontes – Sair do espectro: ensinar a reprimir e a mascarar o autismo.....	204
Post 39 – Naty Souza – Autismo não é adjetivo	205
Post 40 – Tiago Abreu – “Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo”	205
Post 41 – Ana Cândida Carvalho – #CuraAutistaNãoExiste!	207

Post 42 – Lucas Pontes – Violência nas terapias: é mais comum do que parece	208
Post 43 – Sophia Mendonça – “E, quando você é autista, não é abuso. É terapia”	209
Post 44 – Lucas Pontes – Quando a escola se torna um local perigoso para autistas	209
Post 45 – Naty Souza – Psicofobia é crime	211
Post 46 – Lucas Pontes – Comunidade do autismo e o suicídio	214
Post 47 – Naty Souza – Mutilação, autoagressão e emoções	215
Post 48 – João Victor Ipirajá – Provocações, diagnóstico tardio e superação	223
Post 49 – Kmylla Borges – Importância do diagnóstico tardio	224
Post 50 – Ana Cândida Carvalho – A “estradinha de tijolos amarelos”	225
Post 51 – Naty Souza – Autismo é para a vida toda	226
Post 52 – Naty Souza – Somos livres para amar?	232
Post 53 – Sophia Mendonça – Especialização em sexualidades no espectro autista	233
Post 54 – Sophia Mendonça – Inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho	236
Post 55 – Sophia Mendonça – Documentário AutWork	237
Post 56 – Sophia Mendonça – Capacitação profissional de pessoas autistas e atuação na IBM	237
Post 57 – Dan Aley – Autistas possuem amigos?	239
Post 58 – Sophia Mendonça – A presença do pai neurotípico	240
Post 59 – Sophia Mendonça – Sophy, você chegou!	240
Post 60 – Sophia Mendonça – Dez anos depois	241
Post 61 – Sophia Mendonça – Aniversário da orientadora no mestrado Sônia Pessoa	242
Post 62 – Sophia Mendonça – Oração e meditação	245
Post 63 – Naty Souza – Apenas dê asas para minhas habilidades	248
Post 64 – Naty Souza – Ensine o autista a ser independente	248
Post 65 – Naty Souza – Cuidador autista é responsável?	249
Post 66 – Sophia Mendonça – Precisamos criar indivíduos com autonomia	250

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seleção 1 (inicial): 12 perfis em todas as RSD observadas	89
Tabela 2 – Seleções 1 e 2 (expandida): 30 perfis em todas as RSD observadas	93
Tabela 3 – Tabela comparativa (%) entre as seleções por Região	96
Tabela 4 – Seleção final (amostra): 12 perfis na RSD <i>Instagram</i> (dados desde a abertura das páginas)	100
Tabela 5 – Seleção final (amostra): 12 perfis na RSD <i>Instagram</i> (recorte do período: jun/2020 a fev/2022).....	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quadro comparativo (%) entre as seleções por Região.....	96
Gráfico 2 – Demandas de ordem clínica e social do autismo (%)	109
Gráfico 3 – Coleções: as demandas autistas	111
Gráfico 4 – Tipo / Tom do Enunciado.....	112

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

AVDs	Aprendizado das atividades da vida diária
CDC	<i>Center of Diseases Control and Prevention</i>
CETIC.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CID	Classificação Internacional de Doenças
CMC	Comunicação mediada por computador
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
PECS	<i>Picture Exchange Communication System</i> (Sistema de Comunicação por Figuras)
RSD	Redes Sociais Digitais
SRSs	<i>Sites</i> de redes sociais
SUS	Sistema Público de Saúde
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPS	Transtorno do Processamento Sensorial

LISTA DE RECURSOS DE ACESSIBILIDADE

O conteúdo de texto, imagens e elementos gráficos produzidos nesta tese e reunidos em arquivo digital, de formato .PDF (*Portable Document Format*), são interativos e compatíveis com recursos de acessibilidade para diferentes leitores.

- **Arquivo interativo**

Para facilitar a visualização das publicações do *Instagram (posts)*, presentes nos capítulos 3, 4 e 5 da análise, todas as imagens possuem *hiperlinks* que direcionam o leitor para as respectivas páginas das postagens dos perfis pesquisados, de conteúdo aberto. O recurso tem a finalidade de oportunizar a consulta imediata à fonte original, bem como facilitar a visualização das imagens e textos, o uso de recursos de rolagem de tela, ampliação (+) ou redução (-) de formatos, brilho e contraste. Além disso, possibilita a interação e conexões com o perfil e seu conteúdo. Os mapas criados para demonstrar as constelações de postagens, organizadas por temáticas, são amplos e em grande formato. No entanto, neste arquivo eles aparecem em tamanho reduzido nas figuras [20](#), [21](#), [36](#) e [41](#). ✨ Estas imagens também são interativas, com *hiperlinks* clicáveis que direcionam o acesso aos formatos ampliados, hospedados em *drive* digital aberto.

- **Recurso de acessibilidade em leitores .PDF**

Os recursos de visualização de arquivos, disponibilizados pelos programas de leitura de materiais digitais no formato .PDF, também contribuem com a acessibilidade. Dentre as principais funcionalidades de acessibilidade, os aplicativos de leitura permitem:

- Leitura do PDF em voz alta;
- Que o dispositivo móvel reflua e exiba o documento em uma tela pequena;
- Substituir cores do documento;
- Ajustes no estilo de layout de página;
- Zoom (+) e (-);
- Seleção do teclado e ampliação de tela;
- Alteração de cor de seleção do sistema;
- Cores de realce;
- Suavidade de texto.

Dentre os leitores de .PDF mais utilizados, está o aplicativo *Adobe Reader*, ✨ que dispõe de orientações adicionais em sua página helpx.adobe.com. Há ainda os recursos do *Google*, cujas orientações estão disponíveis pela página [Acessibility](#). ✨ Para acessar estas páginas basta clicar sobre os nomes dos respectivos leitores, aqui destacados, para ser direcionado aos tutoriais explicativos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1. A ROTA SOCIAL DO AUTISMO: DA DOENÇA À PAUTA DA NEURODIVERSIDADE ..	31
1.1. UM PERCURSO HISTÓRICO DE SIGNIFICADOS	31
1.1.1. Percurso clínico	34
1.1.2. Para além dos atos legais	44
1.2. AUTISTAS E AS SINGULARIDADES NEURODIVERGENTES: A EMERGÊNCIA DE UM ATOR	49
2. QUESTÃO DE MÉTODO: CARTOGRAFIAR O ATIVISMO NEURODIVERGENTE.....	57
2.1. A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA.....	57
2.1.1. Seguir o rizoma	60
2.1.2. Pensar por constelações e interações	66
2.1.3. Conexões pelo uso da tecnologia	77
2.2. PERCURSO: INTERAÇÕES AUTISTAS CRIAM CONSTELAÇÕES	83
2.2.1. Perambular: a seleção dos perfis	84
2.2.1.1. Seleção inicial	87
2.2.1.2. Seleção expandida.....	90
2.2.1.3. Seleção final – amostra	95
2.2.2. Colecionar e constelar: os mapas do autismo no <i>Instagram</i>	106
3. "EU SOU AUTISTA!": A AUTODEFINIÇÃO.....	116
3.1. CONSTELAÇÃO 1: O PROTAGONISMO E O MODO DE SER.....	120
3.1.1. Modo de ser	125
3.1.2. Identidade e protagonismo	152
3.1.3. Diversidade nas interações e os discursos normalizadores	169
4. "NÃO PAREÇO AUTISTA?": AS NORMAS E OS JULGAMENTOS	182
4.1. CONSTELAÇÃO 2: CAPACITISMO E VIOLÊNCIAS	183
4.1.1. Invisibilidade e o estigma da deficiência	188
4.1.2. Capacitismo como categoria discursiva	196
4.1.3. Sofrimento decorrente das violências e extremismo	206
5. "A MINHA VIDA AUTISTA": A AUTONOMIA RELACIONAL.....	217
5.1. CONSTELAÇÃO 3: ADULTOS, PROFISSÃO E RELAÇÕES	218
5.1.1. Autismo adulto, autismo feminino e sexualidade	222
5.1.2. Profissão, família, espiritualidade e lazer	235
5.1.3. Reconhecimento da autonomia	246

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	252
REFERÊNCIAS	262
APÊNDICES	284
Apêndice A – Modelo TCLE	284
Apêndice B – As Coleções	285

INTRODUÇÃO

Essa investigação ganhou suas primeiras formas na dissertação de mestrado, realizada no período entre 2016 e 2018, intitulada como: “As interações comunicacionais em comunidades *online* sobre autismo: conexões em busca por reconhecimento” (RIES, 2018). A pesquisa foi pautada pelos meus impulsos de pai do Davi, um garotinho autista, e pelo desejo de compreender como ocorriam as interações comunicacionais e a constituição das redes socioafetivas ligadas aos sujeitos autistas. A investigação se deu por meio de comunidades do site de rede social digital *Facebook*, que buscam o reconhecimento deste modo de vida e a sua ressignificação. Nesta dinâmica, observei que a convivência com o autismo afeta diretamente a maneira como os indivíduos e sua rede socioafetiva se comunicam, interagem e experimentam os estigmas que os norteiam. Tal estigma, no entanto, não está enraizado nos atributos do autismo, nas suas características ou sintomas, mas surge, com todos os seus prejuízos, da relação entre este transtorno e os diferentes significados históricos e culturais que o acompanham.

Ocorre que as práticas comunicativas e a constituição de dispositivos interacionais nas redes sociais *online* têm sido percebidas como capazes de conduzir importantes transformações, a partir dos agenciamentos e dos arranjos sociais que neles se desenvolvem. Deste modo, sujeitos autistas encontram nestas redes um ferramental para se organizarem, expressarem seus pensamentos, declararem suas lutas e testemunhos, bem como narrativizarem suas experiências nesta vivência com o TEA, seja em tom de registro, visibilidade, apoio, desabafo ou qualquer outro desejo capaz de fazê-los sentirem-se mais fortes, visíveis e respeitados. Assim, a comunicação se apresenta como um processo vivenciado, em movimento, visto que um *post* sobre uma situação ou vivência abre caminho para tantos outros relatos. Nele, é o próprio indivíduo que carrega a condição de produzir novos significados para o autismo, de interagir e se desenvolver, ao invés de apenas reproduzir os significados já existentes.

Mesmo que as redes sociais digitais sejam apenas um contexto, um ambiente, meio ou forma de mediação, que atuem com uma certa modulação ou negociação da imagem, sendo utilizadas para propósitos muito distintos, ainda possibilitam as narrativas dos fragmentos de relatos e histórias de vida. Narrativizadas e mediatizadas, estas experiências reúnem e permitem a partilha, a comunhão do cotidiano, ilustram a importância tanto do “comum” quanto dos conflitos entre os indivíduos e são, por isso, capazes de aproximar e registrar suas lutas sociais.

Considerando que o primeiro estudo analisou diferentes atores sociais que pertencem às redes socioafetivas de pessoas autistas (associações de perfil técnico, mãe ativista, pai-personalidade e grupos de pais), foi possível compreender a formação de um capital social (RECUERO, 2014) para o autismo, associando-os às esferas do reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003), e entender as demandas destes atores e os seus próprios pontos de resignificação, mas que se diferenciam de um ressignificado propriamente dito para o autismo. Neste trabalho de pesquisa, observei que as pessoas que convivem com o autismo, em suas diferentes formas e níveis, produzem tipos de experiências sociocomunicativas específicas que, hoje, precisam ser destacadas e compreendidas. Identifiquei que familiares, cuidadores e amigos são importantes agentes de fala capazes de fornecer subsídios à compreensão do autismo desde dentro. Nessa perspectiva, esses agentes movimentam os espaços de conversação civil, constroem um novo capital social e, portanto, ativam interações que rompem os espaços convencionais de reprodução do estigma. Desta forma, foi possível aproximar os elementos formadores de um capital social para o autismo, bem como as esferas do reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003), conectando-os aos aspectos enunciados por estes atores em suas lutas e lugares de fala, de modo a contribuírem com a ampliação da expectativa da constituição de novos padrões e, por sua vez, com a resignificação do autismo.

Há, portanto, limites claros entre o capital social (ou ainda os capitais sociais) do autismo e as esferas do reconhecimento intersubjetivo, visto que as suas próprias dimensões podem se sobrepor (MENDONÇA, 2009) e resultar em diferentes formas de resignificação. Por isso, a pesquisa acabou por revelar uma “nuvem” que conduziu para um novo percurso de pesquisa, com a construção desta tese que, enfim, busca observar como os próprios autistas se enunciam em seus espaços comunicacionais digitais. Encontrei diferenças nas expectativas dos diversos atores nas suas buscas por reconhecimento, o que significa dizer que autistas e os demais envolvidos (as redes socioafetivas) não exercerão, necessariamente, as mesmas reivindicações, com os mesmos recursos e intenções comunicacionais, ou ainda ancorados nos mesmos significados construídos em torno do autismo.

Foi nessa dinâmica que, após a finalização do primeiro estudo, passei a acompanhar outro fenômeno no contexto da neurodiversidade. Isso porque o maior número de pessoas diagnosticadas autistas¹, em diferentes idades, momentos e formas de vida, passam também a

¹ Entendido como uma condição do desenvolvimento neurológico, o TEA é caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (BRASIL, 2014). Na década de 90, as estimativas mundiais indicavam a prevalência de um caso para cada 2.500 crianças (JUNIOR, 2010). Em 2016, a Organização das Nações Unidas divulgou a estimativa de que cerca de 1% da população mundial vive no espectro autista, o equivalente a 70 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, portanto, o percentual equivale a 2

produzir discursos e expressá-los por meio dos aparatos digitais, desta vez e dada a similaridade entre o perfil do público e o tipo de plataforma, com mais força no *Instagram*. A questão despertou o meu interesse e a energia de pesquisa para que eu pudesse abraçar este novo estudo, ou ainda dedicar aprofundamento aos resultados da pesquisa anterior sob outras perspectivas.

Aproximei-me deste novo contexto empírico para, assim, entender como esses lugares e teorias se complexificam, afastam-se ou se aproximam. Observei que o meu interesse se redirecionava. Para além dos núcleos que são formados por pessoas que não estão no espectro autista, como apresentado na primeira pesquisa, agora queria situá-lo nas reivindicações e demandas dos autistas, ou seja, dos próprios sujeitos da neurodiversidade² (SINGER, 2017).

O termo neurodiversidade, inclusive, foi um elemento de destaque inicial e de canalização da minha atenção. Em síntese, a socióloga australiana e diagnosticada com a síndrome de Asperger Judy Singer (2017) defende que a neurodiversidade é um termo que tenta salientar que uma “conexão neurológica” atípica não é uma doença a ser tratada e, se for possível, a ser curada. Trata-se de uma categoria de diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Desta maneira, os indivíduos autodenominados “neurodiversos” consideram-se “neurologicamente diferentes”, ou “neuroatípicos” e tal conceito abre possibilidade para a aproximação das teorias de formação de identidade, de redes de sociabilidade e de comunidade, de resistência, bem como da constante negociação pública.

Percebi que havia, aqui, um direcionamento de análise, um encaminhamento de pesquisa pela perspectiva da representação discursiva, mais precisamente para os enunciados adotados por estes indivíduos como forma de materializar o que percebem do mundo, ou seja, como os fragmentos dos fatos, valores, anseios ou movimentações das próprias vidas são expostos. Entendi, portanto, que tais “representações são alçadas ao *status* de sociodiscursivas” quando o “enunciado desempenha o papel de testemunho de um sujeito sobre o mundo” (PESSOA, 2018, p. 45). O ponto é que uma situação de diferença demanda um amplo processo discursivo, de diversos agentes sociais e que tende a se manifestar em uma multiplicidade de contextos, formas e âmbitos comunicacionais.

milhões pessoas dentro do espectro (ONU, 2015). Em 2022, estatísticas apresentadas pelo CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*) indicaram a existência de um caso de autismo para cada 30 crianças nascidas nos EUA (JUNIOR, 2022).

² A abordagem da neurodiversidade é primariamente um chamado para incluir e respeitar pessoas cujos cérebros trabalham de maneira atípica, independentemente de seu nível de incapacidade. Isso exige desafiar as suposições sobre o que é normal, o que é necessário e o que é desejável para uma pessoa viver bem. Melhores acomodações e a redução do estigma melhorariam imensamente a vida das pessoas neuroatípicas, bem como uma definição mais ampla de uma vida significativa. Como Taylor coloca: “a cultura ocidental tem uma ideia muito limitada do que é útil para a sociedade. As pessoas podem ser úteis de outras maneiras que não monetariamente” (BAILIN, 2019).

Deste modo, surge o problema desta pesquisa que guia a nova investigação: como as demandas, os agenciamentos e os discursos enunciados por autistas em seus arranjos comunicacionais, no *Instagram*, mobilizam suas vulnerabilidades e condições de reconhecimento de sua autonomia? Desta questão central, decorrem nuances, como: de que forma o processo cartográfico e afetivo pode percorrer a produção destas subjetividades, suas singularidades e recorrências, e as táticas utilizadas por sujeitos neurodivergentes na reorganização de significados?; e como ocorrem estes agenciamentos que ativam ou alteram os quadros normativos e produzem novas condições de autonomia e reconhecibilidade às suas vidas?

A problemática ainda suscita tensões quando posta em contraste com as reflexões sobre identidade e protagonismo ou a respeito da invisibilização e esquemas de normas e julgamentos. Há também o preconceito e o estigma da deficiência que resultam em atitudes capacitistas por parte da sociedade e em violências que, por vezes, ocorrem de forma interseccional. Toda essa questão parece, portanto, levar estes perfis de autistas para o uso das suas páginas de redes sociais digitais como uma estratégia de evocação das suas vozes, num fazer social que é individual, protagonizado por cada indivíduo em seus enunciados, mas que ocorre também num encontro coletivo, no movimento de busca por reconhecimento de sua autonomia que acontece em uma arena de interações e conexões, de modo a coconstruírem sentidos e se legitimar.

Neste contexto, como hipóteses, noto indícios de que os enunciados dos sujeitos da neurodiversidade, em suas páginas de redes sociais digitais, podem ajudar a reforçar ou transformar representações sobre o autismo enraizadas na sociedade, sob diferentes perspectivas, apoiados nas suas redes de relações. Suspeito também que os sujeitos assumam a posição ativista pela neurodivergência, mesmo que de forma não declarada, como uma tática de transição, ou seja, uma tentativa de passagem entre o atual lugar do autista invisibilizado, vulnerável e incapaz, para um possível lugar de legitimação e reconhecimento da sua autonomia relacional. Há ainda a impressão de que ocorra um fazer social que é individual, protagonizado por cada sujeito, por suas vivências encenadas e enunciadas, mas que também se percebe ativo de maneira coletiva, quando é compartilhada e promove aproximações e construção de sentidos. Enfim, imagino que surjam projeções individuais diferenciadas entre os sujeitos para os mesmos temas, visto a divergência de domínios, dos aspectos sociais e culturais que podem distanciá-los, mas que os principais agenciamentos, as suas urgências cotidianas, brilhem pela intensidade coletiva, como constelações temáticas.

Nesse caminho de sensibilidade e singularidades, mesmo com a força dos pleitos, nas demandas recorrentes ou agências dos sujeitos autistas, compreendo que a afetividade e a

subjetividade ganham espaço de destaque na condução da investigação. Para isso, recorro ao argumento de Martino e Marques (2018, p. 217), de que nas pesquisas em comunicação, “não apenas a subjetividade é uma condição fundamental, como a relação com a alteridade precede qualquer ação epistemológica”. Isso significa que, como pesquisador de um fenômeno, coloco-me em um lugar de escuta, responsável e dedicado ao meu principal desafio: o respeito que tenho com o objeto pesquisado. É para eles que me volto e de quem cativo a confiança. Eu não ocupo o lugar do autista, não falo por eles e não é, portanto, a minha voz que os representa. Aqui são eles próprios que protagonizam a arena discursiva, são as suas vozes que constituem um fazer social coletivo, uma força política, uma transformação potencial. No entanto, como estou aqui por eles, em função deles, coloco-me na tentativa de reunir seus achados, os seus indícios singulares ou recorrentes, a fim de produzir um valor científico para as suas demandas urgentes. Carrego também o desejo de contribuir com a renovação das condições de reconhecibilidade dadas às suas vidas. Aqui eu sou o pesquisador afetado pelo conhecimento empírico, com a sensibilidade própria da experiência de ser pai do Davi, da militância que esse lugar me ensinou. Sou e estou implicado, engajado com o tema e, por isso, acredito poder seguir. Vejo-me nesse movimento de repensar a epistemologia no campo da comunicação porque não se trata de um exercício de decifrar textos, as suas funcionalidades ou objetos visuais e verbais. Não apenas isso. Trata-se, portanto, de poder alcançar as dimensões da subjetividade e afetividade e dedicar-me a uma escritura marcada pela exploração das zonas limiares, consciente de que a comunicação é um processo relacional. A minha conexão afetiva com o autismo, vinda da experiência relacional, permite-me conexões de mundo, ensina-me e oferece-me questões a serem refletivas. Por isso, para além de uma questão metodológica, entendendo que os afetos revelam os caminhos da investigação, despertam o desejo pelo encontro e dão impulso à pesquisa.

Marcar a escrita pela “exploração das zonas liminares, de fluxos entre argumentos e afetos, de modo a encontrar novamente os corpos e seus rostos”, como defendem Pessoa et al. (2021, p. 11), é um caminho que deixa tentar “tornar os corpos visíveis e audíveis, configurando uma cena conflitual que permita seu aparecer, juntamente com a exposição de vulnerabilidades que, longe de destituírem os sujeitos de agência, reconfiguram constantemente as redes intersubjetivas que amparam todas as formas de vida”. Nesse sentido encontro apoio em Moriceau (2021, p. 18), que define a escritura dos afetos pela sua busca por “ser sensível, testemunhal, reflexiva, criativa e performativa”, mas também dotada de uma fragilidade. Isso porque o “pesquisador passível de ser afetado é um pesquisador vulnerável [...] que experimenta

os limites do que poderia saber, feliz em perceber que o outro, a experiência, a situação lhe oferecem pistas preciosas para sua investigação”.

Por isso, o objetivo geral que conduz à construção desta tese é cartografar afetivamente os arranjos comunicacionais de autistas no *Instagram* e a ocorrência das demandas, agenciamentos e enunciações discursivas que mobilizam suas vulnerabilidades e condições de reconhecimento de sua autonomia. De modo específico, objetivo ainda: (1) definir a rota clínico-social do autismo, num percurso histórico que alcança as singularidades neurodivergentes; (2) cartografar o processo de construção das subjetividades do ativismo neurodivergente pela perspectiva das interações comunicacionais e montagem de constelações; (3) analisar o material empírico atento às demandas, agências e arranjos produzidos pelos autistas no *Instagram*; (4) compreender como ocorrem as articulações discursivas que refletem e questionam as desigualdades, mobilizam as vulnerabilidades autistas e alteram as condições de reconhecimento de sua autonomia.

O corpus teórico é constituído inicialmente por teorias sobre o autismo e o movimento da neurodiversidade em Singer (2017), Silberman (2015), Bailin (2019) e Abreu (2021; 2022). Para tratar da deficiência, recorro a teóricos e autores contemporâneos que também ocupam este lugar, como Fiona Campbell (2001; 2009), Anahi Guedes de Mello (2016), Adriana Dias (2013), Sophia Mendonça (2022), Thiago Abreu (2022) e Fatine Oliveira (2021).

Para o percurso metodológico, a abordagem cartográfica, rizomática e os agenciamentos são apoiados em Deleuze e Guattari (1995), Rolnik (1999; 2014) e Kastrup (2007), complementada pelas perspectivas de Ribeiro (2021) sobre a afetividade e de Gagnebin (2014), Martino e Marques (2020) quanto aos limiares. Em Walter Benjamin (2009; 2013) busco inspirações para trabalhar com as sensibilidades investigativas e o pensamento por constelações, também abordado por Velloso (2018). Em Recuero (2014) e Hine (2005; 2015) obtenho potencial referencial para tratar das pesquisas em redes sociais digitais e de aspectos culturais.

Quanto ao discurso, as modalidades enunciativas, a normalização e para as questões da técnica e cuidado de si, a força referencial vem das teorias e obras de Michel Foucault (1997; 2008; 2014). A biopotência, no entanto, é ancorada nos escritos de Pelbart (2008), que também contribuiu com o pensamento cartográfico (2016). Sobre os relatos e as narrativas autobiográficas, encontro articulações teóricas em Marques, Martino e Pessoa (2022). As abordagens teóricas sobre interação, dispositivos e arranjos comunicacionais vêm de Braga (2012; 2020). Em relação ao estigma, o aporte é encontrado em Goffman (1963; 1975). Quanto aos imaginários sociodiscursivos acerca da deficiência e as pesquisas afetivas, o recurso teórico

é inspirado por Pessoa (2018; 2019; 2021). Enfim, em Butler (2011; 2015), Ferrarese (2016), Laugier (2005; 2016) e Marques (2018), são acionadas as noções de vulnerabilidade, reconhecimento e autonomia relacional.

A influência que os recursos mediáticos digitais, através das redes sociais, causam na cultura e na sociedade, também justificam este estudo, bem como as possíveis mudanças comportamentais naqueles que, como públicos focais desta pesquisa, convivem com os desafios do autismo. O objeto empírico da análise é formado por 12 sujeitos autistas com perfis ativistas na plataforma de rede social digital *Instagram*. O recorte temporal abriga a seleção de perfis de sujeitos neuroatípicos, com média de 28 anos, nascidos entre as décadas de 1980 e 2000 (jovens e adultos de 20 a 39 anos), período marcado pelo aumento de diagnósticos, crescimento das pesquisas sobre o tema, surgimento do ativismo de autistas adultos e das noções sobre a neurodiversidade. Sujeitos estes, portanto, que nasceram neste período de mudanças e descobertas, na emergência de perspectivas para além do entendimento clínico do transtorno neurológico e que inauguram a transformação de uma valoração simbólica e cultural, resultado da demanda do sujeito neurodivergente.

A coleta de dados ocorreu durante 21 meses, compreendidos entre junho de 2020 e fevereiro de 2022. A seleção de perfis se deu em três etapas e foi iniciada (seleção 1 - jun/2019 a jun/2020) com 12 perfis, ampliada para 30 (seleção 2 - jun/2020 a mar/2021) e finalizada novamente com 12 autistas (seleção 3 - jun/2020 a fev/2022), com variação em relação a primeira seleção. Este movimento de expansão e redução aconteceu para que fosse possível obter equilíbrio de gênero e geográfico dentre os selecionados. Deste modo, os perfis garantem presença em 10 diferentes estados brasileiros, representantes nas 5 regiões do território e se diferenciam em 8 tipos de ocupações.

No período de coleta, os 12 perfis selecionados reuniram o total de 2.257 postagens no *Instagram*. Destas, 574 publicações (25% das publicações totais) foram colecionadas pois correspondem à temática do autismo. Esta quantidade (574 publicações) foi organizada em 4 coleções, sendo uma de ordem clínica (16%) e três de cunho social (84% somadas). Enfim, do total de publicações pertencentes às coleções de postagens de cunho social, dada a recorrência temática, 20% são analisadas e apresentadas nesta pesquisa, o que corresponde a 95 *posts*.

Para que fosse possível acompanhar os movimentos e processos de produção de subjetividades presentes nos enunciados, agenciamentos e arranjos autistas, a cartografia é trazida como abordagem metodológica, associada ao pensamento por constelações como um recurso que iluminou a investigação. No entanto, não se trata apenas de uma abordagem

metodológica, mas da consciência de que são as textualidades trazidas pela empiria que estão construindo o processo de pesquisa.

Enfim, a pesquisa fica então organizada em cinco capítulos. O *capítulo 1* traça uma rota social do autismo que parte da doença e alcança a pauta da neurodiversidade. Este contexto histórico que caracteriza o autismo, seja nos aspectos de classificação e diagnóstico clínicos, como nas políticas públicas e legais, também declara impactos nas relações sociais dos sujeitos autistas e das suas redes socioafetivas e permite reflexões e discussões a respeito das práticas comunicacionais que emergem destas vivências.

A questão do método é abordada no *capítulo 2* e define o processo de cartografar o ativismo neurodivergente como uma construção teórico-metodológica revelada no percurso, com teorias e abordagens conhecidas durante este trajeto. Seguir o rizoma e as conexões, atento às sensibilidades investigativas e ao pensamento por constelações, tornou-se a possibilidade de se compreender que tipos de mundos são produzidos a partir dos enunciados, demandas, agenciamentos e arranjos dos sujeitos autistas, decorrentes de suas interações comunicativas.

Os *capítulos 3, 4 e 5* são, então, dedicados à escuta das vozes dos sujeitos autistas e à apresentação dos seus manifestos. São eles quem falam. As discussões são mobilizadas pelos seus enunciados e discursos e as reflexões que delas resultam são aproximadas dos eixos operadores de análise, como a autodefinição, os esquemas normativos de julgamento, as vulnerabilidades e autonomia relacional.

É deste modo que a tese se constitui. É assim que eu a descubro e, com sensibilidade, afetividade e respeito, organizo seus indícios e produções de verdade. É assim que eu, nesse momento, observo-a.

Defendo que os sujeitos neurodivergentes, ao enunciarem suas demandas, agenciamentos e arranjos posicionais compartilhados em rede, no *Instagram*, mobilizam suas vulnerabilidades. Com o potencial transformador de seus discursos, pelos relatos das suas vidas e experiências cotidianas, buscam modificar a própria estrutura da vulnerabilidade, definir a si mesmos, alterar quadros e esquemas normativos de julgamento para que sejam vistos e reconhecidos como seres de autonomia. Portanto, empenham suas táticas de reorganização de significados e, nas suas singularidades, fazem conexões e arranjos.

No percurso cartográfico, sensível e afetivamente interessado por seus detalhes, vou sendo impactado pelo brilho intenso dos seus encontros e contornos. Sigo descrevendo uma experiência, uma jornada. Enfim, enxergo as suas constelações: “*eu sou autista*”, “*não pareço autista?*” e a “*minha vida autista*”.

As experiências individuais que formam e aproximam estes sujeitos nestas constelações constituem um ator social coletivo que se autodefine, traça outras rotas normativas e ocupa o seu modo de vida. Por isso, em rede, neste coletivo, juntos, bradam: “*somos autistas*”.

E aqui está o seu coração.

1. A ROTA SOCIAL DO AUTISMO: DA DOENÇA À PAUTA DA NEURODIVERSIDADE

*As pessoas mais interessantes que você encontrará
são aquelas que não se encaixam em sua caixa.
Elas farão o que precisam, elas farão suas próprias caixas.*
Temple Grandin

1.1. UM PERCURSO HISTÓRICO DE SIGNIFICADOS

Desde as décadas de 1980 e 1990, anos marcados pelo crescimento das pesquisas sobre o autismo, pela elevação dos casos de pessoas diagnosticadas, bem como pelo surgimento do ativismo de autistas adultos e do aparecimento das primeiras noções sobre a neurodiversidade, tem sido possível observar movimentações sociais em torno do cenário que cerca estes sujeitos. O contexto traz à tona uma realidade social, cultural e política, além do espaço para as pesquisas científicas acerca do tema e seus impactos, nas diversas áreas relacionadas que, com ele, estabelecem fronteiras.

Esta possível onda ou a até dita “epidemia de autismo³”, como já foi considerado, abre debates que abrigam tanto a problematização e complexidade na produção do diagnóstico clínico, visto que a rotulagem está situada em um espectro altamente diversificado de características, quanto às questões que envolvem a condição da considerada deficiência⁴ ou ainda sobre as maneiras de ser, conviver, estar, se comunicar ou se relacionar com o mundo.

A pauta do autismo e as suas reflexões, portanto, se revelam nos produtos midiáticos que colaboram com a sua popularização e visibilidade. Filmes, séries, documentários, animações, novelas, estes e outros formatos que, de algum modo (público ou privado) foram disponibilizados para a audiência brasileira nesta última década, bem como nos diversos

³ Ao discorrer sobre deficiência, autismo e políticas de inclusão, em sua pesquisa sobre a (des)construção social do diagnóstico do autismo no contexto das políticas de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho, Aydos (2019) observou que o uso do discurso da “epidemia”, legitimava o autismo como uma questão pública tanto na busca por recursos de pesquisa quanto na obtenção de direitos sociais. De todo modo, hoje, há o entendimento sobre os avanços nos critérios diagnósticos e de classificação e de que o autismo não é, portanto, considerado uma “epidemia”, termo que é refutado justamente pelo seu tom negativo.

⁴ A deficiência, aqui, é mencionada considerando o seu aspecto relacional (sujeitos com lesões ou impedimentos em interação com a sociedade na qual existem) e como uma diversidade humana (DINIZ, 2012; GINSBURG; RAPP, 2013; MELLO; NUERNMBERG, 2012).

programas de entrevistas e noticiários que, apoiados nas interações que decorrem do uso das plataformas de redes sociais digitais, voltaram-se com certo interesse à temática e às diferentes formas de apresentá-la, representá-la ou discuti-la.

No cinema, o protagonista Raymond, um personagem autista do drama norte-americano *Rain Man* (1988), de Berry Levinson, apresentou um sujeito com habilidades mentais seriamente limitadas em algumas áreas, mas com capacidade de gênio em outras. Outro exemplo é a mais bem-sucedida e célebre profissional norte-americana autista e altamente respeitada no segmento de manejo pecuário, a Temple Grandin, que ficou conhecida ao protagonizar o filme com o próprio nome em 2010, pois foi a primeira pessoa autista a ganhar espaço na comunidade do autismo com a sua autobiografia (1986). Temple se tornou uma proeminente autora e palestrante sobre o autismo, visto a sua vasta formação acadêmico-científica (Ph.D. em Ciência Animal) que despertou atenção às suas aprofundadas observações sobre o tema.

Na última década, o volume de produções cinematográficas que abordam a temática também aumentou. Em 2016, o filme argentino *Farol das Orcas* foi inspirado em uma história real e trouxe a história de uma mãe que viajou com o filho autista para a Patagônia, na intenção de levar o garoto para conhecer um biólogo que “conversa” com essas baleias (NETFLIX, 2016). No mesmo ano, ainda foi lançado *O Contador (The Accountant)*, filme do gênero ação que apresentou um profissional da contabilidade com grande talento para os cálculos, mas com habilidades sociais limitadas que, ao assumir um novo cliente, descobre uma fraude contábil que o coloca em risco (GLOBOPLAY, 2016). No ano seguinte (2017), em *Tudo que Quero (Please Stand By)*, a protagonista Wendy, uma jovem autista, conseguiu driblar sua cuidadora e escapou com um único objetivo em mente: entregar seu manuscrito para concorrer em uma competição de escrita sobre *Star Trek*, seu hiperfoco (VOGUE, 2018). Recentemente, em 2020, *O Recepcionista* mostrou a história de Bart Bromley, um jovem voyeurista autista que trabalha como recepcionista em um hotel e que se torna suspeito de um assassinato que ocorre no seu turno (NETFLIX, 2019).

As séries, disponíveis nos serviços de *streaming*, também mobilizam a pauta. *Atypical* (2017-2021), com 4 temporadas, narra a vida comum de um adolescente autista, o Sam, e retrata as suas relações familiares, na escola, no trabalho, as amizades e o namoro (NETFLIX, 2021). Com 5 temporadas disponíveis no Brasil, a série *The Good Doctor* (2017-2022) da CBS Television Studios é baseada na premiada série homônima sul-coreana (2013), utiliza-se do gênero drama médico e conta a trajetória de um jovem médico autista, o Dr. Shaun Murphy, que começa a trabalhar em um famoso hospital (GLOBOPLAY, 2022). No universo das

animações, o curta-metragem *Fitas (Loop)*, lançado em 2019, conta a história do primeiro personagem autista não verbal da *Pixar* e a busca de duas crianças por uma maneira de se conectar e enxergar o mundo através dos olhos um do outro (DISNEY PLUS, 2021).

Na tentativa de abordar o autismo com fatos, pessoas e maior proximidade do cotidiano real, os documentários também conquistam espaço nas galerias do *streaming*. *Asperger's Are us* (2016) retratou uma trupe de comédia, formada por quatro amigos autistas, que se prepara para uma última apresentação antes da separação de seus membros (NETFLIX, 2016). Em 2021, a *HBO Max* retomou a história com uma série em 6 episódios sobre uma das turnês do grupo, com a sequência intitulada *On tour with Asperger's are Us* (HBO MAX, 2021). No formato *reality show*, o documentário australiano *Amor no Espectro* (2019-2021), com 2 temporadas, acompanhou um grupo de adultos solteiros e no espectro autismo enquanto exploram o mundo dos relacionamentos (NETFLIX, 2021). Há também o documentário *Stimados Autistas* (2020) que, no título, já anuncia uma referência ao termo *stim* (expressão em inglês que caracteriza os comportamentos repetitivos e estereotipados) pelo trocadilho com palavra “estimados”. Criado pelo autista brasileiro Cristiano de Oliveira, o documentário foi gravado em isolamento, devido à pandemia por COVID-19, e apresentou seis adultos que se descobriram autistas tardiamente e contam como foi crescer sem o diagnóstico, sobre a busca por profissionais e as adaptações decorrentes da descoberta (PARADOXA, 2020).

Ainda na década de 2010, houve novelas brasileiras que se dedicaram à mesma pauta. *Amor à Vida* (2013) e *Malhação Viva a Diferença* (2017)⁵, ambas da rede de televisão comercial aberta brasileira, a TV Globo, incluíram personagens autistas nas tramas, inspirados neste cotidiano.

Estes produtos parecem surgir, portanto, como um movimento de mudanças, um pano de fundo às vivências do cotidiano de uma sociedade que experimenta o autismo e o reproduz em seus discursos, que o questiona ou usa dos seus espaços relacionais para discutir o assunto ou ainda evocar os pleitos que dele suscitam, trazendo o tema para uma arena de debates e interações que oportunizam, de algum modo, esta intensificação de práticas comunicacionais e de sociabilidade que com ele fazem fronteira.

Nestas produções são reveladas parte da realidade que norteia o indivíduo autista nas suas relações sociais, as diferenças comportamentais mais comuns, as suas dificuldades de e na

⁵ O autismo foi tema inserido nas tramas das novelas da TV Globo: *Amor à Vida*, veiculada em 2013 e *Malhação Viva a Diferença*, exibida em 2017 (GLOBOPLAY, 2013; 2017).

vida, bem como os potenciais *savants*⁶ presentes em algumas destas pessoas. Estas habilidades prodígio, bastante intrigantes e fascinantes, mas pouco frequentes, por vezes também impulsionam a comercialização dos enredos e acabam produzindo significados sobre o espectro um tanto distantes da realidade da maior parte dos indivíduos que com ele convivem.

Por isso, para que seja possível compreender as razões que levaram o autismo e estes roteiros de vida para as telas de cinema, aos agendamentos de pautas da mídia em geral, às redes sociais e ainda, mais fortemente, para o cotidiano da sociedade, é preciso entender suas origens, características e o seu contexto histórico. Estes fatores colocam essa temática, primeiramente, nas relações sociais, e são capazes de despertar interesses, conflitos, as buscas por informações, apoio, as reivindicações, oportunizando, inclusive, os agenciamentos, arranjos e interações comunicacionais, cujas tensões são trazidas e aprofundadas nos capítulos 3, 4 e 5.

1.1.1. Percurso clínico

Historicamente, o termo autismo foi introduzido na psiquiatria, em 1906, pelo psiquiatra Plouller, como item descritivo do sinal clínico de isolamento percebido em crianças. Porém, foi em 1943 que o médico austríaco Leo Kanner descreveu, pela primeira vez, a definição do autismo como um quadro clínico, passando a chamá-lo de distúrbio autístico do contato afetivo, delineando uma síndrome com o mesmo sinal clínico de isolamento observado num grupo de crianças. A partir da criteriosa descrição de tais anormalidades, feita por Kanner, houve a diferenciação do quadro de autismo de outros como esquizofrenia e psicoses infantis. Por isso, o trabalho deste médico austríaco foi de fundamental importância para formar as bases da Psiquiatria da Infância nos EUA e também mundialmente (BRASIL, 2014).

Nas suas pesquisas, Kanner evidenciou as seguintes características, percebidas num grupo de crianças: a falta de contato emocional com outros indivíduos, a ausência de fala ou formas atípicas de comunicação, a fascinação por alguns objetos e a destreza no seu manuseio, comportamento ansioso e possessivo, desejo de manter rotinas, evidências de inteligência, habilidades com jogos de encaixe e montagem e, especialmente, o sinal clínico de isolamento.

⁶ A síndrome de *savant* é considerada um distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual aliada a um déficit de inteligência. As habilidades *savants* são sempre ligadas a uma memória extraordinária, porém com pouca compreensão do que está sendo descrito. É encontrada em uma a cada dez pessoas autistas (UNIVERSO AUTISTA, 2016).

Ainda em 1943, o médico deixou claro que este relato era preliminar e carecia de mais estudos, observações e investigações (KANNER, 1976).

No mesmo período, Hans Asperger (1944), também psiquiatra, descreveu o quadro clínico de outro grupo de crianças e, embora apresentasse semelhanças com o quadro de Kanner, houve diferenças. Conhecida como síndrome de Asperger, esta nova descrição, apesar de também detalhada, deixou de levar em consideração os casos semelhantes já descritos nas produções de Kanner, visto que este pesquisador trabalhava nos EUA e suas publicações eram feitas no idioma inglês, o que conferiu maior difusão do seu trabalho. Além de Asperger, outros autores também descreveram quadros clínicos específicos (Rett, Heller, etc.), todos de início na infância e classificados como “transtornos do desenvolvimento” (WOLFF, 2004).

Após a descrição inicial, o próprio Kanner e Eisenberg, em 1956, elegeram dois sintomas principais: o isolamento extremo e insistência obsessiva na manutenção da “mesmice”, em associação ao surgimento do problema nos primeiros dois anos de vida. Mesmo que o termo “autismo” já tivesse sido utilizado para descrever o isolamento como um sintoma fundamental da esquizofrenia (HECKERS, 2011), neste caso existia uma tendência ao isolamento por um retraimento nos relacionamentos. Na síndrome descrita por Kanner observava-se uma incapacidade de desenvolver relacionamentos. De modo geral, as décadas de 1950 e 1960 abrigaram crenças e confusões acerca do autismo, como a hipótese da “mãe geladeira” (ideia que sugeria que o distúrbio seria causado por pais emocionalmente distantes) proposta por Kanner, teoria que foi desbancada na década de 70, pelas evidências que revelaram que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais. Foi também na década de 50 que houve a publicação da primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, o DSM-I⁷, como referência clínica mundial aos profissionais da área.

No início dos anos de 1980, o trabalho de Asperger recebeu bastante atenção, cujo foco de investigação era o dos indivíduos “de alto funcionamento”, o que impulsionou o campo para um novo conceito de “espectro do autismo”, que se mostrou útil tanto no campo clínico quanto no âmbito das pesquisas genéticas, pois ampliava a caracterização do autismo para classificações mais amplas e subjetivas (BRASIL, 2014).

⁷ O DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) é um guia publicado pela Associação Psiquiátrica Americana, tido como o manual principal usado pelos médicos para fornecer um diagnóstico formal. A primeira edição (DSM-I) foi publicada em 1952. Atualmente (2021) registram-se 5 edições. A maior revisão foi a que ocorreu no DSM-IV, publicado em 1994. A versão mais recente e atual é a DSM-V, lançada em 2013 (DSM-V, 2014).

Na década de 80 crescem as pesquisas científicas sobre autismo, o que influenciou a elaboração do DSM-III, que reconhece o autismo como uma condição específica e o enquadra na classe dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Em 1981, a médica inglesa Lorna Wing desenvolve o conceito de autismo como um espectro e cunha o termo “Síndrome de Asperger”, em referência aos estudos e aos padrões de comportamentos observados pelo psiquiatra Hans Asperger.

Em 1991, Lorna Wing publicou um artigo denominando um grupo de afecções do neurodesenvolvimento e apontou as mesmas características: alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja linguagem verbal e/ou não verbal, da interação social e do comportamento caracteristicamente estereotipados, repetitivos e com gama restrita de interesses. Wing entendeu que, no espectro, o grau de gravidade varia entre pessoas que apresentavam quadros leves, e com total independência ou discretas dificuldades de adaptação, bem como quadros severos, quando as pessoas são dependentes para as atividades de vida diárias, ao longo de toda as suas vidas.

Nos anos 90 também foram observadas ampliações nos critérios diagnósticos do autismo. Houve a publicação do DSM-IV (1994) que, revisado, abrigou a Síndrome de Asperger dentre as descrições e possibilitou incluir diagnósticos de casos mais leves do autismo, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais. Este período também foi marcado pela teoria do cientista Andrew Wakefield (1998), cujo artigo publicado na revista *Lancet* indicou que algumas vacinas poderiam causar autismo. O estudo foi amplamente criticado, descartado e desacreditado pelos cientistas, pela falta de comprovação dos resultados, e promoveu outras pesquisas que, posteriormente, mostraram que a associação da vacina ao autismo não tem fundamento.

Desde a descrição inicial, portanto, o conceito de autismo infantil sofreu modificações, agrupando-se a um contínuo de condições com similaridades, denominadas TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento). Na sequência, por conta da existência dos vários níveis de dificuldades ou habilidades presentes neste espectro, denominaram-se Transtornos do Espectro Autista (TEA) uma parte dos TGD: o autismo, a síndrome de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, portanto, não incluindo a síndrome de Rett e o transtorno desintegrativo da infância (BRASIL, 2014).

Desta forma, pertencente ao DSM-V desde 2013 e mais recentemente ao CID-11 (2022)⁸, o TEA passa a se referir, portanto, a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados (DSM-V, 2014). Dentro deste diagnóstico, já nos primeiros meses de vida, as crianças demonstram dificuldade de ordem relacional, em alguns casos de manter contato visual, apresentam preferências limitadas, além de terem, por vezes, dificuldade com a linguagem oral. Estes fatores implicam em limitações na socialização e desenvolvimento infantil, colocando estas crianças num mundo particular, com conexões restritas (AUTISMO & REALIDADE, 2021).

Logo, desde a DSM-V, a Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada do autismo pois todos os transtornos a ele relacionados estão abrigados em um único diagnóstico: o TEA. Portanto, no TEA, passam a existir basicamente três níveis diferentes de autismo, que variam entre 1, 2 e 3 em termos de necessidade de suporte ou apoio.

Quadro 1 – Níveis de Intensidade do Autismo

NÍVEIS	APOIO / SUPORTE	DESCRIÇÃO	NOMENCLATURA EM DESUSO
Nível 1	Necessidade de pouco apoio	Pessoas com problemas para iniciar interações, demonstram menor interesse nos relacionamentos, comportamento inflexível e dificuldades nas atividades cotidianas.	Autismo leve
Nível 2	Necessidade moderada de apoio	Pessoas com dificuldade acentuada com a comunicação verbal e não verbal, habilidades sociais limitadas, a inflexibilidade é facilmente percebida por observadores casuais.	Autismo moderado
Nível 3	Necessidade de apoio substancial	Pessoas com dificuldade significativa na comunicação e nas habilidades sociais, assim como têm comportamentos restritivos e repetitivos que atrapalham seu funcionamento independente nas atividades cotidianas, necessitando de maior suporte.	Autismo severo

Fonte: Instituto NeuroSaber (2020).

Assim, o Transtorno de Asperger ou autismo de alto funcionamento (termo usado para caracterizar pessoas no espectro consideradas com maior “funcionalidade” ou “habilidades” em

⁸ Organização Mundial da Saúde – OMS lança a nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11 (*ICD-11* na sigla em inglês para *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*). A versão anterior, a CID-10, trazia vários diagnósticos dentro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento: TGD (sob o código F84), Autismo Infantil (F84.0), Autismo Atípico (F84.1), Transtorno Desintegrativo da Infância (F84.3), Transtorno com Hipercinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados (F84.4), Síndrome de Asperger (F84.5), outros TGD (F84.8) e TGD sem Outra Especificação (F84.9). A nova versão (CID-11) da classificação une todos esses diagnósticos no Transtorno do Espectro do Autismo (código 6A02) e as subdivisões passaram a ser apenas relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual (TISMOO, 2021).

realizar atividades do cotidiano, para interagir ou tomar decisões), passam a pertencer ao TEA de nível 1 ou com necessidade de pouco suporte (RUSSO, 2018).

Em 2014, um estudo sobre as causas do autismo divulgado pelo periódico *Journal of the American Medical Association (JAMA)* indicou que o fator ambiental é tão importante quanto o genético para o risco de autismo. Nele, os pesquisadores anunciam descobertas que indicam que a genética explica 50% dessa probabilidade, um peso menor do que as estimativas anteriores atribuíam, de até 90%. O resultado partiu da análise de dados de mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, sendo considerado um dos maiores estudos já realizado sobre as origens genéticas do autismo (VEJA, 2014).

Porém, em 2019, novo estudo publicado pelo *JAMA Psychiatry* inverteu essa lógica e voltou a atribuir maior peso às causas genéticas. Apoiados numa base de mais de 2 milhões de indivíduos, de 5 países diferentes, o estudo reforçou a importância de exames genéticos especializados para autistas e confirmou que 97% a 99% dos casos de transtorno têm causa genética, sendo 81% hereditário (JAMA, 2019; TISMOO, 2019).

Por se tratar de muitos traços históricos que modificaram e constituíram os atuais conceitos clínicos do autismo, a sintética estrutura deste percurso, contida no quadro 2, apresenta as principais marcas de um século de pesquisas, descobertas e construções de significados sobre o TEA.

Quadro 2 – Marcos históricos do Autismo

PERÍODO	MARCOS HISTÓRICOS DO AUTISMO
1906	O termo autismo é introduzido na psiquiatria pelo médico psiquiatra Plouller. como item descritivo do sinal clínico de isolamento (encenado pela repetição da autorreferência) frequente em alguns casos.
1908	O psiquiatra suíço Eugen Bleuler utiliza o termo autismo para descrever a fuga da realidade para um mundo interior observado em pacientes esquizofrênicos.
1943	O psiquiatra Leo Kanner publica a obra <i>Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo</i> , descrevendo 11 casos de crianças com um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da mesmice. Ele usa o termo “autismo infantil precoce”, pois os sintomas já eram evidentes na primeira infância, e observa que essas crianças apresentavam maneirismos motores e aspectos não usuais na comunicação, como a inversão de pronomes e a tendência ao eco.
1944	Hans Asperger escreve o artigo <i>A psicopatia autista na infância</i> , destacando a ocorrência preferencial em meninos, que apresentam falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, conversação unilateral, foco intenso, movimentos descoordenados e forte habilidade para discorrer sobre um tema detalhadamente. Apenas em 1980 o trabalho de Asperger foi reconhecido como um pioneiro no segmento.
1952	A Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais DSM-I, referência clínica mundial que fornece as nomenclaturas e os critérios padrão para o diagnóstico dos transtornos mentais estabelecidos. Nesta primeira edição, os diversos sintomas de autismo eram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil, não sendo entendido como uma condição específica e separada.
1950 1960	As décadas de 50 e 60 abrigaram crenças e confusões acerca do autismo, como a ideia de que o distúrbio seria causado por pais emocionalmente distantes (hipótese da “mãe geladeira”, criada por Leo Kanner). Porém, neste período também cresceram as evidências sugerindo que o autismo

	era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais, desbancando a teoria de Kanner.
1965	A zootecnista Temple Grandin (norte-americana diagnosticada autista) cria a “Máquina do Abraço”, um aparelho que simulava um abraço de modo controlado e acalmava pessoas autistas. Ela revolucionou as práticas de abate para animais e suas técnicas e projetos de instalação são referências internacionais. Além de prestar consultoria para a indústria pecuária em manejo, instalações e cuidado de animais, ministra palestras pelo mundo todo, explicando a importância de ajudar crianças autistas a desenvolver suas potencialidades.
1978	O psiquiatra Michael Rutter classifica o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, criando um marco na compreensão do transtorno. Ele propõe uma definição com base em quatro critérios: (1) atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; (2) problemas de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada; (3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e (4) início antes dos 30 meses de idade.
1980	A definição inovadora de Michael Rutter e a crescente produção de pesquisas científicas sobre o autismo influenciam a elaboração do DSM-III. Nesta edição do manual, o autismo é reconhecido pela primeira vez como uma condição específica e colocado em uma nova classe, a dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Este termo reflete o fato de que múltiplas áreas de funcionamento do cérebro são afetadas pelo autismo e pelas condições a ele relacionadas.
1981	A psiquiatra Lorna Wing desenvolve o conceito de autismo como um espectro e cunha o termo Síndrome de Asperger, em referência a Hans Asperger. Seu trabalho revolucionou a forma como o autismo era considerado, e sua influência foi sentida em todo o mundo. Como pesquisadora e clínica, bem como mãe de uma criança autista, ela defendeu uma melhor compreensão e serviços para indivíduos autistas e suas famílias. Fundou a <i>National Autistic Society</i> , juntamente com Judith Gold, e o Centro Lorna Wing.
1988	O psicólogo Ivar Lovaas publica um estudo sobre a análise do comportamento, demonstrando os benefícios da terapia comportamental intensiva. Durante os anos 1980 e 1990, a terapia comportamental e os ambientes de aprendizagem altamente controlados emergem como os principais tratamentos para o autismo e condições relacionadas.
1988	Sucesso de bilheteria, <i>Rain Man</i> torna-se um dos primeiros filmes comerciais a caracterizar um personagem autista. Embora o filme tenha sido fundamental para aumentar a conscientização e sensibilizar a opinião pública sobre o transtorno, ele também contribuiu para a interpretação incorreta de que todas as pessoas autistas também possuiriam habilidades <i>savant</i> .
1994	Novos critérios para o autismo foram avaliados em um estudo internacional multicêntrico, com mais de mil casos analisados por mais de 100 avaliadores clínicos. Os sistemas do DSM-IV e da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças) tornaram-se equivalentes para evitar confusão entre pesquisadores e clínicos. A Síndrome de Asperger é adicionada ao DSM, ampliando o espectro do autismo, que passa a incluir casos mais leves, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais.
1998	A revista <i>Lancet</i> publicou um artigo do cientista Andrew Wakefield, no qual afirmava que algumas vacinas poderiam causar autismo. Este estudo foi totalmente desacreditado por outros cientistas e descartado. Em maio de 2014, o cientista perdeu seu registro médico. A revista <i>Lancet</i> também se retratou e retirou o estudo de seus arquivos pela falta de comprovação dos resultados.
2007	A ONU instituiu o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo para chamar atenção da população em geral para importância de conhecer e tratar o transtorno, que afeta cerca de 70 milhões de pessoas no mundo todo, segundo a Organização Mundial de Saúde. Trata-se de um ato político. Em 2018, o 2 de abril passa a fazer parte do calendário brasileiro oficial como Dia Nacional de Conscientização sobre o Autismo.
2012	É sancionada, no Brasil, a Lei Berenice Piana (12.764/12), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Este foi um marco legal relevante para garantir direitos às pessoas com TEA. A legislação determina o acesso a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.
2013	O DSM-V passa a abrigar todas as subcategorias do autismo em um único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. A Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada e o diagnóstico para autismo passa a ser definido por dois critérios: as deficiências sociais e de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.
2014	O maior estudo já realizado sobre as causas do autismo revelou que os fatores ambientais são tão importantes quanto a genética para o desenvolvimento do transtorno. Isto contrariou estimativas

	anteriores, que atribuíam à genética de 80% a 90% do risco do desenvolvimento de TEA. Foram acompanhadas mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, com avaliação de fatores como complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez.
2015	A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (13.146/15) cria o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que aumenta a proteção aos indivíduos no TEA ao definir a pessoa com deficiência como “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial”. O Estatuto é um símbolo importante na defesa da igualdade de direitos dos deficientes, do combate à discriminação e da regulamentação da acessibilidade e do atendimento prioritário.
2019	Estudo publicado pelo <i>JAMA Psychiatry</i> (2019), cuja pesquisa reuniu 2 milhões de indivíduos de cinco países diferentes, confirmou que 97% a 99% dos casos de autismo têm causa genética, sendo 81% hereditário.
2020	Sancionada lei que inclui dados sobre autismo no Censo 2020 no Brasil. A lei nº 13.861, de 18 de julho de 2019 altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, e obriga o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inserir no Censo 2020 perguntas sobre o autismo. Com isso, será possível saber quantas pessoas no Brasil apresentam esse transtorno e como elas estão distribuídas pelo território. Também entra em vigor a Lei 13.977, conhecida como <i>Lei Romeo Mion</i> . O texto cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), emitida de forma gratuita, sob responsabilidade de estados e municípios. O documento é um substituto para o atestado médico e tem o papel de facilitar o acesso a direitos previstos na Lei Berenice Piana.
2022	Organização Mundial da Saúde – OMS lança a nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11 (<i>ICD-11</i> na sigla em inglês para <i>International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems</i>). A versão anterior, a CID-10, trazia vários diagnósticos dentro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento: TGD (sob o código F84), Autismo Infantil (F84.0), Autismo Atípico (F84.1), Transtorno Desintegrativo da Infância (F84.3), Transtorno com Hiperinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados (F84.4), Síndrome de Asperger (F84.5), outros TGD (F84.8) e TGD sem Outra Especificação (F84.9). A nova versão (CID-11) da classificação une todos esses diagnósticos no Transtorno do Espectro do Autismo (código 6A02) e as subdivisões passaram a ser apenas relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual.

Fonte: Autismo & Realidade (2022), TISMOO (2021), adaptado e ampliado pelo autor.

Estes marcos, mesmo que ainda descritivos, quando aproximados e observados na perspectiva da evolução histórico-clínica do autismo, nos encoraja a tecer paralelos e perceber, neste percurso conceitual, o surgimento de importantes facetas em termos simbólicos, que resultam em alterações socioculturais. O quadro 3 contribuirá com a percepção, pela sua representação gráfica.

Quadro 3 – Percurso histórico-clínico do Autismo



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Percebemos que, no início do século XX, o autismo foi concebido como “doença psiquiátrica”. Depois como sintoma tipicamente notado na infância, mas ainda como um “subgrupo da esquizofrenia”, ou seja, desde a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-I), utilizado como referência mundial na saúde mental, associado às “doenças psiquiátricas”.

No meio do século, de doença passa a ser identificada como “distúrbio cerebral” e posteriormente como “distúrbio cognitivo”. Parece haver um início de afastamento, mesmo que discreto, da palavra “doença”, como algo adquirido e passível de cura, mas já se anuncia um possível entendimento de uma condição que pertence à natureza de algumas pessoas.

A partir dos anos 80, o autismo passa a ser clinicamente entendido como “transtorno do desenvolvimento” no DSM-III. Nesta edição do manual, o autismo é reconhecido pela primeira vez como uma condição específica e colocado em uma nova classe, a dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Nesta década também são registradas as primeiras noções de “espectro”, ou seja, da incidência de um transtorno amplo e que se diferenciaria entre os indivíduos. A inclusão do autismo em uma categoria nova no manual de diagnósticos, reforça a evidência do distanciamento da condição do “transtorno” à anterior categoria “doença”. Por isso, na década de 90, para evitar distorções entre as classificações internacionais, os sistemas do DSM-IV e da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças) tornaram equivalentes os parâmetros sobre o autismo para colaborar com os pesquisadores e médicos a respeito destes entendimentos clínicos.

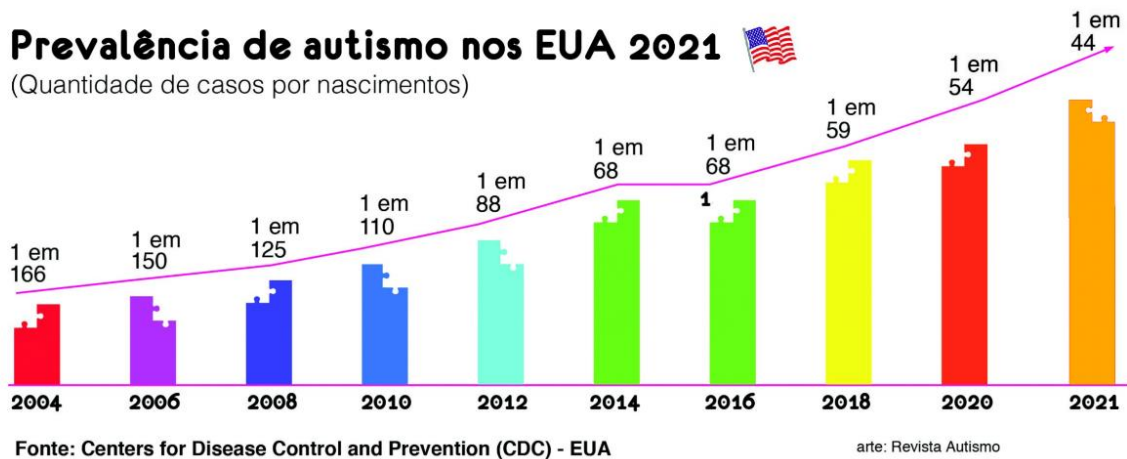
Mas é a partir da primeira década do século XXI, na quinta e última versão do DMS, que o autismo como espectro passa a ser formalmente caracterizado e o TEA (Transtorno do Espectro Autista), ampliando potências e resignificando o autismo para a sociedade. Neste período, os estudos genéticos também são notados e colocam em questão resultados que indicam a forte incidência das causas “genéticas-ambientais” e “genéticas-hereditárias”, o que também colabora com o entendimento do autismo como essência, como modo de ser ou natureza neurológica de parte da sociedade.

Assim, notamos uma evolução histórico-conceitual do autismo em termos clínicos no último século: de “doença” para “transtorno”, ou seja, algo constitutivo da sua essência.

Com maior entendimento, novos significados e sendo o TEA esta nova e ampliada forma de classificação, houve, conseqüentemente, um aumento significativo nos registros de casos de autismo no mundo. Na década de 90, estimava-se a prevalência de um caso para cada 2.500 crianças (JUNIOR, 2010). Posteriormente, pesquisas do CDC (*Center of Diseases Control and*

*Prevention*⁹), órgão ligado ao governo Norte Americano, mostraram que os dados sobre prevalência têm aumentado bastante, mas que os números variariam de acordo com a metodologia e local do estudo. As estatísticas apresentadas pelo CDC (TISMOO, 2020, 2021; JUNIOR, 2021), com base em estudos da população norte-americana, elevaram os casos de 1 para cada 150 pessoas (1:150) em 2006, 1:88 em 2012, 1:68 em 2014, 1:59 em 2018, 1:54 em 2020, chegando a um caso diagnosticado de autismo para cada 44 nascimentos (2,3%) em 2021, com abrangência em todas as classes, raças e etnias, como mostra a arte da Revista Autismo (JUNIOR, 2021), na figura 1.

Figura 1 – Prevalência de autismo nos EUA (2021)



Fonte: Revista Autismo (JUNIOR, 2021).

A estimativa mais recente divulgada pelo CDC, em julho de 2022 (JAMA, 2022; JUNIOR, 2022) indicou a prevalência de autismo para uma em cada 30 crianças nascidas nos EUA, conforme o estudo realizado pela *Jama Pediatrics* com 12.554 pessoas, considerando crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos no referido país, com dados de 2019 e 2020.

Mesmo com controvérsias ligadas aos critérios diagnósticos atuais e a provável invisibilidade do autismo feminino, as estatísticas continuam demonstrando, tal qual nas

⁹ CDC – *Center of Diseases Control and Prevention*: Centro de Controle e Prevenção de Doenças (TISMOO, 2020, 2021; JUNIOR, 2021).

estimativas dos anos anteriores, a proporção de 4:1¹⁰, ou seja, que são diagnosticados 4 meninos para cada menina, conforme estimativas de 2020 (TISMOO, 2020) e 3,5:1 (JUNIOR, 2022)¹¹.

Houve e permanece ocorrendo uma grande discussão acerca desta elevação. Questionou-se se esse aumento pertenceria a uma suposta “epidemia” de autismo ou se haveria, agora, uma maior capacidade dos profissionais em identificar os casos que já existiam e puderam então ser qualificados, considerando a ampliação dos critérios diagnósticos, associada a maior consciência da população (TEIXEIRA et al, 2010). Por isso, agora, cabe atenção ao fato de que o aumento da prevalência de autismo e as estimativas divulgadas podem gerar, por vezes, falsas interpretações. Isso porque as estatísticas não necessariamente indicam um aumento no número de casos, mas sim na quantidade de diagnósticos provenientes do conhecimento dos respectivos critérios e das condições de atendimento à saúde de cada praça ou país.

Neste contexto, para além dos aspectos clínicos, apareceram também esforços sociais para incentivar a conscientização acerca dessa nova realidade. Em 2007 a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu a data de 2 de abril como o Dia Mundial do Autismo¹², como um ato também de força política. Em 2016, divulgou a estimativa de que cerca de 1% da população mundial vive no espectro autista (ONU, 2016), o equivalente a 70 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, portanto, o percentual equivalia, à época, a 2 milhões pessoas dentro do espectro (ONU, 2015). Porém, como ainda não existem dados estatísticos da prevalência de autismo no Brasil, numa transposição da prevalência dos estudos norte-americanos do CDC

¹⁰ Tal estereótipo (diagnósticos predominantemente masculinos na proporção 4:1) passa a ser questionado pela perspectiva da invisibilidade do autismo feminino. Isso se deve ao fato de que se constata a exclusão sistemática das mulheres nas pesquisas científicas em autismo, além de que os critérios se tornam limitados e definidos pelas observações registrados apenas em estudos com meninos. Desta forma, a crítica considera que os critérios são excludentes e reforçam observações próprias do autismo masculino, com amplas dificuldades na identificação do autismo em mulheres. Tais questões, por consequência, podem retardar os diagnósticos em mulheres que acabam, por vezes, sendo diagnosticadas no final da adolescência ou ainda na fase adulta. A questão sugere a necessidade de ampliar a visibilidade do autismo feminino e, para isso, de se conscientizar e informar profissionais sobre o autismo atípico, divulgar os traços e pautas presentes em mulheres e incluí-las nas pesquisas para que os critérios sejam menos limitados (BBC, 2019).

¹¹ O estudo publicado pelo CDC, em julho de 2022, que indica a prevalência de 1:30 casos de autismo para crianças nascidas nos EUA, demonstrou que a os meninos norte-americanos continuam sendo a maioria dos diagnósticos. No entanto, o número de 4 para 1 (4 meninos para cada menina) dos estudos anteriores sofreu tendência de queda para 3,55 para 1, ou seja, dos 410 diagnósticos avaliados no estudo, 320 são categorizados como homens e 90 como mulheres (JAMA, 2022; JUNIOR, 2022).

¹² 2 de abril: ao proclamar 2 de abril Dia Mundial de Sensibilização para o Autismo, a Assembleia Geral das Nações Unidas ajudou a galvanizar os esforços internacionais para promover uma maior compreensão do autismo. Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas (ONU, 2009).

2021 (1:44), a Revista Autismo (JUNIOR, 2021) estabeleceu a estimativa de que já se ultrapasse a marca de 4,8 milhões de autistas no país.

De todo modo, o salto desperta um alerta global, em diferentes áreas e classes. Afeta diretamente a maneira como esses indivíduos e sua rede socioafetiva se comunicam, interagem, experimentam os estigmas que norteiam o TEA e que os coloca num caminho de peregrinação, em busca da construção ou reconstrução de um sentido para o autismo que, nesse contexto histórico, também se desenvolveu nas perspectivas das políticas públicas e dos direitos.

1.1.2. Para além dos atos legais

Este contexto apresentado, que transcorre de uma conjuntura global do autismo, se manifesta também no Brasil em uma conduta que, traduzida neste local, produz efeitos específicos ainda muito centralizados nos dispositivos de ordem jurídica.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência ou Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146), por exemplo, foi instituído em 2015, incluindo a pessoa com TEA que passou a ser considerada PcD (Pessoa com Deficiência)¹³, para todos os efeitos legais, a partir da Lei Berenice Piana (nº 12.764/2012). Esta lei instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e garante: acesso a um diagnóstico precoce, ao tratamento multidisciplinar, às terapias e medicamentos prescritos (assistidos pelo SUS - Sistema Único de Saúde), à educação, à proteção social, ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades, representando um dos mais importantes marcos legais para a causa. Berenice Piana, mãe do garoto autista Dayan, iniciou a sua luta pelos direitos dos autistas após o diagnóstico do filho. O seu pleito, que resultou na lei de 2012 e leva o seu nome, foi reconhecido internacionalmente em 2017, quando recebeu o título de Embaixadora da Paz pela Organização das Nações Unidas (ONU) e União Europeia (OLIVEIRA E FALKOSKI, 2021).

Além destas principais leis, outras regulamentações asseguram os direitos das pessoas com TEA, conforme o quadro 4, que também acabam disputando o espaço midiático visto que reverberam em torno de novas políticas públicas, de movimentações em prol da execução destas

¹³ A terminologia correta adotada pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências (ONU, 2006) é Pessoa com Deficiência (PcD), abandonando as expressões anteriores “portador de deficiência” e “pessoa com necessidades especiais”. Tal termo garante que se compreenda a existência da deficiência e, em alguns casos, a necessidade de tratamento diferenciado, objetivando a equidade (OLIVEIRA E FALKOSKI, 2021).

obrigações em níveis de direitos básicos do cidadão, à saúde, à educação, ao trabalho, ao lazer, ao transporte, à previdência e também à acessibilidade e autonomia.

Quadro 4 – Leis e normas que embasam os Direitos das Pessoas com TEA

Direitos Básicos do Cidadão	Direito à Certidão de Nascimento	Lei Federal nº 9.534/1997 (dispõe sobre os serviços notariais e de registro e da gratuidade dos atos necessários ao exercício da cidadania).
	Direito aos serviços do SUS	Artigo 17 da Lei Federal nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).
	Direito à não discriminação	Artigo 5º da Lei Federal nº 13.146/2015 (item 2).
Direitos à Saúde	Direitos da Pessoa com TEA	Artigo 196 da Constituição Federal; artigo 3º, inciso III, da Lei Federal nº 12.764/2012 (Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA) e artigos 18 a 26 da Lei Federal nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).
	Direito ao Diagnóstico	Artigo 3º, inciso III, alínea “a” e “e” da Lei Federal nº 12.764/2012 (item 4), artigos 15 e 18, § 4º, inciso I, da Lei Federal 13.146/2015 (item 4).
	Direito ao Atendimento Prioritário	Lei Federal nº 10.048/2000 (dispõe sobre a prioridade de atendimento a pessoas com deficiências, idosos, gestantes e outros públicos especificados) e Artigo 9º, da Lei Federal nº 13.146/2015 (item 4).
	Acesso ao SUS pela pessoa com deficiência	Artigo 18 da Lei Federal nº 13.146/2015 (item 4).
	Direito à Assistência Médica	Artigo 8º, inciso IV, da Lei Federal nº 7.853/1989 (dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência, sua integração social, dentre outros aspectos).
	Direito de acesso aos Planos de Saúde	Artigo 5º da Lei Federal nº 12.764/2012 (item 4) e Artigo 14 da Lei Federal nº 9.656/1998 (dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde).
	Direitos aos serviços e produtos ofertados por Planos de Saúde	Artigos 20 e 23 da Lei Federal nº 13.146/2015 (item 4).
Direitos à Educação	Direito à Educação Básica	Artigos 208 e 209, inciso I, da Constituição Federal.
	Direito à matrícula escolar	Artigo 8º, inciso I, da Lei Federal nº 7.853/1989 (dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência, sua integração social, dentre outros aspectos).
	Direito ao Acompanhante de Apoio em sala de aula	Parágrafo único do artigo 3º da Lei Federal nº 12.764/2012 (Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA) e artigo 28 da Lei Federal nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).
	Direito ao Currículo Adaptado	Artigo 28 da Lei Federal nº 13.146/2015 (item 13).
	Direitos a Cotas nas Universidades Federais	Lei Federal nº 13.409/2016 (dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino) e Lei Federal nº 12.711/2012 (dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio).
Direitos ao Trabalho	Lei de Cotas na Iniciativa Privada	Artigo 93 da Lei Federal nº 8.213/1991 (dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social).
	Lei de Cotas na Administração Pública	Decreto nº 9.508/2018 (reserva às pessoas com deficiência um percentual de cargos e de empregos públicos ofertados em concursos públicos e em processos seletivos no âmbito da administração pública federal direta e indireta) e artigo 5º, § 2º, da Lei Federal nº 8.112/1990 (dispõe sobre o regime

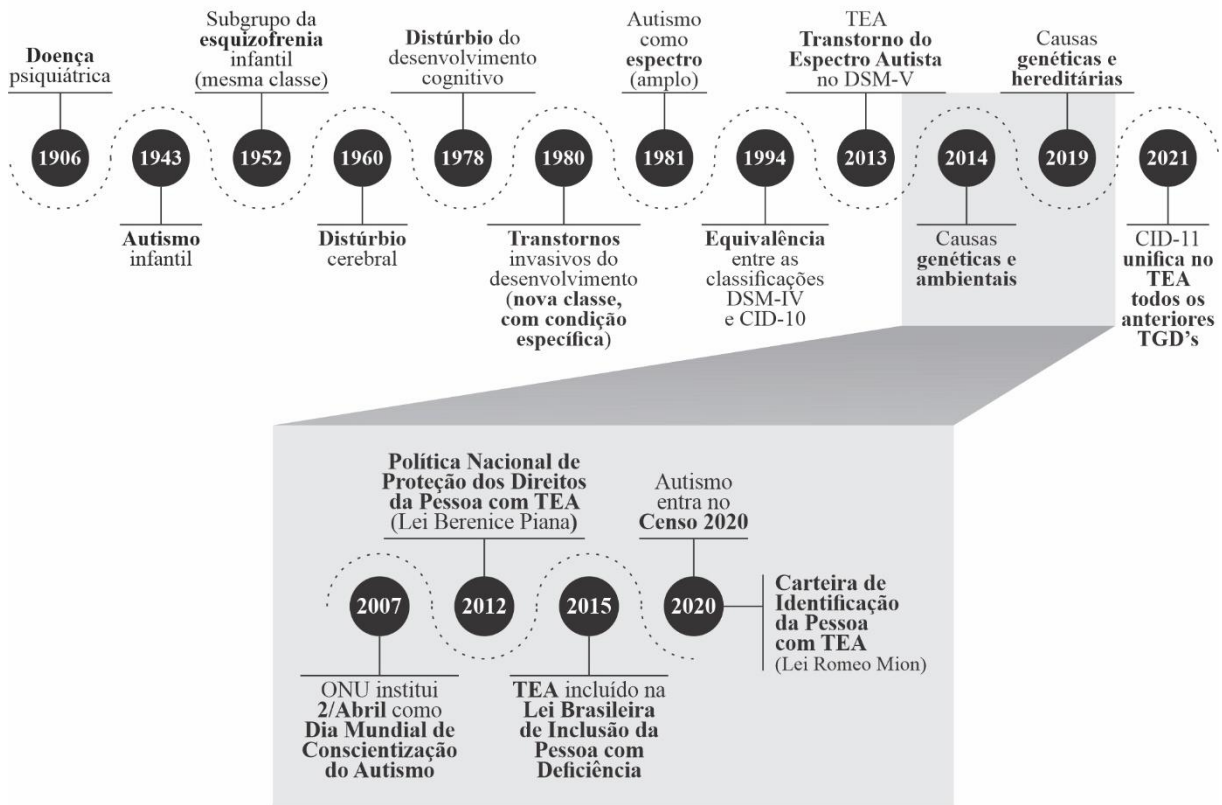
		jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).
	Direito à empregabilidade	Artigos 34 e 35 da Lei Federal nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).
	Direito à jornada de trabalho reduzida	Lei Federal nº 13.370/2016 (dispõe sobre o direito à horário especial ao servidor público federal que tenha cônjuge, filho ou dependente com deficiência de qualquer natureza, revogando a exigência de compensação de horário) e artigo 98, § 2º e 3º, da Lei nº 8.112/1990 (dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis federais). Em alguns Estados e Municípios há leis que garantem este direito para servidores estaduais e municipais
Direitos ao Lazer	Direito à Meia-Entrada	Lei Federal nº 12.933/2013 (dispõe sobre o benefício do pagamento de meia entrada para estudantes, idosos, pessoas com deficiência e outros públicos) e Decreto Federal nº 8.537/2015, que regulamenta tal lei.
Direitos ao Transporte	Reserva de vagas	Lei Federal nº 10.048/2000 (dispõe sobre a prioridade de atendimento a pessoas com deficiências, idosos, gestantes e outros públicos especificados), Lei Federal nº 10.098/2000 (estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida), artigo 23 do Decreto Federal nº 5.296/2004 (regulamenta essas duas leis) e Decreto Federal nº 9.404/2018.
	Direito ao Passe-Livre	Lei Federal nº 8.899/1994 (concede passe livre às pessoas com deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual).
	Desconto em passagens aéreas	Resolução nº 09/2007, da Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC (dispõe sobre o acesso ao transporte aéreo de passageiros que necessitam de assistência especial).
	Isenção de Impostos na aquisição de veículos	Lei Federal nº 8.989/1995 (dispõe sobre a Isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI, na aquisição de automóveis por pessoas com deficiência física).
Direitos à Autonomia	Direito à Acessibilidade	Lei Federal nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).
	Curatela e tomada de decisão apoiada	Lei Federal nº 13.146/2015 (item 25).
Direitos à Assistência Social e à Previdência Social	Direito à Assistência Social (Benefício de Prestação Continuada BPC)	Artigo 203 da Constituição Federal de 1988 e artigo 20 da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) - Lei Federal nº 8.742/1993.
	Direito à Previdência Social	Lei Complementar nº 142/2013 (dispõe sobre a aposentadoria da pessoa com deficiência segurada do Regime Geral de Previdência Social – RGPS).

Fonte: Takeda e Godoy (2019)

Se retomarmos a análise do percurso histórico-clínico já apresentado, construído de maneira global, mas estabelecermos relações com as questões político-sociais no Brasil, marcadas pelas respostas em termos de quesitos legais instituídos neste território, notamos que foi apenas na segunda década do século XXI que as políticas públicas brasileiras começaram a ser definidas. Mesmo com a elevação dos casos já percebidos no fim da década de 90, a partir do entendimento do autismo como “transtorno”, fortalecidos pelos registros estatísticos de pesquisas internacionais que formalizaram o aumento significativo de diagnósticos no início dos anos 2000, no Brasil observamos um certo descompasso legal. Foi apenas em 2012 que,

por iniciativa de uma mãe, ou seja, um membro da sociedade civil, uma lei específica para garantir direitos aos autistas foi aprovada e o TEA passa a legalmente se tornar uma pauta vinculada aos direitos humanos e civis, como demonstra o quadro 5.

Quadro 5 – Relação de marcos histórico-clínicos globais com impactos políticos no Brasil



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Nota-se, portanto, que no Brasil, o autismo ainda é uma disputa com marcos centralizados em âmbitos legais, antes mesmo das discussões mais amplas e abertas, trazidas às arenas sociais, o que naturalmente repercute com força na percepção social sobre o TEA e segue fundamentando os discursos.

Este contexto histórico que caracteriza o autismo, seja nos aspectos de classificação e diagnóstico clínicos, como nas políticas públicas e legais, também declara, enfim, impactos nas relações sociais dos sujeitos autistas e das suas redes socioafetivas, tornando-se visível nas pautas e produtos midiáticos com alguma força e interesse e me abre oportunidades, portanto, para as reflexões e discussões a respeito das práticas comunicacionais que emergem destas vivências.

Estes pontos implicam, inclusive, em discussões sobre os modelos e estudos da deficiência. Em síntese, o modelo médico, descritos por Gabel e Connor (2008), propõe tratar

as pessoas com deficiência e promover intervenções políticas baseadas na tríade: curar, corrigir e cuidar. No entanto, os estudos sobre a deficiência (*Disability Studies*) criticam o modelo pois o compreendem como paternalistas e opressores, tornando o sujeito refém de especialistas, e cuidadores, privando-os de sua agência e protagonismo. Mello, Nuernberg e Block (2014, p. 93), defendem que os estudos sobre a deficiência “vêm despontando como um sólido campo acadêmico interdisciplinar que pretende refletir, em suas mais variadas vertentes, sobre o fenômeno da deficiência a partir do uso de métodos e técnicas de pesquisas próprios das Ciências Sociais”.

Baseado nessa rota social, nos estudos sobre a deficiência e com o intento de desconstruir o modelo médico e as suas concepções redutoras e invisibilizadoras, que o modelo social da deficiência se consolida na década de 1970 como resultado das lutas desenvolvidas por pessoas com deficiência contra a segregação (SHAKESPEARE; WATSON, 2002). Desta forma, tanto o modelo social quando os estudos da deficiência têm como princípio a justiça social, a educação para todos os sujeitos e a redução de barreiras. Assim, Diniz (2003, 2007) compreende a existência da interdependência como condição humana e o cuidado como demanda de justiça social, sendo a primeira uma instância vivida por pessoas com ou sem deficiência e a segunda podendo ser necessitada e oferecida também por ambas. Isso culmina em uma nova perspectiva voltada para as vivências e experiências de cada sujeito, nas suas singularidades, e que considera a deficiência num contexto integrado com outros marcadores sociais das diferenças.

A partir da ótica do modelo social e da sua ampliação para o biopsicossocial, uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biológica, psicológica e social de um indivíduo, entendemos ser neste modelo que o autismo se localiza. Afinal, o autismo é então compreendido como uma variação no modo de ser e compreender o mundo, como uma diferença neurológica que constitui estes sujeitos, tal qual existem outras naturezas que pertencem aos respectivos indivíduos, como a raça, etnia e orientação sexual. A perspectiva então, conduz à questão da neurodiversidade.

Tais tensionamentos me importam na medida em que se observa a construção de novos significados para o autismo, pela apropriação destes elementos simbólicos que o constituem e contribuem para a uma ação social que nutre e alimenta o saber comum. Parece ainda despertar o interesse de parte dos sujeitos que convivem com esta realidade para atos que buscam discutir e agir de modo transformador, trazendo o autismo enquanto movimento para um espaço social mais amplo.

1.2. AUTISTAS E AS SINGULARIDADES NEURODIVERGENTES: A EMERGÊNCIA DE UM ATOR

*Nós somos todos habitantes neurodiversos do planeta,
porque não há duas mentes neste mundo
que possam ser exatamente iguais.*
Judy Singer

A ampliação no número de sujeitos diagnosticados autistas gerou, naturalmente, novas formações de grupos, sejam eles de pessoas autistas, de comunidades constituídas por componentes das suas redes socioafetivas ou ainda por especialistas e técnicos na área. A classificação do autismo mais recente, o TEA, que abre o transtorno em um espectro variado de níveis de comprometimento e que abriga desde os autistas severos àqueles que possuem mais autonomia, habilidades para realizar atividades do cotidiano, para interagir ou tomar decisões (autismo de alto funcionamento), também contribuiu para que os próprios sujeitos autistas passassem a constituir grupos e, nessas dinâmicas, a produzir suas demandas.

Contudo, nesta pesquisa, os vieses até então apresentados se tornam ainda mais específicos quando configuram uma movimentação em particular: a composta por sujeitos da neurodiversidade, por pessoas que compõem entre si um campo social, político, ideológico, cultural, também marcado por disputas, conflitos e suas demandas. Alguns destes sujeitos se autodeclararam ativistas pela neurodiversidade, outros não. Mas aqui, o que me interessa não é o ativismo em si, mas sim o sujeito social que se revela, fala, que enuncia suas demandas e declara a sua emergência enquanto um ator social.

Enquanto conceito, a neurodiversidade é um termo relativamente recente que apareceu em um registro oficial em 1998, em um capítulo escrito pela socióloga australiana e autista Judy Singer¹⁴ para um livro publicado pela *UK Open University Press*, cujo trabalho se baseou em sua tese pioneira, apresentada na *University of Technology Sydney*, fundamentando-se na teoria de que o autismo é um espectro, de Lorna Wing. O termo abriga a enorme gama de composições neurológicas que abrange todos os seres humanos e se refere a diferentes formas de existir, a partir da formação cerebral e neurológica.

Para mim, a chave do Espectro Autista reside na sua chamada e antecipação de uma política de Diversidade Neurológica, ou Neurodiversidade. Os Neurologicamente Diferentes representam um novo acréscimo às categorias políticas familiares de classe / gênero / raça e aumentam os insights do modelo social de deficiência.

¹⁴ Singer (2017) declara sentir-se especialmente autorizada a falar sobre a temática em função de sua vivência do espectro como autista, filha e mãe de autista (CARDIERI, 2018).

O surgimento da neurodiversidade leva a fragmentação pós-moderna um passo adiante. Assim como a era pós-moderna vê suas crenças mais sólidas diluírem-se no ar, até mesmo nossas premissas mais óbvias: que todos nós vemos, sentimos, tocamos, ouvimos, cheiramos e classificamos informações, mais ou menos da mesma maneira (salvo os deficientes visuais) está sendo dissolvida (SINGER, [1998] 2017, p. 9).

Em sua tese, Singer (1999) afirma que todos os seres humanos são “habitantes neurodiversos do planeta, porque não há duas mentes neste mundo que possam ser exatamente iguais”. Desta forma, para a autora, o conceito da neurodiversidade abriga todos os tipos de mentes e as suas diferentes configurações cerebrais, ou seja, indica que todos os indivíduos da sociedade são neurodiversos¹⁵, portanto, diz respeito a toda a população. Contempla tanto as pessoas consideradas neurotípicas (as que não possuem transtornos ou deficiências mentais), quanto às neuroatípicas ou neurodivergentes (com autismo, dislexia e outros transtornos). Isso posto, a teoria da neurodiversidade de Singer (1999) considera como únicos não somente os autistas, mas também cada ser humano em sua composição cerebral, sem a possibilidade de se estabelecer padrão de normalidade, ou seja: típico ou atípico, ambos são neurodiversos. Por isso, alerta ao risco equivocado de se atribuir como sinônimos os conceitos neurodiverso e pessoa com deficiência, visto que, quando ocorre, ao invés de simbolizar o potencial decorrente da “variação natural” humana, pode-se rapidamente reforçar um estigma de desvalorização do indivíduo e perder o poder como um “símbolo de união”. Obviamente (ROBISON, 2017) há de se considerar que as diferenças neurológicas podem também produzir deficiências, mas que, no entanto, são inseparáveis dos elementos positivos que elas fornecem.

A ideia presente na tese original de Singer (1999), por sua vez, estabeleceu um novo paradigma para o movimento pelos direitos das pessoas com deficiência, quando defende que as diferenças neurológicas (tanto do autismo como de outras desordens mentais) são características dos indivíduos, como algo que lhes pertence, confere identidade e, portanto, não passíveis de cura, mas que devem ser compreendidas, reconhecidas e respeitadas assim como qualquer outra categoria social de diferença (etnia, classe socioeconômica, orientação sexual, gênero e outras). Para a autora, procurar uma cura para o autismo implicaria assumir que o autismo é uma doença, não uma “nova categoria de diferença humana”. Enfim, assumir o autismo como diferença libera os indivíduos do desejo ou da necessidade da cura.

¹⁵ Na teoria de Singer (1999), o termo “neurodiverso” abriga todos os indivíduos e mentes, tanto as neurotípicas (que possuem condição neurológica considerado típica ou “normal”) quanto as neuroatípicas (com condições neurológicamente atípicas, diferentes). Já a qualificação “neurodivergente” é utilizada para definir os sujeitos neuroatípicos, com autismo ou outro transtorno neurológico).

Por isso, a neurodiversidade também pode ser analisada enquanto formação de um grupo social com pautas unificadas. Para Donvan e Zucker (2017), a origem deste movimento remonta a um manifesto intitulado “Não chorem por nós”, pronunciado pelo autista Jim Sinclair em um discurso na Conferência Internacional de Autismo em Toronto, em 1993. Fundador da primeira associação de autistas norte-americana, a *Autism Network International*, Sinclair (1993) propôs uma nova perspectiva para o autismo ao entendê-lo como um “jeito de ser” e proclamou que a revolta dos pais por não conseguirem acolher esse modo de existir dos seus filhos, lhes “feria a dignidade humana”. Alertou ainda que a “tristeza projetada sobre o autismo denunciava o desejo de cura, que era percebido pelos filhos como um lamento de sua existência” (CARDIERI, 2018).

Não se perde uma criança para o Autismo. Perde-se uma criança porque a que se esperou nunca chegou a existir. Isso não é culpa da criança autista que, realmente, existe e não deve ser o nosso fardo. Nós precisamos e merecemos famílias que possam nos ver e valorizar por nós mesmos, e não famílias que têm uma visão obscurecida sobre nós por fantasmas de uma criança que nunca viveu. Chore por seus próprios sonhos perdidos se você precisa. Mas não chore por nós. Estamos vivos. Somos reais. Estamos aqui esperando por você (SINCLAIR, 1993).

Com o objetivo de combater a opressão, fruto da valorização dos aspectos negativos do autismo, Sinclair (1993) direcionou seus esforços na defesa desta maneira de ser, cujo discurso reforçou o princípio de que “já que ser humano não requeria cura, o autismo tampouco precisava de cura. E não se devia propor nenhum esforço para fazer com que o autismo desaparecesse” (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 515).

À luz do testemunho de Sinclair e de outros autistas, a formação de grupos pela neurodiversidade tornou-se possível. Além destas vozes, Singer (1999) destaca outros fatores que também contribuíram com este fenômeno: a “influência do feminismo, que forneceu às mães a autoconfiança necessária para questionarem o modelo psicanalítico dominante que as culpava pelo transtorno autista dos filhos” (hipótese da “mãe geladeira”); a “ascensão de grupos de apoio aos pacientes e a subsequente diminuição da autoridade dos médicos”; o maior acesso aos recursos tecnológicos e à Internet, que facilitou a organização dos grupos e a “livre transmissão de informações sem mediação dos médicos”; e o “crescimento de movimentos políticos de deficientes, movimentos de autodefesa e auto advocacia de deficientes, especialmente de surdos, que estimulou a autorrepresentação da identidade autista” (ORTEGA, 2008).

Francisco Ortega, professor do Instituto de Medicina Social da UERJ (2008) e estudioso da neurodiversidade, explica que “em torno dos padrões autísticos de pensamento e de

interesses”, percebe-se o aumento do uso dos recursos tecnológicos e comunicacionais que “exprimem a ‘cultura autista’ no seio do movimento da neurodiversidade [...] e de *sites* que afirmam a identidade autista e celebram essa subcultura”. Isso tudo resulta em um fenômeno que possibilita e facilita a troca de informações sobre os mais variados aspectos do espectro, bem como a organização de redes de apoio, a interação entre autistas que esclarecem e atualizam, entre si, os elementos do próprio transtorno, compartilham suas vivências e experiências, além de mobilizarem seus discursos em vistas da promoção da conscientização.

A neurodiversidade é considerada, portanto, um movimento social em prol dos direitos civis, que nasceu do ativismo de autistas e que visa o reconhecimento destas minorias neurológicas. Nota-se, entre seus pleitos, a busca pela visibilidade, a participação política e um reconhecimento que resulte como consequência dos seus próprios enunciados, ou seja, indicam exercer um esforço para ocupar o lugar de fala de quem é autista, contrapondo padrões sociais qualificados até então apenas por agentes sociais de ordem técnica ou ainda por membros de suas redes socioafetivas. Juntamente com este percurso, foi disseminada a ideia de que as divergências cerebrais que caracterizam um indivíduo como neurodiverso se referem a percepções de mundo diferentes e dignas de aceitação e respeito (ORTEGA, 2008).

Nesta busca pelo *empowerment* da cultura autista, surge em 2005, por iniciativa da organização americana *Aspies for Freedom*, o “Dia Mundial do Orgulho Autista” (*Autistic Pride Day*), que, inspirado no Dia do Orgulho Gay, é festejado no dia 18 de junho como celebração da neurodiversidade dos autistas.

No Brasil, os grupos autistas, pais, familiares e amigos de pessoas autistas, aderiram a estas movimentações e, desde então, a data tem se popularizado. Num cenário histórico em que a comunidade do autismo vivencia conflitos ideológicos entre profissionais, familiares ou organizações que defendem diferentes pautas (modelos terapêuticos, percepções, formas de intervenção, entre outros), observou-se aquilo que Ortega caracterizou como “*autism wars*” ou guerras do autismo no Brasil. Foi na década de 2010 que o ativismo autista apareceu no país em meio a um cenário de divisão entre a comunidade, com demandas particulares e perspectivas específicas, incluindo a neurodiversidade. Além dos grupos terapêuticos ou ainda os de pais e familiares, já existentes, os autistas também passaram a formar e/ou ocupar estes espaços e organizações. As associações passaram a ter e reforçar a necessidade da participação de autistas em seus coletivos, como o MOAB (Movimento Orgulho Autista Brasil), a Abraça (Associação Brasileira para Ação pelos Direitos das Pessoas Autistas) e a Reunida (Rede Unificada Nacional e Internacional pelos Direitos dos Autistas). Desde então a representatividade e visibilidade no ativismo autista aumentaram.

Neste contexto, na obra *NeuroTribes – the Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*, Silberman (2015) sugere que a neurodiversidade seja pensada como “tribos”, visto que a diversidade neurológica comportaria uma ampla variedade de padrões de raciocínio e funcionamentos cerebrais. Assim, os adeptos das tribos de Silberman utilizam o termo “neurotípico para definir o que é alheio ao mundo do autismo e se aventuram a adotar outros referenciais relativizando as percepções e fazendo deslocar a fixidez dos parâmetros da maioria – que costumam ser tomados como únicos e corretos” (CARDIERI, 2018). Com o princípio de que o autismo, portanto, não deveria ser eliminado, mas considerado como uma diversidade neurológica, Silberman (2015, p.470) declara:

Os defensores da neurodiversidade propõem que, em vez de encarar esse dom como um erro da natureza – um quebra-cabeça a ser resolvido e eliminado com técnicas como testes pré-natais e aborto seletivo –, a sociedade deve considerá-lo uma parte valiosa do legado genético da humanidade e melhorar os aspectos do autismo que podem ser profundamente incapacitantes sem o apoio adequado. Eles sugerem que, ao invés de investir milhões de dólares por ano para descobrir, no futuro, as causas do autismo, deveríamos estar ajudando autistas e suas famílias a viverem mais felizes, mais saudáveis, mais produtivos e mais seguros no presente.

Porém, a questão da neurodiversidade, desde a sua propagação e surgimento dos grupos e delas decorrentes, é alvo de controvérsia e passível de críticas quando, na perspectiva clínica ou médica da deficiência, que patologiza os cérebros humanos que divergem dos considerados típicos, considera que estes órgãos que apresentam as condições médicas poderiam e deveriam ser tratados (FEINSTEIN, 2017). A crítica ao paradigma da neurodiversidade se baliza no fato de que o seu recorte deveria excluir as pessoas cujo nível de comprometimento ou grau de funcionamento físico ou cognitivo é severamente debilitado e que, portanto, a teoria estaria demasiadamente abrangente ou generalizada, privilegiando apenas os indivíduos neurodivergentes de graus mais brandos (JAARSMA & WELIN, 2011).

Ortega (2008) evidencia que um dos pontos mais conflitantes nesta disputa se refere à terapia cognitiva de Análise Comportamental Aplicada - ABA (*Applied Behavior Analysis*), um dos poucos métodos cientificamente comprovados para tratamento do autismo e que, para muitos pais, constitui a única alternativa de aprendizagem e treinamento para que as crianças autistas progredam no estabelecimento de contato visual, em tarefas cognitivas ou atividades sociais. Para os ativistas da neurodiversidade, o ABA pode reprimir a forma natural de expressão dos autistas (DAWSON, 2004), causando sofrimento ao indivíduo. Contudo, a perspectiva causou conflito para os pais que disputavam judicialmente apoio do governo ou dos seguros de saúde para o subsídio e custeio público destas terapias.

Ainda na década de 2010, passa a existir outro aspecto contraditório à ideia da neurodiversidade. A expressão antineurodiversidade, mesmo que pouco sólida enquanto teoria, surge como forma de indicar negação ao conceito da neurodiversidade ou ainda como um fenômeno de oposição. A crítica está fundamentada na questão da representatividade, ou seja, no fato de que a mobilização pela neurodiversidade é constituído majoritariamente por “autistas leves” ou de nível 1 (com poucas dificuldades sociais) e que, portanto, seus discursos e demandas não representariam o amplo espectro do autismo. Além disso, que tais pautas defendidas prejudicariam os indivíduos com mais dificuldades sociais, no sentido de que, se por um lado os então “autistas leves” se posicionam por uma percepção do transtorno genuinamente definida em reconhecimento ou aceitação, os “autistas severos” poderiam ter dificuldades em garantir o acesso às intervenções de suporte para vida.

Recentemente, em 2019, Judy Singer se posicionou de forma a concordar com verdades presentes nessas críticas, especialmente sobre a predominância dos ditos “autistas leves” à frente desta mobilização. Há de se considerar, ainda, que tal ausência também pode se dar pela própria condição do autista em maior nível de comprometimento no espectro, o que impacta diretamente as suas habilidades comunicacionais, relacionais e, conseqüentemente, a sua participação ou articulação coletivas. Porém, a autora e outros estudiosos adeptos à teoria da neurodiversidade (KAPP, 2020; BAILIN, 2019; ROBISON, 2017) defendem que a valorização e respeito às diferenças neurológicas não significam negar a realidade das deficiências e tornar a compreensão deste modelo social incompleta ou reduzida. Ou menos ainda negar tratamentos adequados a trazer melhores condições de vida aos indivíduos. Por outro lado, a autora reforça que a tentativa de ampliar o entendimento de que o autismo e outras variações neurológicas (dificuldades de aprendizagem, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, etc.) podem ser deficiências, mas não falhas ou ainda uma “versão incompleta” de pessoas típicas e com a sua personalidade reduzida, surge como mecanismo de abertura de perspectiva. Este outro modo de ver, portanto, pode resultar na redução do estigma, em melhores acomodações do modelo neuroatípico e, enfim, na ampliação de uma vida significativa para estes sujeitos, nutrida pelo reconhecimento que emerge da verdadeira compreensão destes significados simbólicos. Trata-se de entender que, se o ambiente social não acomoda as necessidades e comportamentos de um indivíduo com deficiência, este pode se tornar desativado socialmente.

Singer (2017) discutiu ainda o fato de que uma comunidade neurodivergente pode sofrer opressões justamente pelas suas diferenças e dificuldades de expressão e comunicação. Observou que, como cada autista tem a sua forma de interpretar a realidade e de se expressar, há o risco de ocorrer invalidações das experiências dos outros sujeitos. Concluiu ainda que a

neurodiversidade não representa um conceito moral, formado apenas por pontos positivos que devem ser reconhecidos, desprezando-se a sua face “negativa”, bem como que há certa dificuldade em se definir a fronteira existente entre o que é neurodivergência e o que é prejuízo. Há, portanto, de se observar os dissensos existentes na compreensão desses limites por parte dos ativistas que representam este grupo. Destaca, enfim, que a neurodiversidade não apaga a deficiência, mas busca defendê-la como algo natural, recorrente em todas as comunidades biológicas, em um mundo que se fundou sobre bases muito capacitistas e que ainda define a deficiência como algo antinatural, a ser corrigido ou combatido.

[...] É por isso que a ideia de neurodiversidade soa tão escandalosa, porque se a gente tem uma sociedade em que pessoas com deficiência são tão indesejáveis, quando a gente escolhe afirmar que uma deficiência é uma coisa natural, as pessoas não vão reagir bem a isso. E essa mesma sociedade capacitista cria um distanciamento entre o que é funcional, entre os indivíduos que são funcionais e para ser mais exata, produtivos, e aqueles que não são produtivos, que não tem uma vida “funcional”. Isso compromete muito a ampliação de uma rede de apoio que é necessária para que a gente alivie um pouco a exaustão que muitos familiares e muitos cuidadores de pessoas autistas de fato sentem quando as suas necessidades não são atendidas (ABREU; CARDOSO, 2021)

Entendemos que o reconhecimento destas nuances e condições, entretanto, pode contribuir com avanços no acordo de quais são as opressões vividas pelos neuroatípicos e como elas interferem nas suas vidas. Compreender de onde partem estes questionamentos, consensuais ou não, de onde surgem estas vozes a favor ou contra a neurodiversidade e de quem são as mesmas, são pontos importantes para o entendimento de como estas mobilizações se articulam.

Pelo enfoque da neurodiversidade, “não patologizar” o autismo (BAILIN, 2019) não significa acreditar que pessoas autistas não têm deficiências, mas não ter como premissa que suas diferenças neurológicas e comportamentais sejam sempre encaradas como problemas que devessem ser resolvidos ou normalizados. Nessa perspectiva, além de um conceito que defende esta pluralidade neurocognitiva de toda uma sociedade, apoiados em Singer (1999), entendemos que a discussão sobre a neurodiversidade não parte da ordem das ciências biológicas, mas primeiramente de uma questão política e, por isso, se estabelece como luta social. Defendemos ainda se tratar de abordagem que abre possibilidades de aproximação do seu enfoque aos de formação de identidade, comunidade e resistência, de redes de sociabilidade, bem como da constante negociação pública.

Isso posto, compreendidas as percepções da neurodiversidade até então como conceito ou ainda como formação de grupos que se mobilizam pela unificação de pautas, identificamos que o termo pode ainda ser concebido, portanto, como um modelo (ABREU, 2021; 2022), ou

seja, a partir de um entendimento filosófico que sustentaria este movimento. O modelo da neurodiversidade se constitui, então, pelo esforço de se questionar a existência de uma configuração cerebral padrão ou como desejável pela sociedade, como uma forma de radicalização da teoria da neurodiversidade de Singer (ABREU; CARDOSO, 2021).

Até aqui percebemos, então, um percurso que parece agenciar uma pauta, um esforço de ressignificação do autismo a partir das definições e das singularidades vivenciadas e expostas por grupos com demandas comuns, que são os próprios sujeitos neurodivergentes. Ocorre um tom de reposicionamento conceitual, que nasce na perspectiva das ciências biológicas, nos estudos da mente humana, mas que, agora, pelos esforços dos próprios sujeitos que protagonizam estas vivências, se ancora em um agir social e político. Isso explica, inclusive, a construção teórica proposta por Judy Singer para a neurodiversidade, anunciada por ela principalmente como “luta social”.

É daí que brilha o interesse pela discussão, na trajetória do autismo que parte de uma doença e se modifica num caminho de transformação da sua valoração simbólica, demandada pelos próprios sujeitos atípicos. Isso tudo ainda associado a um contexto contemporâneo, em um campo de disputas e conflitos não apenas científicos, mas, como dito, ainda mais social, político, ideológico e cultural, inclusive internamente, entre os próprios sujeitos que o mobilizam.

É nesse ponto, portanto, que o contato com o objeto de análise desta pesquisa ganha sentido e o percurso metodológico se constrói e, por si só, define sua rota. Cabe a mim, enquanto pesquisador, o interesse e o respeito por ele. Compete a mim assumir uma postura sensível para poder compreendê-lo e encontrar suas pistas, decifrar o mapa, seguir o rizoma. Por isso deparo-me com a cartografia, mais como uma abordagem do que um método, pela tensão que se estabelece em cada encontro com o material pesquisado e que, ao longo do percurso, vai revelando algumas das emergências deste fenômeno. São nesses encontros que fazem latejar em mim questões que seguem em mudança, em curso: como as demandas, os agenciamentos e os discursos enunciados por autistas em seus arranjos comunicacionais, no *Instagram*, mobilizam suas vulnerabilidades e condições de reconhecimento de sua autonomia? De que forma o processo cartográfico e afetivo pode percorrer a produção destas subjetividades, suas singularidades e recorrências, e as táticas utilizadas por sujeitos neurodivergentes na reorganização de significados? E ainda e como ocorrem estes agenciamentos que ativam ou alteram os quadros normativos e produzem novas condições de autonomia e reconhecibilidade às suas vidas?

2. QUESTÃO DE MÉTODO: CARTOGRAFAR O ATIVISMO NEURODIVERGENTE

*Tudo o que é percebido e tem caráter
sensível é algo que nos atinge.*
Walter Benjamin (1985)

2.1. A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

Para justificar o encontro com esta abordagem metodológica, a cartografia, e consequentemente a compreensão do sentido de seguir ancorado nela, precisei voltar ao ano de 2011, quando nasceu o Davi, meu filho.

Davi nasceu numa tarde de quarta-feira, com tudo planejado. Ao nascer, num parto cesariana, levantou o braço e abriu bem os dedinhos, como se quisesse tocar algo. Encontrou o rosto da sua mãe, minha esposa Rafaella, e alguém registrou a primeira imagem da nossa família, ainda na mesa de cirurgia. A partir desse dia, comecei a tatear o autismo, mesmo ainda sem poder me dar conta. Ainda na maternidade, notei que meu filho não conseguia dormir. A primeira noite da vida dele foi nos meus braços, passeando pelos corredores do hospital enquanto a Rafaella se recuperava da anestesia. Eu queria conhecê-lo e via que o que ele queria era aprender a viver neste mundo, pois não dormia. Era lindo, saudável e com todos os marcadores clínicos em perfeita ordem. Podíamos ir para casa.

A questão é que o Davi permanecia acordado, dias e noites, e a explicação que recebíamos era a mesma: que precisaríamos nos adaptar; que logo ele iria dormir; ou que tudo iria se acalmar com o tempo. Tínhamos uma criança adorável em nossos braços, queríamos experimentar tudo que viesse dela, mas a ausência de sono consumia a todos nós, especialmente a ele próprio, que ficava intranquilo. O Davi brincava, sorria, era muito carinhoso e com um ano começou a andar. Ele tinha uma preferência quase que inegociável pelo contato restrito a nós, os pais. Percebíamos que havia um interesse por tudo o que era da cor vermelha, pelas embalagens dos brinquedos e ainda por um catavento, que inclusive virou tema do seu primeiro aniversário. Ele ainda não dormia. Emitia alguns sons, como murmúrios, mas não falava. Comunicava-se conosco por apontamentos ou utilizando-nos como instrumentos para alcançar ou conseguir o que precisava. Estávamos nós, seguindo uma rota direcionada pelo autismo, sem ainda tê-lo reconhecido.

Numa mistura de descobertas, com amor imensurável pelo nosso filho, sentíamos que algo era diferente. Buscávamos respostas e não as encontrávamos. Quando o Davi completou 18 meses, assistimos inusitadamente uma reportagem sobre autismo, na TV, e percebemos nitidamente, com muita segurança, que todos aqueles traços e comportamentos mostrados pertenciam ao nosso menino. Enfim, foi inevitável reconhecer que se tratava do autismo. Após um breve estágio de paralisação e medo, vimo-nos imersos nos conteúdos disponíveis em páginas da internet, descobrindo a existência de comunidades de apoio nas redes sociais digitais, assistindo filmes, documentários e séries sobre o tema. Buscamos apoio médico e terapêutico que pudessem trazer os estímulos necessários para as demandas de desenvolvimento cognitivo e comportamental do Davi. Então o percurso passou a ser roteirizado com um pouco mais de nitidez, passamos a compreendê-lo com outro significado. Mas em mim havia uma inquietação maior, para além das definições clínicas, mas que envolvia o papel social do meu filho e de tantos que ele representa. Nesse contexto comunicacional, social, cultural e político, eu me perguntava: o que o autismo representa? De que forma eu devo compreendê-lo? Quais são suas demandas?

Hoje entendo que eu já havia iniciado um percurso cartográfico, não com a pretensão de encontrar respostas ou modelos certos que definissem o Davi ou outra pessoa autista, mas porque queria me comunicar com esse universo e entender sobre ele, afinal, a minha vida era pautada por essa experiência. Nascia o gosto por este encontro, que crescia ao ponto de se tornar urgente o pensar sobre ele. Passei a observar rostos, famílias e as suas atitudes, vi-me tocado pelas diferenças e atento às suas vulnerabilidades, interessado pelas singularidades. Perambulava neste universo. Percebi-me igualmente vulnerável no percurso, abandonando as minhas expectativas e as que tinha criado para o Davi, larguei um tanto daquilo que achava que sabia ou controlava, mas me vi muito mais interessado nas paisagens que agora eu podia enxergar, antes naturalmente invisíveis.

Encontrei na pesquisa um espaço para me comunicar com esta experiência e buscar compreendê-la. O Davi tinha 4 anos quando iniciei o mestrado em comunicação e linguagens, em 2016. Nesta fase acompanhei diferentes comunidades digitais do *Facebook*, formadas por sujeitos pertencentes às redes socioafetivas de autistas em busca de reconhecimento e ressignificação do transtorno (RIES, 2018)¹⁶. Era este o meu lugar, eu sou parte da rede

¹⁶ Referência à pesquisa de mestrado intitulada “As interações comunicacionais em comunidades *online* sobre autismo: conexões em busca por reconhecimento”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, finalizada em 2018 (RIES, 2018).

socioafetiva de um autista. Era também o lugar de tantos outros pais, familiares ou responsáveis por pessoas neuroatípicas que utilizavam o espaço de conversação civil disponível nas redes sociais digitais como ponto de apoio dialógico, informacional ou de qualquer outra natureza. Encontrei, direcionado à análise das práticas comunicacionais exercidas nas páginas do *Facebook* observadas, uma forma de luta por reconhecimento do transtorno, bem como de ressignificação dos seus atores sociais, ou seja, daqueles que convivem com autistas. Aproximados os aspectos enunciados por estes atores em suas experiências, lutas e lugares de fala, notei ainda a constituição dos elementos formadores de um capital social na rede digital, bem como as esferas do reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003) que, juntos, puderam culminar na ampliação da expectativa da constituição de novos padrões e, por sua vez, com a ressignificação do autismo.

Ao final deste processo, mas ainda nele, comecei a acompanhar e me interessar por um dos possíveis desdobramentos: a presença de autistas adultos nas redes sociais digitais e a produção de um conteúdo ativista, com enunciados de possíveis demandas ligadas à constituição de novos padrões sociais, produzidos por um grupo crescente e mobilizado pelos próprios sujeitos neurodivergentes. Esse fenômeno brilhou e se anunciou, ou seja, pareceu ser, para mim, uma interessante rota que poderia contribuir com meus anseios de pesquisador. Eu a respeitei. Percebi a possibilidade de entender como se dá a produção e o reconhecimento de demandas neurodivergentes nas redes digitais. Havia ainda a inscrição da problemática em sua dimensão comunicacional e, portanto, relacional, já que pressuponho a existência de instâncias sociais que produzem demandas por parte de sujeitos neuroatípicos, tal qual existem formas de reconhecê-las. A partir deste ponto, em 2019, iniciei a pesquisa e a construção desta tese. Comecei relendo os diários da minha esposa Rafaella desde o nascimento do Davi, as histórias, os marcos e as suas emoções que diariamente neles depositava. Novamente constato, hoje, o quanto havia de esforço cartográfico sendo desempenhado.

Por isso entendo que narrar esse histórico, bastante pessoal, é determinante para justificar a escolha da cartografia como abordagem metodológica para este desdobramento de pesquisa. Não tenho a pretensão de encontrar uma verdade supostamente capaz de representar o autismo para o mundo ou ainda uma “realidade neurodivergente” baseada no meu repertório. Pretendo apenas, ante a tudo isso, ouvi-los, afetado sensivelmente, para seguir as conexões que esta rede de autistas ativistas efetiva e, nela, entender quais são as possíveis produções de verdade ativadas nessas relações, que ocorrem de forma circunstancial, neste período, na produção de uma sensibilidade fruto desta investigação. Assim, ao cartografar, busco identificar quais são as demandas, agências e arranjos neurodivergentes que se formam e são enunciados

por seus sujeitos. Carrego comigo, neste percurso cartográfico e atento ao que brilha no material empírico, a presença de uma importante marcação que direciona a análise para uma emergência de um ator coletivo, bem como a legitimação das falas dos sujeitos neurodivergentes, as enunciações destes autistas declarados ativistas ou não.

Cabe ainda destacar que esta pesquisa não iniciou com métodos pré-definidos, mas teve uma construção teórico-metodológica revelada no percurso, com teorias e abordagens conhecidas durante este trajeto, acompanhada de incertezas, adaptações e, naturalmente, por alguns desvios que a constituíram.

2.1.1. Seguir o rizoma

A proposta de tratar a verdade como produção e não como um estado das coisas me cativou. Assim, seguir as conexões tornou-se a possibilidade de se compreender que tipos de mundos são produzidos a partir dos enunciados, demandas, agenciamentos e arranjos dos sujeitos autistas, em suas páginas de redes sociais digitais.

Para a tarefa de atuar frente às interpretações das realidades sociais, afastando-se dos projetos que priorizam os modelos estatísticos, o tipo de pesquisa definido é de caráter qualitativo, cujo dispositivo metodológico deve respeitar a complexidade dos fenômenos sociais, a partir de um olhar acadêmico mais flexível, como ocorre com a cartografia.

De todo modo, a opção pela cartografia como método de organização e escrita textual é proveniente dos caminhos reflexivos abertos por dois pensadores franceses, o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari, que deram origem ao conceito de rizoma e, fruto dele, à cartografia. Por isso, considero importante uma breve retomada histórica deste percurso.

Deleuze e Guattari (1995) propuseram este modelo como um “caminho errante” de investigação, cuja abordagem sugere uma aproximação entre sujeito e objeto, um olhar mais amplo sobre a subjetividade, como um método interessado em acompanhar processos de produção, como possibilidade de acompanhamento daquilo que não se curva à representação. Por isso, novamente, em vez de representar os objetos, a cartografia se apresenta como um método dedicado aos processos de produção e traz, como premissa básica dessa abordagem, o distanciamento quanto à definição de um corpo fechado de regras para ser aplicado enquanto técnica de coleta de dados (KASTRUP, 2007).

Mesmo com trajetórias diferentes, os dois pensadores franceses se encontraram no final da década de 1960 e compuseram um diálogo frutífero com a publicação, em 1972, do livro *O*

Anti-Edipo (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Nesta primeira obra, anunciaram outro entendimento para a realidade, comparado ao modelo de inconsciente postulado por Sigmund Freud¹⁷. Contestam, então, a ideia de estrutura universal de Freud, entendida como se a humanidade encenasse, desde os seus primórdios, o mito de Édipo¹⁸ na construção não apenas das relações familiares, mas também na constituição do psiquismo e da cultura. Deleuze e Guattari não refutaram completamente este modelo, afinal concordavam com a existência das estruturas, porém, não de maneira universal, explicadoras de tudo. Por outro lado, os franceses propuseram um pensamento voltado à conexão, à produção contínua, o que denominavam de processos maquínicos, ou seja, máquinas conectivas e contínuas.

O que chamamos de maquínico é precisamente essa síntese de heterogêneos enquanto tal. Visto que esses heterogêneos são matérias de expressão, dizemos que sua própria síntese, sua consistência ou sua captura, forma um enunciado, uma enunciação propriamente maquínica. As relações variadas nas quais entram uma cor, um som, um gesto, um movimento, uma posição, numa mesma espécie ou em espécies diversas, formam outras tantas enunciações maquínicas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.143).

O “inconsciente maquínico”, portanto, foi o conceito proposto para o repensar da subjetividade humana através das sínteses que ele opera. Desta forma, defenderam que a realidade não é uma estrutura universal, mas sim um processo de contínua conexão, ou seja, de contínua produção. Assim, ao invés de uma estrutura universal que impõe a realidade às coisas, Deleuze e Guattari preferiram os processos maquínicos, os agenciamentos, as conexões e os arranjos, os quais denominam “desejantes”. É então por investirem no conceito de produção contínua que chegam às conexões rizomáticas e, conseqüentemente, na ideia de rizoma, apresentado no primeiro capítulo da coleção *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1995), obra dividida em cinco volumes (SIMONINI, 2019).

Como dito, a compreensão da perspectiva conectiva da realidade é fundamental para se entender a lógica dos rizomas para os pensadores franceses. Simonini (2019) explica que a realidade, para eles, não é algo que está para fora, na espera por ser decifrada, mas sim um

¹⁷ Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista e importante psicanalista austríaco. Foi considerado o pai da psicanálise, que influenciou consideravelmente sobre a Psicologia Social contemporânea (FRAZÃO, 2020).

¹⁸ Roudinesco (2008, p.281) resume da seguinte forma essa questão: “Freud considerava que o complexo de Édipo estava inscrito no âmago da personalidade humana e que sua estrutura triangular verificava-se nas mais diversas culturas. Em sua forma positiva tinha a ver com o desejo de morte em relação ao rival do mesmo sexo e com o desejo sexual pela pessoa do sexo oposto; em sua forma negativa, com o amor pelo progenitor do mesmo sexo e com o ciúme em relação ao progenitor do sexo oposto. Nessa perspectiva, a estrutura triangular do complexo obtinha eficácia da proibição do incesto. Dito de outro modo, essa proibição era, para Freud, a condição de toda cultura: o incesto era um fato antissocial ao qual a humanidade tivera que renunciar para poder existir”.

processo de produção. Nesta perspectiva, não existe um mundo pronto, mas um mundo inventado ou produzido nas relações. Relações que, por sua vez, estabilizam-se, constroem padrões e inclusive configuram estruturas, porém, não universais. A realidade, portanto, enquanto produção ou agenciamento maquínico é formada por relações de diferentes espécies que não precisam necessariamente ter semelhança espacial ou temporal, ou seja, por elementos que podem ser de diferentes propriedades ou arranjos, mas que entram em conexão, produzindo algo novo, uma possibilidade inédita de mundo. É assim que se configura, para Deleuze e Guattari (1995, p.11-13) o rizoma¹⁹, como metáfora de uma escrita que contemple o múltiplo a partir de alguns princípios que, para esta pesquisa, convergem com os princípios do estudo aqui proposto. Nesta concepção rizoma é discurso.

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. (...) Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (...) Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, enter-ser, intermezzo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32, 37).

Os pensadores franceses trazem da botânica o conceito de rizoma, compreendido nesta área como um caule modificado, subterrâneo no todo ou em parte, de crescimento horizontal, que serve como reserva alimentar para a planta. A função deste rizoma, por sua vez, é conectiva, pois como nos gramados, suas tramas tecem conexões. Assim, na perspectiva rizomática, o conceito de realidade para os pensadores não prevê a transcendência ou algo que está para fora do mundo ou é independente desta trama. Por outro lado, tudo que emerge desta vida, inclusive as noções mais complexas, só é possível na trama rizomática, nestas conexões que produzem realidade, construídas em conjunto. Enfim, entendem o rizoma como a trama da realidade. Deste rizoma brotam-se árvores, aprofundam-se as raízes, mas não há nele nenhuma raiz que seja afundante ou um ponto central, de essência determinante, mas a eminência das conexões e da produção contínua de novos arranjos (SIMONINI, 2019).

¹⁹ A ideia de rizoma baseada em Deleuze e Guattari (1995), em Introdução: rizoma (p. 11-28).

Deleuze e Guattari (1995) trazem alguns princípios do rizoma, em *Mil Platôs*, mas que aqui os apresento de modo a relacioná-los com o objeto desta pesquisa.

A (1) conexão e a (2) heterogeneidade indicam que o rizoma conecta atos e coisas diferentes, de forma dispersa pois cresce e se movimenta de maneira descentrada e de forma heterogênea.

1º e 2º - Princípios de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. [...] Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. *Os Agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. [...] Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos. [...] Há sempre algo de genealógico numa árvore, não é um método popular. Ao contrário, um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14-15).

Os links na internet, as publicações, as marcações ou interações nas redes sociais digitais são exemplos de conexão e heterogeneidade. Assuntos, palavras, imagens, pessoas, acontecimentos, instituições, a indústria, o comércio, as relações sociais ou políticas, as noções de futuro, a saúde e as fantasias, podem ser ligados entre si sem precisar ser semelhantes ou respeitar nenhuma ordem ou regra pré-estabelecida, mas são relacionadas às redes de processos que são colocados em atividade e em ação.

Já a (3) multiplicidade compreende as dimensões de um rizoma e indica que quanto maiores forem as conexões, maior será sua dimensão, bem como o contrário, e ainda é tratada enquanto o sujeito que atravessa seus objetos alterando-os.

3º - Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. [...] Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Desta forma, um enunciado é exposto na plataforma digital graças ao sujeito que a publicou, mas este só permite que esse conteúdo seja lançado à rede às vistas dos outros componentes, ao preço do próprio movimento de também o fazer.

O próximo movimento é o princípio da (4) ruptura assignificante, que indica que o rizoma pode ser rompido em qualquer ponto sem que se desintegre, mas que, ao contrário, é capaz de abrir múltiplos caminhos a partir de suas interrupções.

4° - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

De tal modo, se perfis de sujeitos neurodivergentes, por exemplo, forem excluídos da rede social digital e da rede ativista, ou ainda modificados ou deixarem de ser usados, a rede continuará, não será interrompida e ainda essa ausência poderá permitir novas conexões ou caminhos.

Enfim, os princípios da (5) cartografia e da (6) decalcomania propõem que, se o rizoma é uma rede, se é formado por linhas e processos que se conectam, ele portanto forma um mapa destas conexões. Portanto, cada encontro, cada arranjo produz um mapa singular. Assim, a realidade não é algo acabado justamente porque o mundo não está acabado, ou seja, a qualquer momento devem surgir fatos e conexões que poderão ativar novos e vários arranjos, promovendo diferentes acontecimentos, mundos, outra realidade. Daí provém a noção de se mapear as conexões inéditas desse novo mundo. Assim, o princípio é da cartografia justamente porque não pode ser decalcado, imitado por uma representação.

5° e 6 ° - Princípios de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. [...] Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma

meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas [...] Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo". Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida "competência" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20-21).

Um mapa de uma constelação de sujeitos que militam pelo reconhecimento da neurodiversidade tem, portanto, múltiplos arranjos e agenciamentos, entradas e saídas, rupturas e entraves, mas também aberturas para diversos encontros e usos. Complementarmente, a autora Suely Rolnik (1989, p.15) explica que os geógrafos consideram que "a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem".

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – uma perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fizerem necessária (ROLNIK, 1989, p.15-6).

Pela perspectiva afetiva, Rolnik (2014) explica que cartografia tem como eixo de sustentação a invenção e a implicação do pesquisador, uma vez que ela se baseia no pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham. Assim, o interesse se sustenta não nas respostas, mas nos itinerários, na atitude de se mapear territórios atentando-se às experiências que estão relacionadas ao problema e à força dos encontros gerados.

Percebo a importância destes princípios para o norte desta pesquisa, bem como a presença desta força rizomática pois, mesmo que em alguns momentos o foco do olhar se dê para um determinado processo e na produção de sentido do que é observado, logo se conectam outros processos e se abrem novas produções, suscitadas da nova conexão e (re)construindo o mapeamento. Assim, o rizoma deixa de ser um conceito ou ainda transcende esta natureza e se torna um modo de pensar os movimentos da pesquisa.

Para Deleuze e Guattari (1995), se a realidade é rizomática, ela não terá um ponto de essência, fundante e que apresentará “a verdade” do mundo. A verdade, portanto, não existe de forma independente desta produção de conexões feitas justamente para produzi-la. São, portanto, efeitos de verdade que constroem um percurso, um caminho que se possa percorrer.

O trajeto desta pesquisa se orienta pela cartografia justamente porque ela pressupõe o abandono da noção da realidade como representação, ou seja, do suposto “ponto de vista sobre a realidade neurodivergente”, ou de se alcançar a sua “verdadeira reapresentação perante o

mundo”, com base nos conhecimentos ou repertório do pesquisador. Por outro lado, entendo que na pesquisa cartográfica, mais importante do que “achar a verdade”, é seguir o rizoma, as conexões, a rede, para entender quais as produções de verdade foram ativadas nas respectivas relações e alianças construídas, sempre de forma circunstancial, que conseqüentemente funciona num determinado período, nesta investigação. Por isso a proposta de Deleuze e Guattari de tratar a verdade como produção e não como um estado das coisas me cativa. Assim, seguir as conexões torna-se a possibilidade de se compreender que tipos de mundos são produzidos a partir dos enunciados dos sujeitos autistas em suas páginas em redes sociais *online*. Fazer esta pesquisa de forma cartográfica é seguir as malhas destes rizomas, a trama das conexões promovidas pela neurodiversidade e os seus arranjos. Portanto, entendo que não tratarei de uma pesquisa com metodologia fechada, mas por outro lado, diante do objeto apostarei na postura interessada no processo e nas produções de realidade com as quais irei me deparar. Afinal, mais do que representar objetos, tratarei de seguir processos (KASTRUP, 2009). Pela cartografia, terei a oportunidade de exercer um “trilhar metodológico que visa a construir um mapa (nunca acabado) do objeto de estudo, a partir do olhar atento e das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares” (ROSÁRIO, 2016, p. 183).

As ferramentas metodológicas, portanto, podem ser escolhidas e utilizadas em decorrência do processo cartográfico para se dialogar com o campo de pesquisa. A leitura conectiva, feita com o uso da(s) ferramenta(s), é que irá configurar o percurso cartográfico, o acompanhamento dos diferentes processos e a combinação dos efeitos presentes no campo. Nesta perspectiva, é a partir do pesquisador, de quem segue a trama e é ativado por suas composições, que a pesquisa acontece. Por isso a cartografia invalida a universalidade, a qual não se pretende ou almeja, visto que cada pesquisador, frente ao mesmo objeto, será ativado e movido para conexões e compreensões distintas, para invenções e composições de mundo dos diferentes encontros do cotidiano.

2.1.2. Pensar por constelações e interações

Definida a opção de uma perspectiva rizomática, proposta por Deleuze e Guattari (1995) como abordagem metodológica, deparei-me ainda, no percurso da pesquisa, com uma noção complementar do pensamento cartográfico, proposta por Walter Benjamin (2009, 2013), a

respeito das “sensibilidades investigativas” para que fosse possível o exercício de “pensar por constelações” decorrentes de interações comunicativas.

Para Beatriz Sarlo (2015, p.35), o método de Benjamin se dedica a uma observação dedicada ao detalhe, ou seja, um pensamento guiado por “seu olhar fragmentário, não por renunciar à totalidade, mas por procurá-la nos detalhes quase invisíveis”. Deste modo, o encaminhamento benjaminiano para o desenvolvimento das sensibilidades investigativas não se prende às recorrências e regularidades, ou seja, a algo que pareça ser estrutural, mas atenta-se sensivelmente aquilo que surge como estranho, excepcional, mas que, embora sendo experiências individuais e parciais, possam informar um significado geral.

Percebi que esse modo sensível de pensar, servir-me-ia de instrumento para investigar e registrar detalhes importantes, por vezes discretos, mas que poderiam ser fundamentais para a compreensão de possíveis urgências da pauta neurodivergente. O meu exercício passou a ser o desejo de enxergar as demandas a partir do brilho que decorre dos enunciados particulares dos sujeitos atípicos observados, mas que de algum modo ainda iluminam os outros, pois os representam, pertencem a eles e, desse modo, interligam-nos, agrupam-nos como constelações.

Por “constelação”, Benjamin designava a relação entre os componentes – as estrelas – de um conjunto – as linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar -, relação essa que se define não apenas pela proximidade entre as estrelas, mas também pela possibilidade de significado que o conjunto adquire, o sentido que lhe pode ser atribuído (VELLOSO, 2018, p. 101).

Notei, no entanto, que o que brilha nem sempre cintila, mas que mesmo sem ofuscar pede para ser visto, quer ser visto. Passei a buscar apontamentos que iluminassem o processo investigativo e que trouxessem possibilidades de relações de significados conjuntos entre os componentes do objeto empírico da tese, na medida em que dialogavam com o exercício cartográfico aqui empreendido. Ainda assim, com abertura à incerteza, ao desalinho e à desorientação, próprios dos limites decorrentes de todo processo investigativo, desafiador, atravessado inclusive pelo desespero que o mundo todo experimentou com a chegada do Coronavírus (COVID-19). Vivenciamos o isolamento, o medo e todo o sofrimento trazido por esta pandemia, a instabilidade política e econômica, convivemos com as vidas perdidas, com os familiares e amigos que partiram e dos quais nos despedimos de longe, sem o rito da presença. Isso tudo gerou, naturalmente, novas sensibilidades ao processo investigativo.

O contato com o autismo e o interesse pelas falas destes jovens e adultos neurodivergentes me punham atento às suas páginas nas redes sociais digitais, de algum modo em continuidade ou realinhando um processo já iniciado na pesquisa do mestrado, com as

comunidades constituídas no *Facebook*. Nesta nova fase, deparei-me com perfis de autistas que, talvez pela atuação ativista, possuíam contas e utilizavam diversos aparatos tecnológicos simultaneamente e diferentes formatos de conteúdo: vídeos em canais no *Youtube*; programas de áudio (*podcast*) reproduzidos em serviços de *streaming* como o *Spotify*, *Deezer*, *Apple Podcasts* ou *Google Podcasts*; textos em páginas de *sites* ou *blogs* pessoais; currículos e materiais de ordem profissional expostos no *LinkedIn*; o aquecimento do uso da então recente plataforma *TikTok*, que popularizou a publicação de vídeos curtos e divertidos com músicas, danças, dublagens e duetos; bem como as plataformas de rede social *online* como o *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, para o compartilhamento de textos, fotos e vídeos.

Desde os primeiros perfis de autistas observados, percebia o uso recorrente destas múltiplas plataformas. Notava ainda um potencial ativista pelo modo que ocorriam articulações discursivas que traziam manifestos em prol da conscientização do autismo, com explicações sobre as suas características, pela valorização da neurodiversidade, bem como por algumas tensões delicadas, como os apelos contrários às atitudes capacitistas vividas, reivindicações ligadas à acessibilidade, situações de violências, sensação de vulnerabilidade ou ainda pela expressão do medo de uma coletividade normalizadora. Enfim, muitos eram os pontos luminosos que me atraíam pois aproximavam os sujeitos da neurodivergência, colocavam-nos em uma formação constelar e constituíam, entre si, novas configurações comunicativas. Isso então coincidia com o que eu buscava, com o querer entender como esses materiais se iluminam, dialogam entre si, entram em choque, enfim, formam constelações.

Portanto, independentemente de quais sejam as demandas individuais, o autismo se mostra como uma realidade em pauta, que mobiliza sujeitos e, de modo especial, aqueles que vivenciam as consequências deste transtorno, rumo ao encontro de outras pessoas que também o experimentam e que são potenciais componentes de troca ou construção de sentido. Surgem, então, como constelações, os encontros comunicativos e interacionais entre estas pessoas. Tanto para aqueles que estão em fase de recente diagnóstico, mesmo já adultos, quanto para os que se reconhecem neurodivergentes desde criança, nota-se o impulso, com certa força, para o uso dos diferentes recursos midiáticos e tecnológicos como uma oportunidade de exercer um posicionamento sobre si, ou ainda lutar para reverter as falsas posições até então concebidas sobre o autismo. A formação de constelações, portanto, intensifica o brilho individual de cada estrela e se torna potencialmente importante na medida que promove a aproximação das demandas, pelos encontros decorrentes delas, nas conexões entre sentidos ou mesmo na formação de laços entre sujeitos que buscam se acender, ou seja, reverter a sua invisibilidade ou querem ser reconhecidos.

Neste caminho de buscas, o campo comunicacional é ativado por práticas e usos de recursos que contribuem com a formação destas configurações ou, ainda, das constelações. Ao acompanharmos o acelerado processo de midiaticização da sociedade, observamos as transformações de ordem cultural, social e política, bem como as mudanças nos modos como os campos sociais se relacionam entre si e com a mídia, nas suas práticas comunicacionais. No entanto, para além de uma perspectiva midiática determinista, são as “interações formadas com as práticas sociais, com dinâmicas socioculturais a partir das quais resultam complexos sentidos emergentes” (XAVIER, BATISTA, 2016, p.76) que aqui nos interessam.

Entendo ser necessário considerar que é a interação, portanto, que assume a centralidade e, para tanto, apoio-me em Braga (2012, p. 26) que parte da premissa de que as “interações sociais são o lugar de ocorrência da comunicação”. Neste contexto, grupos diversos da sociedade, tal qual os que estão interessados na partilha sobre o autismo, passam a desenvolver suas práticas comunicacionais com outras áreas, estabelecendo circuitos interacionais a partir daquilo que lhes interessa ou aproxima, reinventando, de forma contínua, o uso dos recursos midiáticos, bem como as formas relacionais com tais recursos (BRAGA, 2012).

Como exemplo de contexto midiático, escolhido também por ser objeto deste estudo, considero as páginas dos perfis de autistas ativistas em redes sociais digitais. Estas são administradas por sujeitos autistas que agora interagem em dinâmica de rede com outros sujeitos neurodivergentes, mas também com a sociedade em suas diferentes classificações ou enquadramentos. A partir da interação, observadas nestas redes, surgem, em geral, enunciados em tom de manifesto, de conscientização, pedidos de ajuda, testemunhos, compartilhamentos de dados técnicos e pesquisas científicas sobre o TEA, divulgação de personalidades que levantam bandeiras ativistas, sugestões ou críticas sobre filmes, séries ou novelas protagonizados por personagens autistas, de livros técnicos e cartilhas educativas, ou seja, um esforço que busca a reconstrução deste campo social, ou ainda uma tentativa de reinvenção da mídia, em torno desta temática, pela sociedade.

Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos mediatizados, ao darem sentidos específicos aos que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediatização (BRAGA, 2012, p.12).

Desta forma, Braga (2012) esclarece que as mudanças que ocorrem a partir dos processos de interação são capazes de transformar a lógica, o sentido ou perfil, e os modos de agir dos campos sociais. Surge, como consideram Xavier e Batista (2016), a redefinição dos

ambientes próprios à produção de saber ou de interação, onde a escola deixa de ser o lugar central de aquisição do conhecimento, tal qual a clínica para consultas, desenvolvendo assim, novas práticas sociais onde a mídia e os processos de sociabilidade se constituem de maneiras diversas.

Esta mudança também é marcada pelos embates sociais, pelos desacordos ou contestações, que favorecem as produções marcadas por processos interacionais, como as que norteiam o autismo. Por conta destas tensões, para além da mídia como um lugar de processualidade interacional de referência, nota-se a movimentação da sociedade no exercício de práticas e processos comunicacionais que correspondam às suas demandas e que, inclusive, resultam no uso das plataformas de redes sociais digitais, foco desta pesquisa, com mobilizações próprias ou ainda com novas e diferentes formas de agir.

Braga (2012) considera que as mudanças ocorrem através do processo comunicacional. Ele relaciona expressamente comunicação e interação, justamente pelo encontro que possibilita a transformação, a “produção de algo novo”. Este aspecto do processo comunicacional, para nós, é de importante destaque, pois compreendemos que a comunicação se efetiva na interação e é fértil, capaz de produzir algo novo, diferente. Não se trata, no entanto, de um mero processo de reconhecimento de coisas dadas, mas ainda da produção, da inauguração. Porém, com cautela, o autor considera que a produção não necessariamente seja uma transformação radicalmente nova e ainda consciente, mas que há/deve haver variações desta transformação, mesmo que nem sempre sejam observadas pelo(s) sujeito(s) interagentes.

Considero os valores comunicacionais da mudança mais variáveis, podendo ser elevados ou não. Acredito que a transformação de base comunicacional é mais sutil – pode ser autopercebida mas, com maior frequência, vamos nos impregnando de pequenas transformações imperceptíveis, até o momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou, que algo *está em mudança* – sendo preciso refletir ou investigar para perceber os processos e as próprias modificações, seus sentidos, seu lento amadurecimento (BRAGA, 2012, p. 29).

Querer constatar aquilo que mudou ou está em mudança em torno do autismo nos interessa. Refletir e investigar os processos comunicacionais, as transformações que são enunciadas ou reivindicadas pelos sujeitos neurodivergentes nos cativa, mesmo que seja ainda para encontrar um processo lento, em fase de amadurecimento, como sugere Braga (2012), ou ainda quando decorrerem da reverberação mútua e, por isso, podem funcionar melhor. Assim, parece possível tanto pensar em “interações sucessivas” nas constelações aproximadas pelo autismo, quando seus sujeitos reverberam uns sobre os outros e se escutam mutuamente, quanto na lentidão do seu lapidar. Significa então que é prudente observar com “clareza a incidência

comunicacional no lento solapar/assorear – mais que no rompimento repentino dos diques” (BRAGA, 2012, p. 29). Esta afirmação pontua, com precisão, que o movimento geralmente lento das mudanças sociais mais efetivas podem decorrer das interações comunicacionais, das experiências do processo que, naturalmente, não é singular, exclusivo, mas sim constituído ou transpassado por tantas variáveis, pelas múltiplas incidências, por suas tentativas.

Na verdade, apenas considero que, nos processos comunicacionais da sociedade, não há certeza de resultados. Por mais que os *participantes sociais* tenham intenções, objetivos, e *se esforcem para produzir previsibilidade*, a comunicação não é controlável. Por isso mesmo, dou ênfase à palavra *tentativa*. Parece-me inegável que os participantes sociais estão sempre tentando alguma coisa por suas interações (inclusive se comunicar) (BRAGA, 2012, p. 36).

Nesse ponto, apoiado em Braga, anoro, então, o objetivo desta tese, na tentativa de cartografar afetivamente os agenciamentos de autistas ativistas no Instagram, a partir da montagem de coleções e constelações, tendo como base o pensamento articulado de Deleuze e Guattari (1995), Benjamin (2009) e Rita Velloso (2018), para perceber quais direcionamentos e intervenções os autistas demandam, ou seja, o que eles tentam enunciar e imprimir em suas interações, naquilo que produzem e nas quais se engajam.

Este exercício de “entender o que ocorre” nas interações, apreender suas lógicas e processos na prática social, segundo Braga (2012, p. 38), alcança uma “ação praxiológica” relacionada ao conhecimento, não como algo contemplativo ou uma política de intervenção, mas sim dedicada à “esperança (e gestos relacionados) de que esse conhecimento, compartilhado, pode resultar benéfico para a vida”.

De todo modo, com o objetivo de apreender algumas lógicas do processo interacional, Braga (2012, p. 26) desenvolve suas investigações em torno do que definiu como “dispositivos interacionais: determinadas matrizes elaboradas na prática social que viabilizam episódios interacionais e são tensionadas por estes”. Pensar nos episódios interacionais cujos sujeitos neurodivergentes participam e nas tensões decorrentes destas práticas, leva-nos também à lógica dos dispositivos interacionais.

Portanto, apoiadas em Braga, as pesquisadoras Xavier e Batista (2016) concluem que os dispositivos interacionais se configuram como o ponto no qual se torna possível a observação de certos fenômenos comunicacionais, nos modos de uso e nos múltiplos, amplos e abertos espaços de interação entre pessoas ou grupos, a partir dos processos sociais que se desenvolvem.

No sentido trivial, o termo “dispositivo” corresponde a “qualquer modo de dispor as coisas para uma ação em vista de obter um resultado”, o que leva a associá-lo aos aparatos (dispositivos técnicos), como um interruptor (dispositivo eletrônico) ou uma rede social digital

(outro dispositivo eletrônico de troca de mensagens), como exemplos. Há ainda os dispositivos legais, mais “abstratos”, com as disposições das leis e normas (BRAGA, 2020, p. 13). De todo modo, sobre o conceito de dispositivo, Braga interage com Foucault interessado no que o teórico oferece pelo ângulo ou valor heurístico que, “no conjunto, é o de estudar processos que setores diversos da sociedade, em função de seus problemas e objetivos (conforme os percebem), organizam, dispõem e articulam, em busca dos resultados pretendidos” (BRAGA, 2020, p. 14). Assim, utilizam-se do conceito de dispositivo como um “modo de observar as estratégias sociais para enfrentamento, com ou sem eficácia, de suas questões”, ou seja, trata-se de uma “perspectiva para observar diferentes modos de dispor as coisas” e assim descobrir suas lógicas internas, seus arranjos e dinâmicas (BRAGA, 2020, p. 15).

Braga (2020, p. 16) encontra, em Foucault, oito aspectos principais para a constituição do conceito de dispositivo, a saber: (1) os componentes heterogêneos – “tudo o que o dispositivo reúne e articula, que dispõe de determinado modo”; (2) “a substância do dispositivo: o sistema de relações entre os componentes”; (3) “a natureza desse vínculo: trata-se de um arranjo – o resultado de uma estratégia como tentativa para organizar os elementos que constituem então o sistema”; (4) “a gênese do dispositivo: necessidade de responder a uma urgência, um desafio concreto”; (5) “a processualidade segundo a qual são gerados os objetivos e os arranjos tentativos, até que o dispositivo se constrói”; (6) “o funcionamento do dispositivo em construção: ressonâncias e contradições entre os componentes e entre as ações tentadas; surgimento, com isso, de novos elementos”; (7) “malgrado a necessidade frequente de reajustes, o processo vai se estabilizando. Gera-se um discurso do dispositivo; constitui-se uma ‘verdade’; ‘já não se pode dizer quem concebeu as estratégias’”; (8) “todo o processo se evidencia como uma elaboração que descarta o recurso a universais”, ou seja, “a verdade do dispositivo – que se apresenta como sua base lógica – é demonstrada, pela própria construção do conceito, como decorrente dele”.

No entanto, mesmo com estas expressões constituídas, Braga (2020, p.17) sugere que examinar os “processos pela heurística do dispositivo não implica categorizá-los: ‘são dispositivos’”, mas que o importante decorre do exercício de se indagar sobre o “que podemos descobrir de suas lógicas internas de funcionamento, seus relacionamentos com os contextos de ocorrência, sua gênese”. O autor explica que o pensar por dispositivo não propõe uma categorização que dê conta de explicar dedutivamente os processos sociais, mas sim que se trata de um “modo de analisar, para a descoberta, a realidade específica de diferentes dispositivos”.

Observar o fenômeno, o autismo, e descobrir as lógicas e processos comunicacionais em suas especificidades contextuais, entendendo que os sujeitos neurodivergentes podem criar

dispositivos voltados às suas urgências interacionais, abre oportunidades para se perceber as suas diferentes estratégias interacionais, suas circunstâncias, os participantes e o uso que fazem das redes sociais digitais. Não se trata, no entanto, de categorizar os aparatos digitais, as plataformas de interações sociais online como dispositivos, como instrui Braga (2020, p. 20-21), mas utilizar desta abordagem a favor de se “entrevier a comunicação em ação, seus processos, suas lógicas”, ou seja, a oportunidade de notar as urgências enunciadas pelos sujeitos neurodivergentes nas suas páginas de redes sociais digitais, apreender os seus objetivos no relativo contexto, compreender como se dedicam a eles, como selecionam estratégias e acompanham sua “lenta estabilização” e a “geração de discursos justificativos”.

No entanto, mesmo que os dispositivos técnicos de comunicação estejam presentes na investigação, isso não significa que constituam o cerne do problema ou o objeto da investigação comunicacional. Apenas significa que, neles, o comunicacional é gestado ou que, a partir deles, o fenômeno pode sofrer alguma variação, conforme define Braga (2011, p. 66):

[...] o objeto da Comunicação não pode ser apreendido enquanto ‘coisas’ nem ‘temas’, mas sim como um certo tipo de processos sistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é o de perceber processos sociais em geral pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno. Que se busque capturar tais processos e suas características nas mídias, na atualidade, nos signos, em episódios interacionais – não faz tanta diferença. O relevante é que nossas conjeturas sejam postas a teste por sua capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de um modo ou de outro, resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como ‘fenômeno comunicacional’ relacionado aos temas e questões de nossa preferência.

Apoiado em Braga (2011), considero o entendimento da coexistência do fenômeno comunicacional e de um vasto conjunto de questões sociais que envolvem o modo de vida autista, e a sua proposição metodológica denominada indiciária (que designa a função sígnica de representar um outro signo) e inferencial (na tentativa de interpretar os fenômenos que escapam da ordem do cognoscível para organizar misturas não métricas ou heterogêneas). Por isso, sustentado pela noção de inferência de Sperber e Wilson, para os fenômenos da comunicação, Braga (2010, p. 75) entende haver um “abismo entre as representações semânticas das frases e os pensamentos realmente comunicados pelos enunciados. Este abismo não é preenchido por mais codificação, e sim pela inferência”.

Estes argumentos teóricos podem conduzir ainda ao entendimento de que a transformação da construção comunicativa de uma sociedade depende de uma variedade de mídias que atuam em conjunto e, como defendem Hepp e Hasebrink, da concepção das suas configurações comunicativas. Para os autores, as concepções comunicativas “são padrões de processos de entrelaçamento comunicativo que existem ao longo de várias mídias e têm um

enquadramento temático que orienta a ação comunicativa” (HEPP E HASEBRINK, 2015, p.80), permitindo que os seres simbólicos construam na interação simbólica suas realidades socioculturais significativas.

Fenômenos como estes não são estáticos, mas sim um processo interacional contínuo, constituído por redes de indivíduos. Como exemplo, as configurações comunicativas formadas a partir da neurodiversidade, termo concebido como um enquadramento temático que orienta a ação comunicativa, e os seus processos de construções comunicativas de realidades socioculturais que estão mudando e contribuindo para a formação de uma nova concepção social do autismo, sustentadas por diferentes tipos de mídias: tanto pelas tradicionais na comunicação de massa, como por aquelas que fazem uso da tecnologia digital e dos ambientes virtuais (*online*), como as redes sociais e *blogs*.

Consequentemente, a ideia principal é a hipótese de que as relações recíprocas e características da mídia comunicativa e das transformações socioculturais, descritas pelo termo *mediatização*, são materializadas em configurações comunicativas específicas. Com a alteração de configurações comunicativas, processos de construções comunicativas de realidades socioculturais estão mudando. Neste nível, uma análise da transformação de culturas e sociedades torna-se acessível na medida em que ela ocorre com a *mediatização* (HEPP E HASEBRINK, 2015, p. 83).

É neste sentido que se percebe a importância do estudo dos dispositivos interacionais e das configurações comunicativas nas pesquisas em comunicação, neste caso ligadas às práticas e processos comunicacionais utilizados por grupos de indivíduos que administram suas páginas e conduzem a produção do seu conteúdo para o tema autismo. Consideramos que nestes espaços interacionais surgem as tentativas destes indivíduos de atribuição de novo sentido para o autismo, de ressignificação sobre as impressões que formam a respeito do assunto, da reconstrução de conceitos, de aceitação ou valorização social destas pessoas, do seu reconhecimento. Surgem, através destes dispositivos interacionais e configurações, novas formas de interação, construção e transformação da sociedade.

Como foi exposto, nestas formações estabelecidas em torno da neurodivergência caberiam análises em múltiplos meios midiáticos, comparações em filmes e novelas, nos telejornais, rádio, *sites* ou *blogs*, nas revistas especializadas ou magazines, em programas de auditório ou séries. Mas, aqui, interesse-me nas configurações em torno das redes sociais digitais, nas páginas dos sujeitos da neurodiversidade presentes nestas redes. Dedico-me aos processos e formações comunicativas, nos sujeitos neurodivergentes que se apresentam com objetivos diferentes e que, conseqüentemente, mobilizarão recursos que também poderão ser distintos.

Algumas destas páginas são aqui apresentadas pois compõem o corpus da pesquisa, mas também configuram comunicativamente dispositivos interacionais em prol da neurodivergência. São tidas como reflexos de uma sociedade que se depara com a realidade autista e que, através dos dispositivos interacionais e midiáticos, bem como dos aspectos culturais e simbólicos que os constituem, têm suas práticas comunicacionais desenhadas e em constante transformação.

Com a apresentação das características e diferenças destas páginas, neste momento, através da perspectiva das suas configurações, podemos perceber os dispositivos interacionais que se configuram nestes espaços. Hepp e Hasebrink (2015) indicam que cada formação comunicativa é definida, em seu núcleo, por aspectos como: as formas de comunicação (redes comunicativas ou discursos), o conjunto de mídias utilizadas nestas configurações, a sua rede ou constelação (figura 2) de perfis individuais ou coletivos e, por fim, o seu enquadramento temático.

A constelação é uma imagem na qual cada estrela, um singular, marca um extremo de linha que a liga a outra estrela, outro extremo singular. Nesse traçado de linhas imaginárias que delimita uma forma, uma configuração, não há um centro – com o que, tem-se, no centro da constelação sempre está o vazio. Essa imagem benjaminiana é bastante profícua quando se trata de imaginar um caminho ou a construção mesma do pensamento (VELLOSO, 2018, p. 101-102).

Figura 2 – Constelação do corpus empírico (autistas ativistas) representado com interações em rede



Fonte: elaborada pelo autor (2022).

O quadro 6 apresenta os dados gerais dos perfis escolhidos como corpus empírico, e demonstra detalhes das suas configurações comunicativas pelo uso das plataformas de redes sociais digitais (RSD). Observei que, em média, cada sujeito utiliza 5 diferentes tipos de plataformas digitais, considerando os dados informados em março de 2021.

Quadro 6 – Dados gerais do corpus empírico (autistas ativistas) e das suas configurações em RSD

PERFIS	IDADE (2022)	CIDADES / UF	REGIÃO	DADOS: MAR/2021		
				PUBLIC.	SEGUID.	Nº RSD
Amanda Paschoal	29	Brasília - DF	Centro-Oeste	528	13.010	4
Enã Rezende	29	Cuiabá - MT	Centro-Oeste	244	22.684	3
Kmylla Borges	31	Brasília - DF	Centro-Oeste	64	5.406	5
Ana Cândida Carvalho	39	Teresina - PI	Nordeste	520	234	4
Dan Aley	20	Recife - PB	Nordeste	45.961	10.556	3
João Victor Ipirajá	22	Fortaleza - CE	Nordeste	25	821	4
Autristinha	25	Manaus - AM	Norte	4	201	1
Naty Souza	36	Belém do Pará – PA	Norte	843	26.570	6
Lucas Pontes	24	Botucatu - SP	Sudeste	498	36.642	3
Sophia Mendonça	25	Belo Horizonte - MG	Sudeste	3.864	92.294	8
Tiago Abreu	26	Porto Alegre - RS	Sul	2.257	12.557	9
Willian Chimura	29	Porto Alegre - RS	Sul	71	206.375	5
Total		10 / 10	5	54.879	427.350	55
Média (x̄)	28			4.573	35.613	5

Fonte: elaborado pelo autor. Dados públicos (informados) em mar/2021.

Entendo, portanto, que a análise destas páginas, pela perspectiva dos dispositivos interacionais onde se movimentam objetivos, desejos, reivindicações, entre outros, motivados pelos sujeitos neurodivergentes, pode resultar na observação de possíveis produções de práticas comunicativas capazes de conduzir importantes transformações a partir dos arranjos sociais que nelas se desenvolvem. Assim, os indivíduos parecem encontrar nas redes sociais um ferramental para se organizarem, expressarem seus pensamentos, declararem suas lutas e testemunhos, bem como enunciarem suas demandas, narrativizarem suas experiências nesta vivência com o autismo, seja em tom de registro, visibilidade, apoio, desabafo ou qualquer outro desejo capaz de fazê-los sentirem-se mais fortes. No entanto, estes espaços não se constituem naturalmente de forma homogênea, livre de qualquer conflito, controvérsia. Não são abertos ou privados de qualquer moderação algorítmica. Não espero que as interações comunicacionais que neles se constituem sejam fluidas e harmônicas. Estas negatividades, no entanto, conduzem-me às observações mais dedicadas ao processo que nestas redes se configuram, sobre como ocorrem, como os sujeitos se expressam, como enunciam suas questões e elaboram seus discursos.

A comunicação, portanto, apresenta-se como um processo vivenciado, em movimento, visto que um *post* sobre uma situação ou vivência abre caminho para outros encontros, pautas e conflitos. Nele, é o próprio sujeito neurodivergente que carrega a condição de produzir novos significados para o autismo, de interagir e se desenvolver, ao invés de apenas reproduzir os significados já existentes.

2.1.3. Conexões pelo uso da tecnologia

As plataformas de redes sociais, na Internet, são ferramentas que permitem "trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador" (RECUERO 2014, p. 94). Nelas, indivíduos se relacionam e interagem de forma predominantemente não linear, mas em rede, aparentemente sem hierarquias. As publicações de fotos, vídeos, textos e conteúdos sobre a neurodiversidade, tal qual as interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) que delas decorrem, surgem como uma possível arena de conversação.

As práticas sociais dos indivíduos ou grupos que se identificam pelos mesmos pleitos, interesses ou lutas, que se movimentam e ativam suas redes em busca por reconhecimento ou ainda esboçam outras causas, encontram ainda, nestas plataformas digitais de rede, um ferramental propício para se organizarem, expressarem seus pensamentos, enunciarem suas lutas e testemunhos, denunciarem incômodos, bem como agregarem novos agentes ao seu entorno (seguidores) para que, individualmente ou no coletivo, possam se engajar, ampliar suas relações, posicionar-se, solidarizar e sentir-se mais fortes em sua militância.

Notamos, no entanto, que nos espaços digitais se constitui ainda um duelo com desdobramentos complexos. A perspectiva otimista enxerga que a interação pela *Internet* institui comunidades virtuais nas quais todos se relacionam em harmonia ou igualdade. Já o contraponto pessimista percebe que há uma anulação das negatividades e diferenças dos indivíduos, onde todos poderão parecer enquadrados em categorias padronizadas. Ainda assim, a tecnologia assume um papel de artefato cultural, produtos das nossas próprias intenções e propósitos (FRAGOSO, 2009).

Num mesmo espaço tecnológico, de visibilidade e a partir de narrativas das próprias vidas, sujeitos conseguem partilhar seus anseios morais e políticos, presentes culturalmente. Num reforço para este pensamento, estudiosos do universo autista, D'Antino e Vinic (2011, p.316), acreditam que estas "concepções que circulam no universo social sobre os indivíduos

com TEA são mediadas ou determinadas pela cultura”, demonstrando a necessidade destas aproximações para a compreensão das conexões entre os sujeitos ligados pela temática.

Com os indícios culturais que motivam as aproximações cotidianas - o aquecimento das redes, a produção e publicação dos conteúdos, a mobilização dos seguidores e dos números expressivos de interações (reações, curtidas e comentários) – por meio do uso dos aparatos tecnológicos, surge naturalmente um movimento de ampliação destas dinâmicas, ou ainda da migração de grupos ou indivíduos para este espaço. Esta tendência pode, inclusive, induzir a análise para um viés de determinismo tecnológico que, para este estudo, considera-se um risco. Entendo que aqui não há transformação das pessoas pela tecnologia, bem como que não existem novos espaços. Sabemos que os indivíduos não entram em uma nova esfera ao se conectarem com outros pelas plataformas de redes sociais digitais, mesmo porque não se deslocam do seu lugar de origem. É certo que as tecnologias trazem avanços importantes, mas consideramos, sobretudo, que o que pode ocasionar transformação é o uso das tecnologias enquanto processo ou prática de interação social. No meu entendimento, portanto, não há como se tratar das interações nas redes sociais sem que o foco esteja nas pessoas, na relação estabelecida umas com as outras, concentrada sobre a mediação tecnológica.

Ponderamos que o senso de emergência que se constitui para a pauta “autismo”, ou ainda a popularidade que os temas “neurodiversidade” ou “neurodivergência” adquirem nas redes sociais digitais, aconteça sobremaneira por conta dos fatores culturais, sociais e demográficos atuais.

Estes indícios nos permitem pensar que a natureza da cultura provém tanto dos mais ordinários significados comuns, quanto daqueles mais refinados significados individuais, para designar todo um modo de vida (WILLIAMS, 1958). É na vida, então, que os elementos ordinários dão conta de promover a aproximação, resultando em constelações de indivíduos conectados, em redes de pertencimento cultural, que configuram um caminho de construção de um mesmo pensamento (VELLOSO, 2018). Neste sentido, esses agentes acessam experiências similares já vividas a partir do encontro com o outro e se reforçam, dialogam ou ainda entram numa arena de disputa. Portanto, é plausível defender que o movimento responsável pelo aquecimento das redes ou crescimento das constelações de sujeitos interligados deve se dar pela experiência comum experimentada entre seus agentes comunicacionais. O aparato tecnológico em uso, portanto, sem os seus protagonistas, seus enunciados e a rede formada pelo público que os segue por terem interesses comuns, próprios de uma cultura, não faria sentido. O que muda, evolui, configura-se sob uso de novos instrumentos, então, é a forma de se aproximar, é a experiência como processo comunicacional a partir da tecnologia e dos aparatos de redes sociais

digitais, decorrentes do fenômeno que permitiu a troca de dados e mensagens utilizando um protocolo comum, pelo conjunto de redes de computadores de todas as regiões do planeta: a *Internet*. Assim, com a comunicação mediada por computadores e o aumento do número de usuários, surgem novas tecnologias que ampliam os métodos de pesquisa e, segundo Hine (2005), traspõem as discussões sobre a tecnologia em si, em favor das práticas de sociabilidade, já que “o agente de mudança não é a tecnologia em si, e sim os usos e as construções de sentido ao redor dela” (HINE, 2005, p. 13).

A chegada da Internet colocou um desafio significativo para a compreensão dos métodos de pesquisa. Através das ciências sociais e humanidades as pessoas se encontraram querendo explorar as novas formações sociais que surgem quando as pessoas se comunicam e se organizam via *email*, *websites*, telefones móveis e o resto das cada vez mais mediadas formas de comunicação. Interações mediadas chegaram à dianteira como chave, na qual, as práticas sociais são definidas e experimentadas (HINE, 2005, p. 01).

Portanto, as interações comunicacionais, para as quais esta pesquisa se direciona, possuem características comuns: são comunicações mediadas pelo computador, num contexto específico no qual elas se movimentam e fornecem um manancial de aspectos que envolvem o autismo e a neurodiversidade. Mais do que permitir que os indivíduos se comuniquem, a pesquisadora de redes sociais na *Internet*, Raquel Recuero (2014, p.16), explica que o uso tecnológico “amplificou a capacidade de conexão destas pessoas, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços”. Deste fenômeno, surgem as redes sociais mediadas pelo computador que, mais do que computadores, conectam pessoas, possibilitam formas potenciais de expressão e sociabilização.

Nesta concepção, não defendo que os aparatos tecnológicos possam ser responsáveis pelos impactos nas vidas das pessoas neurodivergentes ou de redes que constituem vivências em torno do autismo. Em vez disso, entendo que os aspectos decorrentes da relação destes sujeitos com a tecnologia é que precisam ser considerados. Interesse-me, portanto, nas atitudes que envolvem o uso da tecnologia, as concepções e expectativas existentes, sobre como ela pode contribuir com a causa do autismo, os hábitos no manejo destes recursos e as formas como estes comportamentos contribuem com a sociabilidade e com a organização destes grupos. Apoiado em Hine (2004, p.13), este argumento sugere, portanto, que “o agente de mudança não é a tecnologia em si, mas os usos e a construção de significado em torno dela”.

Hine (2004) também defende que os usuários das tecnologias, tanto ao produzirem conteúdos para suas próprias páginas, quanto ao usarem de um grupo de notícias, constituem, nada menos, do que formas de ação social. Afirma ainda que, ao produzirem e darem sentido

ao conteúdo, estes autores o fazem como uma forma de atraírem e maximizarem o número de visitantes. Assim, com um conteúdo que está disponível para acesso ao longo do tempo, as efetivações destas visitas funcionam como uma forma de reconhecimento.

Nestas relações cotidianas, percebemos a *Internet* mais presente e, em alguns núcleos, tão enraizada que pode até não ser percebida. Vemos uma *Internet* que permeia completamente aspectos centrais da vida cotidiana para grande parte da população. Evidentemente, temos o cuidado de não generalizar ou considerar igualitários os acessos a estes recursos por todas as classes sociais ou demográficas, o que representaria um equívoco. Mas apenas, apoiado em Hine (2015), considero que a *Internet* tem significado, ao mesmo tempo, um contexto e um artefato culturais, que não devem ser encarados como separáveis, mas sim que se nutrem mutuamente e que, portanto, precisa ser considerada como campo de pesquisa, como um fenômeno permeado, incorporado e cotidiano.

Em entrevista ao pesquisador Bruno Campanella (2015), a autora explica que fica cada vez mais difícil separar os estudos que envolvem *Internet* dos demais tipos de análises etnográficas, ou seja, culturais.

Nós temos, crescentemente, perdido de vista a internet como um artefato cultural, na medida em que ela se torna uma infraestrutura tácita que favorece as plataformas sobre as quais falamos com mais frequência. [...] Todos esses fatores inter-relacionados nos conduziram para uma internet que agora, muito mais que nos anos 1990, permeia completamente aspectos centrais da vida cotidiana para grande parte da população – mas, é claro, nem toda. A amplitude dessa permeação coloca um desafio para as abordagens etnográficas da internet. Agora, mais do que nunca, tornou-se difícil justificar uma separação a priori da internet como um espaço independente do campo de pesquisa (HINE, 2015, p. 169-169).

Para complementar esta prática de interação a partir da cultura da vida, com o uso tecnológico que está incorporado e permeado no cotidiano, mais uma vez me direciono para o campo comunicacional, entendendo que é por meio da comunicação que estas análises se tornam possíveis.

Acredito, portanto, que o processo comunicacional em torno do autismo é ativado pela superfície de contato, pelas relações provenientes destas trocas de sentidos, através da experiência da comunhão. Reconheço o ato de comunicar como sendo um encontro de fronteiras perceptivas. A emergência de uma superfície comum de troca, o compartilhamento e o tratamento do eu com o outro, formam uma composição, uma relação produzida entre estes sujeitos, conscientes, que estão em movimento e não em uma estrutura congelada (DUARTE, 2003).

No mesmo sentido, para Merleau-Ponty (1945 apud DUARTE, 2003, p. 47) é na troca entre os protagonistas da comunicação que ambos são arrastados para uma zona na qual todos perdem algo de si, no sentido de que, pela partilha, um agente passa a ser composto por algo do outro.

Desta maneira, entendo que a experiência é, de fato, uma resposta aos fatores culturais e sociais e aos seus anseios. Noutro tempo, as reivindicações ligadas ao autismo aconteciam de outras formas, como em grupos menores, nos programas de TV, nos jornais e revistas impressos, nas conferências de associações médicas ou nas escolas. Hoje a abrangência e a velocidade são maiores, pois a tecnologia se ampliou e ficou mais acessível. Porém, fica claro, também, que uma tecnologia não eliminou a outra. O contato pessoal não foi eliminado pela relação virtual, a fotografia não foi substituída pelo vídeo, o texto não eliminou a voz, mas sim, a experiência acontece no uso conjunto destes e outros recursos, acessíveis pela multiplicidade de usos que a conexão da Internet permite ou não, inclusive considerando as diferenças de usos e anseios presentes na diversidade cultural dos grupos.

Esta constatação se justifica, inclusive, pelos estudos de Daniel Miller (2013, p.165 e 168) quando esclarece que a “Internet não é uma coisa e não tem forma material clara”, ou quando a torna “mais bem-compreendida não como tecnologia, mas como plataforma que habilita pessoas a criarem tecnologias, as quais, por sua vez, são desenhadas para funções particulares”. Estas funções particulares seriam, portanto, criadas a partir dos anseios culturais de um povo. No entanto, vale ressaltar que estas plataformas também se configuram como artefatos políticos, programadas por lógicas e programação não espontâneas, corporativamente moldadas e que, portanto, tidas como não neutras. Desde as mais simples páginas corporativas ou *blogs* pessoais, aos robustos portais de notícias e entretenimento, alcançando as redes sociais, todos correspondem aos gêneros culturais.

Assim, logo deixamos de pensar em tecnologia da comunicação apenas como coisas, ou capacidades, e começamos a vê-las como análogas à arte da sedução: modos de nos fazer parecer atraentes para a pessoa com quem nos comunicamos. Claro, a sedução é apenas uma das coisas que estão em jogo aqui. A questão mais ampla é que as tecnologias de comunicação são essencialmente gêneros culturais, e que a melhor maneira de apreciá-las é comparável à que usamos para outros gêneros culturais (MILLER, 2013, p.170).

Nesta condição, uma publicação sobre o autismo numa rede social afetará outras pessoas não apenas pela tecnologia utilizada, mas de modo particular pelo assunto comum que é codificado em forma de um discurso significativo, para que esta postagem seja curtida, compartilhada e comentada. Tal discurso significativo promove a conexão, a interação pela

partilha do que existe de mais ordinário, nas vidas destas pessoas: o cotidiano autista. Afinal, é “esse conjunto de significados decodificados que ‘tem um efeito’, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas” (HALL, 2003, p.368).

No entanto, a cultura presente nas mídias, na tecnologia e, mais precisamente, no espaço aberto na rede social para esta aproximação de grupos com o mesmo interesse, não deve ser confundida com uma cibercultura, devido ao alcance e extensão de seu desenvolvimento técnico (HEPP, 2015). Este entendimento permite a compreensão de que a cultura atual é tecnologizada, mas não é uma cibercultura, como se pudesse haver um novo espaço, uma nova cultura, diferente ou tecnológica. É neste sentido que, no estudo das mídias, faz-se necessário que a discussão dos fundamentos teóricos permeie o esclarecimento dos processos mediáticos, da influência que estes recursos causam na cultura e na sociedade, bem como uma reflexão sobre o processo de mudança presente neste termo (HEPP, 2014).

A respeito dos modos de se conviver com as mídias, Deuze (2013) indica a presença de uma revolução midiática, da vivência na mídia diluída no cotidiano. A mídia é onipresente, cada vez mais rapidamente e profundamente difundida. Porém, mais que uma “zumbificação” ou alienação, devido ao uso intensivo e imersivo, é considerada benéfica quando oportuniza a chance de alguns engajamentos sociais, ou seja, torna os indivíduos mais bem equipados para abraçar o coletivismo, ao invés do individualismo.

Desta forma, parto do pressuposto de que a experiência cultural dos indivíduos, a vida cotidiana que abarca seus anseios, buscas, preferências ou condições sociais, estão diluídas nas mídias, hoje conectadas através das redes e aparatos tecnológicos. Mas não se trata de um novo espaço, mas sim da cultura comum. São nestes lugares, os possíveis, que surgem as manifestações, as aproximações, os contrastes, as intrigas e os entretenimentos, as guerras, revoluções ou reivindicações, as manifestações de ódio, de amor e de paz, a comunicação, bem como a busca de novos significados para os neurodivergentes. São as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade. Entendo, por fim, que é através de uma perspectiva cultural de análise que se torna possível compreender os processos, experiências e, assim, compreender as reações culturais do cotidiano. Afinal, vivemos um momento no qual “temos que desmistificar a cultura virtual, se queremos acessar as mais graves implicações que se têm sobre nossas vidas pessoais e coletivas” (ROBINS, 1995, p 153).

Sendo assim, as ferramentas de mensagens que surgem com esta abertura tecnológica, como os *sites* de redes sociais, tendem a permitir que pessoas se mobilizem, agreguem informações, criem suas campanhas e mobilizações e protagonizem as suas causas individuais

ou em grupos, nas redes. Desta forma, para esta pesquisa, percebo ser coerente o estudo não da tecnologia, mas sim do fenômeno comunicacional que surge nas interações entre as partes que participam destas redes, ou seja, do uso da tecnologia nas práticas e processos comunicacionais pelos grupos interessados no autismo.

Desta forma, seguir o rizoma atento às sensibilidades investigativas para pensar por constelações e interações tornou-se o princípio da abordagem cartográfica por mim adotada no percurso metodológico desta investigação. Durante a pesquisa, dediquei-me a conhecer e estudar outros trabalhos que também utilizaram a cartografia baseada em Deleuze e Guattari (1995), bem como a constelação em Walter Benjamin (2009; 2013) mas, por entender que a abordagem metodológica é construída no processo e exige etapas específicas nos seus desdobramentos particulares, não me ative a estes modelos de maneira rígida, mas procurei respeitar as demandas da empiria e produzir os ajustes que aqui coubessem.

No trajeto, entendi que poderia seguir com a proposta cartográfica benjaminiana e o pensamento por constelações, respeitando as “sensibilidades investigativas” presentes nos movimentos “perambular, colecionar e constelar” (DIAS, 2022), interessantes para que eu pudesse sistematizar e nominar as etapas da investigação com todos os dados que já havia observado, coletado e que vinha arranjando e tensionando desde o início do processo.

Assim, neste percurso cartográfico e afetivo se fizeram presentes dois importantes e complementares movimentos: seguir e montar. Seguir o rizoma e os arranjos protagonizados pelo próprio agenciamento ativista em torno do autismo, foi importante para que eu pudesse, então, verificar como eles próprios se interligam. Já o segundo movimento, o de montagem das constelações, permitiu tornar as subjetividades e as questões importantes para estes sujeitos visíveis, detalhadas, mostrando-as existentes.

2.2. PERCURSO: INTERAÇÕES AUTISTAS CRIAM CONSTELAÇÕES

A opção metodológica de escrever uma cartografia ao invés de uma análise de redes, de conteúdo ou as discursivamente rígidas, justifica-se porque entendo a importância de deixar que os enunciados e formações discursivas a respeito das demandas dos neurodivergentes, presentes no campo da pesquisa, brilhem e contem essa história.

Baseado então na cartografia, já anunciada, e nas três “sensibilidades investigativas” que compõem o método, “perambular, colecionar e constelar” (DIAS, 2022), explico aqui como ocorreram estes movimentos.

2.2.1. Perambular: a seleção dos perfis

Seguir o rizoma e ficar atento às constelações me ajudaram a pensar nas possíveis direções da pesquisa e a refletir acerca dos plurais efeitos de realidade que estão no seu percurso.

Desde o meu primeiro contato com o autismo, passei a perambular por este universo, sem nenhuma pretensão de considerar este fato um método. Era sobremaneira uma urgência, uma necessidade de saber por onde caminhar, conhecer sobre o assunto e saber como agir. Precisava descobrir como ser o pai de um menino autista e, portanto, queria conhecer outros autistas, o que eles entendiam sobre si mesmos.

Passei a acompanhar autistas jovens e adultos nas redes sociais digitais: o que diziam, faziam, como expunham suas vivências, o que era importante às vistas deles, o que queriam que eu (leitor, observador) soubesse. Dentre tantos tipos de conteúdo, destacava-se a ideia da neurodiversidade como modo de ser e uma movimentação que entendia se formar com cunho ativista. Percebia que queriam ser compreendidos, não sob os mesmos olhares e padrões sociais normalizadores, e que as suas páginas de redes sociais ofereciam um espaço oportuno para estas exposições. O fenômeno encandecia durante o caminho e eu o vasculhava, perambulava nele.

Entendi então que o termo “perambular” é descrito por Leitão e Gomes (2017) como uma “sensibilidade etnográfica” adequada às pesquisas em ambientes digitais com grande fluxo de informação e compartilhamento de materiais diversos. A ideia é inspirada na prática do flânar, em Benjamin, quando as autoras o qualificam como “botânico do asfalto”, visto que o “o flâneur adotava a perambulação como modo de conhecimento, como maneira de apreender o espaço citadino, percorrendo seus labirintos (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 45). Portanto, a ideia de perambular, aqui, nesta na proposta cartográfica, tornou-se apropriada.

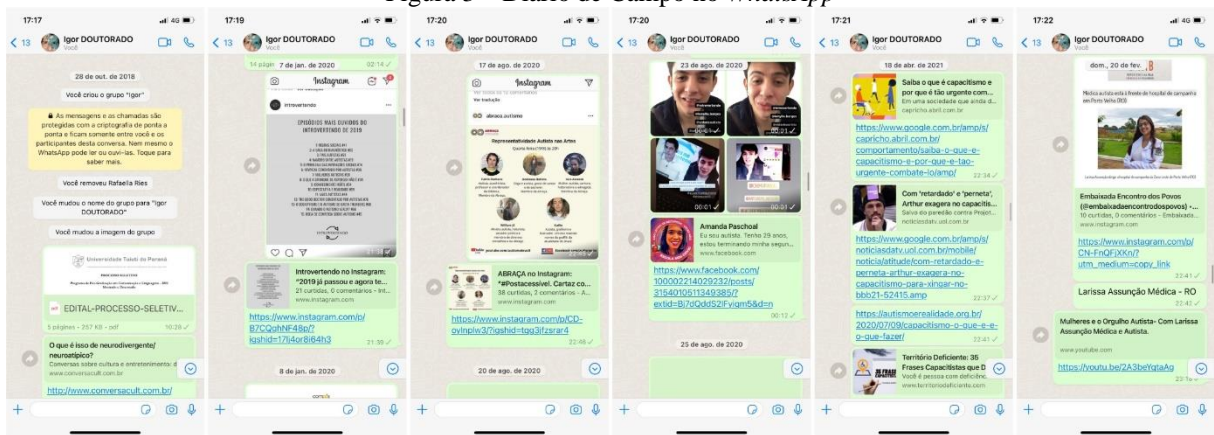
[...] a narrativa etnográfica permite que o leitor reconstrua os caminhos percorridos: suas perambulações pelos discursos proferidos por vozes diversas nos circuitos midiáticos, de consumo e de ativismo, mas também por imagens, gráficos, métricas, *printscreens* de telas de busca e de postagens (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 47).

Perambular nos ambientes digitais, em meio ao alto fluxo de mensagens, imagens, ideias e a rápida propagação de informações nos coloca em um ambiente com “rítmos e topografias que produzem a impressão de estarmos em uma praça lotada de pessoas conversando, um espaço de rápida propagação de informações, imagens, opiniões e rumores, exatamente como o turbilhão de fluxos urbanos das grandes cidades [...]” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 45). Foi assim que, em 2019, iniciei a sistematização do corpus empírico da pesquisa, seguindo as conexões que esta rede de autistas ativistas efetiva para, nela, buscar entender quais são as

possíveis produções de verdade ativadas nessas relações, mesmo que de forma circunstancial, na produção de uma sensibilidade fruto desta investigação.

Neste momento passei a registrar e a organizar o fluxo das informações. A principal ferramenta utilizada como “diário de campo” foi um grupo criado no *WhatsApp* (figura 3) para que, pelo meu *smartphone*, que permanecia sempre comigo, a qualquer momento, eu pudesse registrar as observações, ideias, *prints* de postagens, *links* ou inspirações, *flashes*. Apesar do recurso do aplicativo ser um grupo, eu era o único componente dele. Mas nunca estive de fato sozinho: além de mim, no grupo participavam todos os autistas ativistas que eu observava e lá catalogava. A ferramenta foi muito útil porque registrava as datas das entradas e eu ainda podia relacionar fatos com o recurso de “responder mensagens”, quando precisava retomar algo ou tecer alinhamentos em inclusões anteriores.

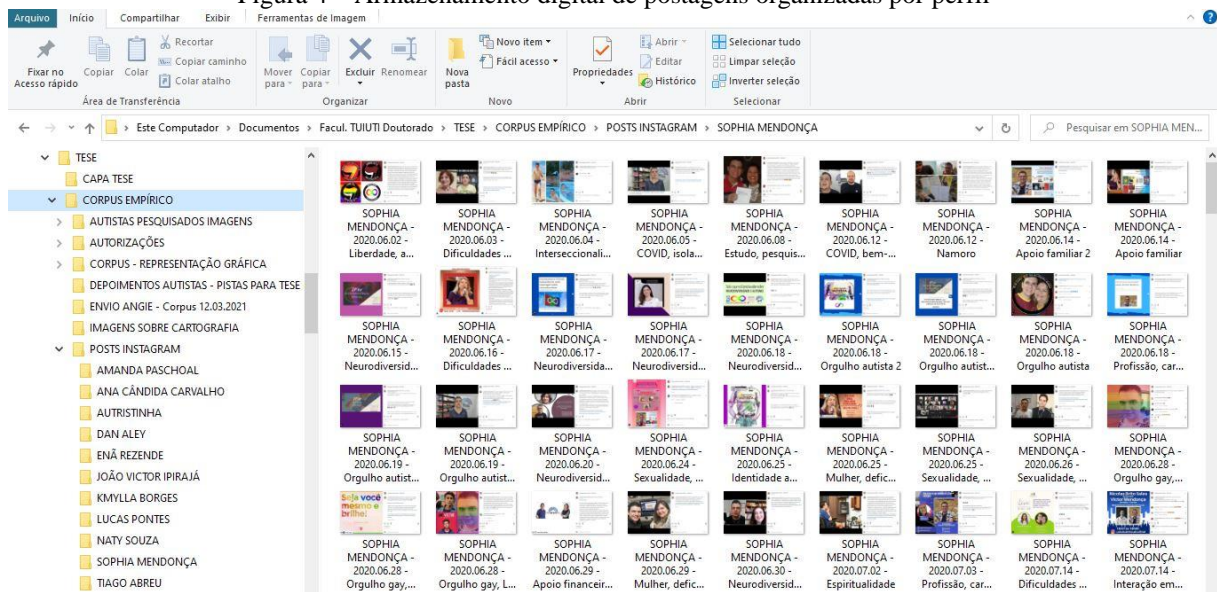
Figura 3 – Diário de Campo no *WhatsApp*



Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Nessa fase de preambulações as paisagens foram sendo definidas e, assim, mapas criados. Passei a organizar de modo digital telas capturadas, ora pelo celular e, posteriormente, pela tela do computador para garantir melhor visualização e leitura quando levadas a compor o corpo da tese. Estas imagens configuravam, portanto, materialidades, como fragmentos do trajeto e com marcações temporais na rota. Após coletadas, as postagens eram armazenadas (figura 4) digitalmente de modo organizado, por perfil.

Figura 4 – Armazenamento digital de postagens organizadas por perfil



Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Além das capturas de tela, as planilhas de dados foram sendo criadas. Organizar os dados gerais coletados nesta fase era importante pois, pelo volume de informações, posteriormente seriam necessárias definições coerentes sobre os recortes no corpus empírico. Sobre os perfis pesquisados, passei a armazenar dados abertos disponibilizados nas suas redes, como: (1) dados gerais (nome, região de residência, idade, descrições autobiográficas); (2) dados das RSD utilizadas (tipos de redes, links dos perfis, datas das inscrições); (3) dados quantitativos (publicações, seguidores, perfis seguidos, amigos, curtidas, avaliações, tweets, visualizações, inscrições, vídeos publicados, episódios disponíveis, conexões), que naturalmente variavam de acordo com o desempenho e característica de cada plataforma observada. As figuras 5 e 6 demonstram, como exemplo, recortes de algumas das planilhas criadas.

Figura 5 – Armazenamento de dados organizados por perfil

	A	B	C	D	E
1	DADOS GERAIS - Seleção Final - Amostra: 12 perfis				
2	Corpus Empírico - TESE: Autismo e Neurodiversidade				
3	Atualização dos dados: 22/02/2022				
4					
5	RSD	INTERAÇÃO	AMANDA PASCHOAL	ENÃ REZENDE	KMYLLA BORGES
6	Instagram - Perfil Pessoal	Link	amanda_paschoal.au	ena_nascimento	kmyborges
7		Inscrição	19/04/2018	18/10/2014	22/12/2021
8		Publicações	550	254	19
9		Seguidores	4.568	19.966	633
10		Seguindo	232	1.821	146
11	Instagram - Perfil Profissional	Link	-	-	-
12		Inscrição	-	-	-
13		Publicações	0	0	0
14		Seguidores	0	0	0
15		Seguindo	-	-	-
16	Idade	-	29	29	31
17	Data Nascimento	-	19/07/1993	1993	19 de julho - 1991
18	Local Resid.	-	Brasília - DF	Cuiabá - MT	Brasília - DF

Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Figura 6 – Dados gerais dos perfis pesquisados

DADOS GERAIS DA AMOSTRA										
NOMES	PERFIS	SELEÇÕES DA DE (2022)		UF	REGIÃO	TOTAL	JUL/20 a FEV/22 (Dados públicos, informados)			
		1	2			PUBLICAÇÕES	PUBLICAÇÕES	SEGUIDORES	RFIS INSTAGPUB.	ANALIS
Amanda Paschoal	amanda.paschoal.au	1	29	DF	Centro-Oeste	550	95	4.568	1	14
Enã Rezende	ena.nascimento	2	29	MT	Centro-Oeste	254	66	19.966	1	19
Kmylla Borges	kmyborges	2	31	DF	Centro-Oeste	19	21	633	1	12
Ana Cândida Carvalho	ana_autista	2	39	PI	Nordeste	124	21	1.825	2	23
Dan Aley	explicandoautismo	2	20	PB	Nordeste	32	25	4.953	1	24
João Victor Ipirajá	joaoipiraja	2	22	CE	Nordeste	26	23	314	1	5
Autristinha	autristinha	2	25	AM	Norte	10	10	399	1	9
Naty Souza	meumundoautistaa	1	36	PA	Norte	724	711	3.880	1	72
Lucas Pontes	lucas_atipico	2	24	SP	Sudeste	678	483	81.769	1	94
Sophia Mendonça	sophiamendoncaoficia	1	25	MG	Sudeste	3.689	572	18.691	2	169
Tiago Abreu	introverso	1	26	RS	Sul	570	213	10.121	2	120
Willian Chimura	chimurawill	1	29	RS	Sul	36	17	25.711	1	13
Total		12			10	6.712	2.257	172.830	15	574
Média			28			559	188	14.403	1	48

Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Para cartografar, houve então um percurso iniciado com a identificação e seleção dos perfis e da plataforma de rede social digital, suas conexões, direções e desdobramentos, detalhados adiante, mas com um olhar atento, permitindo experimentar as sensações, afetos, emoções e encontros que possibilitaram a produção de compreensões acerca do fenômeno investigado. Por isso este foi o desafio: a atenção a todas as nuances e forças que produzem sentido e causam afetações ao corpo, como um ato de descobrir “que matérias de expressão misturadas a quaisquer outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender” (ROLNIK, 2014, p.66).

O processo de exploração e seleção dos perfis para compor a amostra é descrito em três fases, que ocorreram no período de março de 2019 a fevereiro de 2022.

2.2.1.1. Seleção inicial

No período entre **março de 2019 e junho de 2020**, foram selecionados e observados 12 perfis de autistas que usam as redes sociais digitais para expor suas demandas. A figura 7 representa a ordem em que os perfis começaram a ser acompanhados, de 1 a 12, bem como as relações existentes entre eles, ou seja, os direcionamentos que os próprios perfis de autistas ativistas davam para que os próximos pudessem ser encontrados. Desta forma, além de se intitular autistas e ativistas, os encontros, ou seja, o ato de apontar para outros perfis em suas próprias redes foi critério central para a seleção dos 12 primeiros perfis. Na representação notei que os perfis estão interligados, ou seja, que eles pertencem a uma mesma rede.

Figura 7 – Seleção 1 (inicial): constelação de autistas ativistas em rede



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em jun/2020.

Na sequência, a figura 8 apresenta os perfis com as indicações dos respectivos nomes, idades e estados de residência em ordem alfabética.

Figura 8 – Seleção 1 (inicial): identificação dos perfis de autistas ativistas



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em jun/2020.

Para compreender o comportamento destes perfis de indivíduos autistas nas redes sociais digitais que enunciam suas demandas, foi realizado um levantamento manual e geral com a descrição de todas as principais redes sociais digitais que participam (dados encontrados), datas de ingresso, biografias apresentadas, atuações, além dos dados de contato quando nelas

disponibilizados. Também foram contabilizadas as produções em cada RSD observada, visto que cada rede atua de forma diferente e dispõe de dados variados (quadro 7).

Quadro 7 – Plataformas de RSD observadas e quantificadas

PLATAFORMAS	ESTATÍSTICAS QUANTIFICADAS
<i>Facebook</i>	nº seguidores / nº amigos / nº curtidas / avaliação
<i>Instagram</i>	nº de publicações / nº seguidores / nº seguindo
<i>Twitter</i>	nº de tweets / nº seguidores / nº seguindo
<i>Youtube</i>	nº de vídeos publicados / nº inscritos / nº visualizações
<i>Podcasts</i>	nº de episódios e plataformas disponíveis
<i>LinkedIn</i>	nº de conexões
<i>Sites</i>	nº de sites por perfil
<i>TikTok</i>	nº de vídeos publicados / nº inscritos / nº visualizações

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Enfim, a tabela 1 apresenta a síntese dos perfis e quantitativos, indicando a idade média de 28 anos, presentes em 7 estados e 4 regiões do território brasileiro, com média de 6 plataformas de RSD (redes sociais digitais) utilizadas por perfil, mais de 15 mil publicações (informadas) e aproximadamente 600 mil seguidores (informados).

Tabela 1 – Seleção 1 (inicial): 12 perfis em todas as RSD observadas

PERFIS	SELEÇÕES	IDADE (2021)	UF	REGIÃO	PUBLICAÇÕES	SEGUIDORES	Nº RSD
Amanda Paschoal	1	27	DF	Centro-Oeste	459	13.088	4
Naty Souza	1	34	PA	Norte	633	25.393	6
Letícia Soares de Freitas	1	27	SP	Sudeste	4.279	8.443	6
Nicolas Brito Sales	1	21	SP	Sudeste	646	33.731	7
Sophia Mendonça	1	23	MG	Sudeste	2.952	79.928	8
Ciel Souza	1	23	RS	Sul	161	19.240	3
Fernanda Santana	1	31	PR	Sul	72	35.659	7
Kenya Diehl	1	36	RS	Sul	2.781	43.350	6
Marcos Petry	1	27	SC	Sul	1.471	187.572	7
Nando Castro	1	32	PR	Sul	376	7.661	6
Tiago Abreu	1	24	RS	Sul	1.140	6.060	9
Willian Chimura	1	27	RS	Sul	67	138.815	5
Total	12		7	4	15.037	598.940	74
Média		28			1.253	49.912	6

Fonte: elaborada pelo autor. Dados públicos (informados) em jun/2020.

A fim de compreender a distribuição e presença geográfica dos 12 perfis da primeira seleção, construí um mapeamento com as indicações das respectivas posições (figura 9). Notamos uma constelação majoritariamente presente nas regiões Sul e Sudeste, pouca

participação das regiões Centro-Oeste e Norte e nenhum perfil no Nordeste, claramente desenhando um desequilíbrio geográfico.

Figura 9 – Seleção 1 (inicial): mapeamento dos 12 perfis no território brasileiro



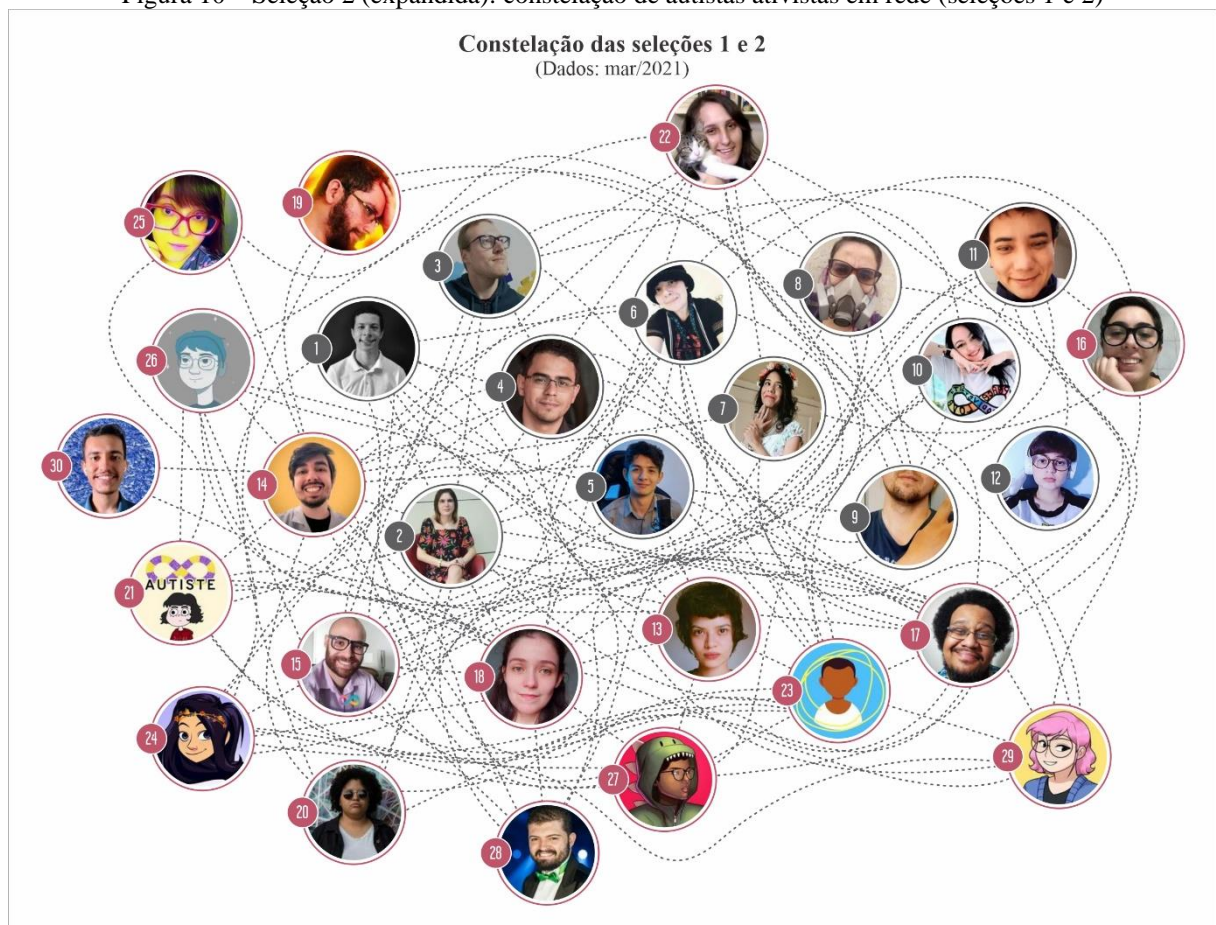
Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em jun/2020.

2.2.1.2. Seleção expandida

Com o desequilíbrio geográfico presente na primeira seleção, senti a necessidade de ampliar o corpus empírico, com o intuito de alcançar todas as regiões brasileiras com maior estabilização. Assim, no período entre **julho de 2020 e março de 2021**, foram selecionados e

observados 18 novos perfis, totalizando 30 autistas. A figura 10 representa a ordem em que os perfis começaram a ser acompanhados após a primeira coleta, de 1 a 30, bem como as relações existentes entre eles, ou seja, também seguindo os parâmetros de obedecer aos direcionamentos que os próprios perfis de autistas ativistas davam para que os próximos pudessem ser encontrados. Na representação nota-se que, além dos perfis permanecerem interligados, a segunda seleção (18 novos perfis) também está entrelaçada aos 12 primeiros, reforçando as suas relações de rede.

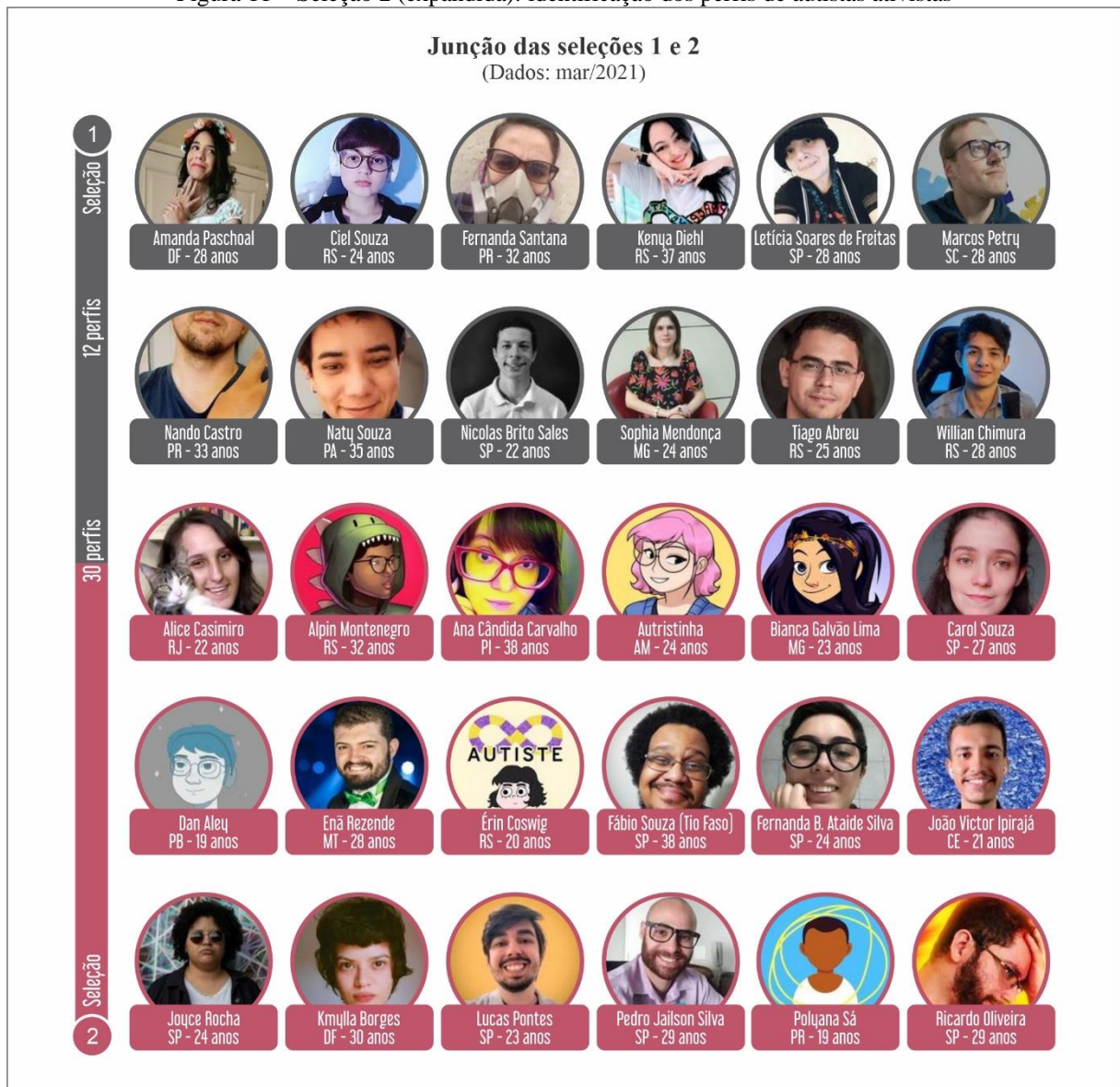
Figura 10 – Seleção 2 (expandida): constelação de autistas ativistas em rede (seleções 1 e 2)



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em mar/2021.

A figura 11 apresenta os perfis dos 18 novos perfis (seleção 2), adicionados aos 12 primeiros (seleção 1) com as indicações dos respectivos nomes, idades e estados de residência em ordem alfabética.

Figura 11 – Seleção 2 (expandida): identificação dos perfis de autistas ativistas



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em mar/2021.

O levantamento dos dados gerais, agora com os 30 perfis (seleção expandida), foi atualizado, ainda considerando todas as principais plataformas de redes sociais digitais por eles utilizadas (dados encontrados), com a contabilização das suas produções em cada RSD observada. A tabela 2 apresenta a síntese dos perfis e os quantitativos, indicando elevação da idade média para 30 anos, presença agora em 30 estados e nas 5 regiões do território brasileiro, com média de 5 plataformas de RSD (redes sociais digitais) utilizadas por perfil. As publicações ultrapassaram a marca de 136 mil (informadas), com mais de 1 milhão de seguidores (informados).

Tabela 2 – Seleções 1 e 2 (expandida): 30 perfis em todas as RSD observadas

PERFIS	SELEÇÕES	IDADE (2021)	UF	REGIÃO	PUBLICAÇÕES	SEGUIDORES	Nº RSD
Amanda Paschoal	1	28	DF	Centro-Oeste	528	13.010	4
Enã Rezende	2	28	MT	Centro-Oeste	244	22.684	3
Kmylla Borges	2	30	DF	Centro-Oeste	64	5.406	5
Ana Cândida Carvalho	2	38	PI	Nordeste	520	234	4
Dan Aley	2	19	PB	Nordeste	45.961	10.556	3
João Victor Ipirajá	2	21	CE	Nordeste	25	821	4
Autristinha	2	24	AM	Norte	4	201	1
Naty Souza	1	35	PA	Norte	843	26.570	6
Alice Casimiro	2	22	RJ	Sudeste	6.873	19.579	5
Bianca Galvão Lima	2	23	MG	Sudeste	76	15.852	2
Carol Souza	2	27	SP	Sudeste	1.361	34.787	3
Fábio Sousa (Tio Faso)	2	38	SP	Sudeste	680	17.578	5
Fernanda Beatriz Ataíde Silva	2	24	SP	Sudeste	65	2.645	2
Joyce Rocha	2	24	SP	Sudeste	48	1.305	4
Letícia Soares de Freitas	1	28	SP	Sudeste	4.915	11.020	6
Lucas Pontes	2	23	SP	Sudeste	498	36.642	3
Nicolas Brito Sales	1	22	SP	Sudeste	719	37.003	7
Pedro Jailson Silva	2	29	SP	Sudeste	731	55.777	3
Ricardo Oliveira	2	29	SP	Sudeste	9.407	4.877	5
Sophia Mendonça	1	24	MG	Sudeste	3.864	92.294	8
Alpin Montenegro	2	32	RS	Sul	11.662	2.862	3
Ciel Souza	1	24	RS	Sul	157	19.790	3
Érin Coswig	2	20	RS	Sul	35.358	19.256	6
Fernanda Santana	1	32	PR	Sul	341	42.638	7
Kenya Diehl	1	37	RS	Sul	3.951	61.420	6
Marcos Petry	1	28	SC	Sul	1.842	191.563	7
Nando Castro	1	33	PR	Sul	390	8.180	6
Polyana Sá	2	19	PR	Sul	3.533	32.135	5
Tiago Abreu	1	25	RS	Sul	2.257	12.557	9
Willian Chimura	1	28	RS	Sul	71	206.375	5
Total	30		13	5	136.988	1.005.617	140
Média		27			4.566	33.521	5

Fonte: elaborada pelo autor. Dados públicos (informados) em mar/2021.

Na seleção expandida, a distribuição e presença geográfica dos 30 perfis, destacados no mapa (figura 12) revelaram o alcance em todas as regiões brasileiras e a ampliação do número de estados contemplados.

Figura 12 – Seleção 2 (expandida): mapeamento dos 30 perfis no território brasileiro



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em mar/2021.

A constelação ampliou sua área, mas a concentração de perfis ainda se manteve nas regiões Sudeste e Sul, com 23 dos 30 selecionados, o que representa 76,6% da amostra (figura 13). Desta vez, portanto, percebemos a necessidade de uma nova movimentação que garantisse a estabilização da amostra, com uma nova escolha que recortasse parte dos perfis e equilibrasse sua presença entre as cinco regiões do território brasileiro.

Figura 13 – Seleção 2 (expandida): mapeamento dos 30 perfis no território brasileiro com destaque



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em mar/2021.

2.2.1.3. Seleção final – amostra

O recorte final, ocorrido em **fevereiro de 2022**, objetivou enfim manter o equilíbrio geográfico (com representantes nas 5 regiões do território brasileiro), de gênero, mas também respeitando o fato de haver maior representatividade de perfis nas regiões Sul e Sudeste, resultando em uma amostra com 12 perfis de autistas ativistas. A tabela 3 apresenta o comparativo real e percentual entre as três etapas de seleções.

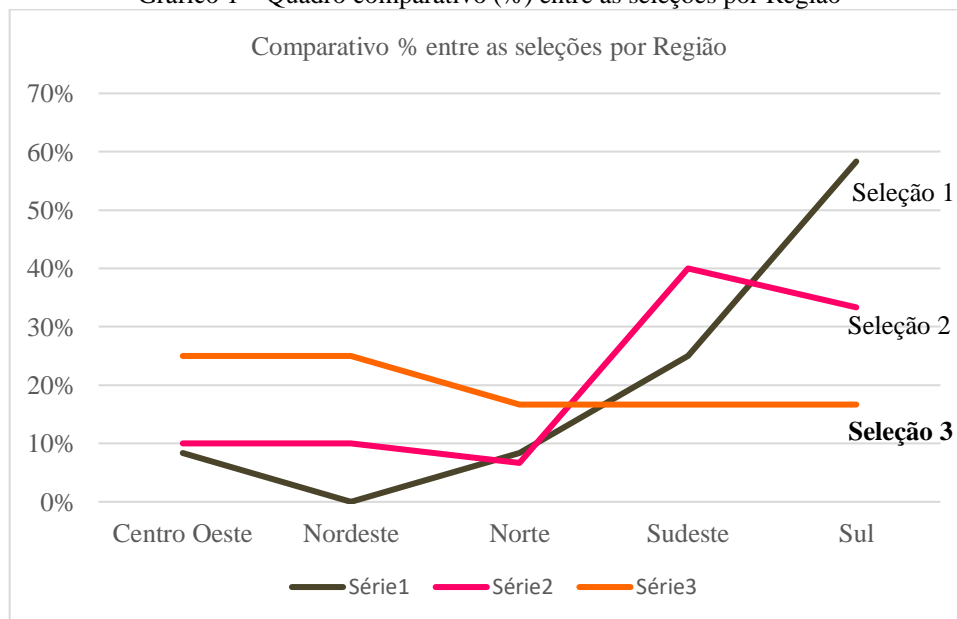
Tabela 3 – Tabela comparativa (%) entre as seleções por Região

REGIÃO	Seleção 1		Seleção 2		Seleção 3 - Final	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Centro Oeste	1	8%	3	10%	3	25%
Nordeste	0	0%	3	10%	3	25%
Norte	1	8%	2	7%	2	17%
Sudeste	3	25%	12	40%	2	17%
Sul	7	58%	10	33%	2	17%
Total	12	100%	30	100%	12	100%

Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Tanto a tabela 3 quanto o gráfico 1 demonstram que a seleção final (seleção 3), a amostra, indica maior equilíbrio em representatividade regional, e também indicam o esforço de ampliar a participação de autistas de regiões antes com menor presença.

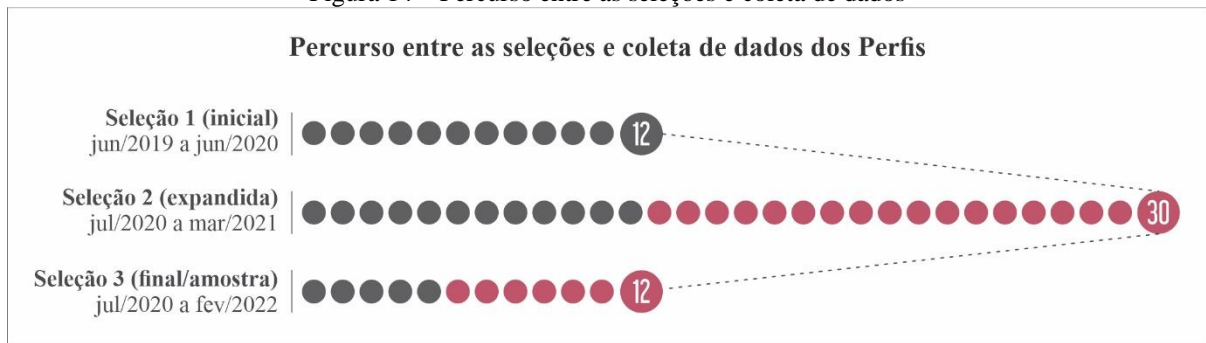
Gráfico 1 – Quadro comparativo (%) entre as seleções por Região



Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Já a figura 14 representa o percurso entre as seleções de perfis, bem como os períodos em que cada etapa foi desenvolvida. Mesmo se tratando de uma pesquisa baseada na análise de dados abertos, dispostos em páginas de redes sociais com acesso irrestrito, neste momento realizei contato pessoal com todos os perfis selecionados, via mensagens privadas (*inbox*) e/ou e-mail, a fim de explicar os objetivos, procedimentos da pesquisa e solicitar aceite via termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

Figura 14 – Percurso entre as seleções e coleta de dados



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

A figura 15, portanto, representa os 12 perfis finais, preserva a ordem de encontro entre eles e mantém apenas aqueles que compuseram a amostra final. Renunciar aos 18 perfis de autistas ativistas não foi tarefa agradável, visto a contribuição que eles até então trouxeram para a pesquisa e a relação afetiva que se construiu no caminho das observações. Porém, seguir o rizoma é encarar as rupturas e entender que delas frutificarão novos efeitos de realidade, é compreender, portanto, o princípio da ruptura assignificante, proposto por Deleuze e Guattari (1995). Mesmo com o recorte que o projeto previu, sinto que eles permanecem conectados à constelação, pois são parte da rede, enunciaram importantes questões, conduziram novos encontros, abriram brechas, salvaram a pesquisa. De algum modo, seguem conosco.

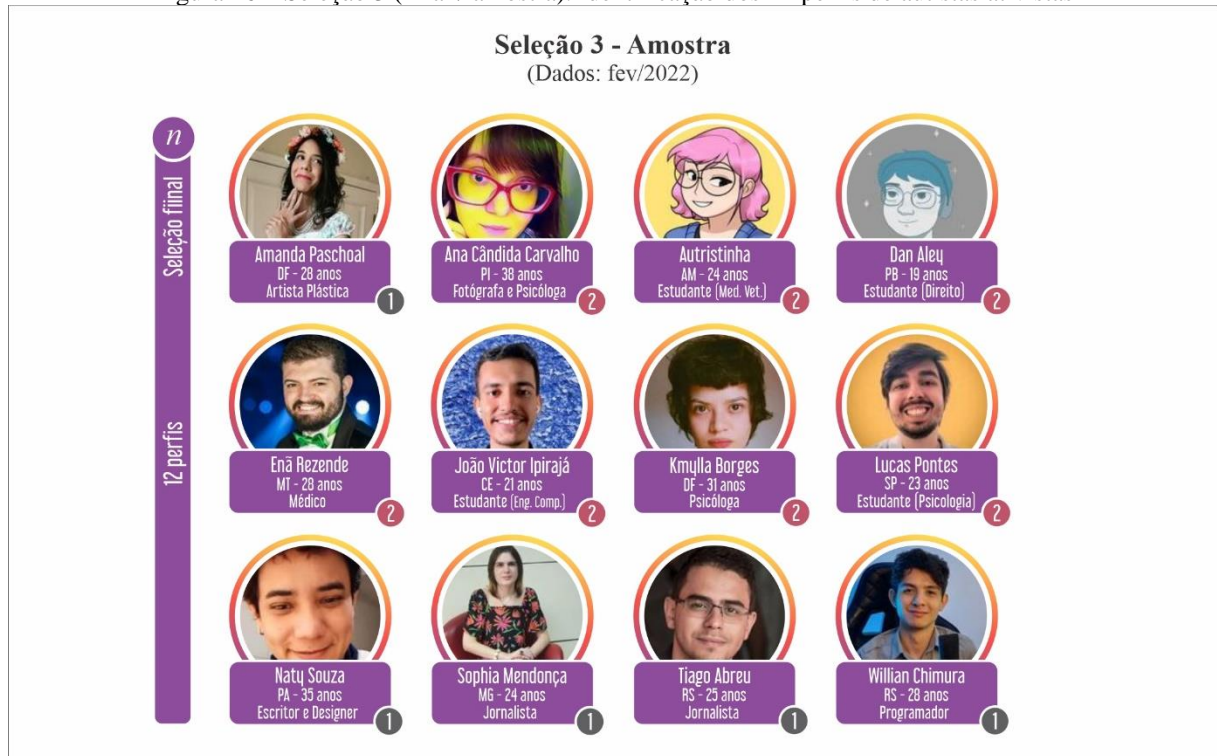
Figura 15 – Seleção 3 (final / amostra): constelação de autistas ativistas em rede



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Na figura 16 são dispostos em ordem alfabética os 12 perfis da amostra (seleção final), com as indicações dos respectivos nomes, idades, estados de residência e profissões.

Figura 16 – Seleção 3 (final / amostra): identificação dos 12 perfis de autistas ativistas



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

O levantamento final contendo os dados gerais com 12 perfis selecionados para a amostra foi novamente atualizado, em fevereiro de 2022. Porém, visto o elevado número de publicações em todas as redes sociais digitais que cada perfil possuía, foram necessários novos recortes.

O quadro 6, apresentado anteriormente, indicou que os dados (informados) levantados em março de 2021 e que considerou números de todas as redes sociais observadas pertencentes aos 12 perfis da amostra, reuniu mais de 54,8 mil publicações nos históricos gerais das suas páginas (média de 4,57 mil por perfil) e 55 contas em diferentes redes sociais digitais ativas (média de 5 RSD por perfil) encontradas. O quadro 8, a seguir, rememora estes dados. Deste modo, definir período de publicações a serem consideradas e a principal plataforma a ser observada, tornou-se fundamental.

Quadro 8 – Síntese dos dados gerais do corpus empírico (autistas ativistas) e das suas configurações em RSD

Nº PERFIS	IDADE MÉDIA (2022)	Nº CIDADES / Nº UF	REGIÕES	DADOS: MAR/2021		
				PUBLICAÇÕES	SEGUIDORES	Nº RSD
12	28	10 / 10	5	54.879	427.350	55
				$\bar{x} = 4.573$	$\bar{x} = 35.613$	$\bar{x} = 5$

Fonte: elaborado pelo autor. Dados públicos (informados) em mar/2021.

Sobre a plataforma, 8 diferentes tipos de redes sociais digitais foram encontrados com contas relacionadas aos perfis pesquisados (quadro 9). Porém, o *Instagram*²⁰ foi a plataforma utilizada por todos os autistas ativistas, com regularidade e contas unanimemente ativas, ou seja, com maior performance.

Quadro 9 – Plataformas de RSD observadas e quantificadas

PLATAFORMAS UTILIZADAS PELOS PERFIS PESQUISADOS	PLATAFORMA DE USO COMUM E MAIS RECORRENTE
<i>Facebook</i>	 Instagram
<i>Instagram</i>	
<i>Twitter</i>	
<i>Youtube</i>	
<i>Podcasts</i>	
<i>LinkedIn</i>	
<i>Blogs/Sites</i>	
<i>TikTok</i>	

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A tabela 4 demonstra a síntese dos perfis da amostra e os quantitativos identificados nas suas respectivas contas do *Instagram*. Se comparada às seleções (1) inicial e (2) expandida, nota-se que na amostra ocorre estabilidade na idade média (28 anos), a presença de 8 diferentes ocupações ou profissões, residência em 10 estados, 10 cidades e nas 5 regiões do território brasileiro. Além disso 50% se apresentam como sendo do gênero masculino e os outros 50% da amostra se identificam com a identidade feminina. As publicações, contabilizadas desde a abertura das respectivas páginas, totalizaram 6.712 (informadas), com mais de 172 mil seguidores (informados).

Quanto ao período, a solução para o recorte se deu a partir da data em que toda a amostra (tanto os componentes da seleção inicial, quando os da expandida) foi observada e

²⁰ O *Instagram* é uma rede social digital (*online*) visual, criativa e interativa de compartilhamento de imagens e vídeos curtos entre os seus usuários. Permite a aplicação de filtros digitais e o compartilhamento em outros serviços de redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* e *Flickr*. Nele, é possível seguir usuários, curtir, comentar e compartilhar as publicações. Há ainda os recursos de *Stories*, *Reels* e *Live*. A plataforma foi criada por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançada em 2010. Em 2012 foi adquirida pelo *Facebook* (POCKET-LINT, 2022).

acompanhada mutuamente, até o tempo limítrofe para a coleta de dados nesta pesquisa. Desta forma, foram considerados 21 meses de publicações compreendidos no intervalo entre **junho de 2020 e fevereiro de 2022**, como recorte temporal.

Tabela 4 – Seleção final (amostra): 12 perfis na RSD *Instagram* (dados desde a abertura das páginas)

PERFIS	SEL.	IDADE (2022)	UF	REGIÃO	PUBLIC.	SEGUID.	Nº PERFIS	GÊN.	CIDADE	PROFISSÃO
Amanda Paschoal	1	29	DF	Centro-Oeste	550	4.568	1	F	Brasília	Artista Plástica
Enã Rezende	2	29	MT	Centro-Oeste	254	19.966	1	M	Cuiabá	Médico
Kmylla Borges	2	31	DF	Centro-Oeste	19	633	1	F	Brasília	Psicóloga
Ana Cândida Carvalho	2	39	PI	Nordeste	124	1.825	2	F	Teresina	Fotógrafa e Psicóloga
Dan Aley	2	20	PB	Nordeste	32	4.953	1	M	Recife	Estudante (Direito)
João Victor Ipirajá	2	22	CE	Nordeste	26	314	1	M	Fortaleza	Estudante (Eng. Comput.)
Autristinha	2	25	AM	Norte	10	399	1	F	Manaus	Estudante (Med. Veter.)
Naty Souza	1	36	PA	Norte	724	3.880	1	F	Belém do Pará	Escritor e Designer
Lucas Pontes	2	24	SP	Sudeste	678	81.769	1	M	Botucatu	Estudante (Psicologia)
Sophia Mendonça	1	25	MG	Sudeste	3.689	18.691	2	F	Belo Horiz.	Jornalista
Tiago Abreu	1	26	RS	Sul	570	10.121	2	M	Porto Alegre	Jornalista
Willian Chimura	1	29	RS	Sul	36	25.711	1	M	Porto Alegre	Programador
Total	12		10	5	6.712	172.830	15		10	8
Média (x̄)		28			559	14.403	1			

Fonte: elaborada pelo autor. Dados públicos (informados) em fev/2022.

Se na tabela 4 estão contemplados os históricos com todos os *posts* armazenados nas *timelines* (linhas do tempo) dos referidos perfis, a tabela 5 mostra um novo recorte. Como 3 dos 12 perfis possuíam mais de uma conta ou página ativas no *Instagram*, optei por selecionar a mais representativa em termos de publicações de conteúdo referentes ao autismo e manter apenas uma conta por representante, resultando em 2.257 publicações realizadas no período definido.

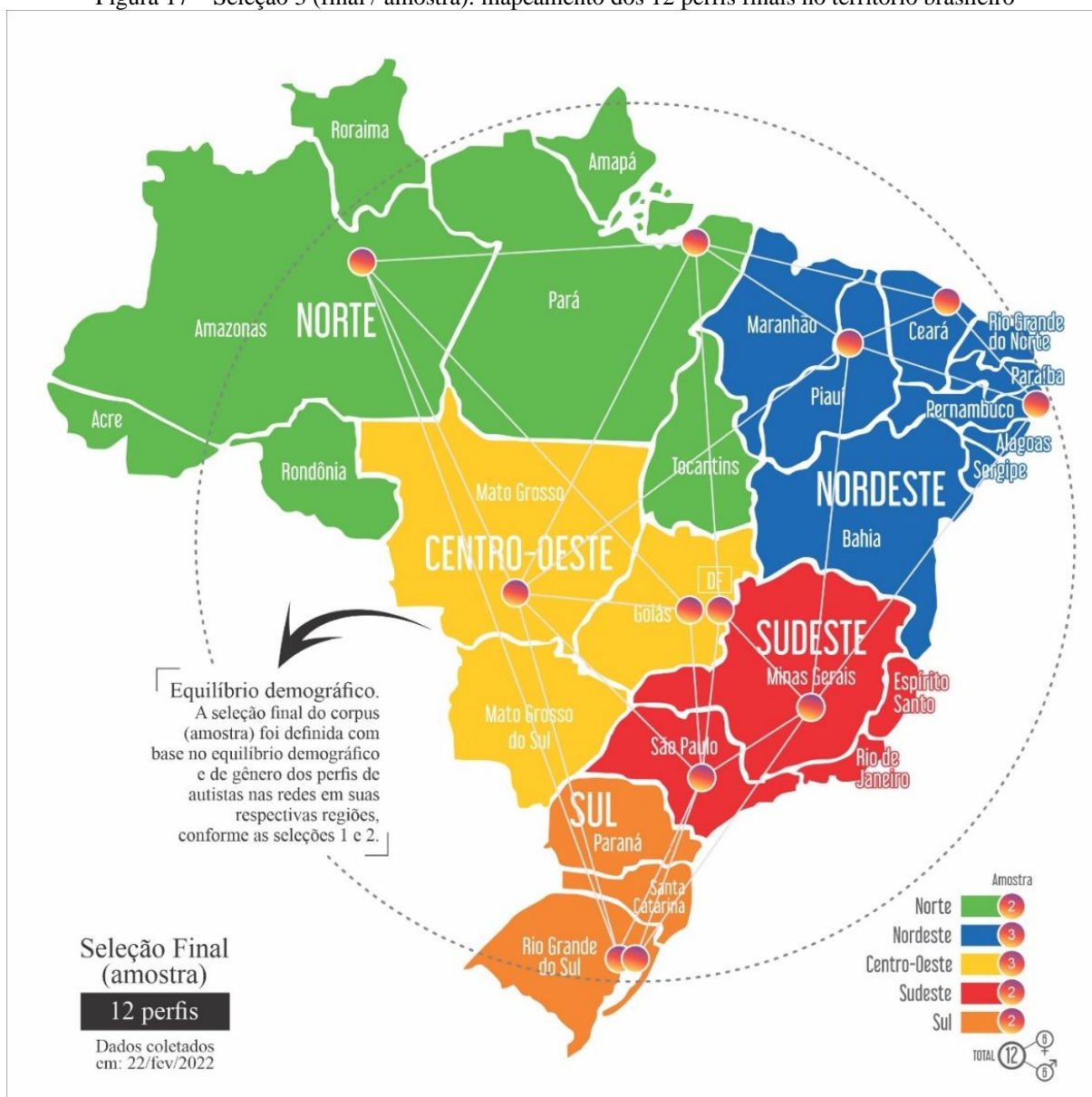
Tabela 5 – Seleção final (amostra): 12 perfis na RSD *Instagram* (recorte do período: jun/2020 a fev/2022)

PERFIS	IDADE (2022)	REGIÃO	PUBLICAÇÕES TOTAIS	PUBLICAÇÕES JUN/20 A FEV/22	SEGUIDORES
Amanda Paschoal	29	Centro-Oeste	550	95	4.568
Enã Rezende	29	Centro-Oeste	254	66	19.966
Kmylla Borges	31	Centro-Oeste	19	21	633
Ana Cândida Carvalho	39	Nordeste	124	21	1.825
Dan Aley	20	Nordeste	32	25	4.953
João Victor Ipirajá	22	Nordeste	26	23	314
Autristinha	25	Norte	10	10	399
Naty Souza	36	Norte	724	711	3.880
Lucas Pontes	24	Sudeste	678	483	81.769
Sophia Mendonça	25	Sudeste	3.689	572	18.691
Tiago Abreu	26	Sul	570	213	10.121
Willian Chimura	29	Sul	36	17	25.711
Total = 16 perfis		5	6.712	2.257	172.830
Média	28		559	188	14.403

Fonte: elaborada pelo autor. Dados públicos (informados) em fev/2022.

Por fim, na amostra a distribuição e presença geográfica dos 12 perfis destacados no mapa (figura 17), revelaram o alcance em todas as regiões brasileiras. A constelação manteve a ampliação da sua área, mas desta vez com o equilíbrio da representatividade dos perfis entre as cinco regiões do território brasileiro.

Figura 17 – Seleção 3 (final / amostra): mapeamento dos 12 perfis finais no território brasileiro



Fonte: elaborada pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Os quadros de 11 a 15 apresentam os descritivos individuais de cada perfil selecionado, separados por região.

Quadro 10 – Dados gerais dos perfis da região Centro-Oeste

RSD	INTERAÇÃO	AMANDA PASCHOAL	ENÃ REZENDE	KMYLLA BORGES
Instagram	Link	amanda.paschoal.au	ena.nascimento	kmylla.borges
	Inscrição	19/04/2018	18/10/2014	22/12/2021
	Publicações	550	254	19
	Seguidores	4.568	19.966	633
	Seguindo	232	1.821	146
Idade		29	29	31

Ano de Nascimento	1993	1993	1991
Local de Residência	Brasília – DF	Cuiabá - MT	Brasília - DF
Bio	Artista plástica, ativista, feminista, palestrante e autista. Conselheira do MOAB (Movimento Orgulho Autista Brasil). Aluna de licenciatura em Artes Visuais pela UnB.	Médico, Escritor, Poeta, Autista. Autor do livro ExpressaMENTE.	Kmylla Borges é psicóloga, ativista e autista. Fala sobre a desordem do espectro do autismo, dita por uma pessoa autista.
Descrição	Amanda defende o respeito à neurodiversidade. Tornou-se palestrante e nas apresentações aborda, além da história por trás da descoberta do autismo, questões de gênero.	Médico, Escritor, Poeta, Autista. Autor do livro ExpressaMENTE.	Kmylla fala sobre autismo e comportamento, pelo viés científico e trazendo relatos e experiências de como é estar no Espectro do Autismo. Usa o YouTube e o Instagram para fazer conteúdo informativo sobre autismo: características, diagnóstico tardio, camuflagem de autismo, etc.

Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Quadro 11 – Dados gerais dos perfis da região Nordeste

RSD	INTERAÇÃO	ANA CÂNDIDA CARVALHO	DAN ALEY	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ
Instagram	Link	ana_autista	explicandoautismo	joaoipiraja
	Inscrição	01/04/2021	01/11/2019	14/03/2020
	Publicações	21	32	26
	Seguidores	174	4.953	314
	Seguindo	120	511	284
Idade		39	20	22
Ano de Nascimento		1983	2002	2000
Local de Residência		Teresina-PI	Recife - PB	Fortaleza - CE
Bio		Autista, escritora, fotógrafa, psicóloga, membro da Abraça. Escondi o Dó central debaixo do Sol. Lá o perdi. "Talvez seja mais fácil tropeçar em Si, tocando notas de rodapé aleatórias", alguém diria. Acreditei!	Tenho 20 anos e aqui falo sobre vivência no espectro e explico autismo pra qualquer pessoa entender.	Autistic & Activist. Apple Developer Academy. Google DSC Lead. Computer Eng. (4/10).
Descrição		Ana Candida Nunes Carvalho é filha de pais amarantinos, nasceu em Teresina e trabalha como funcionária pública. Administra e escreve no blog "Mulher Aspie" que usa para dialogar, elucidar e desnudar o tabu que existe sobre o tema do autismo. Já expos suas fotos em um dos eventos organizados pelo coletivo Salve Rainha.	Ativista pelo autismo, autista, membro Abraça. Nessa conta, você encontra tuítes relacionados a ativismo autista, neurodiversidade, vivência autista e coisas irrelevantes sobre meus interesses especiais. Fique à vontade para interagir, mas não sou responsivo com DMs.	Autista, ativista da causa da neurodiversidade, membro dos neurodivergentes, estudante de Engenharia de Computação do Instituto Federal do Ceará - Fortaleza (CE).

Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Quadro 12 – Dados gerais dos perfis da região Norte

RSD	INTERAÇÃO	AUTRISTINHA	NATY SOUZA
Instagram	Link	autristinha	meumundoautistaa
	Inscrição	03/07/2021	10/12/2018
	Publicações	10	724
	Seguidores	399	3.880
	Seguindo	323	698
Idade		25	36
Ano de Nascimento		1997	1986
Local de Residência		Manaus – AM	Belém do Pará – PA
Bio		Autista de 24 anos, estudante do quarto período de Medicina Veterinária (2022). Faço posts sobre autismo e outras coisas importantes.	Autista, palestrante, escritor. Só escrevendo coisas da vida. Não me culpe, escrevo apenas meu mundo.
Descrição		Sem relevar a identidade, o perfil @autristinha revela uma jovem autista de 24 anos, que estuda (em 2021) o quarto período de Medicina Veterinária (4/10) e que usa o Instagram para publicar posts sobre autismo e outras coisas que considera importantes.	Administrador e Influenciador Digital na empresa Meu Mundo Autista. Escritor, designer, poeta e autista. Autor do livro Sentimento Autista (2021).

Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Quadro 13 – Dados gerais dos perfis da região Sudeste

RSD	INTERAÇÃO	LUCAS PONTES	SOPHIA MENDONÇA
Instagram	Link	lucas_atipico	sophiamendoncaoficial
	Inscrição	02/07/2019	22/03/2015
	Publicações	678	2.210
	Seguidores	81.769	5.443
	Seguindo	1.085	1.623
Idade		24	25
Ano de Nascimento		1998	1997
Local de Residência		Botucatu – SP	Belo Horizonte - MG
Bio		Autista e ativista.	Escritora, jornalista, youtuber, apresentadora, palestrante, budista e autista.
Descrição		Compartilha experiências, explicações, opiniões, memes e coisas aleatórias. Possui o canal Arteaspie Autismo e aborda o tema através do próprio olhar, autista. Luta pela conscientização do espectro autista de maneira realista, leve e bem-humorada.	Sophia Mendonça é pesquisadora, mestre em Comunicação Social (UFMG), blogueira na empresa Portal Uai e apresentadora na empresa Mundo Autista. Em 2020 passou por processo de transição de gênero. Ela também é autora dos livros “Outro Olhar – Reflexões de um Autista” (2015), “Danielle, Asperger” (2016), “Dez Anos Depois” (2018) e “Neurodivergentes” (2019). É colunista da Revista “Inclusive.com”, no portal “SeikyoPost” e na revista eletrônica “Tendência Inclusiva”.

Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Quadro 14 – Dados gerais dos perfis da região Sul

RSD	INTERAÇÃO	TIAGO ABREU	WILLIAN CHIMURA
Instagram	Link	introvertendo	chimurawill
	Inscrição	13/05/2018	13/05/2018
	Publicações	486	36
	Seguidores	9.422	25.711
	Seguindo	422	745
Idade		26	29
Ano de Nascimento		1996	1993
Local de Residência		Porto Alegre – RS	Porto Alegre - RS
Bio		Jornalista, ativo no jornalismo cultural, <i>podcaster</i> do <i>Introvertendo</i> e autor do livro <i>Histórias de Paratinga</i> .	Youtuber; Programador; Mestrando em Informática para Educação no Instituto Federal de Tecnologia do Rio Grande do Sul e autista.
Descrição		Tiago criou em 2018 o “ <i>Introvertendo</i> ”: primeiro <i>podcast</i> do Brasil sobre autismo, onde autistas conversam. Formado exclusivamente por autistas (Aspergers) o <i>podcast</i> surgiu a partir de um grupo terapêutico desenvolvido no Saudavelmente, programa da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia. Desde 2020 é uma produção da Superplayer & Co. Dialogam sobre aspectos da vida cotidiana, sobre a sociedade, questões evidentemente irrelevantes, mas sempre na intenção de ter um papo natural e orgânico.	Willian usa o canal para falar sobre autismo, sobre as dificuldades de estar no espectro e para dividir as próprias experiências com outros autistas e famílias. Combate declarações que fazem mau uso do termo autismo, promove debates, compreensão sobre o assunto e considera ocupar, nas redes, um importante lugar de fala.

Fonte: elaborado pelo autor. Dados coletados em fev/2022.

Desta forma, a fase da perambulação que transcorria de forma digital, constituiu-se de maneira que, além de coletar dados, de fixar e organizar imagens e vestígios, eu pudesse construir relações entre os acontecimentos, suas similaridades, mas ainda possíveis estranhezas e particularidades que pudessem iluminar algumas singularidades ou rupturas, ou seja, os elementos de passagem, transitórios, as zonas de fluxos e contrafluxos definidos por Benjamin (2009) e Gagnebin (2014) como limiares. Entendi isso como um convite para se pensar nestas existências limiares, como um espaço de transformação e criação existente entre os ambientes.

Neste sentido, Marques (2021) percebe que nas “experiências em cenas de comunicação” há a busca por limiares e passagens para interações e coexistência com o outro, com as diferenças, já que “a construção de formas de vida possíveis por meio de desvios e derivas aproximam identidades, deslocam visibilidades e alteram vulnerabilidades”, temas que aqui interessam, tanto por se tratar de uma pesquisa em comunicação, como pelas questões sensíveis que são vividas, suscitadas pelo objeto e que formam fluxos, coleções, criam rizomas e se constituem como constelações, como mapas cartográficos.

2.2.2. Colecionar e constelar: os mapas do autismo no *Instagram*

O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo.

Walter Benjamin (2009, p. 245 [H 4 a,1])

[...] a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação.

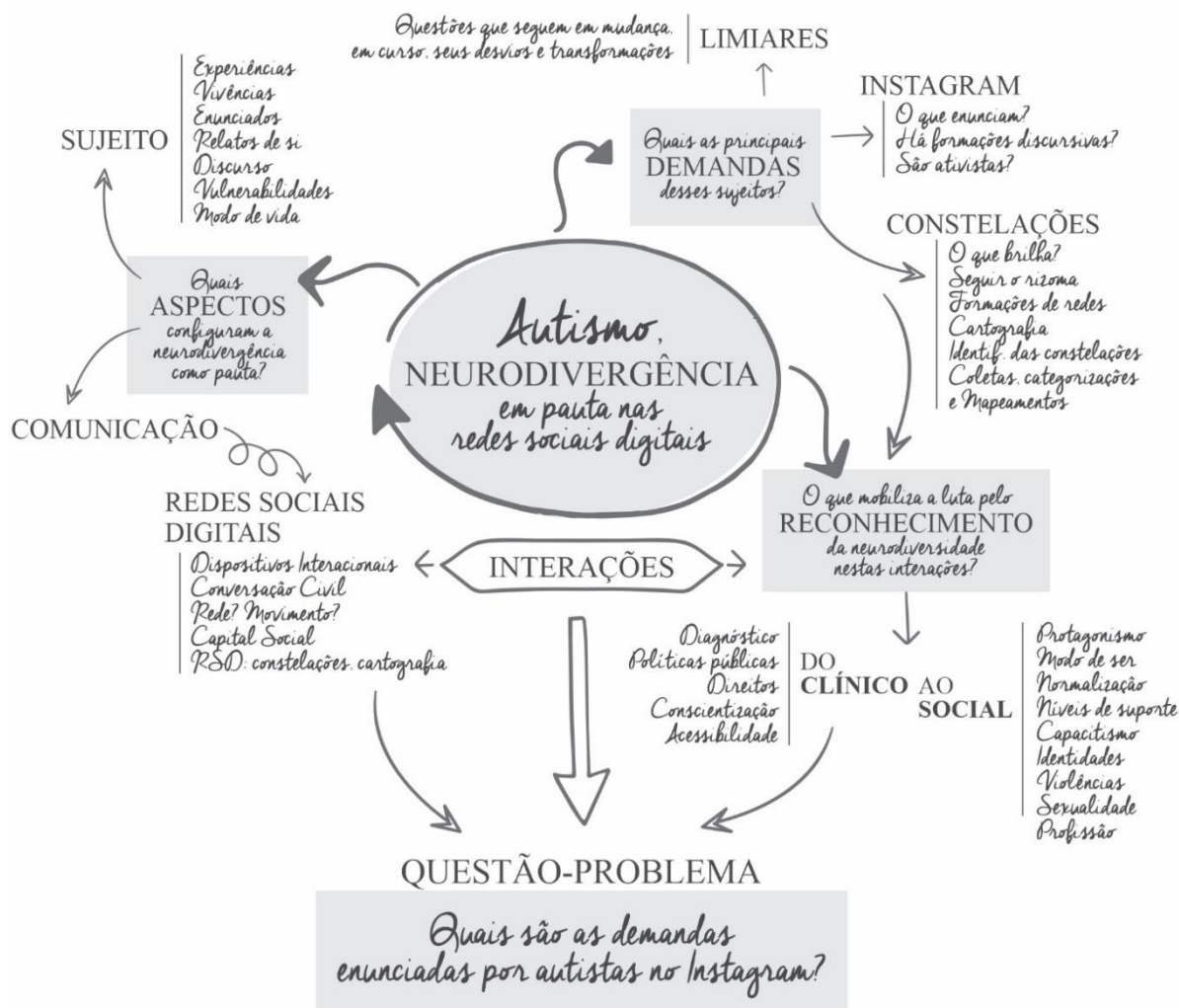
Walter Benjamin (2009, p. 504 [N 2 a,3])

Durante todo o percurso que envolveu o contato e seleções dos perfis, nas três fases então apresentadas, mantive um diário de pesquisa, como uma rotina de organização dos dados e, nele, fui armazenando as informações, acontecimentos, as descrições e observações que me auxiliassem nas interpretações e análises. As anotações contribuíram com os processos e sensibilidades das etapas posteriores.

A partir da seleção dos perfis e das observações dos materiais na fase da perambulação, iniciei o desenho do mapa da pesquisa. No início de 2022, ainda envolvido com o acompanhamento do maior volume de perfis e com o recorte da amostra, pude criar uma representação gráfica (figura 18) que auxiliasse na compreensão do desenho da pesquisa e que contribuísse com a identificação das relações teórico-metodológicas condizentes com a questão-problema.

Na fase da perambulação, muitas questões do corpus acendiam. Por isso, desenhar o percurso da pesquisa foi importante para que eu pudesse desenvolver uma “sensibilidade colecionista” (DIAS, 2022) e ainda critérios de recorte, aproximações e tensões frente ao objeto e seus múltiplos e possíveis caminhos.

Figura 18 – Representação gráfica da questão-problema da pesquisa



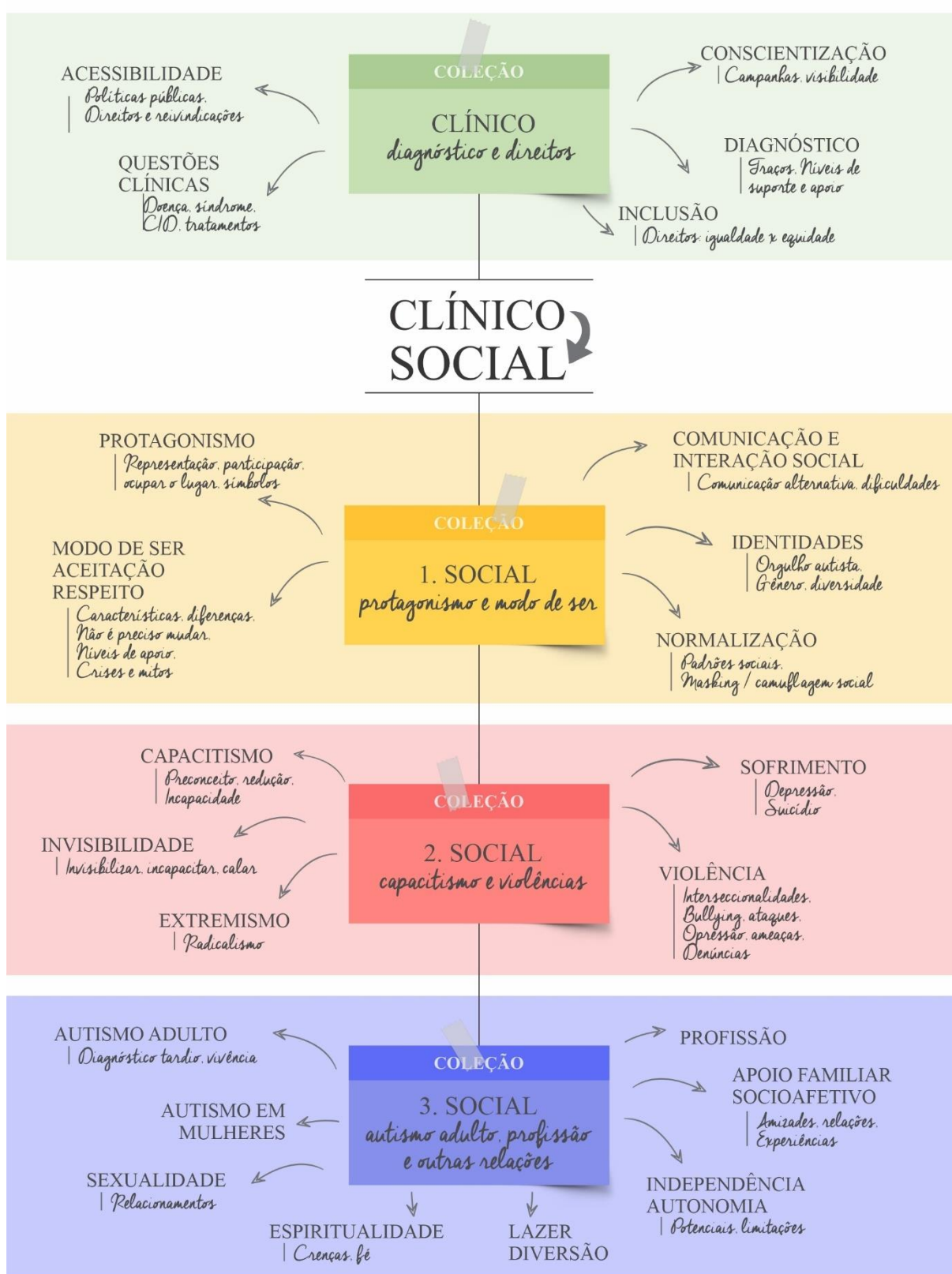
Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Tendo o autismo como centro, as demandas neurodivergentes como pautas presentes nas redes sociais digitais, a definição da amostra e os seus recortes, a questão-problema ganhava mais nitidez. Tornou-se possível perguntar: quais são as demandas, os agenciamentos e discursos enunciados por autistas no *Instagram*? A partir da problemática, outras questões associadas a ela decorriam, com seus desdobramentos e direcionamentos teóricos e metodológicos. O desenho contribuiu ainda com a minha melhor percepção sobre a rota, quanto ao caminho a ser percorrido, bem como sobre o tratamento que deveria ser dado ao material empírico coletado, ou seja, sobre como os materiais se iluminam, entrelaçam, dialogam entre si e entram em disputa. Enfim, permitiu a montagem das constelações.

A investigação de produtos comunicacionais decorrentes das culturas digitais, como aqui ocorre, prevê uma vasta quantidade de dados que podem se apresentar de maneira dispersa nas redes sociais digitais. No entanto, os recortes já definidos e previstos na amostra, como a

seleção dos perfis, plataforma de RSD e período, contribuíram com a montagem das constelações (figura 19).

Figura 19 – Do clínico ao social: as coleções



Fonte: elaborada pelo autor (2022).

As coleções foram montadas em decorrência do agrupamento e recorrência das questões trazidas pelo objeto, aproximadas à problemática da pesquisa. Como num mapa, a figura 19 ilustra esse processo ou rota. Assim como o autismo cumpriu uma rota social, ou seja, um movimento de mudança que partiu dos aspectos clínicos e, no seu percurso histórico, assume disputas de ordem social mobilizadas pelos sujeitos que o vivenciam, percebi, na organização do material empírico, que a movimentação assim também se configurava.

Portanto, das 2.257 publicações gerais reunidas no *Instagram* dos 12 perfis selecionados no recorte temporal de junho de 2020 a fevereiro de 2022, 574 postagens foram colecionadas, o que representa 25% do total de *posts* (quadro 15).

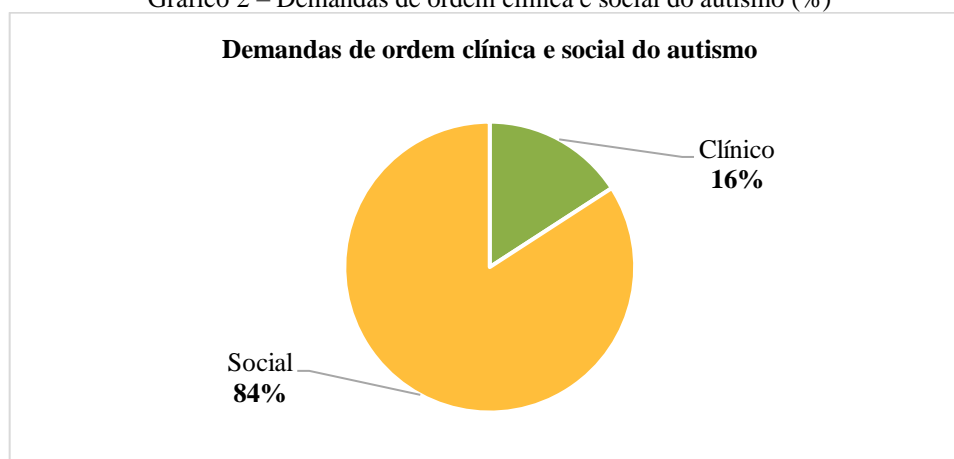
Quadro 15 – Quantitativo das coleções analisadas (recorte do período: jun/2020 a fev/2022)

Nº PERFIS <i>INSTAGRAM</i>	COLEÇÕES		DADOS: JUN/2020 A FEV/2022		
	CLÍNICO	SOCIAL	PUBLICAÇÕES TOTAIS DA AMOSTRA	PUBLICAÇÕES COLEcionadas	SEGUIDORES
12	1	3	2.257 (100%)	574 (25%)	172.830
			$\bar{x} = 188$	$\bar{x} = 48$	$\bar{x} = 14.403$

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A figura 19 demonstra também estas relações, do clínico ao social, e a montagem das coleções, dadas inicialmente pela recorrência e similaridade dos enunciados. A primeira coleção, a mais evidente, reuniu as questões de ordem clínica, ligadas ao diagnóstico e aos direitos das pessoas autistas, à acessibilidade, às políticas públicas de conscientização e inclusão. No entanto, conforme o gráfico 2 demonstra, apenas 16% das demandas eram relacionadas às questões clínicas. Os enunciados direcionam determinada força, conseqüentemente, às demandas de ordem social previstas como categorias de análise.

Gráfico 2 – Demandas de ordem clínica e social do autismo (%)



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Por isso, dentre as combinações possíveis, correlacionando-as por similaridade ou derivações temáticas, dividi e organizei o conteúdo observado de cunho social em outras 3 coleções: (1) constelação protagonismo e modo de ser; (2) constelação capacitismo e violências; (3) a constelação autismo adulto, profissão e outras relações. O quadro 16 traz as coleções e suas subcoleções das demandas autistas analisadas, acompanhada dos quantitativos de publicações distintas por coleções. A relação completa está no Apêndice B.

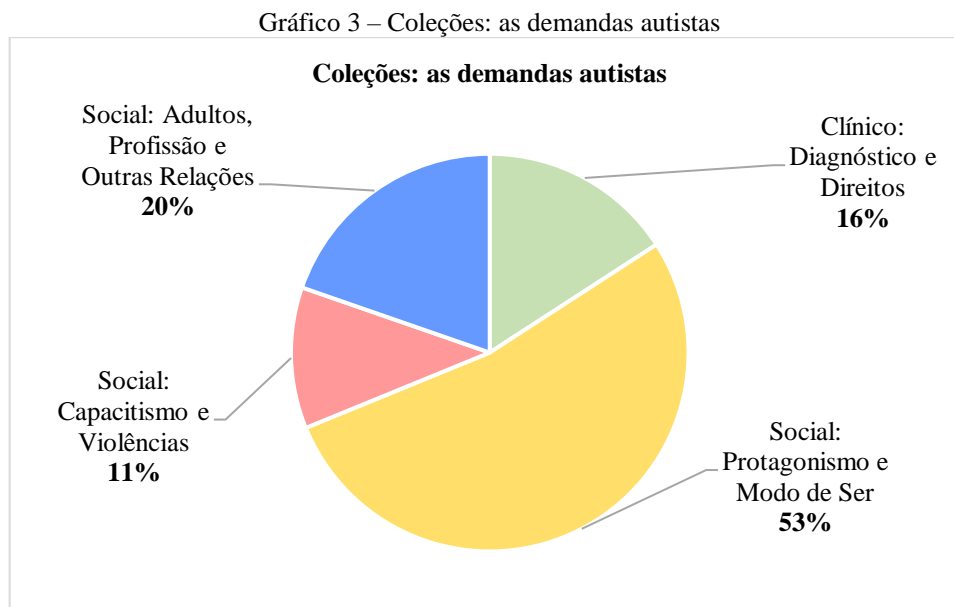
Quadro 16 – Coleções das publicações (as coleções e subcoleções das demandas autistas)

COLEÇÕES	SUBCOLEÇÕES	QUANTIDADE COLECIONADA		
CLÍNICO – CONSTELAÇÃO: DIAGNÓSTICO E DIREITOS	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	27	91	16%
	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	19		
	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	18		
	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	18		
	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	9		
SOCIAL 1 – CONSTELAÇÃO: PROTAGONISMO E MODO DE SER	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	155	304	53%
	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	52		
	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	49		
	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, <i>masking</i> , camuflagem social)	29		
	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	19		
SOCIAL 2 – CONSTELAÇÃO: CAPACITISMO E VIOLÊNCIAS	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	11	66	11%
	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	26		
	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, <i>bullying</i> , ataques, opressão, ameaças, denúncias)	11		
	EXTREMISMO (radicalismo)	2		
	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	16		
SOCIAL 3 – CONSTELAÇÃO: AUTISMO ADULTO, PROFISSÃO E OUTRAS RELAÇÕES	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	17	113	20%
	AUTISMO EM MULHERES	19		
	SEXUALIDADE (relacionamento)	14		
	PROFISSÃO	17		
	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	19		
	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	11		
	LAZER / DIVERSÃO (geral)	6		
	AUTONOMIA (independência, potenciais, limitações)	10		
Total		574 posts	100%	

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Complementarmente, o gráfico 3 ilustra a prevalência das questões sociais que se desdobram em coleções que destacam enunciados ligados ao modo de ser autista, à aceitação,

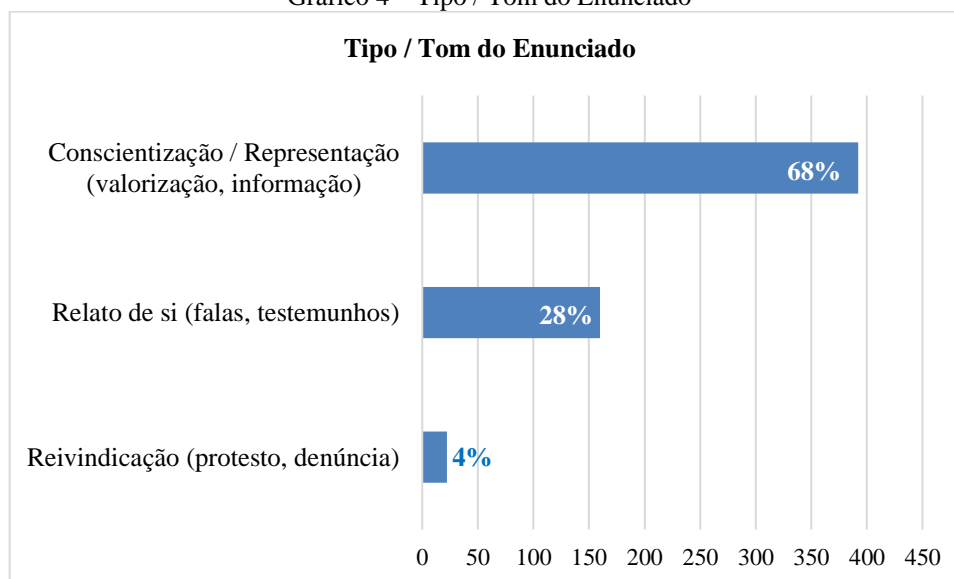
respeito, ao protagonismo, às diferentes identidades e ao esforço social que ainda impõe atitudes de normalização dos sujeitos.



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Ainda nesta fase de organização do material coletado, categorizei os tipos ou tons (como preferi chamar) predominantes dos enunciados. Isso porque percebi que a maior parte das publicações (68%) tem um “tom” predominantemente informacional ativado pela necessidade de conscientização, pelo querer “dar a ver e a saber” a respeito do autismo, pelo destaque emergente ou valorização do modo de ser e das características autistas, ou seja, pela representação do ser neurodivergente. Houve também os relatos de si e a exposição de vivências e histórias de vida como formato discursivo, para 28% das publicações. Enfim, 4% dos enunciados trouxeram um tom de reivindicação, de protesto ou denúncia, muito associados à coleção social 2, ligada ao capacitismo, extremismo e às violências sofridas (gráfico 4).

Gráfico 4 – Tipo / Tom do Enunciado



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Deste modo, apoiado em Benjamin (2009, p. 240, frag. [H 1 a, 5]), rendo-me ao seu conselho de que tudo se desenrola diante dos olhos e vem ao encontro do colecionador:

Poder-se-ia dizer que, se vivêssemos segundo outro ritmo – mais serenos diante de certas coisas, mais rápidos diante de outras -, não existiria para nós nada “duradouro”, mas tudo se desenrolaria diante de nossos olhos, tudo viria de encontro a nós. Ora, é exatamente isso que se passa com o grande colecionador em relação às coisas. Elas vão de encontro a ele. Como ele as persegue e as encontra, e que tipo de modificação é provocada no conjunto das peças por uma nova peça que se acrescenta, tudo isto lhe mostra suas coisas em um fluxo contínuo (BENJAMIN, 2009, p. 240, frag. [H 1 a, 5]).

Mesmo que nem todos os materiais colecionados sejam utilizados diretamente na análise, ressalto que todas as publicações, as leituras, o contato particular com cada *post* e inspirações que foram trazidas por elas, tornaram-se determinantes para que eu acompanhasse o rizoma e selecionasse os enunciados a serem efetivamente analisados, na tentativa de trabalhar os elementos centrais da tese, para dar conta das indagações e responder à questão-problema.

Enfim, posso me lançar para a etapa seguinte que prevê o exercício de mais uma sensibilidade investigativa (DIAS, 2022): as constelações. Debruço-me então a pensar, como orienta Velloso (2018), a partir do modo como se dão as publicações sobre demandas autistas no *Instagram*, ou seja, pelo esforço de decifrar o processo que as compuseram e o que elas querem ou tentam dizer e não exatamente o que elas são.

Pensar por constelações é trazido para cá como uma metáfora que descreve a adoção de uma ferramenta metodológica. Trata-se de uma “estratégia” (VELLOSO, 2018) capaz de estabelecer uma forma de relacionar as ideias e os pensamentos em torno do autismo enquanto

um fenômeno que brilha nas redes sociais digitais (constelações), sobre aquilo que demandam os sujeitos neurodivergentes que o compõem (as estrelas), mesmo que estejam distantes, moventes e sejam aproximados pelo olhar do pesquisador. Sobre isso, Dias (2022, p. 48) define:

Essas estrelas estão distantes entre si, é o nosso olhar que as aproxima. Elas estão em extremos, somos nós que desenhamos as linhas. Essas estrelas, todavia, não são fixas, não estão à nossa espera. Estrelas se movem e a constelação, no fim, precisa dar conta desse movimento: de falar do conteúdo (estrelas), mas também do próprio fluxo que constitui a movimentação. Constelar é, assim, uma estratégia na construção dos mapas moventes.

Neste sentido, analisar os enunciados produzidos por autistas em rede social digital pela perspectiva constelacional prevê o entendimento da dinâmica da própria plataforma, mas também de elementos exteriores a ela, adjacentes, não explícitos, mas que podem corroborar ou refazer as narrativas. Esta perspectiva atua, portanto, como elemento de ligação das etapas anteriores (perambulação e coleção), no processo de cartografar as demandas neurodivergentes no *Instagram* e de construir os mapas da pesquisa.

Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. Fazer o mapa, não o decalque. [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo". Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida "competência". (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 20-21).

Considerando que a cartografia propõe um ato de exploração, uma caminhada, um exercício de conhecer e acompanhar processos e, conseqüentemente, a sua constituição, torna-se necessário o mergulho pessoal do cartógrafo no plano da experiência, percorrendo os entrelaçamentos que se cruzam e caminhos que se abrem. Sendo assim, como cartógrafo, percebo-me implicado no próprio movimento de pesquisa, encarando-a como algo em aberto, respeitando as múltiplas conexões de entrada ou saída, pelo uso de um método que se forma à medida que vou acessando e processando novos territórios. Neste percurso, portanto, os processos de construção dos possíveis efeitos de verdade vão sendo construídos para representar este instante e esta experiência, não configurados naturalmente como sendo definitivos ou universais.

Assim, como o processo de cartografia supõe a composição de um território existencial cujo cartógrafo atua como aprendiz ao construir o conhecimento “com” e não “sobre” o campo pesquisado, é o acontecimento que parece encontrar o pesquisador. Tal encontro, por sua vez, só é possível diante da disponibilidade do cartógrafo, do seu “estado de espreita”, de uma atitude relacional desprovida de regras metodológicas para serem aplicadas, mas, especialmente, orientado de uma “atenção sensível” para encontrar o desconhecido, embora este já estivesse ali, como virtualidade (KASTRUP, 2009).

Como a jornada cartográfica acontece sem que o pesquisador conheça os lugares a serem percorridos e alvos a serem alcançados, a pesquisa se encaminha com criação de mapas de um terreno no qual é possível transitar por diferentes formas. O desenho destes mapas, ou seja, a sua criação, permite ao cartógrafo múltiplas capacidades de circulações e entradas de conhecimentos por meio de suas conexões e singularidades.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Entendo a cartografia como a uma possibilidade de aproximação dos efeitos de realidade gerados nesta experiência, sem a pretensão de apresentar ou descrever resultados. Por outro lado, interesse-me pelos enunciados presentes nesse campo de pesquisa e na narrativa como fruto da habitação num território que permeei durante este processo investigativo, relacional e imersivo. Assim, a escrita que surge desta experiência se constitui de maneira heterogênea, pois possibilita que os textos falem em decorrência de outros, com conexões entre os enunciados "colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também diferentes estatutos de estados de coisas", como defendem Deleuze e Guattari (1995, p. 14).

A partir do pensamento por constelações e tendo os discursos presentes nas páginas do *Instagram* como rizomas, sigo no esforço de perceber como os materiais se iluminam, dialogam entre si ou entram em disputa, pela conexão de fluxos e canais.

Tenho, no entanto, a prudência de explicar que, neste percurso metodológico que se faz no processo, não intento substituir a cartografia pela constelação ou ainda equipará-las, tomar uma pela outra. O que faço é sugerir um exercício de olhar os dois modos investigativos que se aproximam, inclusive pela perspectiva da afetividade, e que apresentam pontos de encontro

produtivos em suas abordagens de análise crítica dos materiais de escrita, a fim de torná-los inteligíveis.

Os próximos capítulos, portanto, são construídos como mapas que se complementam, trazem pistas e conduzem à compreensão sobre o autismo pelos enunciados dos sujeitos neurodivergentes, suas manifestações, seus pleitos, as organizações de poder ou ainda pelas afetações que conduzem às mobilizações políticas ou ao fazer social em prol do reconhecimento da neurodiversidade.

3. "EU SOU AUTISTA!": A AUTODEFINIÇÃO

Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte.

Toni Negri, inspirado em Espinosa

“*Eu sou autista!*”, “*Não pareço autista?*” e “*A minha vida autista*”. Estas frases definem, marcam e intitulam os próximos capítulos desta tese porque trazem vozes de sujeitos neurodivergentes que se posicionam, produzem subjetividades em seus processos de escrita e enunciam suas emergências como atores sociais.

Por isso, o protagonismo surge como a unidade tópica central desta pesquisa, como um agenciamento coletivo justamente pela postura enunciativa dos sujeitos que lançam as suas potências autonômicas em suas publicações nas redes sociais digitais ao mobilizarem suas forças. Entendo não se tratar da representação do mundo na consciência de um sujeito isolado, mas de se notar o que brilha numa constelação de objetos e de significados concatenados e que, no agenciamento coletivo, num concerto de vozes, de devires talvez imperceptíveis, das mutações afetivas ou ainda de outras sensibilidades (GUATTARI; ROLNIK, 1999), mobilizam intenções, indicam significados, produzem subjetividades e constituem modos de viver.

De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também místicas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões (GUATTARI, 1992, p.21).

Para prosseguir neste percurso foi decisivo considerar a subjetividade como um fluxo contínuo de sensações, modos de expressar a vida, de se comunicar e produzir discursos, textos e imagens, de manifestar as afetações e sensibilidades. Deste modo, todos os sujeitos e coletivos, portanto, produzem processos de subjetividade. Guattari e Rolnik (1999, p.31) são categóricos ao afirmar que a subjetividade é produzida por “agenciamentos de enunciação” e que, esses processos de subjetivação, ou seja, toda a produção de sentido, “não são centrados em agentes individuais [...], nem em agentes grupais”, mas que são duplamente descentrados,

ou seja, que “implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra pessoal, extra individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos [...], enfim, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos)” bem como os de “natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal” (aqueles ligados à percepção, aos afetos, à sensibilidade, aos modos de memorização e produção de ideias, aos sistemas corporais, orgânicos, biológicos e outros).

O processo de escrita produzido pelos sujeitos aqui observados é entendido como um fenômeno complexo, dotado de subjetividade e que se estabelece em constante negociação e em tensão com os outros diferentes elementos ou códigos culturais, sociais e políticos, como sugerem Deleuze e Benjamin em suas obras, pois naturalmente expande a simples prática do registro, da transcrição linguística. Por isso, trago como ponto de ancoragem para esta análise o conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari (1995), justamente pelo acoplamento de um conjunto de relações materiais a um regime de signos correspondente, proposto pelos autores.

Tento observar os enunciados sobre neurodivergência nesta relação entre a expressão e o seu conteúdo (como faces inseparáveis e que sofrem, entre si, intervenções), sob a perspectiva do agenciamento, dessa mistura de corpos e de afetações mútuas, a sua relação dialética, ativados conjuntamente em seus contextos. O funcionamento ou as ativações deste composto “expressão” e “conteúdo” podem inclusive, como defende Deleuze, promover rupturas nos modelos codificados e orientar novas relações decodificadas. É neste ponto, no acolhimento das tensões e na abertura aos desvios que existe nesta relação teórica, que as noções de cartografia em Deleuze e Guattari (1995) e de constelação em Benjamin (2009; 2013), mesmo com suas distinções, encontram-se e me oferecem um encadeamento oportuno para o percurso metodológico. Benjamin define que a “exposição é o princípio conceitual de seu [da filosofia] método” ou ainda, que o “método é desvio” e se engaja ao entendimento de um fazer filosofia como apresentação ou “exposição da verdade” (GAGNEBIN, 2007, p. 88) como um “movimento de respiração” que regressa incessantemente à singularidade a ser apresentada. Para ele, tal movimento demanda uma observação atenta e paciente, uma contemplação. Torna-se assim possível entender o seu interesse pelo modo como os elementos, fragmentados e singulares, são acolhidos pelo pensamento, ou seja, como expõem ou apresentam a verdade. Ao interessar-se pelos fragmentos, Benjamin propõe um desvio da concepção de sistema e se interessa pelos “pormenores do conteúdo material” que, se conectados, tendem à totalidade e à produção de uma possibilidade: a da apresentação da verdade (BENJAMIN, 2013, p. 16-17).

Ao elaborar conceitualmente a noção de “constelação”, entendo que Benjamin (2013) chama a atenção para a verdade presente nas singularidades ao considerar que o seu acesso se

dá pela sensibilidade, com a capacidade de se perceber o “brilho que seduz aquele que a procura”, de notar o “desvio para a verdade” (GAGNEBIN, 2014, p. 72). Deste modo, o conceito emerge desta tensão entre fenômeno e ideia em meio a uma configuração chamada por Benjamin de constelação, cujas “ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas”. Para ele, as ideias se mostram como “constelações eternas” e os fenômenos, portanto, com as estrelas, os seus elementos (BENJAMIN, 2013, p. 22-23). Neste exercício e esforço de se observar as estrelas, atento a um presente que nos interpela, Benjamin convoca à leitura daquilo que não foi dito. Por isso, a metáfora da constelação se inscreve na linguagem como *medium*, como o plano no qual “as coisas se relacionam” na sua essência. Apresentado na linguagem, em meio a estas “correspondências iluminadoras”, a verdade deve então ser exposta em sua fratura, naquilo que lhe resta, nos fragmentos da história, emergindo na materialidade do mundo e na interrupção da sua cadeia linear, da sua falsa ideia de totalidade (BENJAMIN, 2012, p. 121).

Por isso, reforço que, neste percurso de investigação processual, não substituo a cartografia pela constelação ou ainda as equiparo, tomando uma pela outra. Mas entendo a possibilidade vantajosa que existe neste exercício de olhar os dois modos investigativos que se aproximam, priorizando as perspectivas da afetividade, subjetividade e alteridade, e que apresentam pontos de encontro produtivos em suas abordagens de análise crítica dos materiais de escrita, a fim de torná-los inteligíveis.

Entendo que assim como o mapa pode ser um “instrumento mobilizador de afetos” e que, ao ser explorado, torna-se ainda capaz de alcançar “características afetivas da nossa relação com os lugares, tais como memórias e emoções” (RIBEIRO, 2021, p. 83-84), as constelações propostas por Benjamin também podem atuar como conjuntos brilhantes de subjetividades e singularidades, como agrupamentos de mobilizações que cintilam e iluminam o caminho do desvio para a verdade. Dito de outro modo, se nesta perspectiva coloco-me diante de uma “cartografia afetiva”, cujos “afetos convocam um olhar para os fenômenos que escapam à razão instrumental” (RIBEIRO, 2021, p. 84) e me permitem alcançar aspectos mais qualitativos ligados às emoções e memórias dos sujeitos neurodivergentes, recorro também à emergência de um relampejar, ao brilho constelar que interpela e conduz esse exercício de escrita, a fim de pensar como a linguagem destes mapas segue sendo ressignificada.

A partir daqui, portanto, a análise segue o seu percurso cartográfico afetivo e atento ao brilho das constelações, pela articulação do material teórico e conceitual com o empírico, mas com mais força e atenção, confesso, do que a empiria me revela. Isso porque entendo que este exercício analítico aqui empreendido é, antes de tudo, uma experiência. Eu diria até que se trata

de uma experiência ambígua constituída de um lado por uma imersão, por um querer participar, viver, conhecer e decifrar o que ela permite, mas mais forte ainda por um outro lado, por um avesso, por desejar profundamente um despojamento de mim mesmo, pela busca de algo que está para além do eu de hoje, por aquilo que só pode ser sentido ou observado pelo meu eu transformado pela experiência, por um outro eu.

Explico então que estes escritos são resultados das experiências que, no decorrer da jornada, foram modificando primeiramente a mim mesmo, como sujeito autor. Eles partem naturalmente de uma experiência pessoal e direta com o meu filho autista, mas não significa sobremaneira que seja autobiográfico ou um relato dessa experiência. É mais do que isso, é para além disso. Entendo que esta tese trata de um processo de transformação de mim mesmo e não da reprodução da experiência vivida. De certo modo, sinto-me num exercício de extrapolar as minhas experiências, de abandonar a mim mesmo e então endereçar estes escritos às experiências daqueles que irão ler ou se servir de alguma forma das afetações e subjetividades que surgirão em si próprios nesse possível encontro comunicacional. Não existe pretensão, portanto, de ativar nenhuma experiência previamente definida em alguém, ou ainda que haja a constatação de qualquer verdade, mas creio que os cruzamentos ou atravessamentos que deste movimento decorrem poderão criar outras reflexões a respeito da vida de autistas e da ressignificação das concepções sociais a seu respeito. Estes lampejos singulares de realidade conduzem, portanto, a outras experiências, efeitos que mobilizam e oportunizam transformações.

Recorro ainda às contribuições de Foucault sobre a problematização das verdades produzidas pelos saberes e poderes, em seu entrelaçamento recíproco e efeitos dele resultantes (PELBART, 2016) e dedico minha atenção às paisagens que surgem nos processos discursivos dos sujeitos aqui implicados, os sujeitos neurodivergentes, e a um abandono de mim que já não posso mais continuar sendo o mesmo.

O que escrevo tenta apontar significações da vida vivida pelos sujeitos autistas, mesmo que sejam pelos fragmentos enunciados em seus discursos. No entanto, sou consciente de que isso é invivível para mim e que, ainda assim, há uma convergência de aspectos individuais entrecruzada nestes agenciamentos coletivos de enunciação. Objetivo que, mesmo neste invivível da vida, a experiência de se deparar com as enunciações destes jovens autistas seja mobilizadora de transformações sociais a seu respeito e que, acima de tudo, seja uma manifestação de interesse e reconhecimento às suas vidas. Espero que estes agrupamentos e o meu lugar de escuta, respeitosamente, os agradem.

A formulação de que a afirmação de si encarna uma voz coletiva do movimento dos sujeitos em prol do autismo é, portanto, questão importante desta tese. Estas aproximações, portanto, contribuíram com a construção de mapas mobilizadores de afetos, mas que entendi ser adequado chamá-los de constelações de enunciados autistas no *Instagram*. Estas coleções são apresentadas aqui no capítulo 3 “*Eu sou autista!*”, bem como em “*Não pareço autista?*” (capítulo 4) e “*A minha vida autista*” (capítulo 5). As coleções das postagens, ou seja, as constelações, visam apenas uma organização temática, mas jamais uma categorização ou exercício de enquadramento dos próprios sujeitos neurodivergentes em qualquer configuração, seja ela limitadora ou não.

3.1. CONSTELAÇÃO 1: O PROTAGONISMO E O MODO DE SER

Na primeira constelação de postagens, denominada Social 1 “*Eu sou autista!*” (figura 20), trago o mapa de coleções iniciais (dividido aqui em partes A e B apenas para possibilitar o encaixe neste relatório) e organizo as temáticas em: protagonismo, modo de ser, identidades, normalização, comunicação e interação social.

Ancoro o desenvolvimento desta etapa de análise, portanto, na autodefinição como técnica de si²¹ e no surgimento de vínculos e conexões, ou seja, de configurações comunitárias autônomas ou não, mas que de certo modo se cruzam, deslocam-se, contrastam ou até rivalizam com as formações de redes dominantes, produzem “modos de subjetivação emergentes”, “focos de enunciação coletiva” e criam “inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais” (PELBART, 2008, p. 36). Ionta (2016, p. 159) complementa ao explicar que as reflexões de Foucault permitem notar a escrita de si como uma “tecnologia de autoconstituição” e que, desse saber, emergem modos de vida.

²¹ Para compreender como são produzidos os processos de subjetivação entre os sujeitos autistas, apoio-me no que Foucault denominou de tecnologias do eu ou técnicas de si. Entende-se, pois, por estes movimentos, os procedimentos, “pressupostos ou transcritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p. 109). Há ainda os modos de relação do sujeito consigo mesmo que “permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, condutas ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade” (FOUCAULT, 1990, p. 48).

Figura 20 – Constelação de Postagens Social 1 – “Eu sou autista”: Protagonismo e Modo de Ser (Parte A)



Fonte: elaborada pelo autor (2022). [DOWNLOAD DA VERSÃO AMPLIADA](#)

Figura 21 – Constelação de Postagens Social 1– “Eu sou autista”: Protagonismo e Modo de Ser (Parte B)



Fonte: elaborada pelo autor (2022). [DOWNLOAD DA VERSÃO AMPLIADA](#)

Noto que em cada variação produzida, portanto, outras associações e formas de cooperação podem ocorrer como força viva, como novas potências de vida, ensejando uma “comunialidade de autovalorização” (PELBART, 2008, p. 38), cuja própria vida é fonte de valor. Daí o vínculo com a biopotência do coletivo, ou seja, com o “corpo vital coletivo reconfigurado”, como expõe Pelbart (2008, p. 39):

Podemos retomar nosso *leitmotiv*: todos e qualquer um, e não apenas os trabalhadores inseridos numa relação assalariada, detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e de autovalorização. Assim, o que vem à tona com cada vez maior clareza é a biopotência do coletivo, a riqueza biopolítica da multidão. É esse corpo vital coletivo reconfigurado pela economia imaterial das últimas décadas que, nos seus poderes de afetar e de ser afetado e de constituir para si uma comunialidade expansiva, desenha as possibilidades de uma democracia biopolítica.

Ao tratar da “biopotência da multidão” e inspirado em Deleuze, Pelbart (2008, p. 40) propõe uma inversão do sentido do termo “biopolítico” forjado por Foucault e traz a “biopolítica não mais como o poder sobre a vida, mas como a potência da vida”. Isso porque, segundo o autor, coube a Deleuze explicar que o poder sobre a vida deveria responder à “potência ‘política’ da vida à medida que ela faz variar suas formas e, acrescentaria Guattari, reinventa suas coordenadas de enunciação” (PELBART, 2008, p. 40).

Assim, constituem o eixo autodefinição os vínculos e a biopotência como pontos centrais a partir dos quais foi possível cartografar afetivamente o processo de escrita dos sujeitos neurodivergentes em contexto de redes.

“*Eu sou autista!*”, título deste capítulo e da primeira coleção de postagens que, reunidas, formam uma constelação, é um enunciado que ilustra a autodefinição e ainda um anúncio potente para um modo de vida, de ser, de existir. No entanto, não se trata de um agrupamento aleatório de análise, mas sim temático, dado que as observações de características e regularidades entre as postagens demonstram recorrências entre as demandas dos sujeitos neurodivergentes nas suas enunciações ou ainda na forma como utilizam os recursos de linguagem nas suas páginas de redes sociais do *Instagram*. No entanto, vale reforçar que mesmo diante das regularidades que aproximam os pleitos destes autistas em suas postagens e me permitem montar coleções temáticas, são nas singularidades destes discursos que brilham as subjetividades, as individualidades e que pude observar o encontro dos diálogos, a fala coletiva. Trabalhei com as postagens nas suas singularidades, mas a apresentação das mesmas ocorre neste conjunto, em constelação.

Quadro 17 – Coleção Social 1 – Constelação “*Eu sou autista*”: protagonismo e modo de ser

COLEÇÕES	SUBCOLEÇÕES	QTD. COL.	QTD. ANAL.	%
SOCIAL 1 – CONSTELAÇÃO ‘ <i>EU SOU AUTISTA</i> ’: PROTAGONISMO E MODO DE SER	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	155	17	11%
	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	52	8	15%
	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	49	7	14%
	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, <i>masking</i> , camuflagem social)	29	7	24%
	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	19	4	21%
		304	43	14%

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Neste primeiro agrupamento de postagens de cunho social, a constelação cujos aspectos temáticos envolvem o “protagonismo e modo de ser” reúne 304 (53%) das 574 publicações colecionadas. O quadro 17 indica o desdobramento temático em subcoleções e seu quantitativo. As publicações trazidas neste capítulo ilustram e atuam, portanto, como amostras destas recorrências que indicam recursos utilizados como marcadores de autodefinição. Nesta constelação, das 304 publicações colecionadas, 43 postagens foram analisadas, o que representa 14%.

No entanto, neste momento houve um fator limite para a exposição de algumas publicações. Dos 12 perfis de autistas apresentados na seleção final, dois deles não enviaram o termo de consentimento livre e esclarecido assinado: @autristinha e @ena.nascimento. Por isso, respeitando os pressupostos éticos desta pesquisa, mesmo que as publicações destes sujeitos tenham contribuído fortemente no conjunto e em rizoma, ou seja, tenham trazido seu brilho para os resultados da investigação, entendi adequado não fazer a exposição das imagens, relatos ou enunciados destes perfis para a etapa de discussões e análises. Ainda assim não me furto em reforçar: Enã Nascimento e Autristinha, a atuação de vocês nas redes e o caminho que trilham em prol do autismo é admirável.

Enfim, trago nos itens temáticos a seguir, os *posts* e enunciações daqueles que proferem o que são: autistas.

3.1.1. Modo de ser

A complexidade das nossas ações sobrevoa campos de saberes infinitos. A necessidade de vasculhar tais meandros, beira a obviedade, pois vivemos em sociedade. O outro, enquanto fonte inesgotável de conhecimento (em planos múltiplos), merece ser observado com cautela, respeito e empatia. Então, lanço o conselho metafórico: se o livro estiver aberto sobre a mesa, pegue-o para ler!
Ana Cândida Carvalho

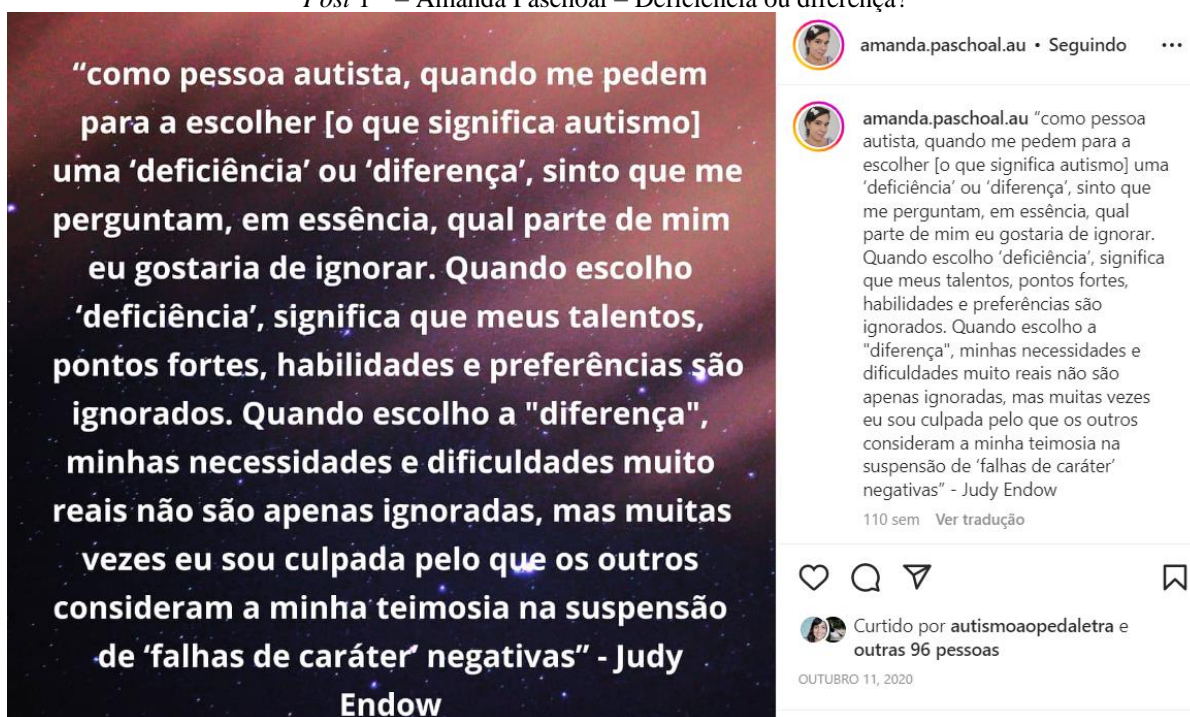
Se o autismo configura um modo de ser, o que se sabe sobre esta maneira de viver? Como expandir o entendimento já treinado a observar um padrão consumível de uma vida invejável, segura e definida por significados estruturalmente condicionados e se atentar às diferenças?

Através de fluxos de imagem, de conhecimento, da publicidade e dos serviços que acessamos cotidianamente pelos aparatos digitais, conectados, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida e observamos tamanha subjetividade, o capitalismo em rede. Pelbart (2008) explica que este novo capitalismo em rede que enaltece as conexões, a movência, a fluidez, produz também novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, comandadas pelo capital. Mas, para além do determinismo, o autor mais se interessa em tensionar esse princípio e entender “como se viabilizam outras redes que não são comandadas pelo capital, redes autônomas, que eventualmente cruzam, se descolam, infletem ou rivalizam com as redes dominantes” (PELBART, 2008, p. 36) e produzem territórios existenciais alternativos àqueles ofertados ou mediados pelo capital. Este ponto, para esta pesquisa, parece interessante quando se quer observar outros modos de ser, os modos atípicos à perspectiva padronizada como ideal ou para além das formas de vidas compreendidas culturalmente como desejáveis. Afinal, “os imaginários sociodiscursivos acerca da deficiência constituem-se, em grande medida, a partir da dinâmica interação promovida pela circulação de textualidades midiáticas diversas sobre o tema” (PESSOA et al., 2019, p. 165). É para esta dinâmica interacional que esta pesquisa se volta, movida pelo interesse de aproximar as textualidades que constituem significados para o autismo e entender como os sujeitos que o protagonizam os articulam.

Assim, tendo por base as experiências dos sujeitos, passo agora a trazer parte das publicações feitas pelos autistas em suas páginas da rede social digital *Instagram* e que pertencem ao corpus empírico analisado neste processo cartográfico. São estes trechos de vida que, representados e conectados em rede, contarão essa história.

Começo com o *post* de Amanda Paschoal²² que empresta à sua publicação uma frase de Judy Endow, importante autista americana atuante pela causa e membro do *Wisconsin Department of Public Instruction Statewide Autism Training Team* e dos conselhos da *Autism Society of America, Wisconsin Chapter* e do *Autism National Committee*). O texto (*post 1*), que pede que uma pessoa autista escolha entre se perceber “com deficiência” ou “com diferença” enuncia expressamente um encontro de prejuízos e de experiências: os vividos por Judy e os da Amanda e a atualização de experiências uma da outra, mas que propõe ainda uma voz mais alta, a de uma coletividade. Afinal, ambas parecem ser obrigadas a escolher o que perder pela força discursiva que as encurrala.

Post 1²³ – Amanda Paschoal – Deficiência ou diferença?



“como pessoa autista, quando me pedem para a escolher [o que significa autismo] uma ‘deficiência’ ou ‘diferença’, sinto que me perguntam, em essência, qual parte de mim eu gostaria de ignorar. Quando escolho ‘deficiência’, significa que meus talentos, pontos fortes, habilidades e preferências são ignorados. Quando escolho a “diferença”, minhas necessidades e dificuldades muito reais não são apenas ignoradas, mas muitas vezes eu sou culpada pelo que os outros consideram a minha teimosia na suspensão de ‘falhas de caráter’ negativas” - Judy Endow

amanda.paschoal.au • Seguindo

amanda.paschoal.au “como pessoa autista, quando me pedem para a escolher [o que significa autismo] uma ‘deficiência’ ou ‘diferença’, sinto que me perguntam, em essência, qual parte de mim eu gostaria de ignorar. Quando escolho ‘deficiência’, significa que meus talentos, pontos fortes, habilidades e preferências são ignorados. Quando escolho a “diferença”, minhas necessidades e dificuldades muito reais não são apenas ignoradas, mas muitas vezes eu sou culpada pelo que os outros consideram a minha teimosia na suspensão de ‘falhas de caráter’ negativas” - Judy Endow

110 sem Ver tradução

Curtido por autismoaoapedaletra e outras 96 pessoas

OUTUBRO 11, 2020

Fonte: [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/) (2020)²⁴

²² Amanda Paschoal. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/>. Acesso em 25 dez.2022.

²³ Para organizar os recortes das publicações, utilizei os índices de “*Posts*” e de “*Figuras*”. Quando as imagens trazidas são os *prints* das postagens, relacionei-as na lista de “*Posts*”. No caso de montagens que reúnem sequências de publicações distintas (aproximadas por similaridade temática) ou ainda por serem imagens que utilizaram o recurso carrossel no *Instagram* (sequências de imagens na mesma publicação), identifiquei-as como “*Figuras*” indicando em nota de rodapé que houve montagem/adaptação feita pelo autor. Em todos os casos as notas de rodapé também trazem os links de acesso e as datas das publicações.

²⁴ [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/p/CGMFJMxFHEv/?utm_source=ig_web_copy_link). Deficiência ou diferença? Disponível em https://www.instagram.com/p/CGMFJMxFHEv/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 out.2020.

Elas precisam optar bilateralmente por algo que as defina, pelos enquadramentos da “*diferença*”²⁵ ou da “*deficiência*”, como se isso pudesse aliviar a inquietação de quem indaga. E que inquietação é essa? Por que se faz necessário obter essa resposta? Há ainda um elemento gramatical, o “quando”, que indica a recorrência desse fato e um provável desgaste que se refaz a cada nova possibilidade de renúncia de si: “*quando me pedem para escolher*” e “*sinto que*”. Porém, para além disso e conseqüentemente, independentemente da escolha, Judy e Amanda precisam renunciar a algo, não a qualquer coisa, mas a parte da sua essência. A elas restam as ações: o que escolher e o que renunciar. Escolher que seus talentos, pontos fortes, habilidades e preferências sejam ignorados ou serem culpadas por terem necessidades ou dificuldades reais. As duas escolhas carregam abandonos e lhes impõem uma certa separação ou repartição de si (“*qual parte de mim eu gostaria de ignorar*”).

Repartir-se e ser colocada à prova, à escolha daquilo que em si deve ser renunciado, do que precisa ser abandonado carrega de intensidade esta declaração. Intensa porque reflete o quanto os sujeitos neurodivergentes são postos em enquadramentos, em *frames* que são perversos porque expropriam a sua condição de sujeito. Deste modo, compreender que a vulnerabilidade se dá também a partir dos enquadramentos, abre-nos espaço para a análise das experiências vividas por estes sujeitos da neurodiversidade, vulneráveis, e como estas interferem nos âmbitos das suas demandas e configurações comunicativas.

Butler (2015) trata a vulnerabilidade como um pressuposto especificamente ético. Para isso, parte da precariedade como algo inerente ao sujeito humano, ou seja, como aquilo que é constitutivo do sujeito cuja própria vida é precária e afetada por uma série de forças e condições socialmente impostas. Assim, a forma como essa vida se configura, vive e aparece no mundo, aglutinando naturezas biológica e social, constitui uma das grandes questões abordadas por Butler (2015). Neste caso, sendo a vulnerabilidade algo que constitui o sujeito de natureza precária, poderíamos considerar que a precariedade de um autista se estabelece antes mesmo do seu diagnóstico como neurodivergente, assim como se constitui previamente em qualquer outro contraste de diferença ou modo de vida de um indivíduo. Porém, as questões que nutrem

²⁵ Utilizei o recurso de destaque de fonte em “*itálico, entre aspas*”, para destacar os trechos dos relatos autistas, extraídos das publicações do *Instagram*, durante a escrita dos parágrafos, e distingui-los das citações diretas curtas de teóricos que foram acionados também nas orações (neste caso apenas postos entre aspas, como previsto pela ABNT - NBR 10520). A norma prevê o uso do itálico como recurso de ênfase para informação verbal. Como são eles, os sujeitos autistas, que falam, entendi que esta apresentação trouxe maior fluidez e compreensão para a mescla entre as análises, teorias e relatos da empiria. As referências de todas as postagens, suas imagens e textos, têm suas fontes indicadas em nota de rodapé. Durante os capítulos 3, 4 e 5, todas as imagens dos posts são interativas, ou seja, ao clicar sobre elas o leitor é levado à respectiva página do *Instagram* para consulta.

os conflitos tendem a surgir a partir do modo de aparição desses corpos, quando expostos, visíveis, cujos modelos culturais instituídos servem como reguladores e, quando em dissonância às categorias padronizadas e reconhecidas como ideais, podem promover um enquadramento seletivo e diferenciado, justamente por ser passível de interpretação, e, conseqüentemente, suscetível à violência.

Assim, estabeleço uma linha teórico-complementar entre as mobilizações em torno da neurodiversidade e a compreensão de vulnerabilidades em Butler. Isso porque a visão da neurodiversidade considera esta como uma categoria de diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças, ou seja, como algo também constitutivo do sujeito. Para Butler (2015) o não reconhecimento das potencialidades do sujeito, ultrapassando inclusive a vida ontológica natural e considerando a categoria social, surge como um risco aos diversos tipos de violência. Assim, para a autora, os movimentos de resistência passam a existir como uma espécie de construção das condições de ruptura para que ceda à rigidez desses enquadramentos. Porém, a autora compreende o reconhecimento não como uma categoria específica de um indivíduo, mas sim como uma questão de inteligibilidade, ou seja, prevê a existência de enquadramentos que trazem no seu bojo aspectos que possibilitem o reconhecimento do outro, ou seja, como vidas que precisam de amparo em rede. Trata-se, portanto, de se produzirem pontos de ruptura aos esquemas normativos em seus diferentes contextos, não como uma mera observação, mas sim um exercício constante de desconstrução, entendimento e reconstrução de novos enquadramentos, admitindo-se as suas complexidades e o esforço de se enxergar além das camadas de visibilidade expostas (BUTLER, 2015).

Promovendo um diálogo entre Butler e Ferrarese, Marques (2018) afirma que as ciências sociais produzem noções como risco, redefinindo a vulnerabilidade como uma zona de susceptibilidades a múltiplas causas ao aproximá-la a uma lógica de acumulação de deficiências sociais. Esta instrumentalização prática da vulnerabilidade recai sobre a culpa da vítima, uma vez que ela se torna o centro e a partida desta situação. A medicina trata demandas singulares a partir da categorização de tipos de corpos e as políticas sociais designam certas populações como alvo de proteções e medidas de cuidado e assim trabalham para criar essas populações (FERRARESE, 2016, p.151). Assim, negar a vulnerabilidade e exaltar a invulnerabilidade tem se tornado objetivo maior das representações e enquadramentos sociais e midiáticos a serviço do capital e de um equilíbrio na correlação de forças que favoreça determinados sujeitos, grupos e instituições, enquanto relega outros ao esquecimento (MARQUES, 2018, p.13).

A vulnerabilidade seria, nessa perspectiva, algo externo e colocado num fluxo de fora – socialmente imposta – para dentro – do grupo categorizado como vulnerável. Ferrarese (2016)

apresenta a noção ocidental de vulnerabilidade como este risco que pode ser calculado, e a intenção da *calculabilidade* estaria justamente vinculada ao controle de não se colocar exposto a tal posição. Pensar numa articulação entre as vulnerabilidades, nos faz observar a zona de tensão social na qual o termo se coloca: entre expectativas morais legítimas, compreendidas, desde o princípio, com uma capacidade de ação e reforço da ideia de dependência. No entanto, Marques (2018) aponta para Butler (2011) apresentando a noção de vulnerabilidade. A autora o faz tendo em vista a localização de um indivíduo em um conjunto de relações marcadas por um campo de objetos, forças, processos vitais, instituições e seres que incidem sobre ele e o afeta de alguma maneira. A vulnerabilidade revela um modo relacional de estar no mundo que se constitui entre nossa passibilidade (ser afetado pelos acontecimentos) e nossa capacidade de agência, aproximam-se do conceito grego de *devoir*. Ser vulnerável não pode se confundir com a produção de uma vítima incapaz e passiva, enfatiza a autora. É preciso permitir que o conceito oscile entre a passibilidade e a passividade, entendendo que ambas abrigam a contemplação e contemplar é um ato, um gesto que indica um trabalho em processo (MARQUES, 2018, p. 15).

Desta forma, compreender que a vulnerabilidade se dá também a partir dos enquadramentos, abre-nos espaço para a análise das experiências vividas por estes sujeitos da neurodiversidade, vulneráveis, e como estas interferem nos âmbitos das suas demandas e configurações comunicativas.

De todo modo, mesmo no centro dos discursos deformados ou deformadores presentes nas interações interpessoais ou mediatizadas, pela espetacularização, cristalização de mitos e crenças que cercam os autistas, pelos movimentos que os representam ou ainda pelo esforço midiático em oferecer informações tidas como de valor sobre o assunto, acreditamos que o autismo é permanentemente reconfigurado através de certas práticas e processos comunicacionais, pelas quais os sujeitos atribuem, constroem ou reconstroem sentido sobre o autismo através de discursos, imagens e falas que circulam pelos meios de diferentes modos, sobretudo, quando se tratam de experiências narrativizadas, capazes de ressignificar os estigmas.

Por isso, em retomada ao exercício de análise, insisto ainda na força da publicação de Amanda quando o seu escrito carrega a imposição “*qual parte de mim eu gostaria de ignorar*”. A declaração é violenta em múltiplos aspectos porque, para além da renúncia de algo de si, nela há ainda um suposto e perverso exercício que parece pressionar estes sujeitos a terem que gostar da renúncia (“... *eu gostaria de...*”). É também ofensiva pois invisibiliza a dignidade humana ao impor aos sujeitos uma moldura da utilidade social, capitalizada e produtivista, de quem ou o que é digno de ser visto e reconhecido.

Em outra manifestação (*post 2*), na busca por representatividade e de alívio para os critérios que definem a moldura desta suposta utilidade social imposta, Amanda recorre ao universo de jogos digitais, parte de seu gosto pessoal, e traz uma referência: o designer de jogos eletrônicos Satoshi Tajiri, mais conhecido como criador de *Pokémon* e fundador da *Game Freak*²⁶. A imagem, que coloca em primeiro plano o criador e o seu mais famoso personagem, é apoiada pelo discurso de Amanda ao explicar como Satoshi “*Não ‘superou’ o autismo pra ser um desenvolvedor, e sim, como que ser um autista foi fundamental para que o sonho virasse realidade*”.

Post 2 – Amanda Paschoal – O criador do Pokémon



Fonte: Instagram.com/amanda.paschoal.au/ (2020)²⁷

Há claramente um esforço de se comprovar que é possível ser autista sem a necessidade de precisar querer, antes de tudo, superar o próprio autismo. De que não é preciso extrapolar o autismo ou ainda aliviá-lo em si próprio, para que se possa alcançar o lugar de um desenvolvedor, por exemplo. Ao contrário, o discurso reforça que é por causa da sua essência autista (“*ser um autista foi fundamental*”), dos seus potenciais e diferenças que quebram

²⁶ *Game Freak Inc* é uma desenvolvedora de jogos eletrônicos japonesa e principal criadora de jogos de RPG da série *Pokémon*. Foi fundada por Satoshi Tajiri em 1989. Os jogos são publicados pela *Nintendo* e pela *The Pokémon Company* (GAMEFREAK.CO.JP).

²⁷ Instagram.com/amanda.paschoal.au/. O criador do Pokémon. Disponível em https://www.instagram.com/p/CD4u0OnpDdJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 ago.2020.

enquadramentos atuais bastante rígidos, que se alcançou o desejado. Ou seja, trata-se do quanto e como esse sujeito autista, com um importante feito, pode validar a existência de outros autistas desobrigando-os a superar a sua existência, o seu ser, para serem sujeitos possíveis.

Post 3 – Tiago Abreu – Messi não é autista!



Fonte: Instagram.com/introvertendo (2020)²⁸

Mas aqui há um detalhe: a informação de que o criador de um dos mais conhecidos *games* japoneses tenha autismo não é confiável e foi negada por fontes ligadas à sua assessoria. Trata-se, então, possivelmente de mais um dos casos em que o imaginário associa a genialidade ao autismo, ou seja, a ideia distorcida de que todos os autistas são gênios. Se a história de vida desta personalidade dos jogos foi, durante um tempo, associada ao autismo, assim como já ocorreu com o jogador Leonel Messi, no universo do futebol (questão tratada também pelo autista Tiago Abreu²⁹ no perfil @introvertendo – *post* 3), o que interessa aqui é a força que este tipo de existência representa ao pleito de Amanda, à sua busca pelo reconhecimento das potencialidades dos sujeitos autistas e ao direito a uma vida de valor. Entendo o seu discurso como uma necessidade socialmente imposta aos autistas, como um sinal de esforço que refuta

²⁸ Instagram.com/introvertendo/. Messi não é autista! Disponível em https://www.instagram.com/p/CB5XeuQF94D/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 jun.2020.

²⁹ Tiago Abreu. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Acesso em 25 dez.2022.

a violência sofrida e tenta dizer: ser autista também é fundamental e existem outras pessoas que validam esta existência. Nestas postagens, o exercício de autodefinição que Amanda dedica, vem apoiado em outros vidas autistas, como forma de amparo na rede.

É desta forma, portanto, que esta análise se desenrola, que o caminho cartográfico cria seu próprio processo metodológico. Ofereço a minha escuta e sensibilidade, o meu afeto e respeito e, mesmo apoiado nas minhas vivências particulares com o autismo, arrisco o meu próprio desfazimento e tento escrever o que vejo brilhar nestas constelações de autistas, nos seus arranjos comunicacionais, nas potências por eles enunciadas.

A publicação de Ana Cândida Carvalho³⁰ (post 4) também carrega o anúncio de uma afetação contínua ao se referir ao fato de que há uma tendência social de se relativizar a existência do autismo e dos seus padrões comportamentais. A justificativa para esta relativização é de que todas as pessoas, de alguma maneira, possuem traços autistas o que descartaria a necessidade de considerá-los ou até de nominá-lo.

Post 4 – Ana Cândida Carvalho - Relativização de padrões de comportamentos autistas



Fonte: [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/) (2021)³¹

³⁰ Ana Cândida Carvalho. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em https://www.instagram.com/ana_autista/. Acesso em 25 dez.2022.

³¹ [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/p/CVLJsd-l2Sd/?utm_source=ig_web_copy_link). Relativização de padrões de comportamentos autistas. Disponível em https://www.instagram.com/p/CVLJsd-l2Sd/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 out.2021.

“*Escuto*” propõe aqui a disposição à atenção, uma atitude dedicada à opinião ou iniciativa que surge dos outros (“*pessoas relatarem*”) e encontra com Ana, afeta-a e questiona. O verbo, conjugado em primeira pessoa do presente, ou seja, trata-se de algo atual, vem seguido de “*costumeiramente*”, o que novamente destaca a repetição de um discurso que se faz e se refaz, que gera ciclo e produz um movimento de negação de uma realidade. A negação aqui definida caracteriza um preconceito, uma não aceitação ao diagnóstico e a tentativa de uma redução de valor que beira a um apagamento ou esquecimento de um nome, de um ser (“*não há porque nominar como autismo o que sou!*”).

Ana é fotógrafa e utiliza nas publicações os seus registros de imagens para, sensivelmente, dar a ver a sua perspectiva sobre o autismo ou relatar a si própria. Encantei-me pela escolha das flores feita por Ana. Não sei o que ela sentiu ao produzir esta imagem, mas a mim ela disse e afetou muito. Primeiro que há nas flores um certo cansaço, um estado de murchamento que as põe deitadas e perdendo vitalidade, ao invés de enraizadas, em pé, vivas. Trata-se, portanto, de uma montagem, não de um registro de uma paisagem natural, mas de uma iniciativa discursiva, da vontade de fazer a imagem dizer algo, de fazer florescer o imaginário. Ana encosta as duas flores e estabelece entre elas um encontro de similaridades. São duas vidas distintas, mas que se ancoram inclusive na súplica de Ana por não se “*minimizar possibilidades de apoio ou suporte*” aos autistas. É como se uma pessoa neurodivergente se encontrasse com outra neurotípica que desconsidera a individualidade da primeira por não reconhecê-la. As diferenças não são visíveis entre elas, ambas são flores murchando, as duas têm o mesmo nome que inclusive carrega um significado afetivo, considerando que no Brasil a espécie é muito popular e conhecida como Beijinho. No entanto, a perda de vitalidade que as flores carregam é visível e, a meu ver, ilustram a exaustão dos entraves sociais. Deixar de olhar para as flores e chamá-las de Beijinho leva ao seu apagamento. Privá-las de sua essência de vida, do seu modo de ser, é como se tirássemos as suas raízes e sustento da sua terra e as colocássemos num tapete infértil, na penumbra. É sabido ainda que as flores não falam, que elas exalam o seu perfume, como já disse o poeta, cantor e compositor brasileiro Cartola, e Ana parece considerar esta metáfora quando levanta a dificuldade relacional dos sujeitos neurodivergentes e diz que “*esvaziar discursos sobre dificuldades de socialização contribui para alargar o leque de entraves vivenciados por #autistas*”.

A forma de expressão de Ana recorre à narrativa poética, a uma partilha delicada e absolutamente afetiva colocada como um convite à sensibilidade, pelo querer oferecer algo que pode ser visto, experimentado, algo que a afeta e pode também afetar, o que sugere que o seu processo de autodefinição se estabelece na arte, na afetividade expressa pela poética. Ana fala

durante este processo de produção de subjetividade, enquanto elabora o seu discurso, sente-o e formula-o, ao escolher as palavras, selecionar a imagem e aproximá-las, quando decide compartilhar com o mundo o seu sentimento e, por isso, agir, deixar extrapolar a si própria e se render à transformação que a experiência gera. As palavras carregam o seu afeto e o seu discurso o compartilha pelo convite que faz ao nosso imaginário, quando convoca lembranças, ativa outras percepções e inaugura perspectivas socialmente transformadoras. Ana oferece esse afeto e aquele que recebe poderá aceitá-lo.

Em outro momento (*post 5*), desta vez poucos dias após ao Dia da Conscientização sobre o Autismo (2 de abril), apoiando-se no estilo poético de contar sobre si, Ana fotografa outra flor, um hibisco, em preto e branco. É como se essa flor, muito popular no território brasileiro e especialmente conhecida por suas cores vibrantes, não pudesse ser vista, ou ainda não fosse enxergada ao menos por uma de suas potencialidades essenciais: a sua cor. A imagem é muito significativa quando ligada ao que Ana diz sobre si.

Post 5 – Ana Cândida Carvalho - Respeito às singularidades



Fonte: [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/) (2021)³²

³² [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/). Respeito às singularidades. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNT4aUdF6BS/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 abr.2021.

Se “*as demandas do cotidiano não atendem às sutilezas próprias de cada indivíduo*”, significa que falta muito entendimento sobre o que é refinado em cada um, sobre o que cabe nas sutilezas dessas vidas e o que precisa, então, ser visto, revisto, adaptado, entregue e, só assim, respeitado. Deve ser por isso que Ana define a existência da nossa liberdade apenas sob as “*fronteiras de um tubo de ensaio (metáfora)*”, e faz a indicação de tom (prática de comunicação acessível aos autistas) ao explicar nos parênteses que se trata de uma metáfora. Mas especialmente aqui, noto que não se trata apenas da metáfora ou do sinal de texto acessível, ao considerar que alguns sujeitos, seus leitores, não compreendem estas associações. É muito além disso.

A fotógrafa se vê num mundo aprisionado às “*exigências do meio, sem a preocupação ou o respeito às singularidades*” de cada pessoa. Por isso se enxerga presa a um tubo de ensaio, como alguém supostamente livre, mas que não pode ultrapassar as barreiras da intolerância, da não compreensão sobre o seu jeito de ser, de se comportar, e à consequente falta de qualidade de vida. O seu texto explica que o caminho é a redução das barreiras atitudinais e do capacitismo e que “*ambientes adaptados/acessíveis minimizam crises ou outros acontecimentos inusitados, como reações adversas*”. Aqui há um esforço em explicar o que são as crises em uma pessoa autista, porque elas acontecem, do que decorrem, como influenciam no próprio bem-estar e ainda que formas de minimizar tais reações (as crises) podem ser adotadas, de modo “*que não causem visível sofrimento*”. O texto é rico em informações, é até didático por ter funções instrutivas e prestar um serviço ao leitor ao expor sensivelmente a natureza autista. O discurso oferece pistas muito importantes ao entendimento do que é ser autista sob a perspectiva de Ana e posso destacar alguns: as crises são acontecimentos inusitados, ou seja, não usuais e que não podem ser necessariamente evitados; os espaços adaptados podem contribuir para minimizá-las, mas não suprimi-las ou sufocá-las, e por isso são “*adaptados para*”, afinal podem ser reflexos de um comportamento que traga alívio ao desconforto sensorial de um autista, ou seja, de modo importante à manutenção da sua qualidade de vida; as medidas para reduzir as “*reações adversas*” às crises, não podem ocorrer de modo a causar sofrimento ao autista; e que “*no caso das intervenções terapêuticas: devem priorizar a saúde mental, e seguir preferências pessoais, não agredindo as particularidades individuais, vale ressaltar*”.

O exercício de entender esse lugar, tão singular, talvez seja frutífero para experimentar, mesmo que minimamente, a experiência da liberdade apenas sob as “*fronteiras de um tubo de ensaio (metáfora)*” é o que Ana define como “*demandas do cotidiano*” ou sobre a necessidade de “*adaptação constante*”.

No entanto, o relato de Ana lança um contraponto para a existência das crises quando, como uma vida que precisa de um amparo em rede (BUTLER, 2015), recorre à coletividade e os define: “*somos seres criativos e, essencialmente, imprevisíveis*”. Ela explica que autistas não cabem em “*conceituações rígidas, severamente pautadas em noções de estímulo e resposta, simplesmente*”, trecho que retoma seu apelo por respeito às singularidades vulneráveis de cada pessoa, à ruptura aos esquemas normativos, à quebra dos enquadramentos rígidos e à reconstrução de outros, de novas complexidades para além das camadas de visibilidade expostas (BUTLER, 2015).

Ultrapassar estas camadas de visibilidade expostas talvez se aproxime da vontade de exceder às fronteiras do “*tubo de ensaio*” que ainda aprisiona e priva os sujeitos do seu direito à liberdade, mesmo que “*vasculhar tais meandros*” beire à “*obviedade, pois vivemos em sociedade*”. Afinal, como relata Ana, “*a complexidade das nossas ações sobrevoa campos de saberes infinitos*” e o outro “*enquanto fonte inesgotável de conhecimento (em planos múltiplos), merece ser observado com cautela, respeito e empatia*”. A fotógrafa encerra a postagem, rica em nuances discursivas, utilizando-se de nova metáfora, desta vez em forma de conselho: “*se o livro estiver aberto sobre a mesa, pegue-o para ler!*”

Voltemo-nos, agora, ao dia 2 de abril. Se nesse dia politicamente se pede por conscientização e participação, o que está se vendo, o que se conta e o que se interpreta? Pedese pela conscientização de um autismo que representa o quê? O livro que está aberto foi notado, considerado e lido? Será que ainda a acessibilidade que se emprega não decorre de uma prática em preto e branco, sem que as suas camadas de cor sejam vistas e consideradas?

A próxima publicação de Ana (*post 6*), novamente um relato sobre si, assume seu esforço para cumprir com a sua rotina de trabalho devido a algo que a constitui enquanto pessoa autista: a sobrecarga sensorial. Pensar no percurso até o trabalho, preservar as técnicas fotográficas, as movimentações dos modelos e de si própria, além do clima quente deixam-na exausta e geram muita ansiedade. Tais questões podem ser interpretadas com algo do cotidiano, observadas como parte do ofício de pessoas que anseiam empenhar um bom trabalho. Porém, a complexidade é ampla. Trata-se de um estado de exaustão decorrente do simples pensar sobre, a ponto de gerar uma paralisia que impeça que o movimento aconteça, o que pode elevar as cargas sensoriais, ampliar a ansiedade e gerar exaustão, sofrimento.

“*Acabo evitando muitas atividades por esse motivo, chegando, inclusive, à fobia social*”, revela Ana que, consciente deste desafio, revela os próprios recursos de equilíbrio sensorial que utiliza para alcançar o alívio: “*manter a rotina me atrai, pois evita essas sensações angustiantes*”. Demonstra ainda o seu esforço incluindo o apoio das intervenções terapêuticas

para integração sensorial, com o objetivo de “*organizar essa enxurrada de informações cerebrais que me assolam e levam à angústia*”, mas que até mesmo as saídas para ir à terapia se tornam causas de ansiedade.

Post 6 – Ana Cândida Carvalho – Sobrecarga sensorial



Fonte: Instagram.com/ana_autista/ (2021)³³

A imagem que desta vez acompanha o relato mostra o seu próprio rosto atrás de uma câmera que, para além do exercício da sua profissão de fotógrafa, enuncia uma intenção ao escondimento. A fobia social, portanto, é descrita na imagem, junto de um ar de sorriso que, no entanto, pode decorrer da sua sensação de satisfação com a sua atividade, ser fotógrafa, ou ainda da alternativa de equilíbrio sensorial que encontrou: o foco na rotina.

A desregulação decorrente da interação social em demasia é tema uma das postagens da fotógrafa (*post 7*). Mesmo que a sobrecarga da mente esteja disfarçada pelo hiperfoco no cotidiano de um autista e as sensações não sejam imediatamente decifradas, elas surgem “*na calada da noite, sob o fechar das cortinas (metaforicamente), a mente parece desabar. O resultado são as feridas incrustadas no couro cabeludo, face, mãos e outras partes do corpo*”. Sob a luz do abajur, quando tudo parece se acalmar, as “*várias mentes*” trazidas na imagem figuram a sobrecarga mental, o turbilhão de pensamentos e de conexões que o cérebro autista

³³ Instagram.com/ana_autista/. Sobrecarga sensorial. Disponível em https://www.instagram.com/p/CPbJ2OLiDtO/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 mai.2021.

faz e que culmina em desregulação. Ana confessa as suas dores, as reações que o seu próprio corpo produz em si mesma e provocam como resultado as “*feridas incrustadas no couro cabeludo, face, mãos e outras partes do corpo*”.

Post 7 – Ana Cândida Carvalho – Interação em demasia: desregulação



Fonte: Instagram.com/ana_autista/ (2021)³⁴

A sobrecarga sensorial, com maior ou menor intensidade, faz parte da essência de uma pessoa autista. Ser fotógrafa e autista, com sobrecarga sensorial, pertence à vida da Ana. Durante a vida ela se força, tenta e aprende a lidar com isso. Por vezes consegue, em outras sofre com ela. Em ambas, deve ser respeitada.

E neste seu modo de ser registrado em imagens e textos carregados de poética, Ana olha para si e se depara com sua dificuldade, registra-se como se vê, descreve-se como se entende. Entrega-nos registros sensíveis e nos convida ao exercício: decifrar o que ela tenta demonstrar. “*Tomar a si mesmo como parâmetro primevo me parece um caminho certo, mas compreendo que é necessário ter maior flexibilidade para assimilar outras vertentes. Está aí minha dificuldade!*”, é parte do seu relato no post 8.

³⁴ Instagram.com/ana_autista/. Interação em demasia: desregulação. Disponível em https://www.instagram.com/p/CXK3tfpOtkE/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 dez.2021.

Mesmo dedicada a se comunicar com o outro, em querer fazer isso, a fotógrafa compõe uma imagem que trava uma batalha consigo própria, pois se vê um tanto solitária diante da sua dificuldade em demonstrar que se interessa pelas pessoas. Confessa que tomar a si mesma como primeiro parâmetro, apesar de um caminho natural, é insuficiente e depende de maior flexibilidade para entender outras nuances, o que também é um desafio para si.

Post 8 – Ana Cândida Carvalho – Dificuldade em expressar-se



Fonte: Instagram.com/ana_autista/ (2021)³⁵

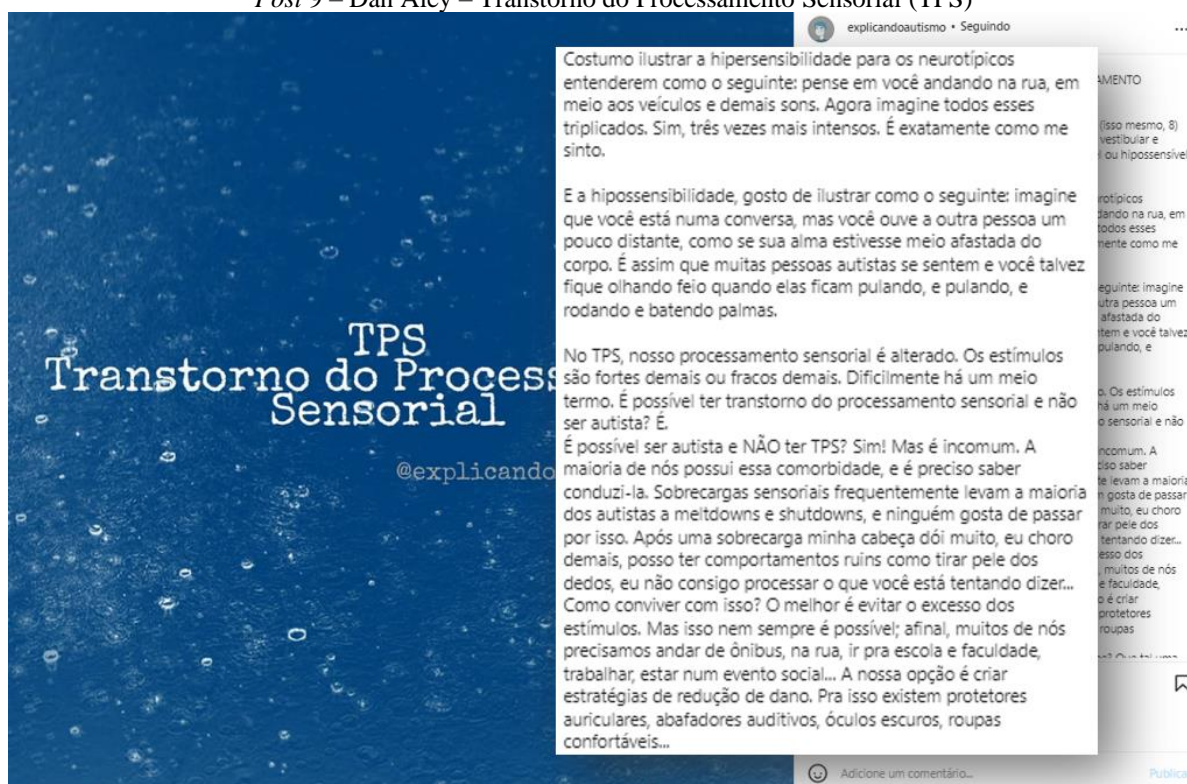
Instauram-se, portanto, no mínimo duas dificuldades: a de demonstrar o seu interesse pelas pessoas e a de flexibilizar a si própria para compreendê-las. No entanto, pensamentos marcados por certa rigidez e a inflexibilidade para inaugurar novas maneiras de interpretar e saber agir frente às múltiplas variáveis possíveis em uma relação constituem o modo de ser das pessoas autistas e, mesmo parecendo contraditório, o interesse genuíno pelas pessoas também. Mas como resolver estas forças rivais que se interpelam em sentidos opostos? Parece-me ser esta “a” dificuldade em questão, proposta por Ana: o seu querer cujo próprio modo de existência o disfarça de não querer. Imagino que tal subjetividade deva alimentar a arte da fotógrafa e servir a ela como potência para a sua forma de expressão, cujo processo de autodefinição

³⁵ Instagram.com/ana_autista/. Dificuldade em expressar-se. Disponível em https://www.instagram.com/p/CdsTQOAOoXU/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 mai.2022.

encontra a poética e se ancora na própria sensibilidade para se revelar e afetivamente se entregar ao mundo, à troca comunicacional e, como “*como parâmetro primevo*”, ao existir.

No entanto, estes movimentos de autodefinição ocorrem por diferentes formas enunciativas. Dan Aley³⁶, por exemplo, criou uma conta na plataforma *Instagram* cujo nome do perfil @explicandoautismo autodefine o seu objetivo. Trazer características, abordar conceitos técnicos, falar sobre o autismo e explicá-lo de maneira didático-testemunhal, visto que as suas postagens unem o conteúdo informacional associado às suas vivências, faz deste perfil um lugar onde o transtorno do espectro autista, enquanto temática compartilhada, seja antes um conteúdo experienciado.

Post 9 – Dan Aley – Transtorno do Processamento Sensorial (TPS)



Fonte: [Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/) (2020)³⁷

O Transtorno do Processamento Sensorial (TPS) também é algo importante sob a perspectiva de Dan que expõe (*post 9*): “*o TPS faz a gente ser hipersensível ou hipossensível neles*” (os sentidos). É preciso ilustrar que em autistas hipersensíveis os sentidos ficam

³⁶ Dan Aley. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/explicandoautismo/>. Acesso em 25 dez.2022.

³⁷ [Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). Transtorno do Processamento Sensorial (TPS). Disponível em https://www.instagram.com/p/B9-ksqNF3kO/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 mar.2020.

aflorados, como se os “*veículos e demais sons*” da rua fossem percebidos com potência triplicada, o que causa incômodos e reações físicas, por vezes mal compreendidas por aqueles que os observam (pessoas típicas) e cujos sentidos não estão amplificados, ou seja, que possuem o seu processamento sensorial equilibrado. Para o oposto, a hipossensibilidade, Dan novamente recorre ao imaginário do leitor e propõe que se coloque diante da cena em que se está numa conversa e que nela é possível ouvir a outra pessoa, só que “*um pouco distante, como se sua alma estivesse meio afastada do corpo*”. A imagem a que se recorre explica que “*é assim que muitas pessoas autistas se sentem*”. Dan completa ainda com um tipo de alerta, quando diz que “*você talvez fique olhando feio quando elas ficam pulando, e pulando, e rodando e batendo palmas*”, colocando-se possivelmente como alvo desses olhares punitivos (“*olhando feio*”), das atitudes e movimentos de reprovação social que recebe por ter seu processamento sensorial alterado, por receber estímulos fortes ou fracos demais. O relato segue com trechos bastante sensíveis e doloridos, quando Dan expõe que as “*sobrecargas sensoriais frequentemente levam a maioria dos autistas a meltdowns e shutdowns, e ninguém gosta de passar por isso*”, ou testemunha o seu sofrimento: “*após uma sobrecarga minha cabeça dói muito, eu choro demais, posso ter comportamentos ruins como tirar pele dos dedos, eu não consigo processar o que você está tentando dizer*”. Explica ainda que, para conviver com o TPS o “*melhor é evitar o excesso dos estímulos. Mas isso nem sempre é possível; afinal, muitos de nós precisamos andar de ônibus, na rua, ir pra escola e faculdade, trabalhar, estar num evento social... A nossa opção é criar estratégias de redução de dano*”.

Dentre as estratégias possíveis para reduzir o que chama de “danos” causados pelo TPS, Dan apresenta ferramentas de apoio e equilíbrio sensoriais, como os protetores auriculares, os abafadores auditivos, os óculos escuros ou roupas confortáveis, bem como, no caso da hipossensibilidade, recomenda o uso da cama elástica, dos chocalhos, da areia, da prática de atividades físicas, dos mordedores, ou seja, de artifícios que tragam conforto sensorial e emocional. Em relação ao uso do mordedor, encoraja dizendo “*sim, tá tudo bem precisar de um, confia em mim*” e encerra afirmando “*Merecemos isso*”.

Trazer à tona a sua experiência para explicar o autismo e se colocar com porta-voz de outros neurodivergentes ao usar em seus textos o sujeito na primeira pessoa do plural (“*muitos de nós*”, “*a nossa opção*”, “*merecemos isso*”), marcam a forma como Dan se autodefine: se explica é porque ainda não existe compreensão suficiente dos outros sobre si, para as suas atitudes e modo de existência. Por isso, sua voz opera em um agir discursivo para além de si, mas faz emergir um ator social coletivo que possa definir o ser autista.

Figura 22 – Dan Aley – Sequência de postagens do perfil @explicandoautismo – Fala coletiva



Fonte: Instagram.com/explicandoautismo/ (2021)³⁸

Noto, inclusive, que as imagens que acompanham suas publicações geralmente são composições que valorizam as palavras, como títulos que destacam seu enunciado, a vivência de tantos autistas ilustrada pelas suas experiências, como demonstra a sua sequência de publicações (figura 22).

A sua própria imagem, o rosto, não aparece nem mesmo na foto do perfil, que traz uma ilustração como avatar. Entendo então que se reforça o indício de que o que se pretende é dar conta de representar a coletividade. Por isso já não são mais as experiências de Dan, não mais apenas as suas, são as vivências do coletivo.

³⁸ Instagram.com/explicandoautismo/. Sequência de postagens do perfil @explicandoautismo – Fala coletiva (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/explicandoautismo/>. Conteúdo publicado entre 16 mai.2020 e 9 mai.2021.

Neste percurso as postagens vão se mostrando reveladoras e se articulam de forma a convergirem para uma fala coletiva, para uma enunciação cuja autodefinição é um gesto, uma ação política. A compreensão que vou desenvolvendo ao me deparar com esses movimentos e atitudes é que os modos de ser autistas revelam corporalidades em outra temporalidade, marcados por experiências que os definem de maneira singular, única, e que, portanto, contrastam com os modos de ser de um sistema capitalista enraizado, padronizado e excessivo.

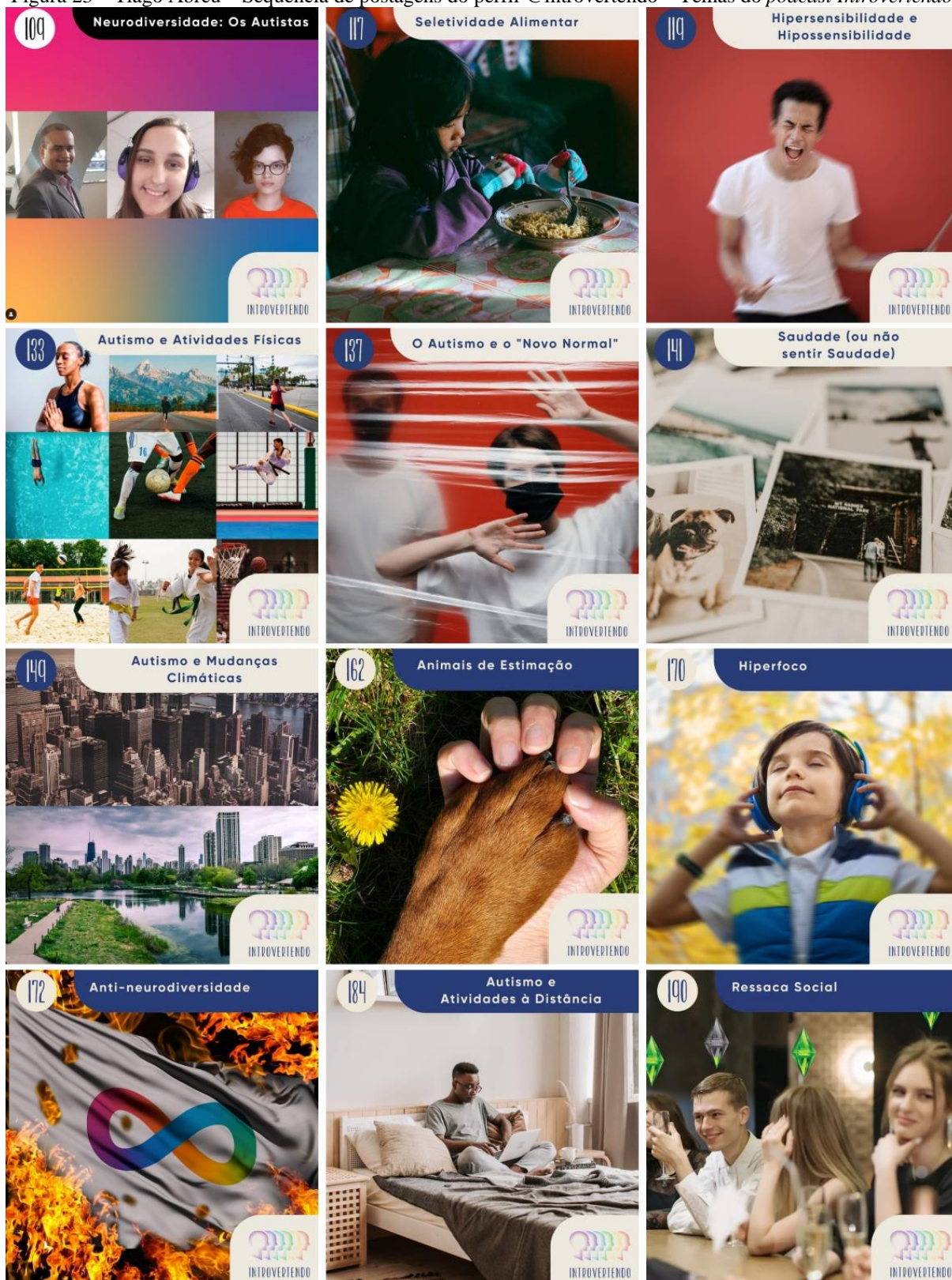
Tiago Abreu³⁹, que é criador do *Introvertendo*, o primeiro *podcast* do Brasil sobre autismo, encontrou nesse formato discursivo uma oportunidade para reunir sujeitos autistas e conversarem sobre aspectos da vida cotidiana e da sociedade, sempre com um diálogo natural e orgânico. Os temas das conversas, disponibilizadas em diferentes plataformas de áudio⁴⁰, acompanham esse movimento de revelar suas corporalidades. Os áudios entregam, no entanto, uma forma muito particular de acesso e essas vivências. São autistas tratando do seu cotidiano, mostrando as suas perspectivas, aquilo que observam e sentem, o que os toca, incomoda, violenta ou anima, agrada. Explicam sobre o ser autista, defendem seus argumentos e trazem seus pleitos. Ainda deixam de lado tudo o que pouco importa, ou seja, detalhes que poderiam pertencer às expectativas de um ouvinte neurotípico, mas que não são considerados nos discursos autistas. Ou seja, parecem mesmo definir outra temporalidade.

Aqui, por falta de fôlego e respeitando os limites da pesquisa, não trago as análises destes diálogos registrados nos episódios do *Introvertendo*, o que é, de fato, um prejuízo quando se considera a riqueza destes discursos. No entanto, pelo *Instagram* os cartazes digitais (figura 23) que divulgam as temáticas dos episódios já dão conta de enunciar, ao menos em nível de chamada, os movimentos e interesses do cotidiano autista, tanto os de ordem específica do seu modo de ser, quanto os que trazem impactos a todos os diferentes sujeitos. Falar, ou melhor, dialogar sobre a "*neurodiversidade*", "*seletividade alimentar*", explicar sobre "*hipersensibilidade e hipossensibilidade*", "*hiperfoco*", "*saudade (ou não sentir saudade)*", "*animais de estimação*" e "*ressaca social*", por exemplo, indica que estes assuntos são importantes na autodefinição dos autistas, pertencem às suas vidas e precisam ser reconhecidos, validados sob as suas perspectivas.

³⁹ Tiago Abreu, proprietário do perfil @introvertendo no *Instagram*, página utilizada também para a divulgação dos episódios do *podcast Introvertendo* (<https://www.introvertendo.com.br/>). Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Acesso em 25 dez.2022.

⁴⁰ Os episódios do *podcast Introvertendo* podem ser acessados nas plataformas de áudio como o *Google Podcasts*, *Apple Podcasts*, *Spotify*, *Deezer*, *Castbox*, *Amazon Music* e ainda pelo site www.introvertendo.com.br.

Figura 23 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Temas do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020-2021)⁴¹

⁴¹ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Temas do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre 16 jun.2020 e 8 out.2021.

Há ainda uma recorrência, a associação da palavra “autismo” com outros eventos ou hábitos do cotidiano, como aparece nos títulos dos cartazes digitais (figura 23), como: "*autismo e atividades físicas*", "*autismo e o novo normal*", "*autismo e mudanças climáticas*" e "*autismo e atividades a distância*". Noto aqui que parece haver um enunciado que quer destacar as diferenças ou similaridades existentes, como um convite a se observar (nesse caso para ouvir um diálogo sobre) o que existe de subjetivo nestas atividades habituais, quando são vivenciadas por neurodivergentes. Ou seja, como autistas desempenham as atividades físicas? Quais pontos interferem, facilitam ou impedem essas práticas? Como os autistas enfrentaram as mudanças climáticas, a pandemia e encararam o dito “novo normal” ou as atividades a distância? Enfim, há um convite para se conhecer como a rotina da vida acontece quando se é autista e o que explica ou define os comportamentos desses sujeitos, deste ator coletivo, quando vivem o seu cotidiano.

Podemos observar ainda que as imagens escolhidas tentam traduzir ao menos parte desses significados, do imaginário que se constitui sobre este modo de vida: a afetividade com os animais; a presença dos fones de ouvido como elementos discursivos que passam a fazer parte dos corpos de muitos autistas, pois contribuem como recursos de apoio sensorial ou autorregulação; as imagens que expressam as reações físicas de uma crise por hiper ou hipossensibilidade sensorial; bem como por outros elementos que em nada se diferem do universo de sujeitos neurotípicos.

Ainda em contexto didático-testemunhal, Lucas Pontes⁴² demonstra uma prática bastante recorrente entre os autistas nas redes sociais: o uso de materiais informativos, de conteúdos produzidos e diagramados em formato instrucional que abordam detalhes das vidas autistas e, por vezes, seus principais incômodos. Mas, para além disso, Lucas traz instruções sobre outras possíveis formas de agir nas relações com autistas. Ele se posiciona como um sujeito mediador dos contrastes que ainda punem pessoas com alguma deficiência devido aos discursos preconceituosos estruturais. Hoje, o seu perfil no *Instagram* é chamado @lucas_atipico, mas, no início da coleta dos dados (2020), Lucas utilizava o nome “ARTEASPIE AUTISMO”, unindo os termos “arte” (pois postava os seus desenhos), “TEA” e “Aspie” (termo em inglês para identificar a Síndrome de Asperger). A mudança do nome da página e, conseqüentemente, da definição do seu perfil, se deu porque Lucas percebeu que as

⁴² Lucas Pontes. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em https://www.instagram.com/lucas_atipico/. Acesso em 25 dez.2022.

publicações de conteúdos sobre autismo e sobre as suas experiências com o diagnóstico tardio eram relevantes para os seus seguidores.

Início, portanto, com uma publicação do Lucas que traz um carrossel de frases que indicam “*o que não dizer quando um autista relatar as suas dificuldades*” (figura 24). Estas expressões são relativamente comuns pois parecem causar impactos positivos. Dizer que “*isso é difícil para tudo mundo*”, “*sei bem como é*”, “*tem gente em situação pior*”, por exemplo, demonstram um discurso de relativização ou minimização das dificuldades sociais ou sensoriais que fazem parte dos sujeitos autistas. Recomendar ainda que um neurodivergente “*precisa ser mais sociável*” ou “*se esforçar mais*”, também são recursos negativos pois sugerem comportamentos padronizados, socialmente esperados.

Figura 24 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – O que não dizer



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁴³

A figura 25 ilustra outra iniciativa em formato carrossel, agora com “*afirmações falsas que fazem sobre os autistas*”. Mesmo não condizentes à realidade, estas afirmações prejudicam os significados que se formam em torno do autismo porque generalizam os sujeitos, impedem

⁴³ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – O que não dizer (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CHoMkA_F0da/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 nov.2020.

a redução do preconceito, a entrega do suporte que estas pessoas necessitam e que as relações sejam mais respeitosas e afetivas.

Figura 25 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Afirmações falsas e generalizações



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁴⁴

⁴⁴ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Afirmações falsas e generalizações (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CIwaq1klbe4/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 13 dez.2020.

Novamente seguindo o direcionamento pedagógico e instrucional, Lucas cria e publica duas sequências de mensagens que ensinam sobre termos específicos do autismo. Ele as denomina “vocabulário do autismo” e as divide em parte 1 (figura 26) e parte 2 (figura 27).

Figura 26 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 1

Vocabulário do autismo
 Você sabe o significado de todas esses termos?

Meltdown
 Meltdown é uma forma de crise intensa e "explosiva" que ocorre em nós autistas. Durante um meltdown a pessoa autista pode ter movimentos bruscos e involuntários, chorar e gritar, perdendo temporariamente seu total controle físico e emocional. Essa crise, geralmente, ocorre devido a sobrecarga de estímulos sensoriais, ou questões emocionais.

Shutdown
 Shutdown (desligamento) é uma crise que pode ser causada por alguns fatores como sobrecarga sensorial e tensão emocional. Diferentemente de uma crise expansiva, no shutdown o autista passa por uma espécie de "desligamento" do seu corpo, podendo ter fraqueza física, maior dificuldade ou incapacidade de comunicação, aparentar distanciamento do ambiente a sua volta (olhar distante, reação lenta..) e ter maior sensibilidade aos estímulos externos.

Rigidez Cognitiva
 implica em dificuldades frente a questões que exigem flexibilidade e variabilidade. Pode fazer com que busquemos fazer as coisas sempre da mesma forma, criando regras e rotinas que, por muitas vezes, geram frustrações quando não cumpridas. A rigidez é frequentemente confundida com teimosia e birra, pois pode ficar mais evidente em situações que são consideradas comuns em nosso dia a dia. Por exemplo: Mudar minimamente o trajeto habitual; sentar em um lugar diferente da mesa ou sofá; aceitar variáveis na forma de brincar ou de trabalhar; etc.

Ressaca Social
 É o desgaste que se dá após a interação social. Uma pessoa autista pode, por exemplo, ir a uma festa e socializar-se relativamente bem, porém as chances dela ter uma ressaca social posteriormente são altas. Outros exemplos de ocasiões que podem causar uma ressaca social são: Brincadeiras entre crianças, recepção de visitas, rodas de conversa, passeios, dia atarefado no emprego, etc. As características geralmente são o desgaste físico, dores pelo corpo, dor de cabeça, temperatura elevada, sonolência e maior sensibilidade a estímulos sensoriais.

Disfunção Executiva
 Implica em dificuldades para gerenciar o tempo; cumprir prazos; tomar decisões; manter a atenção; planejar e organizar; lembrar-se de compromissos e necessidades; etc. Por conta desta disfunção, podemos ter muitos desafios enquanto a produtividade e em questões básicas, como lembrar de se alimentar e beber água. Apesar de ser mais comum em pessoas neurodiversas, essa disfunção também pode ocorrer na população geral.

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁴⁵

⁴⁵ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 1 (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CPhFHLgIYpk/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 mai.2021.

Mais do que compilar conceitos, há uma exposição e explicação do que se sente, do que esse grupo de indivíduos vive e, possivelmente, o que esperam em termos de acolhimento caso a sua existência os prove, coloque-os em crise, em situação explosiva de descontrole, caso se desligarem e não responderem aos chamados ou estímulos do ambiente.

Figura 27 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 2

Vocabulário do autismo
Parte 2
Você sabe o significado de todos esses termos?

Stim
São movimentos que possuem diversas funções e são essenciais para nós autistas. Através deles podemos nos regular sensorialmente e expressar nossos sentimentos. Não há apenas uma forma de stim e eles podem ser motores ou vocais. Os mais comuns são: balançar as mãos, andar de um lado para o outro, repetir palavras ou vogais soltas e movimento pendular com o tronco. Alguns stims podem ser prejudiciais por causarem danos físicos ou implicações negativas na interação e aprendizado. Apenas estes devem ser substituídos.

Eloping
Trata-se de um comportamento comum em autistas, principalmente em crianças, onde estas saem correndo ou andando para longe dos familiares. Por exemplo, uma criança autista está andando com seus pais em uma praça e de repente sai correndo em direção a rua. Isso pode ocorrer devido alguns motivos, sendo os principais a impulsividade, sobrecarga, busca sensorial e baixa noção do perigo. Como meio preventivo, alguns pais usam um objeto chamado "safety harness" que prende o filho a eles.

Ecolalia
Ecolalia é a repetição em eco de palavras e frases. Esse comportamento não é exclusivo de autistas, mas é mais comum entre pessoas que estão no espectro. Ela pode ser considerada um stim (estereotipia) vocal, tendo valor de regulação sensorial e possuindo as seguintes formas de manifestar-se: "Ecolalia Imediata", onde a pessoa repete aquilo que acabou de ouvir e a "Ecolalia Tardia", onde a pessoa repete aquilo que ouviu há horas, dias ou meses.

Hiperfoco
É uma forma intensa de interesse e concentração em algum tema, objeto ou tarefa. É uma característica muito comum entre nós autistas, podendo variar de intensidade e duração. Pode ser um único foco de interesse, ou mais de um simultaneamente. Pode ser um ótimo meio do autista se desenvolver em diversas áreas, como no ensino e até mesmo na carreira profissional. Há casos também onde ele é tão restritivo e intenso, que a pessoa pode deixar de fazer outras atividades necessárias em seu cotidiano, perder horas de sono, isolar-se socialmente, etc.

Masking
É um artifício utilizado por autistas para mascarar as características do autismo, a fim de encaixar-se nos padrões socialmente aceitos. Forçar-se a fazer algo e reprimir características do TEA, são alguns dos exemplos que caracterizam o uso do masking. Apesar de estar presente em ambos os sexos, as mulheres autistas possuem uma capacidade maior de camuflagem, dificultando assim, por muitas vezes, o diagnóstico. O masking pode causar um grande cansaço e sofrimento psíquico.

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁴⁶

⁴⁶ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 2 (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CPzBuOjF3M-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 jun.2021.

Trata-se de um pedido de compreensão e apoio, da expectativa de um amadurecimento social que possibilite algum acolhimento frente às situações descritas. O vocabulário então enuncia um anseio pela ampliação de repertório social, um conhecer mais e melhor sobre o autismo que resulte em novas possibilidades relacionais, na naturalização dessa existência e modo de ser, com os direitos, acessibilidade e liberdade que estas vidas demandam.

Mas Lucas surpreende muito pelo seu potencial didático e promotor de acessibilidade. O *post* 10, em especial, tocou-me, talvez por estas situações que envolvem a literalidade e a dificuldade de compreender metáforas e ironias serem bastante recorrentes no cotidiano com o meu filho Davi. Nesta publicação, entendo que há uma instrução relativamente simples, mas que gera uma espécie de despertar para nuances extremamente necessárias nas comunicações e relações com os autistas: a indicação de tom.

Post 10 – Lucas Pontes – Indicador de tom (ironia)

@lucas_atipico

INDICADOR DE TOM

O QUE É E COMO ISSO PODE FACILITAR A COMUNICAÇÃO COM PESSOAS AUTISTAS

FOI IRONIA

lucas_atipico • Seguinte
Ironia

lucas_atipico Assim como eu, muitos autistas possuem dificuldade em perceber ironia, sarcasmo e outras figuras de linguagem, seja através da fala ou da escrita. Isso pode fazer com que nossa interpretação seja equivocada, levando a sério algo que foi apenas uma brincadeira, ou até mesmo atrapalhando o nosso aprendizado e interação social.

O indicador de tom serve justamente para sinalizar essas situações. Basta colocar/fazer um breve aviso/alerta sinalizando que você foi irônico ou sarcástico.

Em textos, basta colocar entre parenteses a figura de linguagem usada, como: (ironia).
Ex: "Eu sou autista... então é claro que eu sou um gênio da matemática (ironia)"
Com amigos, vc pode escolher um emoji ou qualquer pontuação do seu teclado, como um sinalizador.

Já quando estamos falando, conversando pessoalmente, podemos fazer a sinalização de tom através de algum gesto. Minha amiga Ani @anaruchiga me contou que sua amiga @claralmonaca criou um código para sinalizar quando está sendo irônica. Ela, simplesmente, faz um breve gesto com a mão, que foi explicado previamente como um sinalizador de ironia.

Simples e eficaz 🎯 Seria incrível, por exemplo, se os meus professores passassem a usar 🙄

13 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2022)⁴⁷

Lucas ensina que é possível, sejam nas comunicações orais ou escritas, indicar se há ironia, metáforas ou outras figuras de linguagem. Trata-se da conversão de uma atitude discursiva não assertiva para o emprego de uma forma de comunicação com acessibilidade, empática, que respeita o direito à compreensão do outro e os seus possíveis limites de

⁴⁷ Instagram.com/lucas_atipico/. Indicador de tom (ironia). Disponível em https://www.instagram.com/p/CYzxAxeF0hu/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 jan.2022.

decodificação. Ao final do texto que acompanha a imagem na publicação, Lucas revela ter vivido dificuldades pela falta do indicador de tom quando faz este pedido: “*seria incrível, por exemplo, se os meus professores passassem a usar*”.

Enfim, para encerrar a amostra de publicações que refletem a recorrência de enunciados sobre o modo de ser autista, no *post* 11, Lucas abre novas frentes de diálogos e análises relativos ao eixo autodefinição, foco deste capítulo. Isso porque indica que ainda existe forte prevalência nas discussões sobre autismo que consideram questões que já deveriam ter sido superadas: o “*autismo leve*”, a ideia simplista de tornar o sujeito neurodivergente alguém “*funcional*”, os discursos do “*anjo azul*” ou “*mãe azul*”, o reforço para as “*histórias de superação*”, o destaque ainda para as perspectivas dos “*profissionais e pais de autistas*” ou ainda para o volume das “*40 horas de terapias semanais*”, já vistas como necessárias para o treino comportamental.

Post 11 – Lucas Pontes – O foco no autismo precisa de reajustes



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁴⁸

No entanto, as demandas compreendidas por Lucas e pelo coletivo autista que ele representa são de outra natureza e, mesmo ainda com pouca prevalência e força, precisam se tornar núcleo na pauta. Deste lugar é possível então extrair um vínculo de autoidentificação de

⁴⁸ Instagram.com/lucas_atipico/. O foco no autismo precisa de reajustes. Disponível em https://www.instagram.com/p/CJPUqwNF3kH/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 dez.2020.

Lucas, ou melhor, do @lucas_atípico (nome do seu perfil no *Instagram*), como um ator social que se define ativista pela causa e atua na tentativa de ampliar os significados e compreensões sobre o autismo. O menino atípico indica, então, a necessidade de reajustes no foco das discussões a fim de se direcionar ou atualizar as temáticas para outros pontos emergentes, como o “*capacitismo*”, a “*comunicação alternativa*”, a recorrência dos episódios de “*suicídio e depressão*”, para os autistas de “*níveis 2 e 3 de suporte*” e, ainda, para o “*protagonismo*” e questões de identidade, que são ganchos e alavancas para os próximos desdobramentos deste capítulo de análise.

3.1.2. Identidade e protagonismo

O dia do orgulho autista é um convite para refletirmos sobre novas narrativas acerca do autismo, respeitando as singularidades de cada pessoa.
Sophia Mendonça

Observar o brilho desta constelação na perspectiva do “ser autista” conduz o percurso cartográfico, então, para as questões de identidade e protagonismo. Ao analisar a autodefinição, como técnica de si e da subjetivação política, deparando-me com riqueza do material empírico, é possível identificar os indícios das buscas e esforços dos sujeitos neurodivergentes pela atualização e ampliação das concepções sociais sobre o autismo. As próximas postagens nos permitem experimentar a “potência transformadora” existente nestes enunciados pois são carregados por relatos, por uma decisão de contar sobre si (MARQUES et al., 2022, p. 22).

Marques et al. (2022, p. 24-25) definem que “‘contar a vida’ não é uma decisão apenas relacional, voltada para a direção de uma alteridade interligada ao ‘si mesmo’, mas também situacional, dependente do contexto imediato no qual se observa a elaboração de uma narrativa a respeito da própria pessoa”. Assim, impactados por situações do cotidiano, autistas colocam nos seus discursos sobre si as experiências individuais que mobilizam e enunciam as vivências desse coletivo. Os relatos sobre o “eu autista” são, desta forma, oportunidades de construção de uma história que contribua com a constituição de si, como sujeito que atribui sentido à própria existência. Estes relatos contribuem também com a autodefinição, enquanto técnica de si, pois ao manejarem discursos que demonstram a necessidade de redefinir normas a respeito de si próprios, com a possibilidade inclusive de se redefinirem, estes sujeitos buscam “conquistas derivadas das transformações subjetivas e coletivas”. Ou seja, são relatos sobre si que assumem

uma voz coletiva e tentam afastar a ordem consensual que aprisionam ou fixam os lugares dos sujeitos vulneráveis, mas buscam conquistar novos significados.

Com o apoio nas filósofas feministas contemporâneas como Stelle Ferrarese, Margareth McLaren e Amy Allen e nos argumentos de Foucault, Marques et al. (2022, p. 25) explicam que:

[...] sujeitos vulneráveis não podem ser confundidos como vítimas destituídas da capacidade de refletir e agir eticamente, mas sim como atores protagonistas de suas experiências que buscam caminhos e percursos alternativos às expectativas e ideologias dominantes para darem forma às suas existências, praticando insurgências e elaborando técnicas de si as mais diversas.

Assim, o autodefinir-se nos relatos autistas pode ser compreendido como atos de “recusa e resistência” aos esquemas normativos já acomodados e que pleiteiam “condições afetivas, políticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para a experimentação das relações intersubjetivas e outra imaginação política” (MARQUES et al., 2022, p. 25).

A publicação de Lucas Pontes (*post* 12) enuncia um ato de resistência às técnicas de autocontrole empregadas sobre o ser autista que, como indicam Marques et al. (2022, p. 26), “gerenciam e reduzem a agência de seus modos de vida configurando modos mais subjugados de construir e entender as identidades”. Ele inicia dizendo: “*somos diversos*”.

Post 12 – Lucas Pontes – Como somos retratados *versus* como realmente somos



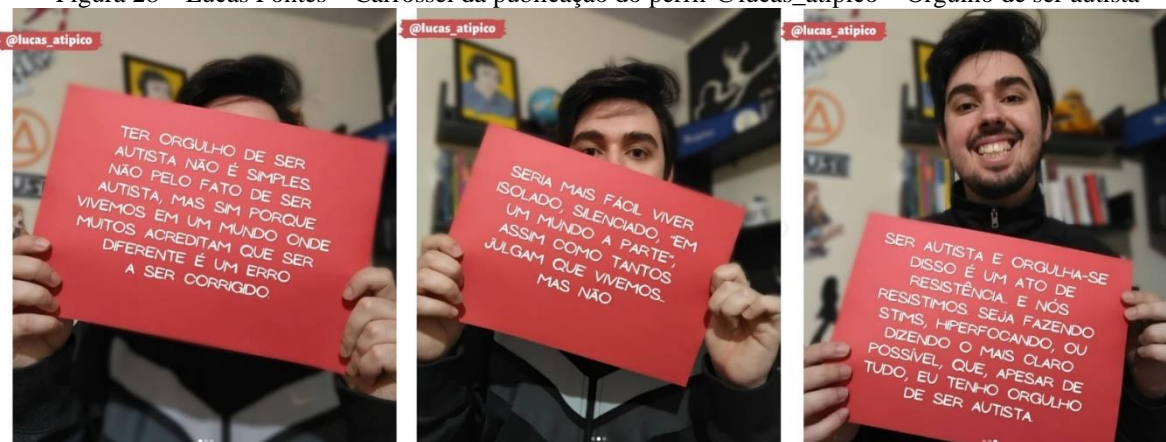
Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁴⁹

⁴⁹ Instagram.com/lucas_atipico/. Como somos retratados *versus* como realmente somos. Disponível em https://www.instagram.com/p/CEU7ltgJBUi/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 ago.2020.

A sua voz coletiva mobiliza primeiro uma mudança da concepção sobre como os autistas são retratados quando, na primeira pessoa do plural propõe que “*devemos começar respeitando a diversidade que existe dentro do próprio espectro*”. Lucas se autodefine e define o autismo pela individualidade e diversidade que nele existe. O autista pode ser “*branco, baixo, hétero, negro, idoso, gay, adulto, transgênero*” e não deve ter o seu significado único, fixado e deduzido à infância.

Em 18 de junho, data em que se celebra a neurodiversidade com o “Dia do Orgulho Autista”⁵⁰ e é definida com um importante marco político em defesa das diferenças, Lucas levanta cartazes (figura 28). A imagem dos cartazes já atua ativando a simbologia da resistência. Na primeira imagem do carrossel de postagens, Lucas encobre o próprio rosto com o cartaz e parece recusar a associação da sua imagem à equivocada ideia de que o autismo ou o “*ser diferente é um erro a ser corrigido*”. A imagem seguinte releva parte do seu rosto, como um exercício de libertação, mesmo lento, e é o seu olhar que comunica o tom do que o relato expressa: “*seria mais fácil viver isolado, silenciado, em um mundo à parte, assim como tantos julgam que vivemos. Mas não*”. Uma vida silenciada, escondida, seria mais fácil para quem? Certamente não para Lucas. Talvez para aqueles cujas experiências estão acomodadas em outros cenários majoritários, “*mas não*” definitivamente para os autistas.

Figura 28 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Orgulho de ser autista



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁵¹

⁵⁰ 18 de junho, Dia do Orgulho Autista. A data foi criada pelo grupo *Aspies for Freedom*, do Reino Unido, em 2005, celebra a neurodiversidade e valoriza diferenças. O ato político reconhece o potencial inato em todas as pessoas, incluindo aquelas no espectro do autismo (AUTISMO & REALIDADE, 2021).

⁵¹ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Orgulho de ser autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CQR_RYol5RV/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 jun.2021.

O rosto e o sorriso invertem a tônica discursiva quando, na terceira imagem, o tempo da vida trancada no quarto isolado e que representa ainda as gerações de autistas dedicados à própria reclusão, ao isolamento, se renova. Sorrir é um ato de encontro com a vida, é poder abrir a janela do quarto e ter o direito de aparecer, de compor a paisagem vestindo a própria essência ou com a liberdade para se despir. O rosto enuncia, para Lucas, “*ser autista e orgulhar-se disso é um ato de resistência*”. Enquanto sujeito coletivo afirma que “*nós resistimos seja fazendo stims, hiperfocando, ou dizendo o mais claro possível, que, apesar de tudo, eu tenho orgulho de ser autista*”. Lucas me oferece o seu sorriso orgulhoso e eu o acolho, tento compreender o que ele comunica e me sinto afetado, transformado por ele.

A página de Naty Souza⁵² cujo nome do perfil é @meumundoautista é também um espaço de valorização deste modo de ser e de se autodefinir. Naty reparte, em suas publicações, os significados do seu mundo autista. Sobre o orgulho de ser autista, relata (post 13) que “*mesmo em um mundo onde tudo parece ir contra, tudo parece conflitante e às vezes desgastante demais*”, é o único mundo que conhece e, por isso, sente orgulho.



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2020)⁵³

⁵² Naty Souza. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/meumundoautistaa/>. Acesso em 25 dez.2022.

⁵³ Instagram.com/meumundoautistaa/. #OrgulhoAutista. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBbqiEYJvHg/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 jun.2020.

Aqui um indício surge com força: não há outro mundo possível de existência para quem é autista, se não um mundo que é, inclusive, autista. Não há, conseqüentemente, condições razoáveis de existência para estes sujeitos sem a transformação das situações sociais que naturalmente são opressoras.

Autodefinir-se autista, com orgulho da “*minha força, da minha capacidade de seguir mesmo fragmentada pelo preconceito*”, “*da minha vontade de vencer em um mundo que me sufoca*”, “*da minha diferença que me torna única, é poder dizer: Eu existo! Eu sou NORMAL! Sou DIVERSIDADE!*”. O relato é sensível pois declara a dificuldade de seguir em um mundo que fragmenta existências pelo preconceito e sufoca vidas. Traz ainda paralelos que tentam inverter lógicas e significados a respeito do que é ser diferente e único, do que é tido como normal ou diverso, termos aproximados inclusive pelo destaque da fonte em caixa alta. Este enunciado revela o esforço de Naty para transformar as condições de opressão que vive quando reúne, arranja em suas postagens sobre o seu mundo autista, os processos discursivos de autocriação.

Neste sentido, observo e trago para a discussão conteúdos de outro perfil do *Instagram*, o de Sophia Mendonça⁵⁴, uma mulher transgênero, autista, ativista, jornalista e produtora de conteúdo sobre autismo. Desde o início do meu interesse em pesquisar sobre o autismo, Sophia esteve presente em minhas referências. Tanto pela sua produção bibliográfica sobre o tema, quanto pela forma com que articula nos seus canais digitais, em parceria com a sua mãe Selma, também autista, as suas vivências e experiências. Sophia ainda contribuiu de forma generosa com esta cartografia quando me aproximou de outras pessoas autistas de diferentes regiões brasileiras, previstas nas fases de seleções, o que me permitiu conseguir os seus aceites para terem as suas páginas de conteúdo aberto no *Instagram* analisadas nesta pesquisa.

No entanto, o meu primeiro contato foi com o Victor Mendonça. Para explicar este processo, recorro a um trecho testemunhal de Sophia Mendonça, extraído da sua dissertação de mestrado que foi defendida em 2022 pelo PPGCom/UFMG⁵⁵.

⁵⁴ Sophia Mendonça. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/>. Acesso em 25 dez.2022.

⁵⁵ Com a dissertação intitulada “A Interseccionalidade entre Autismo e Transgêneridade: diálogos afetivos no Twitter”, Sophia Silva de Mendonça se tornou a primeira mulher trans autista mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCom/UFMG), com orientação da Prof^a Dr^a Sônia Caldas Pessoa. É também a primeira mestra a se formar pela linha de pesquisa da Comunicação Territorialidades e Vulnerabilidades da mesma instituição. Sophia foi aprovada com louvor pelo reconhecimento do seu mérito e excelência e atribui a conquista a todas as mulheres autistas (MUNDO AUTISTA, 2022).

Eu já era uma pessoa com desafios na interação social, principalmente na adolescência, então tudo que trouxesse mais exposição ou demarcasse outra vulnerabilidade poderia dificultar ainda mais o meu relacionamento com colegas de escola, por exemplo. Mesmo assim, minha transição não pareceu surpreendente para quem conviveu comigo durante o período escolar. Eu era andrógina, tinha cabelos abaixo dos ombros e fazia escova progressiva, além de depilação a cera (no corpo) e a laser (na região do rosto). Quando iniciei a trajetória como youtuber, aos 18 anos, cortei o meu cabelo curto pela primeira vez por “vontade” própria. É que eu queria ter uma imagem mais próxima a como um comunicador digital jovem deve ser. Nos meus escritos e discursos, continuava feminina. Essas contradições na maneira como eu me expressava me trouxeram muito sofrimento. Eu me questionava se era possível alguém com incongruência de gênero viver com a identidade do sexo atribuído ao nascimento, mesmo consciente de sua condição. Entretanto, eu admiro o que o Victor (meu nome de batismo) construiu e que deu bases para Sophia seguir plena em sua trajetória (MENDONÇA, 2022, p.18).

Sophia traz outras complexidades às questões de autodefinição ligadas à identidade autista. Aqui se encontram outras subjetividades, há interações entre mais eixos de subordinação que são distintos e excludentes, e suas consequências são estruturais. Estas complexidades me direcionam a trazer a definição de interseccionalidade como uma “[...] ferramenta analítica que dá às pessoas um melhor acesso à complexidade do mundo e de si mesmas” e reforçam que “os eventos e condições da vida social e política do indivíduo raramente podem ser entendidos como moldados por um fator” e que “são geralmente moldados por muitos fatores de maneiras diversas e que se influenciam mutuamente” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 02).

Complementarmente, Crenshaw (2022, p. 177) define a interseccionalidade como:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Utilizar a perspectiva da interseccionalidade, no sentido de explorar as problemáticas presentes nas vivências dos sujeitos, contribui de forma analítica na busca por justiça social e por políticas públicas em relações de poder e situações de desigualdade (COLLINS, BILGE; 2021).

Desta forma, mesmo com as diferenças entre ser autista e ser transgênero, elas podem se interligar criando complexas intersecções em que ambos se cruzam, como ocorre com Sophia, que demonstra em sua publicação sobre autismo, identidade de gênero e sua vida pessoal (*post* 14) como acontecem esses contrastes. Referindo-se à sua pesquisa de mestrado,

escreve que “já havia refletido muito sobre as questões de abordar autismo e gênero”, mas que mudou a sua temática porque “a fala de uma colega, mulher e negra, foi crucial para essa tomada de decisão. Ela indagou, enfaticamente, o porquê de eu estar fazendo uma pesquisa sobre mulheres, sendo homem”, visto que na ocasião ainda era reconhecido como Victor. O relato segue com o trecho: “Eu a entendo perfeitamente. Apenas este ano (2020!), uma mulher com deficiência se tornou mestra em Comunicação Social pela UFMG. Não tenho registros de outros alunos autistas cursarem o Mestrado nessa área e instituição além de mim”.

Post 14 – Sophia Mendonça – Sobre autismo, identidade de gênero e a vida pessoal

sophiamendoncaoficial • Seguindo

sophiamendoncaoficial • Seguindo

sophiamendoncaoficial Sobre autismo, identidade de gênero e um pouco da minha experiência pessoal:

Quando eu digo que fazer mestrado é um "banho de humildade", isso se dá sob diversos aspectos. Recentemente, tive que mudar o objeto da minha pesquisa. Eu já havia refletido muito sobre as questões de abordar autismo e gênero. A fala de uma colega, mulher e negra, foi crucial para essa tomada de decisão. Ela indagou, enfaticamente, o porquê de eu estar fazendo uma pesquisa sobre mulheres, sendo homem.

Eu a entendo perfeitamente. Na minha turma de Mestrado, temos apenas duas mulheres negras, então é mais do que o natural que o "lugar de fala" seja algo precioso para ela. Para mim, também é. Apenas este ano (2020!), uma mulher com deficiência se tornou mestra em Comunicação Social pela UFMG. Não tenho registros de outros alunos autistas cursarem o Mestrado nessa área e instituição além de mim.

O que ela jamais poderia imaginar - e eu dei graças à vida por

Adicione um comentário...

Publicar

sophiamendoncaoficial • Seguindo

tocou em um nível pessoal. Eu sempre tive registro de forte identificação pessoal com o feminino e não tenho lembrança de não me ver, ao menos por dentro, como mulher.

Quando falei sobre isso com a minha psicóloga à época da adolescência, ela apenas "enrolou" e, quando indagada anos depois sobre o sofrimento que o não-tratamento desse sentimento de inadequação ao gênero do nascimento me causou, ela afirmou que isto não era a prioridade do tratamento à época. Não entendi, pois era o que mais me fazia sofrer. Já o psiquiatra, quando questionado sobre essa possível disforia de gênero por minha mãe, soltou uma gargalhada e disse que eu só poderia mudar de sexo quando me apaixonasse. De novo, não fez sentido: identidade de gênero e orientação sexual são coisas diferentes! Já a reação do psicólogo da minha mãe foi passar a ela "estratégias" que me tornassem menos "afeminado", como forma de evitar o bullying.

sophiamendoncaoficial Sei que, apesar de tudo, este ainda não é o meu lugar de fala e sou grato por ter uma orientadora como a Sônia que me ajuda a delinear os melhores caminhos para a pesquisa. Estou mais satisfeito agora do que antes; A minha finalidade ao fazer este post é simplesmente tentar, de alguma forma, conscientizar sobre os autistas que podem não ser cisgêneros. Ninguém merece passar pelo sofrimento interno que passei.

Autoria: Victor Mendonça

Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2020)⁵⁶

⁵⁶ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). Sobre autismo, identidade de gênero e a vida pessoal. Disponível em https://www.instagram.com/p/CEgWbUXISes/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 ago.2020.

Este fato a impactou muito, levando Sophia a seguir seu relato: “*sempre tive registro de forte identificação pessoal com o feminino e não tenho lembrança de não me ver, ao menos por dentro, como mulher*”. No entanto, vieram dos profissionais de saúde as respostas opressoras sobre o que Sophia sentia e buscava apoio para que pudesse se reconhecer. Na adolescência, ouviu da psicóloga que o sofrimento vivido por não tratar o seu sentimento “*não era a prioridade do tratamento à época*”; do psiquiatra, “*quando questionado sobre essa possível disforia de gênero*” por sua mãe, recebeu a indicação de que “*só poderia mudar de sexo*” quando se apaixonasse; enfim, do psicólogo da sua mãe, o retorno foram sugestões de estratégias que a tornassem “*menos ‘afeminado’, como forma de evitar o bullying*”. No intuito de conscientizar sobre as questões que envolvem autistas e gênero, encerra o *post* dizendo: “*Ninguém merece passar pelo sofrimento interno que passei*”.

Post 15 – Sophia Mendonça – Meu maior fantasma foi ser transgênero



The image shows a screenshot of an Instagram post. At the top, it says "Post 15 – Sophia Mendonça – Meu maior fantasma foi ser transgênero". The post is from the account "sophiamendoncaoficial" and is categorized as "ENTREVISTAS". The main text of the post reads: "Sophia Mendonça: 'Meu maior fantasma não foi o autismo, foi ser transgênero'". The post includes a portrait of Sophia Mendonça and a colorful graphic with abstract shapes and symbols. Below the post, there are several comments from users like "_petthedog", "mariaritaareal", and "eliseuacaciodasilva". The post has 1 like and 2 comments.

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)⁵⁷

Tal experiência gera, posteriormente, outra postagem (*post 15*) que, talvez com maior entendimento sobre si, define: “*meu maior fantasma não foi o autismo, foi ser transgênero*”.

⁵⁷ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Meu maior fantasma foi ser transgênero. Disponível em https://www.instagram.com/p/CORU16FlpIk/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 abr.2021.

Figura 29 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – Diálogos entre ser autista e transgênero



DIÁLOGOS ENTRE SER AUTISTA E TRANSGÊNERO.

Hoje, 29 de janeiro, é o Dia da Visibilidade Trans. Falar sobre a ligação entre ser transgênero e autista é sempre um tema delicado. Mesmo a gente tendo pesquisas quantitativas robustas que apontam que a transgeneridade é até 8 vezes mais comum em pessoas autistas. E que, pelas metodologias utilizadas, seria muito difícil que esse dado fosse apenas uma impressão superficial. Dessa maneira, os diálogos entre ser autista e transgênero são fundamentais para um entendimento mais aprofundado sobre o tema.

> É compreensível o receio de muitas famílias frente ao assunto. Afinal, o filho ou filha já é marginalizado(a) por conta de uma condição neurodivergente. A identidade trans pode complexificar ainda mais essa questão. E, assim, trazer novas necessidades de luta contra a discriminação. No entanto, não discutir essa possibilidade de identidade de gênero fora da norma no TEA não significa que ela não vá se manifestar. Ou mesmo, deixar de existir.

—Sophia Mendonça
@mundo.autista

Foi pensando em como trazer mais elementos que possam auxiliar autistas, profissionais e familiares que desenvolvi a dissertação "A Interseccionalidade entre Autismo e Transgeneridade: diálogos afetivos no Twitter". A defesa está prevista para fevereiro próximo, na Universidade Federal de Minas Gerais. Por enquanto, não posso detalhar ou informar sobre os resultados da pesquisa. Afinal, ela é inédita no Brasil e no campo da Comunicação Social. Nesse artigo, então, falarei sobre a minha trajetória como mulher autista trans. Claro, embasada nos estudos sobre gênero, sexualidade e autismo.

> [...] Infelizmente, ainda há muito capacitismo e transfobia na área médica. Isso começa pelas crenças errôneas sobre gênero e sexualidade e vai até à discriminação contra autistas. A avaliação de incongruência com relação à identidade apresentada no nascimento nunca teve como critério a orientação sexual. Ainda assim, muitos profissionais se prendem a esse "achismo". Desse modo, se pautam pelos "achares", em detrimento dos "saberes" tão necessários ao bem-estar da sociedade.

—Sophia Mendonça
@mundo.autista

>> Na minha vivência, infelizmente, foi assim. Embora eu gostasse de homens, minha identificação com o universo feminino era muito mais intensa do que essa atração. Gostava de me vestir e me imaginar como mulher desde a primeira infância. Isso, quando nem sabia o que era ser trans. Eu já me manifestava frente ao mundo que se descortinava para mim, com minha essência feminina. Sem pré-conceitos. Eu simplesmente era o que era. Ainda assim, todas as minhas tentativas de explicar o que ocorria comigo, foram desqualificadas pelos profissionais. E o pior, profissionais que deveriam nos conduzir de maneira leve, por esse universo ainda desconhecido pela maioria das pessoas. Foi assim, desde minha adolescência até a fase adulta.

> [...] No entanto, no meu caso, me vejo 100% como mulher. Desde sempre, como me foi confirmado por minha mãe. Portanto, independentemente da maneira como nasci. Por isso, não cabe em mim, nenhum elemento "masculino". Além disso, também me percebo de maneira completamente feminina na minha forma de agir e existir no mundo.

> Hoje, como Sophia, sou plena. Minha irritabilidade reduziu significativamente, assim como os sintomas depressivos e ansiosos. A possibilidade de ser tratada como quem realmente sou fez e faz toda a diferença em minha trajetória pessoal e profissional. Não tenho mais crises de agressividade. Pude, enfim, me encontrar e existir como realmente eu SOU.

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2022)⁵⁸

A experiência com a sua pesquisa autobiográfica no mestrado na UFMG, como parte do seu processo de autodefinição, resultou, para além de todas as reflexões, conquistas e

⁵⁸ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – Diálogos entre ser autista e transgênero (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CZUR8oFl60b/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 jan.2022.

transformações de ordem acadêmica e pessoal, em um sensível relato exposto em suas redes (figura 29), denominado “*diálogos entre ser autista e transgênero*”.

O texto é rico em sensibilidade, afetividade e individualidade. Trata-se de uma obra generosa, uma partilha de si com o coletivo, como uma maneira de representar de algum modo a transformação vivida, ou até mesmo, talvez, um alívio do seu sofrimento, o que não poderia ser diferente para Sophia que atua ativamente em prol do autismo nas plataformas digitais.

Não apenas a identidade, mas também o protagonismo é anunciado por Sophia. Os *post* 16 e 17, publicados pela jornalista posteriormente ao relato sobre ser autista e transgênero, demonstram um novo lugar ocupado, o de pesquisadora. Assim, protagoniza e, de certo modo, inaugura um espaço pouco ocupado por autistas e transgêneros. Sophia tonar-se a primeira mulher trans autista, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCom/UFMG), com orientação da Prof^a Dr^a Sônia Caldas Pessoa.

Post 16 – Sophia Mendonça – Pesquisadora da UFMG apresenta histórias de trans e autistas como ela



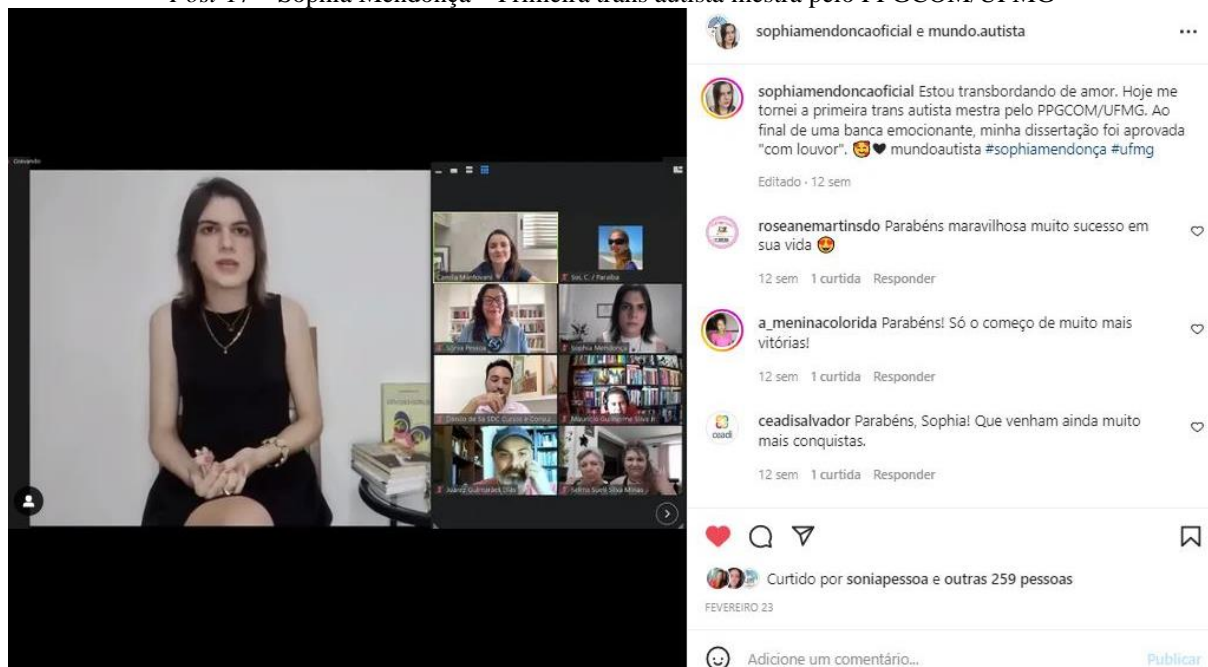
Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2022)⁵⁹

É também a primeira mestra a se formar pela linha de pesquisa da Comunicação Territorialidades e Vulnerabilidades da mesma instituição. Sophia foi aprovada com louvor

⁵⁹ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Pesquisadora da UFMG apresenta histórias de trans e autistas como ela. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ5H7LPJzWS/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 12 fev.2022.

pelo reconhecimento do seu mérito e excelência e atribui a conquista a todas as mulheres autistas (MUNDO AUTISTA, 2022).

Post 17 – Sophia Mendonça – Primeira trans autista mestra pelo PPGCOM/UFMG



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2022)⁶⁰

Este movimento também traz à Sophia motivações que, durante o seu percurso, a levam a demonstrar o seu orgulho autista e, por todo o contexto, o orgulho e o cuidado que tem sobre si. No *post 18*, a jornalista explica que o “*orgulho autista é um convite para refletirmos sobre novas narrativas acerca do autismo, respeitando as singularidades de cada pessoa*”. Ao convidar a sociedade para a reflexão sobre renovar as narrativas sobre o autismo e se colocar como sujeito ativo dessa vivência, Sophia demonstra o seu trabalho de cuidado consigo e com os outros. Tal ponto remete ao pensamento de Foucault (2014) sobre os modos de vida como matéria prima potencial para a produção de transformações éticas.

⁶⁰ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Primeira trans autista mestra pelo PPGCOM/UFMG. Disponível em https://www.instagram.com/p/CaVQGVuJMjd/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 fev.2022.

Post 18 – Sophia Mendonça – O dia do orgulho autista é um convite



Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2021)⁶¹

Enfim, nesta recorrência de enunciados sobre o orgulho e identidades, o trecho de Thiago Abreu (*post 19*).

Post 19 – Thiago Abreu – Mas por que orgulho autista?



Fonte: [Instagram.com/introvertendo/](https://www.instagram.com/introvertendo/) (2021)⁶²

⁶¹ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). O dia do orgulho autista é um convite. Disponível em https://www.instagram.com/p/CQXJdiChSCB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 jun.2021.

⁶² [Instagram.com/introvertendo/](https://www.instagram.com/introvertendo/). Mas por que orgulho autista? Disponível em https://www.instagram.com/p/CQQ07OGFM8u/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 jun.2021.

Nele, Tiago destaca uma singularidade: “*Muita gente pergunta ‘mas por que orgulho autista?’ . É simples. Se você tem orgulho de ser autista, a vida fica mais leve. Isso te impulsiona a se entender, se aceitar, a lutar por políticas públicas. Só há Dia do Orgulho Autista porque um dia ser autista foi visto como tragédia*”.

Em meu exercício de atenção para as vozes dos autistas, percebo que em suas narrativas de si mesmos, e para a potência das transformações que se produzem nas experiências vividas e compartilhadas em suas postagens, iluminam o desejo pelo protagonismo, por ocuparem espaços sociais e políticos e por poderem representar a si próprios. O protagonismo atua, portanto, também como um elemento de autodefinição.

Lucas Pontes (*post 20*), no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (3 de dezembro), critica a falta de representatividade de pessoas com deficiência na mídia e argumenta como discurso de que “*essa falta de representatividade fomenta a ideia capacitista de que somos pessoas completamente dependentes e que sempre precisamos que alguém fale por nós, quando na verdade temos nossa própria voz, independente de como ela for, e estamos todos os dias lutando por essa causa que não é sobre nós, mas sim NOSSA*”.

Post 20 – Lucas Pontes – A mídia brasileira no dia das pessoas com deficiência

A mídia brasileira no dia das pessoas com deficiência:

lucas_atipico • Seguindo

lucas_atipico Eu nem iria colocar legenda, mas, provavelmente, aparecerá alguém para dizer que eu estou sendo ingrato com os pais e causando desunião... então, lá vai a explicação que eu espero que se tome cada vez mais

Porque hoje é o dia DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. Porque essa falta de representatividade fomenta a ideia capacitista de que somos pessoas completamente dependentes e que sempre precisamos que alguém fale por nós, quando na verdade temos nossa própria voz, independente de como ela for, e estamos todos os dias lutando por essa causa que não é sobre nós, mas sim NOSSA. □

Já passou da hora das pessoas pararem de aplaudir quem se coloca como herói e porta voz de qualquer grupo de pessoas com deficiência, com a desculpa de que estão trazendo visibilidade para a causa. E sim, nem todos os programas fazem isso, mas a GRANDE maioria faz.

Curtido por carolsouza_autistando e outras 5.783 pessoas

3 DE DEZEMBRO DE 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁶³

⁶³ Instagram.com/lucas_atipico/. A mídia brasileira no dia das pessoas com deficiência. Disponível em https://www.instagram.com/p/CXCWiJugvkz/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 dez.2021.

Ao final, cesura a atitude social que observa e aplaude aquele que se coloca como “*herói e porta voz de qualquer grupo de pessoas com deficiência, com a desculpa de que estão trazendo visibilidade para a causa*”. O pleito de Lucas, apesar de ser naturalmente evidente e parecer óbvio, mostra o pouco espaço que é destinado às pessoas com deficiência e o imaginário de incapacidade ou dependência generalizado que ainda é estrutural.

No entanto, na comunidade autista os modos de se fazer ativismo ou de se constituir, mesmo sem se declarar ativista pela causa, gera dissensos. Lucas (*post 21*) deixa claro que há um esforço coletivo, um movimento neurodivergente que busca transformação e a quebra de padrões, mas que também incorre em questionamentos ou juízos de valor quando questiona os modos de manifestação discursiva, relativizando a importância daqueles que a fazem nas redes sociais digitais.



O ativista da causa da neurodiversidade João Victor Ipirajá⁶⁵, membro dos neurodivergentes, é estudante de Engenharia de Computação do Instituto Federal do Ceará (Fortaleza - CE), pertence a Academia de Desenvolvedores *Apple* e é líder do *Google Developer Students*. João recebeu seu diagnóstico de autismo tardiamente e inicia sua publicação (*post 22*)

⁶⁴ Instagram.com/lucas_atipico/. Importância do ativismo autista nas plataformas digitais. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMIIwSWIONx/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 mar.2021.

⁶⁵ João Victor Ipirajá. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/joaoipiraja/>. Acesso em 25 dez.2022.

descrevendo os desafios que teve na infância e que o motivaram a buscar espaço onde a sua voz pudesse ser ouvida: “*Durante minha infância, muitas portas foram fechadas por ser diferente. Por meio do Google Developer Students Club, como líder dentro do espectro autista, minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade*”. Com as suas habilidades como um estudante e desenvolvedor líder, protagoniza em seu ambiente acadêmico, projetos para tornar o campus mais inclusivo “*trazendo diferentes vozes para falar sobre diversidade contra os estereótipos e preconceitos tão culturalmente fortes no Brasil*”, o que também amplia a força do discurso, da voz coletiva e diversa que resiste às opressões, à falta de oportunidades e de protagonismo.

Post 22 – João Victor Ipirajá – Minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade

How a Student Leader Promotes Neurodiversity Awareness in Brazil and Beyond

Monday, November 22, 2021

Posted by Rodrigo Hirooka, Regional Lead for
Brazil Developer Communities



Fonte: [Instagram.com/joaoipiraja/](https://www.instagram.com/joaoipiraja/) (2021)⁶⁶

Outra manifestação de representatividade autista acontece com Willian Chimura⁶⁷ que é autista, *youtuber*, programador e mestrando em Informática para Educação no Instituto Federal de Tecnologia do Rio Grande do Sul. Willian produz o seu conteúdo sobre autismo para a plataforma de vídeos *YouTube* e usa o seu canal para dividir as próprias experiências com outros autistas e famílias. Combate declarações que fazem mau uso do termo autismo, promove debates, compreensão sobre o assunto e considera ocupar, nas redes, um importante lugar de fala.

⁶⁶ [Instagram.com/joaoipiraja/](https://www.instagram.com/joaoipiraja/). Minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWl6BCle_n/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 22 nov.2021.

⁶⁷ Willian Chimura. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/chimurawill/>. Acesso em 25 dez.2022.

Por ser bastante requisitado a comparecer em programas de televisão, *podcasts* e para falar em diferentes eventos, pôde compartilhar algumas das suas vivências ao trazer dicas ou pontos de reflexão ao se convidar autistas para participarem de palestras. No *post* 23, Chimura instrui, primeiro, sobre a possibilidade de ampliação das temáticas que podem ser tratadas por autistas, para além do próprio TEA. Afinal, percebe que os “*interesses e habilidades dos palestrantes autistas têm sido pouco valorizados na maioria das vezes*”. Depois, que não se deve convidar apenas as pessoas que possuem muitos seguidores porque nem sempre dará certo. Ocorre que o público do evento pode não ser o mesmo das redes sociais e a abordagem que se baseia nessa expectativa, tende a não funcionar. Além disso, o *youtuber* explica que “*existem muitos autistas com poucos seguidores criando coisas muito legais*” e que podem protagonizar esses espaços.

Post 23 – Willian Chimura – Palestrantes autistas em eventos sobre autismo



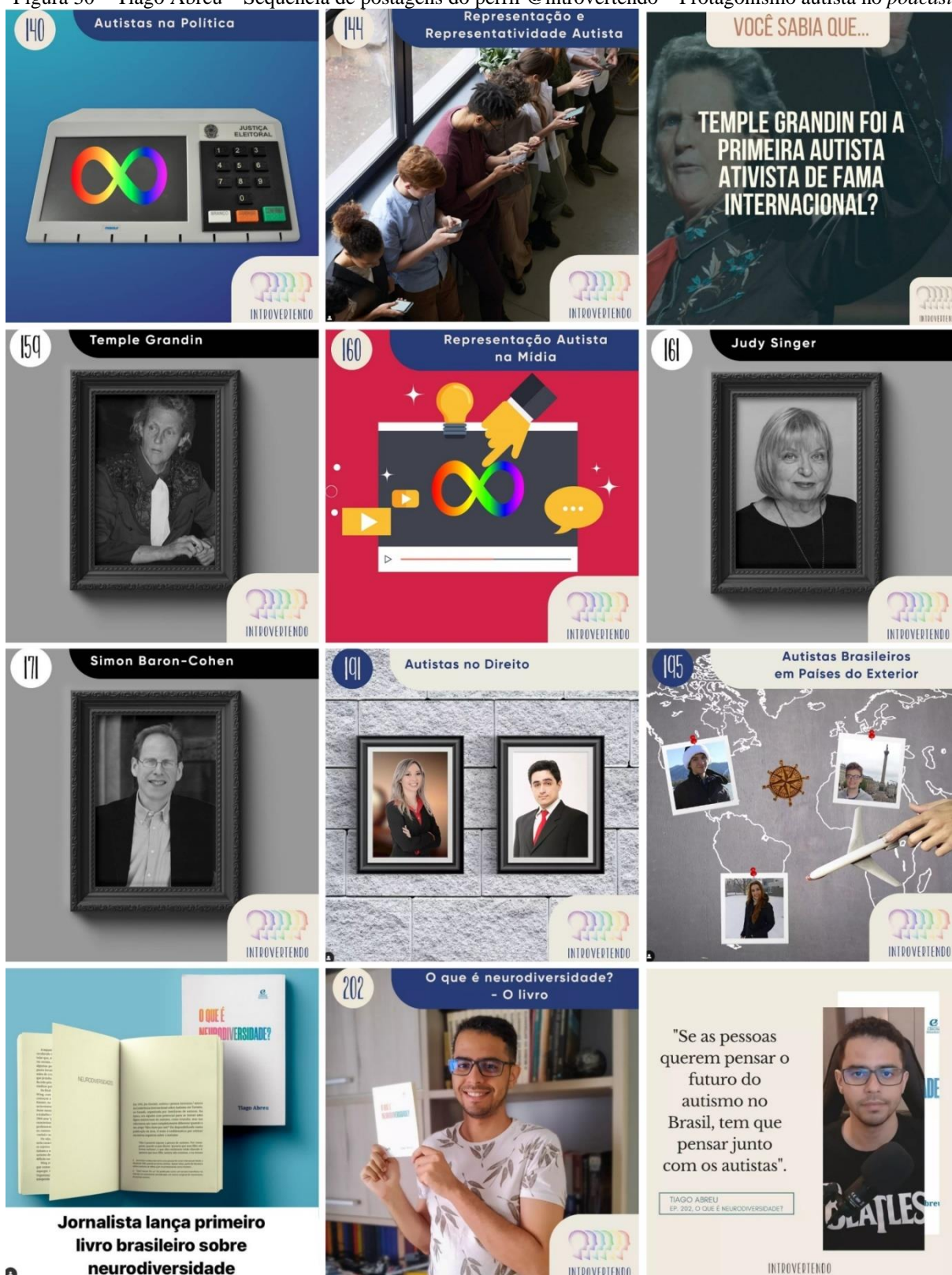
Fonte: [Instagram.com/chimurawill/](https://www.instagram.com/chimurawill/) (2021)⁶⁸

Willian ensina ainda que é importante definir a temática e instruir o palestrante, pois isso auxilia na previsibilidade e no planejamento da fala. Ao encerrar o texto, orienta que é importante valorizar e remunerar os convidados, pois “*muitos autistas se sentem extremamente ansiosos para eventos, preparando suas palestras por dias: estudam, planejam, treinam*”, o que deve ser recompensado.

Paralelamente às publicações e enunciados de todos estes sujeitos em suas respectivas páginas do *Instagram*, sobre identidade e protagonismo, o *podcast* Introvertendo de Tiago Abreu segue reunindo autistas para falar de autismo também nessa perspectiva.

⁶⁸ [Instagram.com/chimurawill/](https://www.instagram.com/chimurawill/). Palestrantes autistas em eventos sobre autismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMxYgDzFo64/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 mar.2021.

Figura 30 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Protagonismo autista no *podcast*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2022-2022)⁶⁹

⁶⁹ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Protagonismo autista no *podcast* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre 23 out.2020 e 15 fev.2022.

A seleção de postagens (figura 30) reúne uma sequência de cartazes digitais que divulgam os episódios que destacam o protagonismo autista em diferentes âmbitos: na política, na mídia, no direito e em outros países.

As temáticas também envolvem abordagens trazidas por representantes dos estudos sobre autismo e neurodiversidade, como é o caso da socióloga australiana Judy Singer, precursora e referência nos estudos da neurodiversidade; de Temple Grandin, uma psicóloga e zootecnista americana, autista, que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais vivos em fazendas e abatedouros; e do psicólogo australiano Simon Baron-Cohen, que ganhou notoriedade nas pesquisas sobre o autismo (década de 1980) por formular o conceito de “cegueira mental” e ter sido orientado pela pesquisadora Uta Frith.

Nesta constelação “*eu sou autista*”, até aqui, o eixo que contribui com a operação da análise neste trajeto cartográfico, a autodefinição como técnica de si, demonstrou que o modo de ser autista, a identidade e o protagonismo estão presentes em seus enunciados e, com intensidade, propõe reflexões sobre estas subjetividades e transformações. Noto que chegam a inaugurar, como já mencionei, outra corporalidade e temporalidade. Mas ainda sob o brilho das estrelas que se iluminam mutuamente em torno do “ser autista”, aparecem outras coleções associadas ao eixo autodefinição e aos diferentes modos de comunicação e interação entre esses sujeitos que, por sua vez, recusam os discursos normalizadores que a afastam a sua essência ou modificam o que entendem como conceito de si.

3.1.3. Diversidade nas interações e os discursos normalizadores

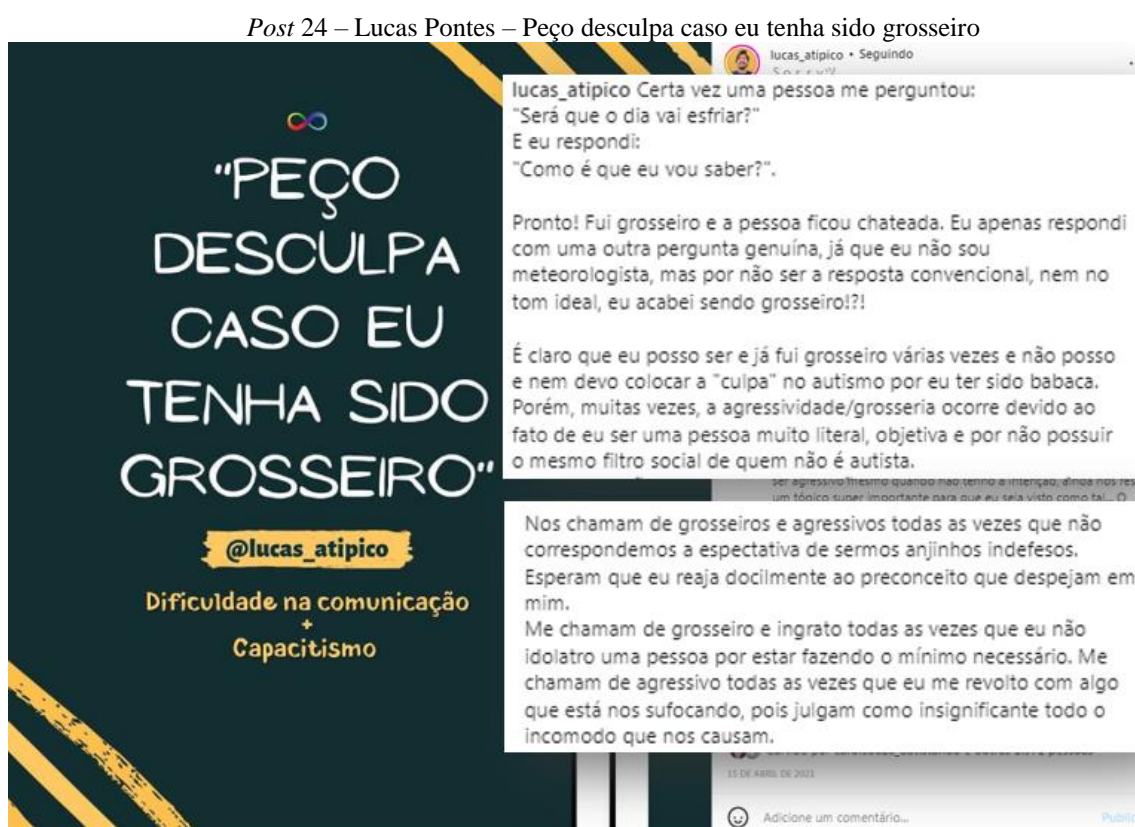
*Quanto mais eu me entendo e entendo o
autismo, menos eu tento me encaixar.*
Naty Souza

As relações com o campo comunicacional naturalmente se evidenciam, fortalecem e são, sobretudo, centrais para esta pesquisa. Duarte (2003) forma o conceito de comunicação como algo pertencente a muitos, partilhado, que se pode comungar ou tornar comum. Indica que o processo de comunicação é ativado pela superfície de contato, pelas relações provenientes destas trocas de sentidos, através da experiência da comunhão, o ato de comunicar como sendo um encontro de fronteiras perceptivas. O autor complementa afirmando que a emergência de uma superfície comum de troca, o compartilhamento e o tratamento do eu com o outro, formam

uma composição, uma relação produzida entre estes sujeitos, conscientes, que estão em movimento e não em uma estrutura congelada.

Tal definição epistemológica abriga a diversidade, o movimento comunicacional que observa a partilha e, no seu melhor empenho, o acolhimento consciente de todos os sujeitos, individuais e plurais, em seu processo. Trata-se de uma quebra de estruturas congeladas e de uma atitude comunicacional movente, mesmo havendo desafios para isso. No entanto, quando se trata de uma deficiência que envolve, em algum nível, dificuldades ou inabilidades comunicacionais, a reflexão sobre esta dinâmica envolve outras complexidades.

A maneira de ser, sincera e literal, de Lucas Pontes (*post 24*) é também parte de muitos autistas. A literalidade, a comunicação precisa e direta que, às vistas de padrões sociais típicos, podem ser compreendidas como grosseria, motivam o ativista digital a declarar as suas desculpas. Para isso, relata uma situação em que a sua literalidade foi ofensiva e explica: *“muitas vezes, a agressividade/grosseria ocorre devido ao fato de eu ser uma pessoa muito literal, objetiva e por não possuir o mesmo filtro social de quem não é autista”*.

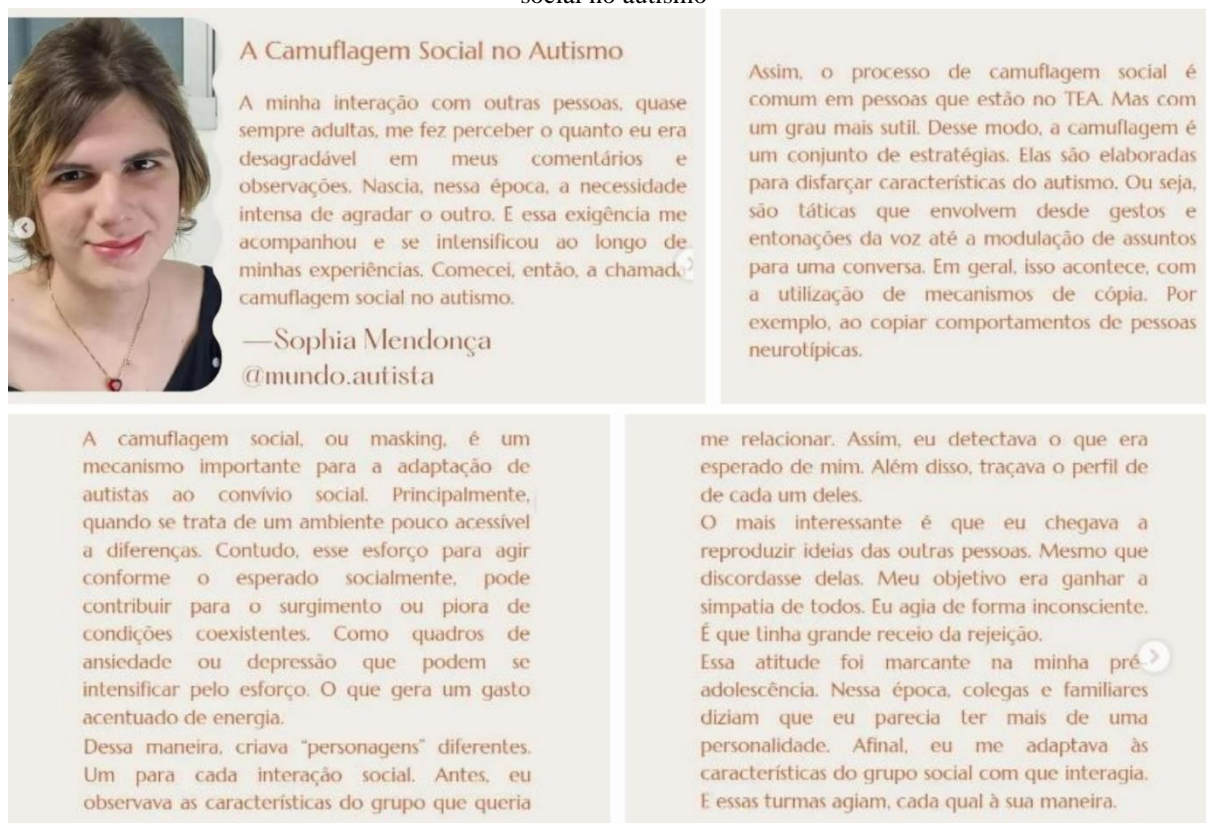


⁷⁰ Instagram.com/lucas_atipico/. Peço desculpa caso eu tenha sido grosseiro. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNtOOSelbym/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 abr.2021.

A questão é que a dificuldade em perceber e utilizar estes traquejos comunicacionais definidos socialmente, para muitos autistas, não são concretos ou fazem sentido ao ponto de motivar comportamentos definidos socialmente como adequados. Estes indícios indicam que estas pessoas precisam, então, explicar que o uso de outros empregos comunicacionais também os define e, neste caso, como sujeitos literais. Lucas explica: *“Uma entonação equivocada, expressão facial incomum e ausência de contato visual, são todas características minhas que podem muito bem passar a impressão de que eu sou grosseiro, indiferente e tudo o mais que julgam ao ignorarem o fato de eu ser autista”*.

A questão de identificação refutada por Lucas, portanto, está na tentativa de inverter a compreensão de que a literalidade autista seria o mesmo que grosseria ou ainda que deveriam suportar o que o sufoco e o incômodo que os discursos opressores lhes causam, docilmente.

Figura 31 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A camuflagem social no autismo



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)⁷¹

⁷¹ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A camuflagem social no autismo (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CWkZU5VAwHB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 22 nov.2021.

Na vida de uma pessoa autista estes significados vão se tornando tão estruturais que, em certa medida, culminam no aprisionamento, numa espécie de sabotagem de si em troca de alguma possibilidade de existência. O que Sophia (figura 31) relata, portanto, é a sua experiência com a camuflagem social em decorrência de se perceber como alguém que produzia comentários desagradáveis e que deveria aprender a disfarçar as suas características autistas para agradar aos outros.

Sophia aprendeu a criar personagens diferentes de si para cada contexto de interação social. Neste mecanismo de cópia de comportamentos, relata que se percebeu inclusive reproduzindo as ideias de outras pessoas, mesmo discordando delas, em troca da simpatia delas e pelo receio da rejeição.

No mesmo sentido, e talvez ainda pela recorrência destes eventos ligados às dificuldades comunicacionais no cotidiano neurodivergente, Naty Souza (figura 32) se propõe a ensinar, com 4 dicas, como se comunicar com uma pessoa autista.

Figura 32 – Naty Souza – Carrossel da publicação do perfil @meumundoautistaa – Dicas sobre como se comunicar com autista



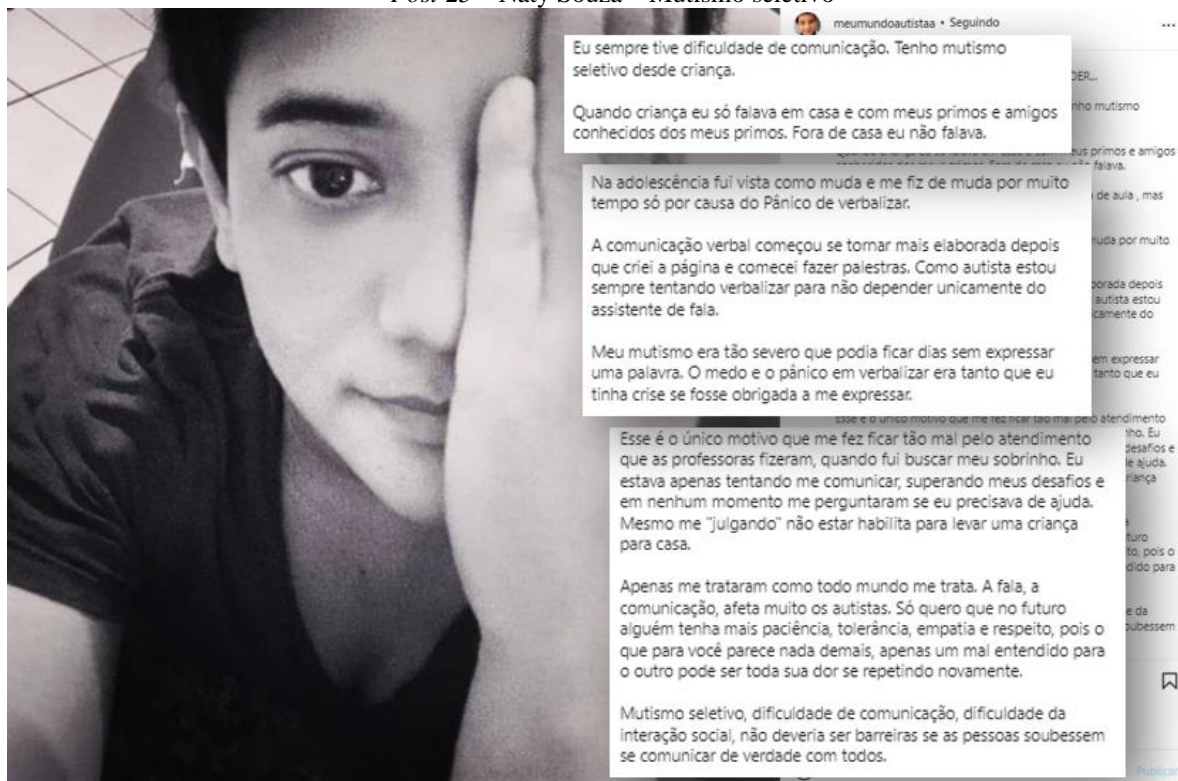
Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)⁷²

No entanto, para além das dicas que podem servir como instruções básicas em interações com autistas, há outras complexidades que devem ser conhecidas. Naty expõe, portanto, uma das características que a definem, o mutismo seletivo (*post 25*), e diz: “*a fala, a comunicação, afeta muito os autistas. Só quero que no futuro alguém tenha mais paciência, tolerância, empatia e respeito, pois o que para você parece nada demais, apenas um mal entendido para o outro pode ser toda sua dor se repetindo novamente*”. Relatar que mutismo é resultado da dor, que o calar é uma forma de expressão que comunica um modo de vida e que a expectativa

⁷² Instagram.com/meumundoautistaa/. Carrossel da publicação do perfil @meumundoautistaa – Dicas sobre como se comunicar com autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CUApaPMF-1E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 19 nov.2021.

de um comportamento outro, que exige a fala, por si só, já confere uma opressão, são elementos que compõem o discurso de Naty.

Post 25 – Naty Souza – Mutismo seletivo



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)⁷³

Por isso, Naty parece reivindicar aquilo que no início deste subcapítulo definimos, apoiados em Duarte (2003), como essencial na comunicação: “*mutismo seletivo, dificuldade de comunicação, dificuldade da interação social, não deveriam ser barreiras se as pessoas soubessem se comunicar de verdade com todos.*”

Tiago também elege a comunicação no espectro autista como temática de alguns dos episódios do *Introvertendo* (figura 33). Ele dá destaque ao “problema dos *emojis*”, pois relaciona este “*fenômeno da interação online com a dificuldade de autistas em reconhecerem o significado de expressões faciais e os contextos adequados para uso dessas ‘carinhas’*”. O *podcaster* também dedica um episódio a respeito da “*comunicação alternativa*” e ainda debate os problemas da “*comunicação facilitada*”, discussão que decorre da ideia de que os “autistas ditos severos” teriam o cognitivo preservado, mas estariam aprisionados por uma coordenação

⁷³ Instagram.com/meumundoautistaa/. Mutismo seletivo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CVrMBMVSTjy/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 out.2021.

motora que não lhes permite se expressar, como questões complexas que são redefinidas ou desmistificadas.

Figura 33 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Comunicação como temática de episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020; 2021)⁷⁴

É nessa troca, mesmo em meio às dissonâncias, que os acordos e conflitos vão conduzindo a jornada cartográfica, pelo contato com o brilho de enunciados que rodeiam o modo de ser autista e produzem significados, inclusive pela forte presença dos discursos normalizadores que, portanto, não são aceitos pela comunidade autista como elementos de definição de si. São as próximas postagens que traduzem este tipo de recorrência.

Preocupada com os modismos que surgem como forma de normalizar os comportamentos neurodivergentes, Amanda Paschoal (*post 26*) compartilha uma preocupação sobre a indicação do uso de ocitocina para ajudar a melhorar a socialização de autistas e questiona: “*hormônios são como letras no alfabeto do corpo, servem a vários propósitos e quase nunca agem sozinhos. A gente tende a simplificar muito as coisas, ocitocina é amor, serotonina é felicidade, melatonina é sono... calma lá pequeno gafanhoto, hormônio nenhum tem um papel isolado*”. Este, no entanto, é um dos muitos exemplos da indicação e emprego de substâncias químicas que poderiam, como expõe Amanda, “*consertar os autistas*”, neste caso “*dando o hormônio do amor pra eles*” por “*imaginar que autistas são pessoas sem empatia,*

⁷⁴ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Comunicação como temática de episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado nos dias 25 set.2020 e 22 out.2021.

que não gostam de carinho, e que seus problemas de socialização são porque eles são tão frios e distantes”.

Post 26 – Amanda Paschoal – Ocitocina para ajudar autistas na socialização



amanda.paschoal.au • Seguindo

amanda.paschoal.au Lá vou eu compartilhar minhas preocupações com as modas que inventam. A do dia é "OCITOCINA PARA AJUDAR OS AUTISTAS A SOCIALIZAR"
Primeiramente: hormônios são como letras no alfabeto do corpo, servem a vários propósitos e quase nunca agem sozinhos. A gente tende a simplificar muito as coisas, ocitocina é amor, serotonina é felicidade, melatonina é sono... calma lá pequeno gafanhoto, hormônio nenhum tem um papel isolado.
Outro dia, em mais um capítulo do universo de modas da "medicina" alternativa, alguém estava propondo como "cura" pro tdah: jejum de dopamina. A lógica era que pessoas tdah são "viciadas" em dopamina, só conseguem agir quando esse hormônio feliz está envolvido (até aqui é verdade), então a solução é "desintoxicar" de dopamina, abandonar tudo o que te faz feliz até ficar sem completamente nenhuma dopamina no corpo e aí vai dar tudo certo. (Ironia) ah claro, como não pensei nisso antes? (ironia). Pessoal da "medicina" alternativa é dono de pegar uma meia verdade e transformar numa mentira completa.
O que esqueceram de falar é que: dopamina é fundamental para a coordenação motora. Sabe o que acontece se alguém ficar completamente sem dopamina? Parkinson.
Dado o exemplo, vamos a ocitocina. Hormônio relacionado ao amor, pois é liberado quando vemos algo fofo, segura um bebê, acarícia o pet, coisas assim. E também tem outras funções maternas como fazer o trabalho de parto e produzir leite. Inclusive é uma violência obstétrica comum darem ocitocina pra mulheres em trabalho de parto para acelerar o processo (na grande maioria dos casos, sem consentimento esclarecido, chamam só de "sorinho"). E também aumenta exponencialmente as dores). Então bora "consertar" os autistas dando o hormônio do amor pra

17 curtidas
15 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Instagram.com/amanda.paschoal.au/ (2022)⁷⁵

O fato é que este tipo de atitude tem um ponto que é comum com todas as outras tentativas da mesma natureza, reduzir o valor do jeito de ser autista, reprimindo ou reduzindo as suas características, modificando-os.

As tentativas discursivas de neutralização de características atípicas invadem vários aspectos. Sobre a escolha do que vestir e os estilos de roupas, cores de cabelo e acessórios impostos por padrões sociais, a psicóloga Kmylla Borges⁷⁶ (post 27) insere uma dupla complexidade ao fenômeno quando, junto da imagem de si, relata que “o autismo por si só não corresponde às expectativas sociais, por entre muitas aspás, serem 'defeituosos’”. Kmylla

⁷⁵ Instagram.com/amanda.paschoal.au/. Ocitocina para ajudar autistas na socialização. Disponível em https://www.instagram.com/p/CcYnD1eJ08E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 abr.2022.

⁷⁶ Kmylla Borges. Perfil no Instagram com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/kmylla.borges/>. Acesso em 25 dez.2022.

empresta a sua própria imagem à reflexão sobre os contrastes. E que defeito precisaria ser buscado nessa imagem?

Post 27 – Kmylla Borges – Roupas adequadas *versus* conforto e bem-estar sensorial



Fonte: Instagram.com/kmylla.borges/ (2022)⁷⁷

O ponto trazido por Kmylla questiona a então imposição ao feminino pelo uso das roupas justas, dos corpetes e dos vestidos, dos cabelos longos, por exemplo, ajustes que se tornam ainda mais difíceis quando estes padrões causam desconforto sensorial aos autistas. Por isso Kmylla direciona à escolha da roupa, independente de qual seja, o conforto sensorial. No fim da sua publicação, num esforço pela mudança de expectativas sobre si e o coletivo diverso que representa, ainda sugere: “*homens, se quiserem, também podem usar o vestidinho da minha vó*”.

A tensão decorrente da pressão por enquadramento e normalização que acompanha o cotidiano dos autistas, traz para Lucas (*post 28*) um enunciado que culmina na impossibilidade de seguir livre, ou seja, impõe ao caminho uma bifurcação, a necessidade de uma escolha: ser feliz ou estar no padrão. No entanto, pelo duelo, nenhuma opção torna-se razoável. Se ser feliz é seguir fora do padrão, haverá opressões. Mas se, por outro lado, a escolha for se adequar ao padrão, o destino exigirá abandonar a mochila no caminho e, dentro dela, a sua própria essência. As condições expressas na imagem mostram que as opções são extremamente opostas, mas que Lucas parece optar por seguir com a sua mochila. Porém, ele alerta: “*Todos os dias tentam nos empurrar para dentro de um padrão do qual não pertencemos e se esquecem que o preço disso*

⁷⁷ Instagram.com/kmylla.borges/. Roupas adequadas *versus* conforto e bem-estar sensorial. Disponível em https://www.instagram.com/p/CcBniA0prxR/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 abr.2022.

é a nossa felicidade e bem-estar”. Este trecho me entrega os indícios da falta de escolha, do ser forçado para algo indesejado, do abandono do ser feliz, do desistir do bem-estar em função da normalização, como se fossem decisões cabíveis a algum ser humano. O ativista completa explicando que *“cobram que o autista disfarce suas estereotípias, que se force a ser mais sociável, que mantenha contato visual, entre tantas outras coisas”* que fazem parte do que realmente são.

Post 28 – Lucas Pontes – Ser feliz *versus* estar no padrão



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁷⁸

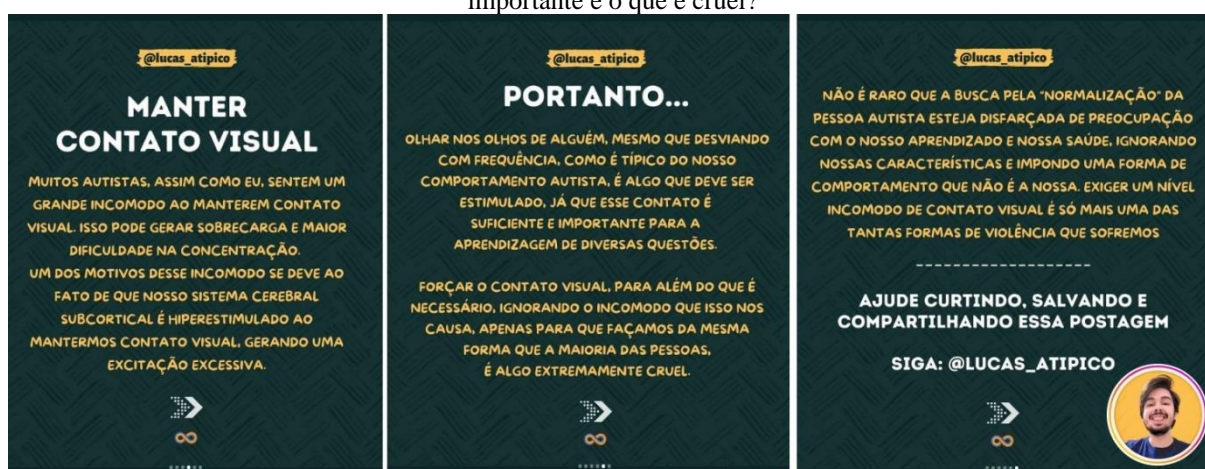
Fica evidente que Lucas, Kmylla, Dan, Amanda, Ana, Sophia, Nathy, Willian, João Victor, Tiago e o coletivo autista, são vozes que enunciam não querer abandonar a si próprios. Por isso Lucas defende a si, cuida dos outros e luta pelo respeito à diversidade: *“Isso é incompreensível... é desumano. Mudar no autista algo que não lhe causa dano algum, apenas com intuito de torná-lo mais aceito socialmente é aceitar a derrota da diversidade.”*

Outra complexidade recorrente que une os aspectos comunicação e normalização no modo de ser autista é a forte presença de uma exigência social que define que, para se comunicar, autistas devem fazer contato visual. Se alguns autistas resistem ao contato visual é devido ao incômodo que esse comportamento, visto como essencial aos neurotípicos, causa. Novamente utilizando-se do seu potencial didático-testemunhal, Lucas (figura 34) relata que a sua dificuldade em manter o contato visual acontece porque se sente sobrecarregado

⁷⁸ Instagram.com/lucas_atipico/. Ser feliz *versus* estar no padrão. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBy0DKhJCGm/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 jun.2020.

sensorialmente, o que resulta em menor concentração. Explica ainda que um dos motivos do desconforto é que o sistema cerebral subcortical de autistas é hiperestimulado ao se manter o contato visual, gerando excitação excessiva. Diante disso, é mesmo preciso exigir que alguém sintasse desconfortável ou coloque-se em uma situação de excessiva estimulação sensorial para atender a uma expectativa social? Será sempre necessário ouvir, compreender e se comunicar com os olhos? Não seria preciso repensar o padrão social que ainda exige o olhar como significação de atenção ou confiança? E isso deveria ser sempre? Comum a todos?

Figura 34 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Olhar nos olhos: o que é importante e o que é cruel?



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁷⁹

Nesta publicação Lucas olha no fundo. Ele não precisa mirar em outros olhos para ensinar que é possível enxergar para além da margem. Lucas decifra o acontecimento e observa a íris de outro fenômeno violento, revestido pelo suposto cuidado: “*a normalização da pessoa autista disfarçada de preocupação com o nosso aprendizado e nossa saúde, ignorando nossas características e impondo uma forma de comportamento que não é a nossa*”.

A violência causada pela normalização é tão constante entre os autistas, que a tentativa de se “consertar” este modo de existência, de se reduzir seu valor ou encontrar alternativas de enquadramento social fazem perpetuar o discurso da “cura do autismo”. Por isso, aqui, senti que não cabia mais qualquer análise minha. É o Lucas quem fala, com a íntegra do texto que usou para acompanhar a imagem sobre o tema no *post* 29:

⁷⁹ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Olhar nos olhos: o que é importante e o que é cruel? (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CT0gP7ClhHC/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 set.2021.

@lucas_atipico. Quando eu, um autista nível 1 de suporte, me coloco contra a ideia de uma cura para o autismo, eu recebo diversas mensagens do tipo: "Fala isso porque você é autista leve. E aqueles autistas severos que não falam, são agressivos e vivem trancados em casa?".

Eu tento compreender esse tipo de argumento, mas eles são extremamente rasos e ignoram os reais problemas que levam esses autistas ao sofrimento. Geralmente, os casos usados para validar a busca pela cura, são casos onde a pessoa autista não tem o mínimo suporte necessário. São autistas que sofrem com negligência de políticas públicas, com a ausência de inclusão, não acesso as terapias e acompanhamento médico, entre outras tantas questões fundamentais que, comprovadamente, podem dar uma boa qualidade de vida, independente do nível de suporte.

Outro ponto ignorado é que, na maioria desses casos, o autismo não é a única deficiência ou condição presente. Ignoram a deficiência intelectual, o transtorno do processamento sensorial e qualquer outra coisa que traga implicações para a pessoa em questão, na ânsia de colocar o autismo como um grande e terrível vilão.

Enquanto pessoas como Alysson Muotri e tantos outros tentam encontrar a cura para a nossa condição, milhares de autistas estão tendo suas capacidades subestimadas e suas necessidades negligenciadas, ao ponto de que muitos, bem ou mal intencionados, passem a acreditar que uma cura seja a única saída.

Esses argumentos são, portanto, além de cruéis, desconexos da realidade e do real problema.

O autismo não se cura, pois não se cura o que não é doença. Não se corrige o que não é um erro.

A ideia de uma cura para o autismo só serve para que alguns lucrem e outros tantos se iludam.

Não irei tolerar comentários capacitistas que despejam ódio sobre a minha condição, o autismo (LUCAS PONTES, 2021).

Post 29 – Lucas Pontes – A cura do autismo e o argumento mais comum de quem a defende

@lucas_atipico

A CURA DO AUTISMO

E O ARGUMENTO MAIS COMUM DE QUEM A DEFENDE

lucas_atipico Quando eu, um autista nível 1 de suporte, me coloco contra a ideia de uma cura para o autismo, eu recebo diversas mensagens do tipo: "Fala isso porque você é autista leve. E aqueles autistas severos que não falam, são agressivos e vivem trancados em casa?".

Eu tento compreender esse tipo de argumento, mas eles são extremamente rasos e ignoram os reais problemas que levam esses autistas ao sofrimento. Geralmente, os casos usados para validar a busca pela cura, são casos onde a pessoa autista não tem o mínimo suporte necessário. São autistas que sofrem com negligência de políticas públicas, com a ausência de inclusão, não acesso as terapias e acompanhamento médico, entre outras tantas questões fundamentais que, comprovadamente, podem dar uma boa qualidade de vida, independente do nível de suporte.

Outro ponto ignorado é que, na maioria desses casos, o autismo não é a única deficiência ou condição presente. Ignoram a deficiência intelectual, o transtorno do processamento sensorial e qualquer outra coisa que traga implicações para a pessoa em questão, na ânsia de colocar o autismo como um grande e terrível vilão.

Enquanto pessoas como Alysson Muotri e tantos outros tentam encontrar a cura para a nossa condição, milhares de autistas estão tendo suas capacidades subestimadas e suas necessidades negligenciadas, ao ponto de que muitos, bem ou mal intencionados, passem a acreditar que uma cura seja a única saída. Esses argumentos são, portanto, além de cruéis, desconexos da realidade e do real problema.

O autismo não se cura, pois não se cura o que não é doença. Não se corrige o que não é um erro.

A ideia de uma cura para o autismo só serve para que alguns lucrem e outros tantos se iludam.

Não irei tolerar comentários capacitistas que despejam ódio sobre a minha condição, o autismo.

24 DE NOVEMBRO DE 2021

Curtido por carolsouza_autistando e outras 1.895 pessoas

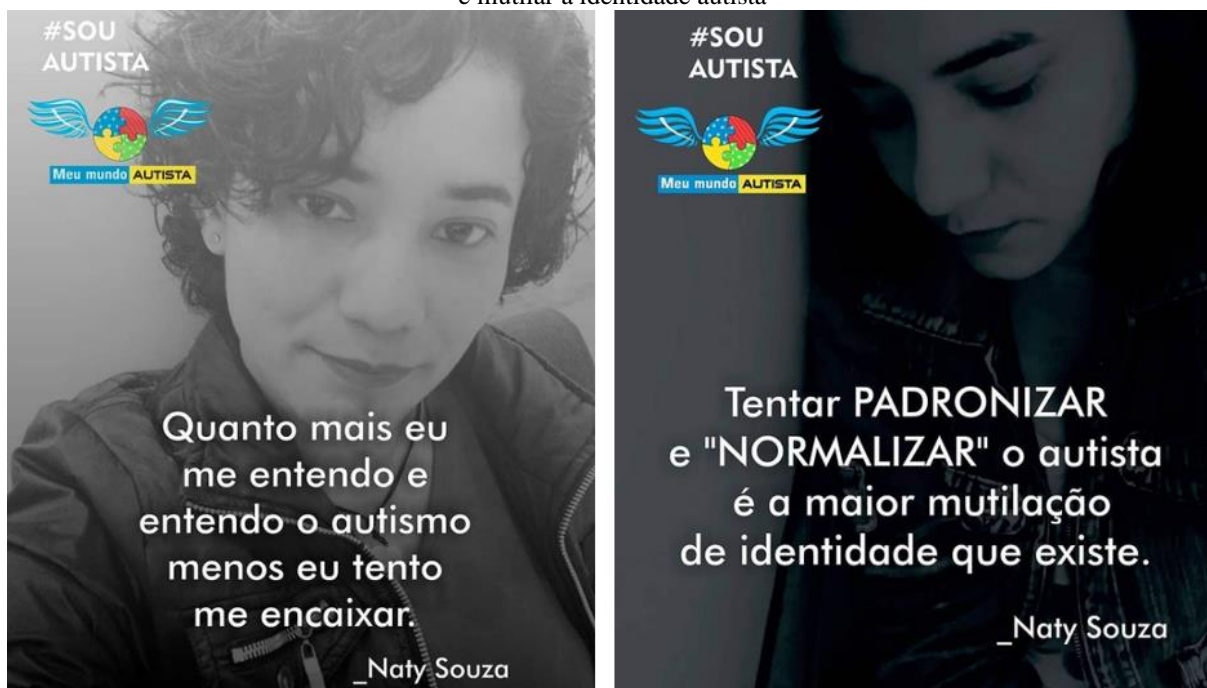
Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁸⁰

⁸⁰ Instagram.com/lucas_atipico/. A cura do autismo e o argumento mais comum de quem a defende. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWFrThcZFGXI/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 24 nov.2021.

Os argumentos trazidos por Lucas sobre a cura são doloridos. Notar que existe uma comunidade de pessoas que precisa conviver com uma suposta definição de si como “erro”, que devem encontrar formas de serem corrigidas para poderem ocupar livremente o direito de ser quem são e somente viver, é cruel. Lucas encerra afirmando: *“Não irei tolerar comentários capacitistas que despejam ódio sobre a minha condição, o autismo”*.

Todas estas questões responsabilizam os sujeitos autistas, e não somente eles, mas as pessoas com deficiência, as minorias, os grupos vulneráveis, por modificações sociais que não são suas. Diante disso eles lutam, resistem e discursam sobre si em vista à potência transformadora que seus relatos produzem. Concluo, então, que os cuidados de si articulados na escrita desses relatos atuam como práticas de liberdade. Estes sujeitos, pela escrita, criam enunciados que fabulam novos imaginários políticos, outros quadros morais para falar de si próprios, das vulnerabilidades e das deficiências como alternativas para a agência autônoma, emancipada e conectada às expectativas de transformação e a outras condições de reconhecimento. Rejeitam a normatividade padrão e produzem novas subjetividades.

Figura 35 – Naty Souza – Sequência de postagens do perfil @meumundoautistaa – “Padronizar” e “normalizar” é mutilar a identidade autista



Fonte: [Instagram.com/meumundoautistaa/](https://www.instagram.com/meumundoautistaa/) (2021)⁸¹

⁸¹ [Instagram.com/meumundoautistaa/](https://www.instagram.com/meumundoautistaa/). Sequência de postagens do perfil @meumundoautistaa “Padronizar” e “normalizar” é mutilar a identidade autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/meumundoautistaa/>. Conteúdo publicado nos dias 29 e 31 mar.2021.

Retomo, então, a ideia de Pelbart (2008, p.38), inspirado em Deleuz, de que em cada um desses relatos e em suas variações produzidas, outras associações e formas de cooperação podem ocorrer como força viva, como novas potências de vida, ensejando uma “comunialidade de autovalorização” cuja própria vida é fonte de valor. Esta biopotência do coletivo e a sua força política, ou seja, o “corpo vital coletivo reconfigurado”, passa a desenhar novas possibilidades de reconhecimento.

Com toda a densidade deste capítulo, recorri ao poder de síntese das frases de Naty Souza (figura 35) para passarmos a direcionar o olhar para a próxima constelação. Não porque as estrelas que iluminam o “ser autista” se apagam. Não é isso. Mas porque elas são moventes.

As mesmas estrelas que aqui manifestaram, em seus discursos, por relatos que deram indícios do processo de autodefinição que desempenham, sobre o modo de ser autista, a respeito da identidade e do protagonismo, sobre a diversidade na interação comunicacional e ainda, com lampejos, refutaram a violência sofrida com os discursos normalizadores, formam outras constelações.

Mais precisamente, quero dizer que a luz que direcionou o caminho desta cartografia e iluminou a constelação “*eu sou autista*”, destacou a autodefinição como técnica de si e refletiu as violências dos discursos normalizadores vivenciados pelos sujeitos autistas, agora promove a montagem de uma nova constelação. Ancoradas nos esquemas normativos de julgamento, cada estrela, quando cintila, questiona: “*não pareço autista?*”

4. "NÃO PAREÇO AUTISTA?": AS NORMAS E OS JULGAMENTOS

*Não se sabe ao certo quem pode ver a quem.
Mas se sabe bem quem/o que não é visto – resta
saber por que não é desejável que o vejamos.*
Marcos N. Beccari (2020)

Nas postagens do *Instagram* os relatos de autistas vão surgindo, aproximam-se durante o processo cartográfico, formam constelações que se auto iluminam formando narrativas. Estas resultam das vivências desses sujeitos, mas se fundem à experiência viva da pesquisa, com as reflexões impulsionadas no percurso e, naturalmente, sob o meu olhar interessado, de pesquisador, pois me rendo às trocas afetivas. Se eles se transformam e se redefinem em seus textos, neste caminho este fenômeno também me afeta. Sou outro.

Se a autodefinição autista refuta as opressões resultantes dos discursos normatizadores, como tratado no capítulo anterior, há aí um movimento de redefinição. Marques et al. (2022, p. 27) compreendem, apoiados em Ionta (2006), que “os relatos de si promovem um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos diante da recusa da identidade que nos é socialmente imposta”. E esta recusa requer, então, a construção de um “sujeito de saber e de experiência” (FOUCAULT 2019, p. 21).

Vem daí um encontro de pesquisa interessado e movido pela afetividade: as vozes de neurodivergentes presentes nas narrativas de si e a minha escuta que tenta ser atenta às “transformações que se produzem na condição de realização das experiências, das temporalidades da insurgência, dos intervalos promovidos pelo tempo descontínuo da reflexividade sobre a própria trajetória e suas interseções com as trajetórias coletivas” (MARQUES et al., 2022, p. 27).

Neste capítulo direcionei a atenção e análise, então, aos enunciados sobre a necessidade de mudanças nas condições de reconhecimento das vidas autistas e, tão logo, às dinâmicas que posicionam enquadramentos e o estigma da deficiência. Mas são novamente os autistas, esses atores políticos emergentes que aparecem no espaço enunciativo e redefinem argumentos normalizadores. São eles que produzem novas condições de reconhecibilidade para o julgamento moral dado às suas vidas.

Na formação de uma nova constelação, brilha a questão: “*não pareço autista?*”.

4.1. CONSTELAÇÃO 2: CAPACITISMO E VIOLÊNCIAS

Antes de apresentar os *posts* que mobilizam a análise desta nova constelação, apoio-me em algumas definições de Foucault a respeito da formação das modalidades enunciativas que contribuem com a reflexão sobre a presença dos discursos normalizadores, com o capacitismo e as violências sofridas.

Na obra “A Arqueologia do Saber”, Foucault (2008) argumenta sobre a formação das modalidades enunciativas e a sua relação com os discursos. Entendo que tal relação é, para esta reflexão, ponto fundamental para a compreensão da construção dos diferentes significados que são atribuídos ao autismo quando considerados três critérios: quem são os seus autores, os seus lugares de fala e as posições ocupadas por estes sujeitos nos seus discursos.

Desta forma, para a formação do enunciado, Foucault (2008) considera, como primeiro critério, que é preciso compreender as singularidades de quem fala. No contexto do autismo, significaria entender quem, no conjunto dos sujeitos falantes, teria razões para ter uma determinada espécie de linguagem sobre o transtorno?; ou qual o *status* (entendido como critérios de competência e de saber) deste indivíduo, que lhe daria o direito, juridicamente conferido ou espontaneamente aceito, de proferir tal discurso? Ou seja, significaria compreender quem são estes indivíduos que se relacionam com o autismo, pela prática e pela experimentação de um saber que é fruto das suas experiências, e com os outros grupos que têm, por sua vez, os seus próprios *status*.

Como critério secundário, o teórico esclarece ser preciso considerar ainda os lugares de onde provêm os discursos, ou seja, onde o sujeito encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação. Desta forma, dependendo de quem for o sujeito que enuncia o autismo (a exemplos: o autista, um ativista, uma vítima, um especialista ou técnico, um participante da rede socioafetiva ou ainda uma associação civil), os lugares de onde se originam os discursos poderão variar entre: espaços sociais de convivência, moradia e trabalho; ambientes terapêuticos como clínicas, hospitais ou laboratórios de pesquisa; as redes sociais digitais; a mídia, os meios e veículos de comunicação que trazem o autismo como pauta; as associações, ONG's, eventos e iniciativas de mobilização direcionadas à conscientização. Assim, para cada um destes locais de origem de um discurso, haverá a possibilidade de diferentes enunciados.

Foucault (2008) argumenta, como terceiro ponto, sobre a definição da posição que o sujeito ocupa em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: é o sujeito que questiona ou que ouve?; que observa, descreve ou ensina?; que está situado em qual distância perceptiva?; que utiliza instrumentos intermediários que podem modificar a escala da informação?; que está

num nível superficial ou profundo de contato? Dentre as possíveis “situações perceptivas, é preciso somar as posições que o sujeito pode ocupar na rede de informações” (FOUCAULT, 2008, p. 58) que circundam o autismo e que, neste feixe de relações, poderão configurar diferentes pontos de vista, conteúdos, formas, estilos de descrição, raciocínios e, conseqüentemente, novos e renovados enunciados.

Assim, baseados nestes princípios, considero que as diversas modalidades da enunciação sobre o autismo não estão relacionadas à unidade de um sujeito, mas se manifestam nos vários *status*, diferentes lugares e posições que ocupam quando exercem ou recebem um discurso, nas suas descontinuidades de fala e nas tantas posições de subjetividade.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade sobre si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2008, p. 61).

A partir deste conjunto de fatores que compõe um discurso, incluindo as rupturas ou descontinuidades dos sujeitos sobre si mesmos, noto que o autismo é um terreno com margens povoadas por diferentes enunciados. Entendo que o que distingue estas margens, por sua vez, são os contextos que motivam uma formulação e determinam um sentido. Desta maneira, tendo como condição a sua existência material, não apartada do seu autor, e de requisitos que se modificam em cada novo enunciado (suportes, lugares, datas, momentos e singularidades), Foucault (2008) sugere tratarmos, enfim, de modo plural e pelo princípio da variação, dos vários enunciados. O autor indica que os acontecimentos enunciativos são singulares e que seus desdobramentos, através da identidade das formas linguísticas, dependem do campo de utilização no qual está inserido, podendo ser recommençado, reevocado, reutilizado e até repetido (neste caso respeitando as suas condições estritas).

Percebo, portanto, a possibilidade de que a função enunciativa, no contexto do autismo, seja um objeto utilizado pelos sujeitos para produzirem significados, manipularem ou instrumentalizarem as suas práticas do cotidiano, transformarem suas realidades, trocarem informações ou combinarem ações de apoio, ou ainda para decompor, recompor ou destruírem significados já existentes. Através do enunciado, torna-se possível a entrada nas redes, nos grupos, nos campos de utilização, oferecendo as transferências ou modificações possíveis. Ele “circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas” (FOUCAULT, 2008, p. 119) e, assim, torna-se tema de apropriação e aproximação em torno do autismo, ou de rivalidade e dissensos neste campo. A partir destes enunciados e das relações entre o discurso e

o seu poder na produção ou constituição dos sujeitos, entendo que, além de designar, o discurso carrega consigo um conjunto de enunciados capaz de formar, sistematicamente, os objetos de que falamos, ou seja, de construir sentido. O discurso torna-se, portanto, o motivo das buscas, lutas e, enfim, por aquilo que se quer apoderar:

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2008, p. 9-10).

Posto o discurso como este conjunto de enunciados normalizadores, em Foucault, retomo, agora, as polaridades presentes nas práticas discursivas que norteiam o autismo. Traduzo isso através da impossibilidade de se classificar com exatidão todos os objetos ou eventos da vida, das experiências e conhecimentos que ainda estão em construção, como no caso da vivência em situação de diferença ou deficiência. Fica difícil responder então, com clareza, a questionamentos ou afirmações polarizados e estigmatizadores como: *“ela não é autista, é uma jovem normal!”*; *“fique tranquilo, ele nem parece autista”*; *“com tantas habilidades, ele é mesmo deficiente ou muito inteligente?”*; *“coitado, mas logo encontrarão a cura para o autismo”*; *“autista é um ser isolado”*; *“autistas são anjos”*, *“autista transa?”*; *“este comportamento inadequado é para chamar a atenção ou é uma crise?”*; *“ele precisa de mais educação ou tratamento?”*; *“eu devo tentar um contato com ela ou deixá-la no seu mundo particular?”*.

Mesmo sem definições precisas para o que constitui estas polaridades, vale lembrar que os estigmas contribuem com a configuração de padrões interpretativos que deixam marcas nos indivíduos, na imagem acerca do autismo e que regulam os moldes de vida destes sujeitos e da sociedade que se constitui no seu entorno.

Por outro lado, num mundo que divide cada vez mais espaço com pessoas no espectro, os estigmas também revelam o despertar de consciência para um grande potencial humano e emancipatório: o surgimento das novas categorias, sejam elas culturais ou discursivas. Desta forma, oriundas dos conflitos ou dos dissensos sobre o autismo, entendo que estas novas modalidades têm, como destino, a oportunidade de deixar frutificar o respeito pelas diferenças, o pleno direito de se ter características particulares e de exercer o reconhecimento de cada indivíduo, como único.

Para revelar o potencial emancipatório da contingência como destino, não bastaria evitar a humilhação dos outros. É preciso também respeitá-los – e respeitá-los

precisamente na sua alteridade, nas suas preferências, no seu direito de ter preferências. É preciso honrar a alteridade no outro, a estranheza no estranho, lembrando – com Edmond Jabès – que “o único é universal”, que ser diferente é que nos faz semelhantes uns aos outros e que eu só posso respeitar a minha própria diferença respeitando a diferença do outro. (BAUMAN, 1999, p.249)

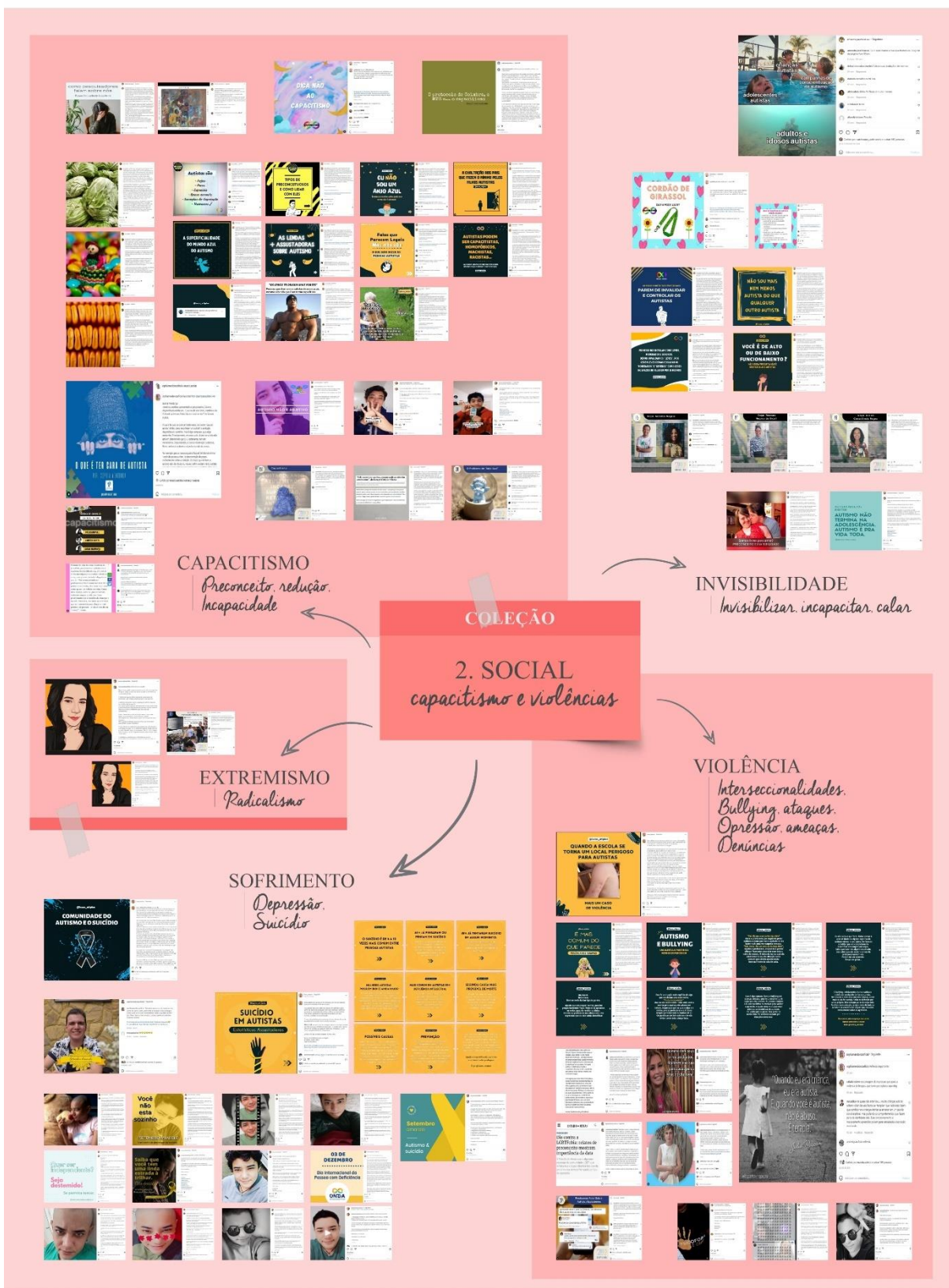
O desrespeito é um “comportamento lesivo pelo qual as pessoas são feridas numa compreensão positiva de si mesmas que elas adquiriram de maneira intersubjetiva” (HONNETH, 2003, p. 213). Enfim, os sujeitos dependem das interações e relações sociais para se manterem bem consigo mesmos, reconhecidos e respeitados. Do contrário, se estigmatizados, poderão carregar dentro de si o estereótipo e um conjunto de atributos opressores que o acompanham.

Por ter como base a diferença, considero que o universo que abriga uma pessoa autista é subjetivo e individual. Para cada indivíduo e seu núcleo socioafetivo a experiência é singular (SILVA et al, 2012). Diferenças como o nível de suporte para o autismo que se tem, no apoio que são ou não empregados e na estrutura geral que compõe este núcleo de pessoas são determinantes. Há de se considerar ainda o tipo de acompanhamento educativo que é disponibilizado, a existência de apoio familiar e social, os afetos, os recursos econômicos agregados, bem como os tipos de políticas públicas vigentes também como fatores que formam um circuito intersubjetivo de elementos que contribuem com o desenrolar de cada história de vida, nas suas singularidades.

Em meio a tantas diferenças, estigmas e polaridades, o que aproxima e promove as interações comunicativas é um contexto: o poder ser autista, parecer e poder ser visto como autista, notado pela sociedade como uma vida de valor. É neste lugar que surgem as oportunidades da transformação dos estigmas e preconceitos em torno do autismo, da sua reconfiguração classificatória, ou seja, da tentativa de ressignificação rumo à construção de um novo sentido.

Na segunda constelação de postagens, denominada Social 2 “*Eu não pareço autista?*” (figura 36), trago o próximo mapa de coleções e organizo as temáticas em: invisibilidade, capacitismo, violência, extremismo e sofrimento. Aqui, a operação da análise se baseia nos esquemas normativos de julgamento.

Figura 36 – Constelação de Postagens Social 2 – “Não pareço autista?”: Capacitismo e Violências



Fonte: elaborada pelo autor (2022). [DOWNLOAD DA VERSÃO AMPLIADA](#)

Quadro 18 – Coleção Social 2 – Constelação “*Não pareço autista?*”: capacitismo e violências

COLEÇÕES	SUBCOLEÇÕES	QTD. COL.	QTD. ANAL.	%
SOCIAL 2 – CONSTELAÇÃO “ <i>NÃO PAREÇO AUTISTA?</i> ”: CAPACITISMO E VIOLÊNCIAS	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	11	4	36%
	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	26	9	35%
	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, <i>bullying</i> , ataques, opressão, ameaças, denúncias)	11	5	45%
	EXTREMISMO (radicalismo)	2	1	50%
	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	16	3	19%
		66	22	33%

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Neste segundo agrupamento de postagens de cunho social, a constelação cujos aspectos temáticos envolvem o “capacitismo e violências” reúne 66 (11%) das 574 publicações colecionadas. O quadro 18 indica o desdobramento temático em subcoleções e seu quantitativo. As publicações trazidas neste capítulo ilustram e atuam, portanto, como amostras destas recorrências que indicam recursos utilizados como marcadores da temática analisada. Nesta constelação, das 66 publicações colecionadas, 22 postagens foram analisadas, o que representa 33%.

Nos itens a seguir, trago novamente esses atores políticos emergentes, os autistas, que configuram o próprio espaço enunciativo e refutam os esquemas normativos de julgamento. Redefinem-se e produzem outras condições de reconhecimento de si próprios em seus discursos ao trazerem à tona a questão: “*não pareço autista?*”.

4.1.1. Invisibilidade e o estigma da deficiência

*Somos todos diferentes, assim como quaisquer outros seres humanos, e esse fato não deve ser usado para invalidar **nem um** autista.*
Lucas Pontes

As discussões sobre neurodiversidade e normalização abriram espaço para múltiplos diálogos. A deficiência, a vulnerabilidade, a invisibilidade e o estigma estão nesta arena de oportunidades. Nela, os estereótipos permanecem presentes.

A reverberação das vozes dos autistas, os seus testemunhos e a produção dos discursos sobre si, bem como a organização que movimenta em grupo esses pleitos parecem intensificar as experiências interacionais entre indivíduos que compartilham a mesma vivência. É preciso analisar, considerar que alguns aspectos culturais nutrem o saber comum e alimentam os

estigmas, os dissensos geradores dos conflitos, e que ainda dão conta de aproximar grupos de pessoas.

A neurodivergência não traz características de diferenciação física, visíveis, como ocorrem em outros tipos de deficiência, a exemplo da Síndrome de *Down*⁸² ou em doenças que apresentam sinais mais evidentes. Os atributos comportamentais e estereotipadas das pessoas autistas não são facilmente identificados pela sociedade em geral, especialmente nos casos de menor nível de suporte. A dificuldade de socialização, o não cumprimento de convenções sociais cotidianas e/ou a produção de movimentos repetitivos, nem sempre presentes simultaneamente, tornam confusas e estereotipadas as relações com as pessoas no espectro autista. Nas crianças, há dificuldades para se estabelecer distinções nestes comportamentos e perceber claramente a presença do autismo, visto que os traços podem se misturar às diferenças no desenvolvimento infantil e facilmente resultar em classificações ligadas à falta de limites, birras, superproteção da família ou ainda à má educação. Já nos jovens e adultos, que por vezes recebem o diagnóstico tardio, também existem complexidades, pois a variação do espectro é ampla, resulta em comportamentos distintos entre os indivíduos, pode vir acompanhado de outras comorbidades⁸³ físicas ou cognitivas resultantes ou não do autismo.

Estas variações comportamentais, aliadas à ainda insipiente ou distorcida informação sobre o espectro, somadas ao histórico de um imaginário midiático que representa vidas de pessoas autistas em filmes, séries ou programas de auditório que destacam as polaridades, valorizam os prejuízos, as características acentuadamente diferentes, suas ilhas de habilidades geniais, as estereotípias, as grandes dificuldades de ordem relacional ou ainda o sofrimento do sujeito ou da sua rede familiar, fortalecem o estigma em torno do autismo e, por consequência, a dificuldade no reconhecimento de um sujeito do seu jeito de ser (D'ANTINO E VINIC, 2011).

Goffman (1963, p. 5) definiu estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Desta forma, traz para estes sujeitos a convivência diária com atributos culturalmente definidos como depreciativos e estereotipados, que comprometem estas

⁸² A síndrome de Down é uma alteração genética caracterizada pela presença adicional de um cromossomo 21 nas células de nosso corpo. Entre as características físicas associadas à síndrome de Down estão: olhos amendoados, maior propensão ao desenvolvimento de algumas doenças, hipotonia muscular e deficiência intelectual (DOWN, 2017).

⁸³ Comorbidade é o termo utilizado para classificar quando duas ou mais condições clínicas são encontradas juntas, ou seja, patologias simultâneas ou decorrentes uma da outra. No caso do TEA, as comorbidades neuropsiquiátricas mais frequência são: transtorno de ansiedade, epilepsia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno desafiador de oposição (TOD), distúrbio do sono, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), apraxia da fala, transtorno bipolar, depressão, etc. (NEUROSABER, 2021).

relações. Tais atributos afastam estas pessoas das categorias estabelecidas socialmente como comuns ou naturais e as colocam noutra tipo de camada, de diferente valor social. O autor explica que é a sociedade que estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos aceites em conformidade com as suas expectativas normativas, suas exigências, e que são apresentadas por elas próprias, de modo rigoroso. Porém, existem tensões entre a normalidade e a anormalidade que, em si, estabelecem relações complexas, bem como ocorrem contrastes entre modos de ser, de viver e se comportar típicos ou em enquadramentos padrões que expõem exigências estigmatizadoras.

A fórmula geral é evidente. Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de maneira indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar. Assim, permite-se que uma aceitação-fantasma forneça a base para uma normalidade-fantasma. Deve ele aceitar tão profundamente a atitude do eu que é definida como normal em nossa sociedade e deve ser parte dessa definição a tal ponto que isso lhe permita representar esse eu de um modo irrepreensível para uma audiência impaciente que fica em semiprontidão à espera de uma outra exibição. (GOFFMAN, 1975, p. 133).

O estigma, portanto, não está enraizado nos atributos do autismo, nas suas características ou sintomas, mas surge, com todos os seus prejuízos, da relação entre este transtorno e os diferentes significados históricos e culturais que o acompanham. Ou seja, nasce das classificações feitas pela sociedade, sobretudo, através dos meios de comunicação, seus produtos e discursos, que reforçam certas noções e ideias acerca do tema, em relação àquilo que o autismo deveria ser, por Goffman denominada como “identidade social virtual”, ao invés de ser considerada a sua “identidade social real”, ou seja, “a categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir” (GOFFMAN, 1963, p.6).

Assim, pessoas com comportamentos diferentes, longe da categoria típica de espécie, que pudessem ser incluídas na caixa de atributos de conformidade, perdem sua totalidade e são reduzidas como pessoas “estragadas” e diminuídas. É neste momento que surge um estigma, quando o “seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre as identidades sociais virtual e real” (GOFFMAN, 1963, p.6).

Com o tempo, neste duelo de identidades, os estigmas em torno do autismo foram intensificados. Há algumas décadas, “o autismo era visto única e exclusivamente como estereótipo do indivíduo grave e institucionalizado” (SILVA et al, 2012, p.73). Como trabalhado no capítulo um, sobre a rota social do autismo, foi com a ampliação dos critérios

diagnósticos e do próprio espectro (TEA), bem como pelo potencial social e político destes sujeitos, que autistas passaram a ocupar e ampliar sua presença nos espaços sociais. No entanto, ainda são constantes os casos de crianças e jovens privados do convívio social, educativo e do acesso aos espaços públicos, relacionando-se apenas com suas redes socioafetivas. Adultos viveram e ainda permanecem marginalizados pela deficiência ou por carregarem em si comportamentos neuroatípicos, definidos como impróprios, confusos e que deveriam ser eliminados para que houvesse a aceitação da sua presença em quaisquer espaços.

O estigma, portanto, afasta, coloca à margem e também promove o medo, pois influi no imaginário coletivo. Na década de 1970, Sodré (2000) apontou que a percepção que historicamente se tem da pessoa com algum tipo de deficiência é vinculada a um desvio da organicidade natural, como monstros (*teratos*), e que tais significados podem influenciar poderosamente a imaginação coletiva, uma vez que a cultura de massa é um espelho que reflete a identidade da sociedade e as suas estruturas. Espelho este, portanto, que a sociedade se olha e se oferece como espetáculo. Isso explica a preferência pelo extraordinário, o fascínio por certas aberrações em programas de variedades, onde aqueles que são significativamente diferentes acabam protagonizando a atração, oferecendo-se ao espetáculo, por vezes vulgarizando suas características e contribuindo com a intensificação do estigma, com a perpetuação dos mitos e preconceitos que os cercam e com a discriminação da pessoa com deficiência.

Torna-se possível, então, estabelecer um traço de conexão entre as noções de estigma, em Goffman, e a reflexão de Butler (2015) sobre os enquadramentos. Em “Quadros de Guerra”, Butler (2015) sublinha a relação entre ‘frame’, quadro, e o ato de enquadrar ou de se realizar enquadramentos e produzir molduras pelas quais apreendemos a vida dos outros. Para isso, a autora nota a condição precária como constituinte de qualquer concepção relativa ao sujeito ou à subjetividade e ainda como capital para a compreensão da relação com o outro. Observa, então, o sujeito na sua individualidade e o uso das normas como vias de reconhecimento de formas de diferença. Esse reconhecimento, em Butler (2015) está pautado na concepção de que a moldura pela qual a realidade é apreendida deixa sempre escapar algo, um resto que a ultrapassa e que deve se fazer presente seja na definição de si, que não se resume a uma individualidade, seja na relação com o outro, que se constitui como alteridade.

Nesse sentido, Butler (2015, p.196) sugere que “talvez possamos repensar a liberdade [...] como uma condição de solidariedade entre minorias, e perceber como é necessário formular políticas sexuais no contexto de uma crítica incisiva da guerra”. Desta reflexão, aproximo a noção aqui empregada do surgimento de constelações autistas que, nessa visão,

podem também propiciar outros entendimentos sobre a normatividade e a violência que resulta das normas, enquadramentos e estigmas sociais vigentes.

Reconhecer a violência não garante, de modo algum, uma política de não violência. Mas o que pode perfeitamente fazer diferença é considerar a vida precária e, portanto, também a condição de violável uma condição generalizada, em vez de uma maneira diferencial de marcar uma identidade cultural, isto é, como um traço recorrente ou atemporal de um sujeito cultural que é perseguido ou violado por definição e independentemente da circunstância histórica (BUTLER, 2015, p. 249).

Portanto, a conexão entre os autores contribui para se traçar a conexão entre estigma e enquadramentos e tratar, portanto, da necessidade de mudanças nas condições de reconhecimento das vidas autistas.

O estigma e os enquadramentos opressores vivenciados suscitam agenciamentos e a presença de vozes autistas na arena discursiva. Trata-se de tentativa de se redefinirem perspectivas para reverter a falta de compreensão sobre o assunto que resulta em preconceito, pouca acessibilidade, opressões e sofrimentos. Nesse aspecto, Pessoa (2015, p. 161) define que:

Por meio das crenças, ou aquilo no qual se acredita, as comunidades criam o que podemos chamar de regulação das práticas sociais ou aquelas normas de comportamento que entendem que devem ser seguidas em determinado grupo. Assim, os julgamentos pragmáticos relativamente estereotipados feitos por meio de sistemas de interpretação sobre o possível, o provável, o certo, o errado, o positivo, o negativo, o ético, o antiético, o que fazer e o que não fazer, o belo e o feio, o válido e o inválido, o padrão e a transgressão, o normal e o anormal, o eficiente e o deficiente, e, assim sucessivamente, nascem, se reproduzem, se perpetuam ou se reconfiguram (PESSOA, 2015, p. 161).

Nesse contexto, recorro ao trecho da dissertação de mestrado de Fatine Oliveira (2021, p. 30), pesquisadora, ativista e mulher com deficiência, quando testemunha que “a deficiência, porém, nos provoca a buscar outras formas de ser. Diante das categorias de diferença que nos separam em capazes e incapazes, normais e anormais, saudáveis e doentes, propomos um contato mais afetivo com as diferenças”.

É este o movimento de Fatine, o de propor outros contatos mais afetivos com a deficiência, que também autistas empregam em seus relatos, nas suas redes, de modo que buscam a inversão da invisibilidade, da invalidação do seu ser, da normalização opressora de seus comportamentos e da violência, experienciados no cotidiano.

Para contrastar os níveis de destaque dados ao autismo em criança e para as campanhas de conscientização do tema (mais valorizados), Amanda (*post* 30) os compara ao esforço dedicado aos adolescentes no espectro (quase sem fôlego) e ao que é exposto sobre os adultos e idosos autistas (submersos).

Post 30 – Amanda Paschoal – Meme sobre como nos veem



Fonte: [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/) (2020)⁸⁴

Isso porque o estigma no autismo traz muitas nuances. Para autistas de menor nível de suporte, como expõe Ana Cândida (post 31), *“o diagnóstico, muitas vezes tardio, não vem embrulhado em papel de presente e fita dourada. Vem acompanhado de dor e grande resistência. O pior é que traz consigo, ainda, uma carga de preconceito e descrença imensa”* O descaso ocorre porque a tentativa primeira é invisibilizar o autismo, ou seja, justificar a razão para que ele não precise existir. Ou seja, se é “leve” ou de “nível 1”, a intenção é eliminá-lo e considerar que não é ou que não precisa ser autismo. Isso acarreta, no entanto, ao sujeito que não deixa de ser o que é, um ser autista, a falta de suporte, de políticas públicas, de compreensão sobre aos seus comportamentos e modo de vida. Ana completa ao destacar que *“a sopa de sentimentos cozinhada em fogo brando, não consegue dirimir o descaso da sociedade; a falta de políticas públicas pontuais e outras dificuldades comumente enfrentadas por pessoas com deficiência.*

⁸⁴ [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/). Meme sobre como nos veem. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFm78euIIs5/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 set.2020.

Post 31 – Ana Cândida Carvalho – O estigma do “autismo leve”



Fonte: Instagram.com/ana_autista/ (2021)⁸⁵

Ana afirma que *“ser pessoa autista dispensa predicados enlevados ou quaisquer floreios; necessita, por outro lado, de descrição precisa, para arrebatrar mentes diversas. Popularizar ou naturalizar caracteres próprios tornou-se questão de sobrevivência”*.

Ao final, instrui que frases como *“Eu também sou assim”, “mas você nem parece autista”, ou “também tenho isso”, “esvaziam o discurso neurodiverso e abafam gritos que clamam por qualidade de vida. O caminho é visível e segue uma linha reta: é preciso dar o primeiro passo”*. O oposto disso é, portanto, uma vida sem dignidade no espectro.

Ainda no esforço contraditório aos recorrentes discursos sobre inferioridade autista e em oposição a alguns modelos de tratamentos terapêuticos, Lucas (post 32) dá um recado aos pais e profissionais quando pede que *“parem de invalidar e controlar os autistas”*. Para ser ouvido, validado, Lucas argumenta: *“ou não somos autistas o suficiente para falar de autismo, ou somos autistas demais para saber do que estamos falando”*.

⁸⁵ Instagram.com/ana_autista/. O estigma do “autismo leve”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CS0DG79FH2I/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 ago.2021.

Post 32 – Lucas Pontes – “Sou autista e isso não me faz inferior”

@lucas_atipico

UM RECADO A MUITOS PAIS E PROFISSIONAIS

PAREM DE INVALIDAR E CONTROLAR OS AUTISTAS

Se eu não fui desrespeitoso, se eu não generalizei, se eu respeitei meu lugar de fala, se eu não promovi algo sem embasamento e não disse nenhuma informação falsa, eu não vou aceitar que venham até aqui me dizer o que é ou não necessário, ou o que eu posso ou não falar. É diferente quando alguém me aponta um erro ou faz uma crítica construtiva. Nesses casos eu fico até agradecido, pois certamente já cometi e ainda irei cometer vários erros. Mas geralmente os motivos são outros. São pessoas que percebem que certos tópicos ameaçam seus postos de privilégios e vem dizer, com a prepotência costumeira, o que nós autistas podemos falar e o que devemos deixar de falar. Como se o fato de eu ser uma pessoa autista implicasse em diversas limitações sobre o que eu posso ou não falar.

Como disse uma amiga autista @a_menina_neurodiversa "Ou não somos autistas o suficiente para falar de autismo, ou somos autistas demais para saber do que estamos falando".

Tem muitas pessoas que defendem e apoiam os autistas, mas fazem isso apenas com aqueles que falam somente o que é "permitido" por eles. Eu sou uma pessoa autista e isso não me faz ser inferior a absolutamente ninguém, para que pessoas venham até mim cobrando que eu me comporte como elas acreditam que eu deva me comportar por ser autista. Esse capacitismo veiado por partes de muitos pais e profissionais, que querem ter o controle sobre tudo o que nós falamos, já fez com que muitos autistas deixassem o ativismo e continuara fazendo com outros tantos deixem. Dessa forma só ficam e ganham destaque aqueles autistas que buscam agradar os pais e que veneram certos profissionais.

4 DE JANEIRO DE 2021

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁸⁶

Por outro lado, o ativista demonstra os contrastes que existem na própria comunidade autista quando ocorrem as comparações entre autistas de nível 1, que precisam de menos apoio, com aqueles que dependem de mais suporte (níveis 2 e 3).

Post 33 – Lucas Pontes – As diversas formas de invalidar

PRIMEIRO NOS ROTULAM COMO LEVES, MODERADOS E SEVEROS. DEPOIS INVALIDAM OS "LEVES", POR SEREM LEVES DEMAIS E TRATAM OS "MODERADOS" E "SEVEROS" COMO SERES INCAPAZES DE FALAREM POR SI MESMOS

@lucas_atipico

lucas_atipico As formas que usam para nos invalidar são diversas e essas invalidações são fundamentais para que o preconceito continue.

Não existe autismo leve, moderado e severo. Existem autistas que possuem diferentes níveis de necessidades de suporte. Somos todos diferentes, assim como quaisquer outros seres humanos e esse fato não deve ser usado para invalidar nem um autista.

É preciso parar com essas suposições embasadas em termos inexistentes, onde dizem que autismo "leve" é mais fácil ou mais difícil do que o "severo", pois tais falas e generalizações só contribuem para que sejamos sempre invalidados e para que nossa voz só seja ouvida quando dizemos "obrigado".

Sei que muitos autistas de nível 2 e 3 de suporte não são falantes. Porém, isso não impossibilita a todos estes de se comunicarem e terem suas próprias opiniões. Usar o tal "autismo severo", como desculpa para falarem de cura e demonizar o autismo, é algo sujo e preconceituoso. Ao invés de falarem de cura, falem de acessibilidade, aceitação, inclusão, conscientização, etc.

Se gostou, curte. Ajude compartilhando em seu story e com amigos. Siga @lucas_atipico

O texto da imagem foi inspirado em uma frase da minha amiga Alice @a_menina_neurodiversa

Imagem com texto alternativo

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁸⁷

⁸⁶ Instagram.com/lucas_atipico/. “Sou autista e isso não me faz inferior”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CJpMQrplVV6/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 4 jan.2021.

⁸⁷ Instagram.com/lucas_atipico/. As diversas formas de invalidar. Disponível em https://www.instagram.com/p/CLvAx1KIKOe/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 fev.2021.

Há tanto uma disputa em direção inversa à neurodiversidade (o movimento antineurodiversidade, já abordado no capítulo 1), como um discurso que se apoia no então “*‘autismo severo’ como desculpa para falarem de cura e demonizar o autismo*”, o que considera “*algo sujo e preconceituoso*”. “*Ao invés de falarem de cura, falem de acessibilidade, aceitação, inclusão, conscientização, etc*”, encerra Lucas (post 33).

Em todas estas publicações da primeira coleção temática da constelação “*não pareço autista?*”, os enquadramentos e estigmas que conduzem à invisibilidade dos sujeitos autistas relacionam-se ao capacitismo, termo utilizado como forma de nominar a opressão e a discriminação vivenciadas por pessoas com deficiência.

4.1.2. Capacitismo como categoria discursiva

Não queremos cura, queremos políticas públicas inclusivas, queremos locais acessíveis às nossas demandas, queremos direitos garantidos. Não queremos que revertam nosso autismo – queremos que você reverta seu capacitismo.
Dan Aley

Durante a pesquisa, teóricos com deficiência como Fiona Campbell, Anahi Guedes de Mello, Adriana Dias, Sunaura Taylor, Gregor Wolbring e Judy Singer foram fundamentais para a minha compreensão e articulações. Conteí ainda com a leitura das obras bibliográficas de jovens brasileiros, a exemplo de Sophia Mendonça, Tiago Abreu e Fatine Oliveira.

A noção de capacitismo é de Fiona Campbell (2001, p. 54), definida como uma “rede de crenças, processos e práticas que produz um determinado tipo de corpo (o padrão corporal) que é projetado como perfeito, típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano”. Para a autora, a “deficiência é então moldada como um estado diminuído de ser humano”.

O termo surge sob as condições de emergência, como os Estudos Críticos da Deficiência e as redefinições sobre a compreensão paradigmática da deficiência (do clínico ao social), por exemplo e da militância que objetivou visibilizar a opressão das pessoas com deficiência. Apoiada em Campbell (2009), Sophia Mendonça (2022) indica que essa forma de discriminação contra pessoas com deficiência atua de maneira similar a outras maneiras de opressão, como o sexismo e o racismo.

A partir dessa compreensão, o capacitismo configura a discriminação da pessoa com deficiência que, em decorrência da mesma, passa a ser considerada também incapaz. Trata-se,

portanto, de uma manifestação de preconceito para com as pessoas com deficiência ao pressupor a existência de padrões que as enquadrem como aptas ou inaptas para participar das dinâmicas sociais. Desse modo, o capacitismo “é um neologismo que sugere um afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (DIAS, 2013, p.5). Anahi Mello (2016, p.3266) compreende o capacitismo a partir da tradução para o português do termo *ableism*, por duas razões:

[...] a primeira é a demanda de urgência para visibilizar uma forma peculiar de opressão contra as pessoas com deficiência e, por consequência, dar maior visibilidade social e política a este segmento; a segunda deriva do próprio postulado da teoria *crip*, ou seja, para desconstruir as fronteiras entre deficientes e não deficientes é necessário explorar os meandros da corponormatividade de nossa estrutura social ao dar nome a um tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser e fazer.

Logo, para Mello (2016, p. 3266), o termo é fundamental devido à necessidade de se acessar uma categoria discursiva que represente a materialização das “atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional”. Isso se deve a uma até então inexistente “categoria analítica em língua portuguesa que pudesse expressar a ‘discriminação por motivo de deficiência’, da mesma forma que o racismo substituiu a antiga expressão ‘discriminação por motivo de cor da pele’”, e o sexismo, a discriminação por sexo.

Esta ausência no léxico ativo da língua portuguesa é discutida ainda por Diniz e Santos (2010) quando, apoiados no disposto na Constituição Federal de 1988, afirmam:

O direito de não ser discriminado pelo corpo que se habita está em nosso marco constitucional, que veda a discriminação por sexo ou raça. Para descrever essas formas perversas de opressão pelo corpo, dispomos de categorias analíticas e discursivas: sexismo, no caso da discriminação por sexo; homofobia, no caso da discriminação pela orientação sexual; racismo, no caso da discriminação pela cor da pele ou etnia. No caso da deficiência, há uma ausência no léxico ativo da língua portuguesa. Nossa incapacidade discursiva é um indicador da invisibilidade social e política desse fenômeno. Como descrever os resultados perversos da ideologia da normalidade sobre os corpos com impedimentos? Como nominar as expressões da desigualdade sofrida pelas pessoas com deficiência no mundo do trabalho, nas escolas e nas relações interpessoais? (DINIZ, SANTOS, 2010).

A então “incapacidade discursiva como indicador de invisibilidade social e política” destes atos de opressão também ocorre no Art. 2 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ao definir a “discriminação por motivo de deficiência” como:

Qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o

exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável (BRASIL, 2008).

O silêncio ou novamente a repetição da expressão “discriminação por motivo de deficiência”, decorrente da ausência de um termo específico, acontece na Lei Berenice Piana (nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012) que estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista quando, no artigo 4º, indica que a “pessoa com transtorno do espectro autista não será submetida a tratamento desumano ou degradante, não será privada de sua liberdade ou do convívio familiar nem sofrerá discriminação por motivo da deficiência” (BRASIL, 2012).

Mesmo o recente Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015), não traz o termo capacitismo em suas normativas, mas orienta quanto às discriminações contra as pessoas com deficiência, que devem ser encaradas como violações de direitos.

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas (BRASIL, 2015).

É preciso ainda considerar que o capacitismo, enquanto discriminação, pertence ao bojo da concepção de identidade social, cuja contribuição de Omote (1994, p. 67-68) sintetiza a perspectiva da deficiência como fenômeno socialmente construído.

A deficiência não pode ser vista como uma qualidade presente no organismo da pessoa ou em seu comportamento. Em vez de circunscrever a deficiência aos limites corporais da pessoa com deficiência, é necessário incluir as reações de outras pessoas como parte integrante e crucial ao fenômeno, pois são essas reações que, em última instância, definem alguém como deficiente ou não deficiente. As reações apresentadas por pessoas comuns em face das deficientes ou das deficiências não são determinadas única nem necessariamente por características objetivamente presentes num dado quadro de deficiência, mas dependem bastante da interpretação, fundamentada em crenças científicas ou não, que se faz desse quadro.

Daí a relevância que se observa nas práticas ou discursos capacitistas em dar visibilidade à opressão vivenciada por pessoas com deficiência que ocupam um lugar de destaque na escala de abjeção, por se desviarem do ideal normativo. Assim, em um caminho que almeja definições mais bem estruturadas, a sociedade e, em especial, o movimento em prol da neurodiversidade, acompanham ou disputam por um espaço que privilegie as discussões sobre a prática do

capacitismo e como ela atinge os neuroatípicos ou as pessoas com deficiência de diferentes maneiras. Buscam reduzir os obstáculos que os impedem de exercer suas atividades de maneira independente, derrubar barreiras socioemocionais e as sequelas decorrentes do fato de serem apontadas como inferiores, incapazes de compreender o mundo, dependentes, sem vontade ou voz, sem atuação política ou como um problema na esfera pública que depende de acessibilidade ou que devam ser afastadas do convívio social.

Por isso, identifico que a prática do capacitismo, os traços discursivos que intensificam a discriminação ou ainda a ausência de categorias que reduzam a invisibilidade deste fenômeno dos estereótipos que inabilitam autistas e pessoas com deficiência, conduzem às análises desta próxima sequência de postagens do *Instagram*, que definem o eixo da investigação que é pautado nos esquemas normativos de julgamento.

A definição de Ana Cândida (*post 34*) para a luta contra a exclusão de autistas dos ambientes, fruto do capacitismo, é “*multicolorida ou multifacetada, pois apresenta o tom da neurodiversidade*”.

Post 34 – Ana Cândida Carvalho – A luta é multicolorida e multifacetada



Fonte: [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/) (2022)⁸⁸

⁸⁸ [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/). A luta é multicolorida e multifacetada. Disponível em https://www.instagram.com/p/Cb28_mJj8/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 abr.2022.

Ela diz que “a humanidade é plural e merece pinceladas certas que contornem suas fronteiras como quem constrói pontes interligando almas”. Seus relatos, sempre sensíveis e, carregados do tom poético, propõem complexidades. Não se deve fazer qualquer coisa em função do autismo ou da pessoa com deficiência, de qualquer forma, sem observar os seus contornos. Ao contrário, as atitudes sejam sensíveis (“*pinceladas certas*”) para que possam dar conta de interligar as almas, de ser justo, suficiente, capaz de fazer sentido.

Em observação às pesquisas científicas, Amanda Paschoal (*post 35*) percebe que “o capacitismo é gritante na academia”. A indignação presente na publicação vem do resultado de um estudo sobre moralidade que previa (simplificadamente) que os participantes escolhessem “se iriam ganhar dinheiro ao apoiar uma péssima causa (*fictícia*), e colocaram as variáveis de quanto dinheiro iriam ganhar, e se fosse um suporte público ou privado”. Dentre os itens do resultado, Amanda se espanta ao perceber que neurotípicos indicaram que “quanto mais dinheiro, maiores as chances de apoiarem, mas sempre somente no privado” e que, dentre os pesquisados no TEA, notou justificativas do tipo: “ao contrário de indivíduos saudáveis (...) tem inflexibilidade de padrões morais, mesmo quando isso os beneficiariam (...) apego excessivo ao código moral”.

Post 35 – Amanda Paschoal – O capacitismo gritante na academia



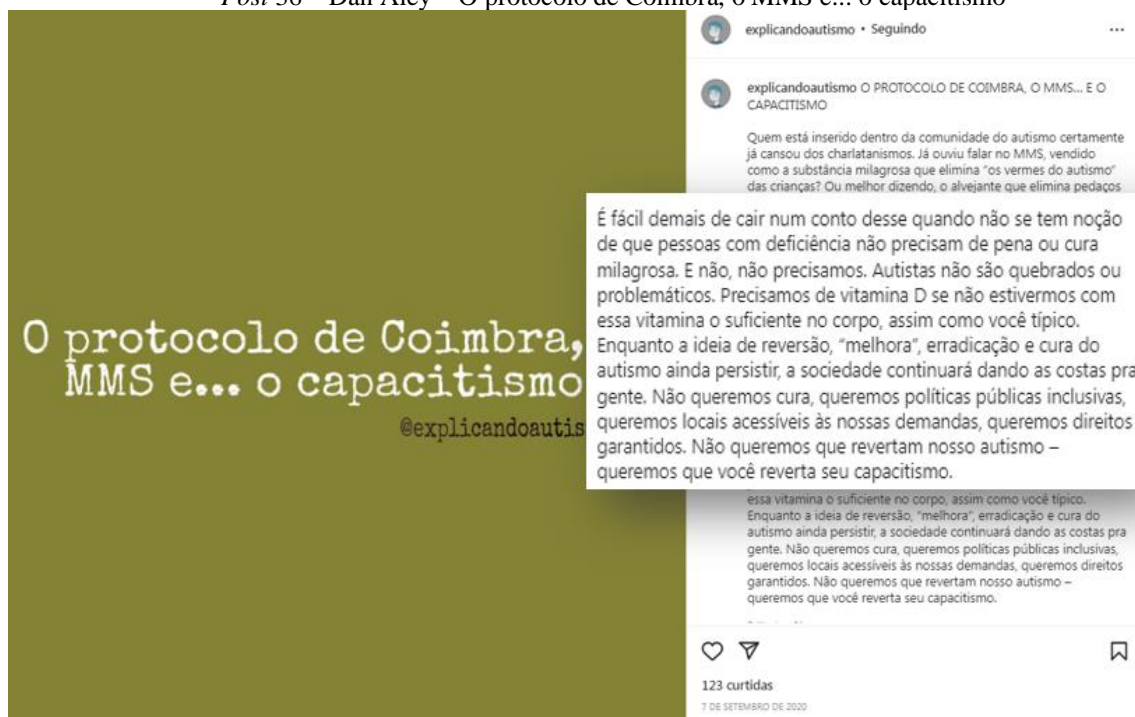
Fonte: [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/) (2022)⁸⁹

⁸⁹ [Instagram.com/amanda.paschoal.au/](https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/). O capacitismo gritante na academia. Disponível em https://www.instagram.com/p/CdgqOH1psn6/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 13 mar.2022.

Amanda diz: “*parece até que eles gostariam que os autistas vendessem seus valores em benefício próprio. Que é isso que eles consideram "saudável".* E conclui indicando que “*a verdade é que mesmo quando autistas têm algo que é melhor do que mts, pessoas capacitistas ainda acham um jeito de descrever isso como se fosse um déficit.*”

A ideia da “cura do autismo” ou a busca por recursos que possam invisibilizá-lo é também capacitista. Dan Aley (*post 36*) destaca a relação deste preconceito ao “Protocolo de Coimbra” que traz o uso da vitamina D como recurso para tal finalidade e relata: “*é fácil demais de cair num conto desse quando não se tem noção de que pessoas com deficiência não precisam de pena ou cura milagrosa. E não, não precisamos. Autistas não são quebrados ou problemáticos*”. Dan explica que “*enquanto a ideia de reversão, ‘melhora’, erradicação e cura do autismo ainda persistir, a sociedade continuará dando as costas pra gente*”, o que configura e reforça o capacitismo, bem como as suas consequências.

Post 36 – Dan Aley – O protocolo de Coimbra, o MMS e... o capacitismo



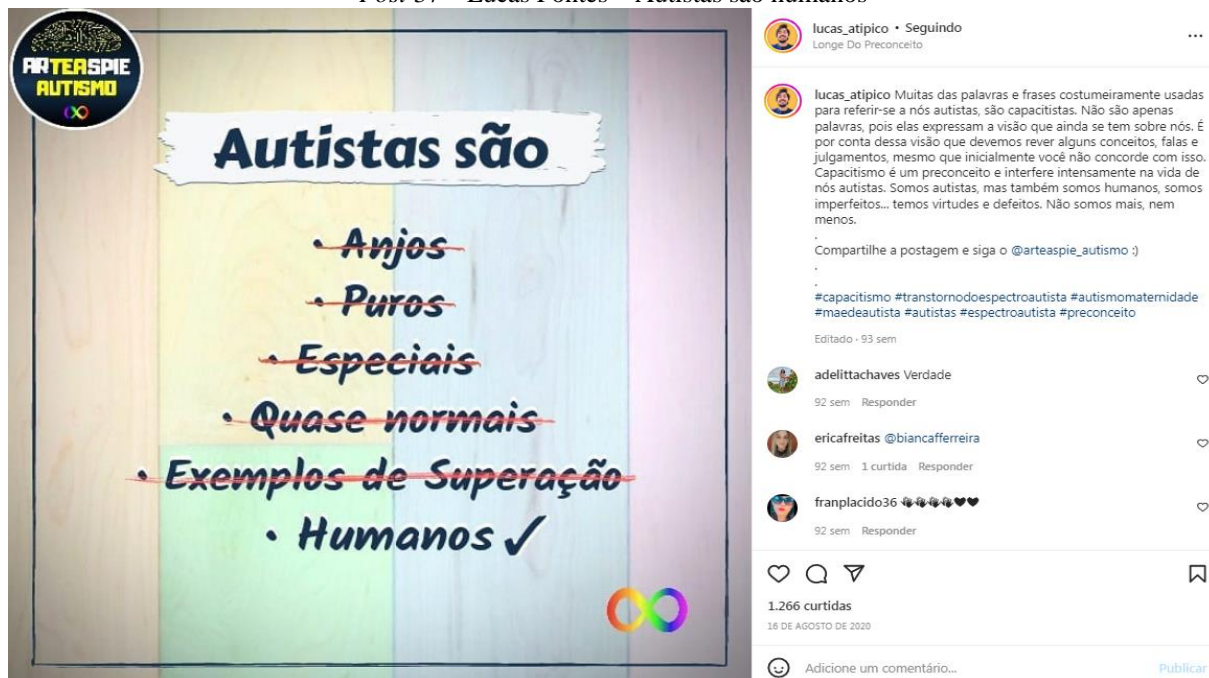
Fonte: [Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/) (2020)⁹⁰

A fim de ensinar sobre comparações equivocadas atribuídas aos autistas, Lucas Pontes explica os problemas destes empregos. Primeiro, didaticamente, risca do quadro de vocabulário

⁹⁰ [Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). O protocolo de Coimbra, o MMS e... o capacitismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CE3BN6hFKOX/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 set.2020.

(post 37) as possibilidades de associações aos “*anjos*”, “*puros*”, “*especiais*”, “*quase normais*”, como “*exemplos de superação*” e, instrui: autistas são “*humanos*”.

Post 37 – Lucas Pontes – Autistas são humanos



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2020)⁹¹

Depois (figura 37), o ativista da neurodiversidade reforça os motivos da inadequação do uso do termo “*anjo azul*” visto que intensifica o capacitismo.

Figura 37 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Eu não sou um anjo azul



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁹²

⁹¹ Instagram.com/lucas_atipico/. Autistas são humanos. Disponível em https://www.instagram.com/p/CD9w2k6J3X9/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 ago.2020.

⁹² Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Eu não sou um anjo azul (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CN09HACFP1g/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 abr.2021.

Mesmo empregado de maneira carinhosa, especialmente por pais de autistas, a ideia de “anjo” evoca uma pureza de caráter celestial e uma suposta inocência que distanciam o sujeito da sua natureza humana e, conseqüentemente, dos recursos e apoios que demanda. Associado ao adjetivo “azul”, o conjunto ainda apaga ou mascara o autismo em meninas e mulheres.

Em seguida, Lucas (figura 38) cria um carrossel de “*falas que parecem legais, mas não são*” e ensina o que “*não dizer às pessoas autistas*”.

Figura 38 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Falas que parecem legais



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁹³

Junto das frases contidas nos cartazes digitais da publicação, o seu texto complementar relata um testemunho: “*Eu já perdi as contas de quantas vezes me falaram essas coisas. É sempre muito constrangedor. O problema é que boa parte das pessoas não entendem que pouco importa a intenção, quando se trata de capacitismo...*”. Coloca também em questão a necessidade de se refletir sobre a justificativa social que é ancorada nas “boas intenções”. Enfim, este tipo de discurso habitual, ao ser proferido, tem intenções que bonificam a quem?

Em tom de rejeição ao modelo de reforço capacitista, aos seus efeitos redutores e invisibilizadores do coletivo autista, Lucas conclui: “*o autismo não é um problema e, portanto, não necessitamos de compensações por sermos autistas*”.

Enfim, o ativista utiliza-se de um meme⁹⁴ (post 38) que reflete o discurso a respeito de “*\$air do espectro*”, ou seja, de supostamente deixar de ser autista ou ainda de ser curado. A

⁹³ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Falas que parecem legais (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CVtai6Hlqqy/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 31 out.2021.

⁹⁴ Conhecidos por potencial viral na internet, os memes utilizam de sátiras ou piadas em formato de montagens, imagens, vídeos e áudios e são parte da linguagem da internet e das redes sociais (SOUZA, Brasil Escola UOL, 2023).

imagem é de coação e a sua legenda mostra que “*reprimir e ensinar a mascarar as características*” são um risco. O cifrão é ainda uma estratégia discursiva usada para relacionar a dinâmica monetária que envolve essa prática. Por isso ele afirma: “*Já estamos cansados de falar que isso não existe. Já estamos cansados de falar o quão capacitista é esse termo. Estamos cansados de avisar sobre o quão perigosa é a ideia de fazer com que um autista deixe de ser autista (além de ser impossível)*”.

Post 38 – Lucas Pontes – Sair do espectro: ensinar a reprimir e a mascarar o autismo



Fonte: [Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/) (2022)⁹⁵

As próximas publicações atuam no campo da semântica. Elas destacam o uso inadequado do termo “autista”, que define um modo de ser e as características dos seus sujeitos, quando, pelo emprego do termo como adjetivo pejorativo, passa a ser atribuído a pessoas típicas e em tom negativo, ou seja, referenciando-o por significados, atributos e qualidades indesejáveis.

Por considerar a recorrência dos prejuízos deste emprego semântico, Naty Souza (*post* 39) se posiciona: “*Não use autismo para xingar, humilhar e desmerecer alguém. Autismo NÃO é palavrão, não é ofensa, não é adjetivo*”.

⁹⁵ [Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). Sair do espectro: ensinar a reprimir e a mascarar o autismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZVUiELpvAy/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 jan.2022.

Post 39 – Naty Souza – Autismo não é adjetivo



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2020)⁹⁶

Já para destacar que este emprego se repete inclusive entre autoridades, com reflexos nas notícias e na mídia, Tiago Abreu (*post 40*) comentou a fala de um prefeito que se refere ao então, à época, presidente da República brasileira como autista e lamentou: “*Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo e como isso afeta todas as pessoas com deficiência*”.

Post 40 – Tiago Abreu – “Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo”

“Bolsonaro é um autista, porque autistas não têm sentimentos”, declara prefeito de Alfenas

Afirmção de Luiz Antônio da Silva em um programa de rádio provocou reações da comunidade autista. “Uma agressão absurda. É imperioso calar quando não se conhece o assunto”, afirmou Berenice Piana, autora lei que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

“Infelizmente, esse tipo de comentário é muito comum. E me preocupa muito porque surge de algumas pessoas que são, em tese, progressistas, que supostamente respeitam minorias e, muitas vezes, são as primeiras a nos estigmatizar em certos contextos”, diz o jornalista **Tiago Abreu, que é autista** e comanda o podcast **‘Introvertendo’**.

“Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo e como isso afeta todas as pessoas com deficiência”, comenta Tiago.

Introvertendo O Tiago, um dos nossos apresentadores, comentou a fala do prefeito de Alfenas, no interior de Minas Gerais. Em janeiro, o prefeito afirmou que Bolsonaro era autista utilizando-se de estereótipos e conceitos ultrapassados sobre o autismo. E decepcionante essa associação frequente de autismo com caráter frequente em todos os meios, não é a primeira vez e certamente não será a última.

“Infelizmente, esse tipo de comentário é muito comum. E me preocupa muito porque surge de pessoas que são em tese progressistas, que supostamente respeitam minorias, e muitas vezes são as primeiras a nos estigmatizar em certos contextos. Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo e como isso afeta todas as pessoas com deficiência”, disse Tiago.

O @chimurawill, que também é membro do Introvertendo, também foi um dos entrevistados e disse: “É tão frustrante e infeliz que, poucos dias após comemorarmos a contribuição da proposta de redação do ENEM para o combate do estigma associado à pessoas com condições neuropsiquiátricas, somos forçados a um choque de realidade através da fala do prefeito em questão: insiste em pseudo-explicações repletas de ignorância e preconceito, sem se quer considerar que autistas são seres humanos e cidadãos, assim como ele”.

A matéria está completa no Estadão, no @blogvencerlimites. O link da matéria está na nossa bio.

#podcastbrasil #autismo #capacitismo

Fonte: Instagram.com/introvertendo (2021)⁹⁷

⁹⁶ Instagram.com/meumundoautistaa/. Autismo não é adjetivo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFsFsroFFst/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 set.2020.

⁹⁷ Instagram.com/introvertendo/. “Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CK9Pp9cltLw/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 fev.2021.

Tiago explica que “*Infelizmente, esse tipo de comentário é muito comum. E me preocupa muito porque surge de pessoas que são em tese progressistas, que supostamente respeitam minorias, e muitas vezes são as primeiras a nos estigmatizarem em certos contextos*”.

O reforço ao preconceito e à invisibilização do autismo que decorrem dos discursos capacitistas provocam os efeitos aqui relatados pois se trata de um fenômeno estrutural e interseccional. Mello (2016) ainda explica que o capacitismo atua de modo a acentuar a hierarquização da deficiência com base nas capacidades. Nota-se que dele decorrem: a responsabilização da pessoa com deficiência ou das suas famílias pela sua condição; as incessantes e renovadas estratégias que buscam a cura e a normalização; as narrativas da superação (muito recorrentes inclusive nas produções cinematográficas e midiáticas), que dificultam as vivências cotidianas; a falta de programas, políticas públicas e recursos dedicados ao apoio que esses sujeitos demandam; além de, naturalmente, haver grande vácuo nas discussões a respeito da autonomia e participação das pessoas com deficiência na prática profissional.

Enfim, o capacitismo gera violências, causa sofrimentos.

4.1.3. Sofrimento decorrente das violências e extremismo

*O movimento pela neurodiversidade
surgiu combatendo essa ideia de
tragédia atrelada ao autismo.
Tiago Abreu*

Neste percurso já recorri algumas vezes à Butler (2015) para tratar da vulnerabilidade, reconhecimento e violência, e ainda à sua noção de enquadramentos. Mas para iniciar a análise da coleção de postagens sobre violências, extremismo e sofrimento, precisei de novo apoio.

Ao acompanhar os relatos autistas sob esta temática, é preciso lembrar que o não reconhecimento das potencialidades do sujeito, ultrapassando inclusive a vida ontológica natural e considerando a categoria social, surge como um risco aos diversos tipos de violência (BUTLER, 2015). Assim, noto tanto nesse coletivo de enunciados autistas, como nas teorias da autora, que os movimentos de resistência passam a existir como uma espécie de construção das condições de ruptura para que ceda à rigidez desses enquadramentos. É exatamente o que os sujeitos neurodivergentes parecem fazer: quebrar os enquadramentos que os oprimem e violentam.

Por isso reforço que Butler (2015) compreende o reconhecimento não como uma categoria específica de um indivíduo, mas sim como uma questão de inteligibilidade, ou seja, prevê a existência de enquadramentos que trazem no seu bojo aspectos que possibilitem o reconhecimento do outro, ou seja, como vidas que precisam de amparo em rede.

Aqui, autistas produzem esses pontos de ruptura aos esquemas normativos, no seu exercício constante de desconstrução, entendimento e reconstrução de novos enquadramentos para que sejam vistos, para que a sociedade também possa enxergar além das camadas de visibilidade expostas (BUTLER, 2015).

Diante disso Ana (post 41) também (e mais uma vez) produz um ponto de ruptura na fôrma do padrão para que, nela, não se encaixem apenas os “curados”. *“É hora de aceitar que ninguém deve ser obrigado a mudar para encaixar na fôrma padrão”*, diz Ana. Defende ainda que é preciso, afinal, *“naturalizar comportamentos neurodiversos”* e que isso é muito diferente de se *“tentar abolir características próprias de indivíduos”*, o que define como violência. Para Ana, *“trata-se de pura violência tentar suprimir o que faz parte de outrem: stims, hiperfocos, e até disfunção executiva”*, pois *“se trata de sobrevivência com qualidade”*.

Post 41 – Ana Cândida Carvalho – #CuraAutistaNãoExiste!



Fonte: Instagram.com/ana_autista/ (2021)⁹⁸

⁹⁸ Instagram.com/ana_autista/. #CuraAutistaNãoExiste! Disponível em https://www.instagram.com/p/CNIn5CFleSu/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 1 abr.2021.

As violências acontecem de diferentes formas e momentos da vida. No entanto, nas redes sociais, quando se tratam das crianças e dos seus ambientes familiares, terapêuticos e escolares, os indícios foram muito recorrentes.

Lucas (post 42) indica que nas terapias as agressões são mais comuns do que se imagina e entrega a responsabilidade para quem lê, visto que normalizar as violências cometidas contra as crianças quando ignoram seu choro, confundem crises com birras, forçam-nas à exaustão terapêutica, seguram-nas ou reprimem seus *stims*, exigem o contato visual ou obrigam-nas a ficar paradas, sentadas. Estas violências, portanto, ocorrem antes da agressão física (ao menos daquela que é reconhecida como tal). Por isso, ele encerra questionando: *“se você acha tudo isso ok, com a desculpa de que essas crueldades são feitas na intenção de ajudar os autistas, saiba que vc tem sim uma grande parcela de culpa quando essas agressões ficam ainda mais intensas e se transformam em tapas, beliscões, apertões, etc”*.

Post 42 – Lucas Pontes – Violência nas terapias: é mais comum do que parece



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)⁹⁹

Sophia (post 43) resume este tipo de agressão naturalizada, permitida, com a frase que ilustra a imagem da sua publicação sobre o assunto.

⁹⁹ Instagram.com/lucas_atipico/. Violência nas terapias: é mais comum do que parece. Disponível em https://www.instagram.com/p/CUBOhnXFExq/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 19 set.2021.

Post 43 – Sophia Mendonça – “E, quando você é autista, não é abuso. É terapia”



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)¹⁰⁰

Quanto ao ambiente escolar, o capacitismo, a falta de preparo e capacitação dos educadores, dos pais e da comunidade escolar também resultam em violências.

Post 44 – Lucas Pontes – Quando a escola se torna um local perigoso para autistas



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2022)¹⁰¹

¹⁰⁰ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. “E, quando você é autista, não é abuso. É terapia”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CRxnrlYFohZ/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 jul.2021.

¹⁰¹ Instagram.com/lucas_atipico/. Quando a escola se torna um local perigoso para autistas. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ-gWWAJeU-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 fev.2022.

A escola pode se tornar, inclusive, um ambiente perigoso para autistas e, para este tipo de evento, são frequentes os casos noticiados. Lucas (*post 44*) volta a sua preocupação a eles e a repetição de eventos que marcam, física e emocionalmente, os autistas e ainda carregam justificativas que se apoiam em atitudes vistas como necessárias, como a “*tentativa de conter uma crise*”, por exemplo. Há um discurso de revolta explícito nestes trechos: “*é completamente inaceitável que não haja profissionais capacitados em qualquer escola que seja. É inaceitável que a principal movimentação do governo brasileiro para melhorar essa situação ainda tão precária da nossa inclusão seja flertar ainda mais com a segregação.*”

Por isso Lucas reivindica que haja “*adequação nas formações de profissionais da educação, para que a maioria não continue sendo formada sem saber, minimamente, como lidar com pessoas autistas*”. Ele justifica que “*uma escola sem profissionais capacitados e sem um espaço adequado, se torna um local extremamente perigoso para crianças e jovens autistas*”.

Figura 39 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Autismo e bullying

@lucas_atipico

AUTISMO E BULLYING

UM ALERTA A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA

@lucas_atipico

"Vai. Dá um soco na barriga dele" disse a professora que segurava pelos ombros o aluno que havia acabado de me bater mais uma vez naquela semana. **"Vai, Lucas. Dá um soco na barriga dele"**, repetia a professora, enquanto o garoto olhava fixamente para mim com toda a raiva do mundo. O resto da turma assistia atentamente aquela situação nada comum que estava acontecendo bem na frente da sala de aula.

Eu não sabia o que fazer. Tinha apenas 6 anos de idade e a rigidez cognitiva do autismo estava no seu ápice, me fazendo acreditar que era completamente inaceitável descumprir uma regra. Sabia que bater em alguém era errado, mas sabia que não acatar a ordem da professora também era. Pensei em sair correndo. Pensei em gritar...

Me decidi.
Dei o soco.
Bem no meio da barriga do garoto.

Aposto que ele sequer sentiu, pois foi propositalmente fraco. Nem se eu quisesse eu seria capaz de revidar a altura. Ele riu e a professora me olhou com uma expressão que eu não sabia identificar

@lucas_atipico

Essa foi a situação mais explícita de algo que me diziam constantemente: **"Você precisa revidar"** Mas eu não sabia revidar. Não sabia nem o motivo pelo qual aqueles alunos me batiam. Suspeitava apenas que a culpa era minha, pois as professoras e a diretora sempre questionavam os motivos de eu não participar das brincadeiras e de não revidar como toda criança fazia.

@lucas_atipico

Isso é algo comum. Tanto o bullying em crianças autistas, quanto o sentimento de culpa que elas sentem. As pessoas tendem a buscar na vítima os motivos para validar a agressão, e quase sempre a culpa recai sobre as características do autismo. Foi assim que eu passei boa parte da minha vida me sentindo culpado por situações como essa.

O bullying, infelizmente, é uma realidade e deve ser combatido de forma correta. Não espere e nem exija que uma criança, ainda mais se ela for autista, saiba se defender por conta própria. Não coloque parte da culpa nela. Facilite a comunicação, esteja ciente de tudo oq acontece na escola e não espere que ela conte verbalmente sobre as agressões.

**SE CUSTOU, NÃO ESQUEÇA DE CURTIR
AJUDE COMPARTILHANDO
SIGA: @LUCAS_ATIPICO**

Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2022)¹⁰²

¹⁰² Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Autismo e bullying (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CZiENozpt4w/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 fev.2022.

Ainda no ambiente escolar, para além do despreparo profissional da equipe educativa, há de se conviver ainda com a prática do *bullying* (figura 39). Para isso, Lucas relata a própria experiência como um sinal de alerta. O texto é pesado pois conta um episódio em que, ao apanhar de um aluno da sua escola, a professora segura o agressor e motiva ou “ensina” que Lucas (com 6 anos de idade) deveria devolver o golpe, revidar, e foi o que ocorreu. No entanto Lucas não entendia o que estava acontecendo e ainda se percebia como o culpado pelo conflito, pois já estava habituado a ser questionado sobre os motivos de não participar das brincadeiras ou revidar como toda criança fazia.

Lucas explica que tanto o *bullying* quanto a sensação de culpa sofrida pelos autistas são muito comuns. Eu mesmo sinto uma trava na garganta quando lembro das tantas vezes que ouvi o Davi, o meu filho, se desculpar com os colegas quando, em situações de conflito, ele era o agredido. Em qualquer conflito, Davi entendia que o culpado era ele e se desculpava. Era assim que ele entendia que podia interromper a crise. Chegava inclusive a dizer (referindo-se a si mesmo na terceira pessoa): “*Davi está feliz!*”. Ele não compreendia que estava sendo agredido.

Post 45 – Naty Souza – Psicofobia é crime



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)¹⁰³

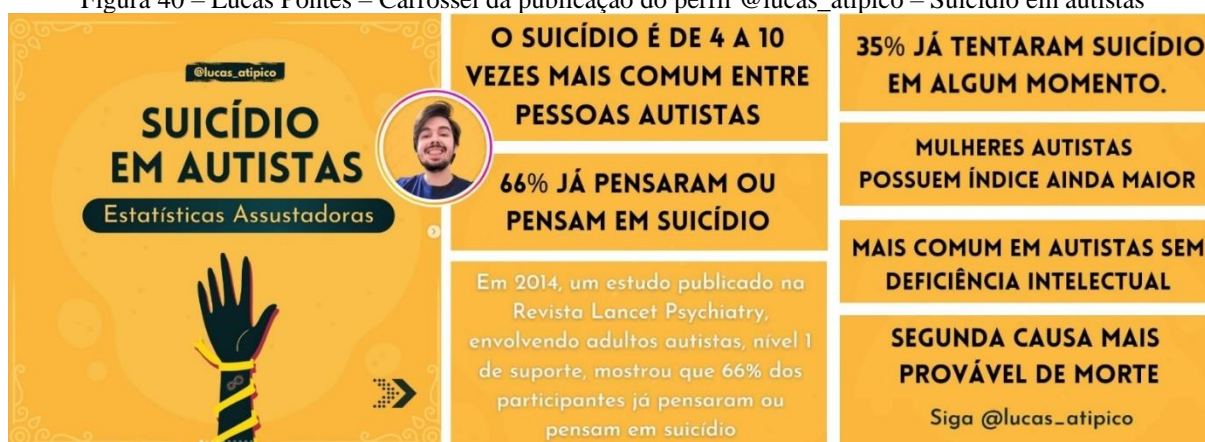
¹⁰³ Instagram.com/meumundoautistaa/. Psicofobia é crime. Disponível em https://www.instagram.com/reel/CW14GoJd3P/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 nov.2021.

As violências sempre causam sofrimento, opressões, trazem dores, marcas. Não tenho a intenção e não poderia definir o que é mais ou menos intenso nesse aspecto. No entanto, há situações de extremismo que mobilizam inclusive as manifestações de combate a Psicofobia (atitudes preconceituosas e discriminatórias contra pessoas com deficiência e transtornos mentais), o que é crime (*post* 45).

O acúmulo de violências durante uma vida que tenta, de alguma forma, adaptar-se e ser aceita, o volume de opressões e repressões experienciados, resultam em sofrimento. Sabe-se que um sujeito no TEA pode ter, de modo associado, alguma comorbidade¹⁰⁴. Entende-se ainda que, algumas delas, podem resultar de violências sofridas.

No entanto, preciso destacar que, aqui, não traço qualquer conclusão particular ou tomo nenhuma afirmação que induza ao entendimento de que os sujeitos autistas que compõem essa pesquisa sofram de comorbidades associadas ao autismo ou adquiriram-nas em decorrência do que relatam. Não tenho essa pretensão ou competência. Apenas interesse-me pelos discursos que eles produzem a esse respeito e como os fazem.

Figura 40 – Lucas Pontes – Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Suicídio em autistas



Fonte: Instagram.com/lucas_atipico/ (2021)¹⁰⁵

¹⁰⁴ Comorbidade é o termo utilizado para classificar quando duas ou mais condições clínicas são encontradas juntas, ou seja, patologias simultâneas ou decorrentes uma da outra. No caso do TEA, as comorbidades neuropsiquiátricas mais frequência são: transtorno de ansiedade, epilepsia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno desafiador de oposição (TOD), distúrbio do sono, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), apraxia da fala, transtorno bipolar, depressão, etc. (NEUROSABER, 2021).

¹⁰⁵ Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Suicídio em autistas (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CTdVu4-F4Gt/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 5 set.2021.

Atento a este tipo de impacto, Lucas Pontes (figura 40) demonstra, em um carrossel de imagens, resultados de uma pesquisa realizada em 2014 e publicada da Revista *Lancet Psychiatry* (CASSIDY, 2014) com autistas de nível 1 de suporte, sobre suicídio em autistas e as suas “estatísticas assustadoras”. O relato de Lucas traz dados da pesquisa que indicam que “o suicídio é de 4 a 10 vezes mais comum entre pessoas autistas”, que “66% dos entrevistados já pensaram ou pensam em suicídio”; que “33% já tentaram suicídio em algum momento”; que “mulheres autistas possuem taxas 4 vezes maior quando comparadas aos homens”; e que ainda é “mais comum em autistas sem deficiência intelectual”.

Os critérios que certamente são qualificados e destacados na pesquisa publicada na *Lancet Psychiatry* e resultam nestas “estatísticas assustadoras”, bem como o seu campo de abordagem clínica, apesar de serem extremamente preocupantes não são o foco desta análise cartográfica. Aqui, o interesse está no modo como Lucas produz o seu discurso em função do que os dados sobre o suicídio revelam.

Nesse ponto, o ativista publica um conjunto de cartazes digitais (figura 40) que, didaticamente, trazem os dados alarmantes sobre o suicídio em autistas. O conteúdo foi publicado em setembro em alusão à Campanha Internacional Setembro Amarelo¹⁰⁶. No post, Lucas explica que “Não adianta falar sobre este tema apenas em setembro, assim como não adianta se preocupar com essas estatísticas e continuar ignorando a necessidade de políticas públicas que possibilitem uma melhor qualidade de vida para nós autistas, com mais inclusão, aceitação e conscientização”.

Por isso, Lucas indica que o “suicídio não é um mal individual” e questiona: “o que você pode fazer para que esses números deixem de ser tão assustadores?”

No post 46, também sobre o suicídio, mas desta vez publicado em fevereiro, ou seja, fora do mês de conscientização (setembro), Lucas lamenta, em nome da comunidade que representa, o episódio de uma mãe de autista que cometeu suicídio. Na íntegra do relato e com alerta para o conteúdo sensível, ele reivindica:

@lucas_atipico. 🚩 conteúdo sensível 🚩

A comunidade do autismo é composta por uma maioria que luta diariamente pelo simples direito de existir e/ou criar os filhos e filhas de uma forma digna. Ao invés de suporte, recebemos indiferença e preconceitos disfarçados de elogios que ou negam a nossa humanidade "anjos" ou romantizam a sobrecarga que mata tantos entre nós "mãezinha guerreira".

¹⁰⁶ Informações sobre a campanha e o Mês de Prevenção ao Suicídio. Disponíveis em <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em 18 set. 2022.

Nos últimos dias mais uma mãe cometeu suicídio. Mãe de autista. E por mais difícil que seja dizer, por mais que não queiramos aceitar, é fato que isso vai continuar se repetindo. Pelo menos enquanto nada mudar.

Fica difícil elencar os tantos motivos do porque o suicídio assombra tanto essa comunidade que insiste em se pintar de azul, ao invés de encarar os problemas que só são amenizados para quem tem boas condições financeiras.

O número de suicídio entre nós autistas é algo que sempre me assusta e confesso não entender como esse tema continua sendo tão negligenciado. O suicídio entre mães de autistas também tornou-se notícia frequente. Porém, após alguns poucos dias, a comoção desaparece e os problemas que causam essas tragédias permanecem, tendo como base a indiferença de quem demonstra seu pesar apenas no dia da tragédia e se preocupa com o tema apenas em setembro, que é quando o azul da indiferença dá lugar ao amarelo da hipocrisia.

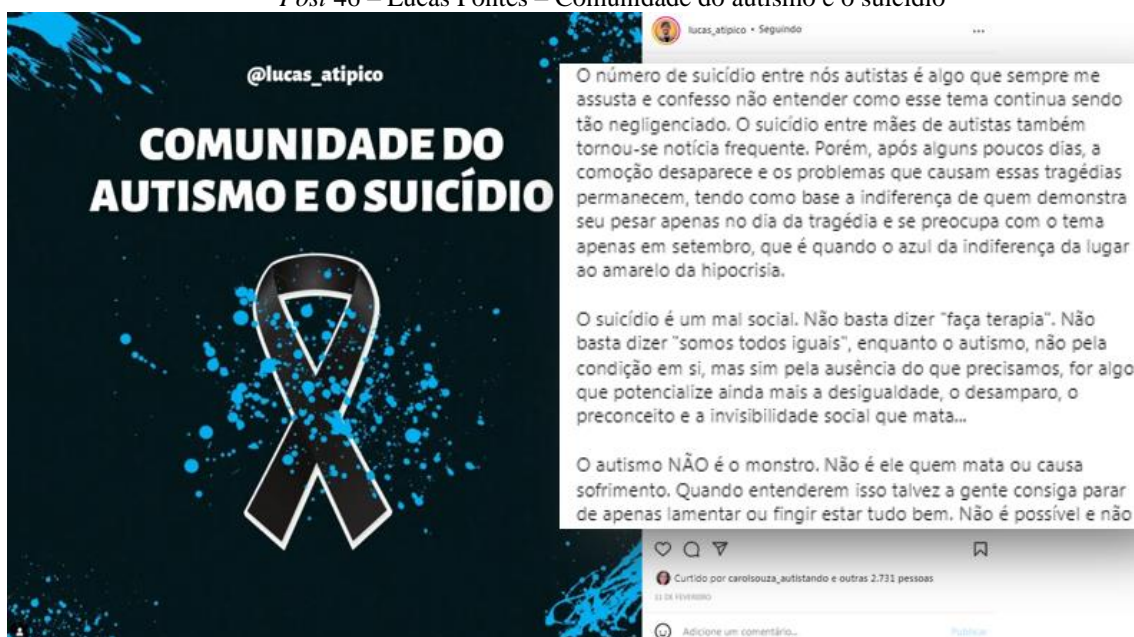
O suicídio é um mal social. Não basta dizer "faça terapia". Não basta dizer "somos todos iguais", enquanto o autismo, não pela condição em si, mas sim pela ausência do que precisamos, for algo que potencialize ainda mais a desigualdade, o desamparo, o preconceito e a invisibilidade social que mata...

O autismo NÃO é o monstro. Não é ele quem mata ou causa sofrimento. Quando entenderem isso talvez a gente consiga parar de apenas lamentar ou fingir estar tudo bem. Não é possível e não é justo deixar de se revoltar por um único dia, enquanto muitas famílias ligadas ao autismo estiverem sofrendo por conta do descaso de toda sociedade.

Meus sentimentos a família dessa mãe.

Lucas clama para que os problemas do autismo sejam encarados, em todas as suas esferas e impactos, entre os autistas e seus familiares, para que a comoção do momento não se apague e as tragédias, tão frequentes, permaneçam ocorrendo.

Post 46 – Lucas Pontes – Comunidade do autismo e o suicídio



Fonte: [Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/) (2022)¹⁰⁷

¹⁰⁷ [Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). Comunidade do autismo e o suicídio. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ2nGkcJQeo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 fev.2022.

Ao final, Lucas tenta estabelecer ou retomar uma ordem conceitual, pois o suicídio entre autistas e seus familiares não decorrem do autismo em si, mas sim da estrutura de apoio (in)existente. Afinal “o autismo *NÃO* é o monstro. Não é ele quem mata ou causa sofrimento”.

Para concluir, o último relato desta constelação é de Naty Souza (post 47). Nele, ela fala sobre mutilação, autoagressão e emoções. Naty descreve que “*Lidar com as emoções não é nada fácil no autismo*” e que as “*frustrações, emoções, conflitos familiares, conflitos em relacionamentos são uma bomba relógio*”.

Post 47 – Naty Souza – Mutilação, autoagressão e emoções



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2020)¹⁰⁸

No texto, surge o testemunho da dor: “*a dor emocional é tão intensa que para aliviar eu me agrido e me mutilo. Talvez seja irracional, mas a dor física é a única que conheço e sei administrar. Então, transfiro toda dor emocional para uma dor física*”. Ela diz que o sofrimento é de toda a sua família e que todos tentavam entender o que ela sentia, por isso confessa: “*_Mamãe eu não consigo controlar*”.

Todos os detalhes contados por Naty são bastantes sensíveis. Em cada oração sou tocado pela dor do sofrimento que ela entrega, mesmo sem ter noção do que ela verdadeiramente sente. Tais sentimentos devem ser difíceis para ela expressar. Para mim, são complexos e delicados

¹⁰⁸ Instagram.com/meumundoautistaa/. Mutilação, autoagressão e emoções. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBtvraMJvd-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 21 jun.2020.

de se ler. Porém, são necessários e reveladores. Por isso, os acolho e respeito. Olho para a Naty e tento, afetivamente, transformar em mim o que ela pede. Também olho para o Davi. Volto meu pensamento à minha esposa Rafaella, a mãe do Davi, e rememoro tantas coisas. Eu os abraço, com respeito e gratidão.

Agora, após acompanhar os grupos de estrelas que iluminaram as reflexões sobre a produção de novas condições de reconhecibilidade para o modo de ser autista e sobre o julgamento moral dado às suas vidas, parto para a última constelação: “*a minha vida autista*”.

5. "A MINHA VIDA AUTISTA": A AUTONOMIA RELACIONAL

Temos que entender que nenhum ser humano é independente. [...] O que precisamos é criar indivíduos com autonomia que, apesar do grau de dependência, sejam autônomos em suas opiniões e direito de escolha.
Sophia Mendonça

Acompanhar as enunciações, as subjetividades das demandas autistas nas constelações “*eu sou autista*” e “*não pareço autista?*” me permitiu enxergar a existência de diferentes vulnerabilidades, expostas em situações específicas e que despontam na interação, de forma relacional. Trata-se então de um manifesto político dos sujeitos neurodivergentes a favor do autismo, das suas próprias vidas, dadas as injustiças e opressões vivenciadas em seu cotidiano. Em seus *posts* no *Instagram*, eles seguem agenciando, articulando e produzindo, pacientemente, modos de vida e discursos que resistem às opressões e violências naturalizadas.

Nestes agenciamentos, portanto, observo a produção de arranjos disposicionais e neles, pelo discurso, a criação, tematização, críticas e reflexões sobre as formações sociodiscursivas, as redes de afetividade e cuidado consigo e com os outros.

A neurodiversidade e os sujeitos neurodivergentes constituem um contexto. Ao observar que, neste contexto, as vulnerabilidades existem e estão relacionadas às expectativas desses sujeitos, suas demandas, discursos e arranjos, verificamos um exercício de dimensão política empregado nas páginas de redes sociais digitais e interacionais, como forma de gerar e encontrar suporte, em atitude de resistência. Estas vulnerabilidades inclusive variam entre os sujeitos, a partir dos lugares que ocupam e afetações com as quais convivem.

Encontrá-los e ouvi-los, afetivamente, é o que conduz esse processo cartográfico. A tentativa de compreender as suas demandas individuais e as que, intensamente, se unificam fazem brilhar o pleito coletivo também. É um encontro com o grupo. Tudo isso, atento à “sua reivindicação de justiça que altera e modifica o estatuto de vulnerabilidade de sujeitos e grupos” (MARQUES, 2018, p. 9).

Diante disso, esse último capítulo reflete a valorização da experiência sobre a vida autista e a discussão sobre a autonomia relacional desses sujeitos. Articulo a maneira como a autonomia e vulnerabilidade se conectam nesse contexto, formam seus arranjos comunicacionais autonômicos e brilham na constelação “*a minha vida autista*”.

5.1. CONSTELAÇÃO 3: ADULTOS, PROFISSÃO E RELAÇÕES

Abordar a maneira como a autonomia e vulnerabilidade se conectam não significa negar a existência das desigualdades de poder, nem mesmo definir que os sujeitos neurodivergentes sejam plenamente autônomos ou independentes. O que interessa é articular as vulnerabilidades presentes no que é agenciado e, portanto, pensar na interdependência existente entre a sua autonomia relacional e as vulnerabilidades que formam os enunciados autistas quando relatam as próprias vidas nas páginas do *Instagram*.

Por isso, as discussões das teóricas Butler (2015), Laugier (2016) e Ferrarese (2016) são precisas. Sendo a vulnerabilidade (BUTLER, 2015) parte de um processo que questiona as assimetrias e desigualdades, Marques (2018, p. 9) reforça que “a cada vez que uma vulnerabilidade é reconhecida e nomeada, esse reconhecimento possui a chance de alterar a significação e a estrutura da vulnerabilidade”.

No contexto autista, com a atuação e a partir das vozes dos seus sujeitos, surgem oportunidades para que, mesmo pequenas, ocorram modificações de estruturas que culminem na constituição da sua autonomia.

Por isso, a justiça (assim como a emancipação e a autonomia) são constituídas a cada dia, cotidianamente, em um trabalho fino e delicado de repetição, mas também de modificação das regras, dos enquadramentos e das condições de reconhecimento que definem a inteligibilidade dos corpos e dos modos de vida (MARQUES, 2018, p. 10).

É por isso que o que se coloca em conexão é a configuração das autonomias e vulnerabilidades desses sujeitos. Será que as vulnerabilidades seriam suficientemente detratoras da autonomia relacional dessas pessoas? Ferrarese (2016) expõe a diferença entre vulnerabilidade e fragilidade e alerta que, estar vulnerável, o que não é algo inerente, não significa ser definitivamente frágil, impotente de agenciamento, sem ação política ou incapaz. Defende que pensar a vulnerabilidade seja menos uma questão de fragilidade e mais de opacidade, pois é uma forma de governo das vidas sociais. Por isso, então, trata das vulnerabilidades, no plural, e considera que ninguém escapa de formas de dependência.

Por tais efeitos, em que medida os autistas seriam então vistos como vulneráveis, se reconhecem como tal e entendem a própria autonomia relacional? Ferrarese indica ainda que não se pode ignorar, em certos casos, a existência de redes de apoio que permitem maior ou menor autonomia aos sujeitos tomados como vulneráveis.

Nessa dimensão política e sobre as redes de apoio, Butler (2015, p. 46) explica que a vulnerabilidade:

[...] designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção.

Buscar reconhecer as vulnerabilidades e nomeá-las, como tem se mostrado o exercício do ativismo autista, quando são interlocutores em espaços de conflito e luta política, tenta reverter a opacidade, dinamizar os movimentos de valorização e visibilidade deste grupo e reduzir o contexto de violência e falta de proteção exposto por Butler e Ferrarese.

Apoiada em Ferrarese, Marques (2018, p. 13) explica que:

Faz parte desse imaginário, ou ficção de invulnerabilidade, o fato de que as leis, os enquadramentos midiáticos e sociais, as normas, os esquemas valorativos e avaliativos aos quais nos submetemos designam categorias de pessoas vulneráveis, definidas por sua suposta fragilidade física, sua condição precária quase que imutável e também por sua autonomia questionável ou falta de agência para decidir e fazer escolhas. As ciências sociais também contribuem para essa ficção ao produzir noções como risco, redefinindo a vulnerabilidade como uma zona de susceptibilidades a múltiplas causas, e ao aproximá-la a uma lógica de acumulação de deficiências sociais. A medicina trata demandas singulares a partir da categorização de tipos de corpos e as políticas sociais designam certas populações como alvo de proteções e medidas de cuidado e assim trabalham para criar essas populações.

Sendo assim, os enquadramentos, as normas e esquemas de valor definidos socialmente trazem implicações sobre as categorias de pessoas vulneráveis e ainda a respeito do seu potencial autônomo. Por isso a importância do olhar atento para o outro e para o cuidado, como uma resposta ética, garantidora concreta da continuidade da sociedade e da vida, que reconhece a dimensão da vulnerabilidade modulando a perspectiva do que é tido como justo, para que se possa notar o que é importante, como defende Laugier (2005).

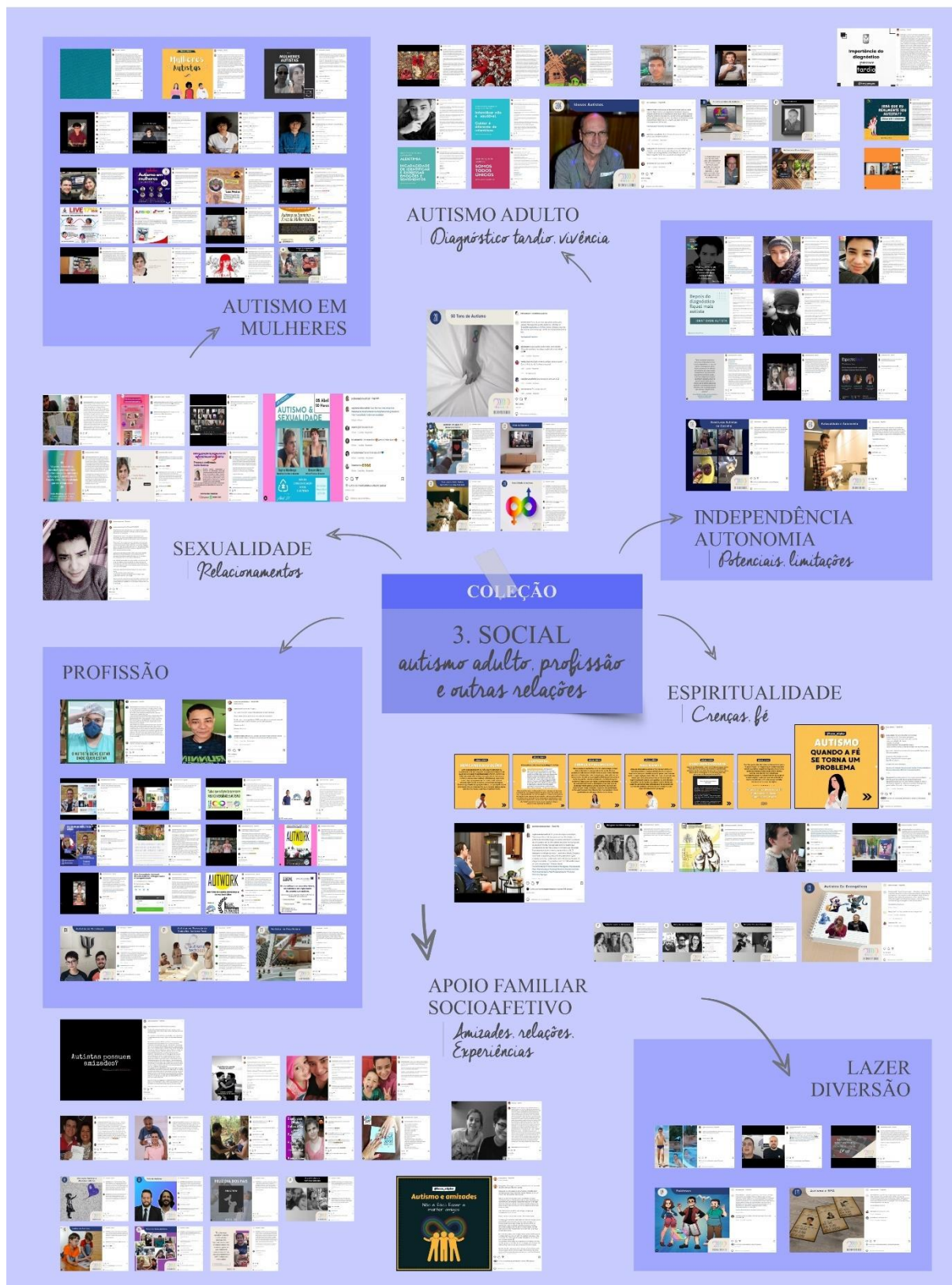
Laugier (2005) contribui com o entendimento de que, dada a importância da sensibilidade em cuidar do outro e perceber os seus detalhes, o que para este tem prioridade, existe um sentido de coletividade empregado. Trata-se de uma responsabilidade sobre o outro, de uma vulnerabilidade que passa a ser compartilhada tanto em instâncias domésticas, familiares, entre as redes socioafetivas, quanto pela responsabilidade fundamental do Estado em prover políticas públicas.

Daí vem a conexão que me esforço para estabelecer: as vulnerabilidades, quando compartilhadas, ampliam a noção e as condições de autonomia, que é relacional, e o reconhecimento dos modos de vida.

Por isso tais experiências são coletivas, vivenciadas em contexto, pois criam-se, então, redes de vulnerabilidades neurodivergentes pela interação. As vozes e corpos aparecem para que suas vidas e comportamentos característicos deixem de ser ilegíveis, seu modo de ser não

seja imperceptível ou dispensável e ainda para que, ao serem vistos e ouvidos, tenham a chance de receber uma resposta social respeitosa, inclusiva, responsável e reconhecida.

Figura 41 – Constelação de Postagens Social 3 – “A minha vida autista”: Autismo Adulto, Profissões e Relações



Na última constelação de postagens, denominada Social 3 “*A minha vida autista*” (figura 41), trago o último mapa de coleções e organizo as temáticas em: autismo adulto, autismo feminino, sexualidade, profissão, família, espiritualidade e lazer. Como eixo operador de análise, recorro à autonomia relacional, à valorização da experiência e à maneira como a autonomia e vulnerabilidade se conectam.

Quadro 19 – Coleção Social 3 – Constelação “*A minha vida autista*”: autismo adulto, profissão e outras relações

COLEÇÕES	SUBCOLEÇÕES	QTD. COL.	QTD. ANAL.	%
SOCIAL 3 – CONSTELAÇÃO “ <i>A MINHA VIDA AUTISTA</i> ”: AUTISMO ADULTO, PROFISSÃO E OUTRAS RELAÇÕES	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	17	5	29%
	AUTISMO EM MULHERES	19	4	21%
	SEXUALIDADE (relacionamento)	14	3	21%
	PROFISSÃO	17	4	24%
	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	19	6	32%
	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	11	2	18%
	LAZER / DIVERSÃO (geral)	6	1	17%
	AUTONOMIA (independência, potenciais, limitações)	10	5	50%
		113	30	27%

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Neste terceiro agrupamento de publicações com cunho social, a constelação cujos aspectos temáticos envolvem o “autismo adulto, profissão e outras relações” reúne 113 (20%) das 574 publicações colecionadas. O quadro 19 indica o desdobramento temático em subcoleções e seu quantitativo. As publicações trazidas neste capítulo ilustram e atuam, portanto, como amostras destas recorrências que indicam recursos utilizados como marcadores da temática. Nesta constelação, das 113 publicações colecionadas, 30 postagens foram analisadas, o que representa 27%.

Nas coleções temáticas próximas, estão os *posts* e enunciações de autistas que autonomamente unem-se ne constelação “*a minha vida autista*”.

5.1.1. Autismo adulto, autismo feminino e sexualidade

*Se uma pessoa ficou anos sem diagnóstico,
por que procurar por um na vida adulta?
Para se conhecer e entender suas dificuldades,
saber que a sua forma de ser tem uma
explicação...*
Kmylla Borges

Ancorados em Foucault, Marques et al. (2022, p. 26) indicam que capacidade de autotransformação do sujeito define ainda a sua condição para a autonomia. Ao observarmos o cotidiano e os detalhes presentes nos modos de vida autistas e nas suas agências, aqui mais precisamente dos adultos neurodivergentes, é que poderemos compreender as possíveis transformações.

Por isso retomo a importância do cuidado de si e das relações complexas com os outros, definidas por (FOUCAULT, 2014, p.271):

O cuidado de si é ético em si mesmo, porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse ethos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros. [...] Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si.

A relação que interliga sujeitos tem reflexos diversos, incluindo a autodescoberta enquanto autista, envolve o cuidado consigo mesmo e com os outros, pela partilha dos processos individuais vivenciados nas redes sociais digitais.

No vídeo publicado pelo estudante de Engenharia de Computação João Victor Ipirajá (post 48), o jovem líder do *Google Developer Students* relata sobre o seu próprio diagnóstico, tardio e das dificuldades e sacrifícios enfrentados por ele e sua família antes até que soubesse que era autista: “*passsei muito tempo sem saber que eu era autista*” e achava “*que eu era uma pessoa problemática*”. Ele explica que, com o diagnóstico, passou a se compreender, recebeu orientações, estímulos adequados para o desenvolvimento de suas habilidades e o acompanhamento profissional direcionado.

João diz ter passado muito tempo da sua vida reprimindo suas características (“*eu tive que suprimir as minhas características e forçar alguns comportamentos*”), mas sabia que não poderia mudar quem realmente é (“*mas não dá pra mudar o que realmente você é*”). Relata ainda que, após o diagnóstico, seus receios em relação à sociedade diminuíram, pois antes

achava que o viam como uma “*pessoa louca*”. Ao iniciar sua exposição nas redes, mas ainda com receio da rejeição, o seu primeiro vídeo feito foi sobre o próprio diagnóstico, em Inglês. No entanto, com a repercussão positiva do vídeo, João se encorajou a se engajar no ativismo autista, entendeu que poderia se arriscar, participar de eventos, *lives*, entrevistas e outras oportunidades de representar a causa. Comenta ainda que recebeu cuidado e o impulso para que fosse um sujeito atuante na comunidade ativista, vindos da Dra. Fátima Dourado, e afirma ter sido muito bem recebido pelos grupos Neurodivergentes e Abraça.

Post 48 – João Victor Ipirajá – Provocações, diagnóstico tardio e superação



Fonte: Instagram.com/joaoipiraja/ (2021)¹⁰⁹

João encerra o relato dizendo que entende que a sua missão é contribuir para alterar o panorama autista atual pois espera que haja mais aperfeiçoamento nos diagnósticos, acompanhamento e direcionamentos oferecidos aos autistas, para amenizar o processo difícil e tortuoso que, junto de sua família, vivenciou. O ativista fala que quer cuidar dos outros, contribuir com as pessoas para que não mais se sintam forçadas a parecer típicas, para que possam tirar as suas máscaras, pois não precisam passar por isso.

¹⁰⁹ Instagram.com/joaoipiraja/. Provocações, diagnóstico tardio e superação. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CNzZE7DBDPv/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 abr.2021.

Nesse sentido, a psicóloga Kmylla Borges (*post 49*) também destaca a importância do diagnóstico tardio, tanto quando ao precoce. No entanto, ainda muito pouco se fala sobre o primeiro. Por isso, relata o sofrimento de pessoas que *“passam anos se questionando, se perguntando por que se sentem e se comportam de tal forma, percebem suas dificuldades, mas ainda não compreendem, não se entendem. Imitam comportamentos de outras pessoas sem entender o porquê, mas por imaginar ser o ‘certo’”*. Kmylla demonstra que a falta de diagnóstico resulta em opressão e sensação de inadequação.

Não saber de si, sobre si ou não compreender que o seu modo de existência também é o de outras pessoas, que não se está sozinho, é um problema que afeta a autoconfiança e autonomia. O diagnóstico tardio, portanto, é tão fundamental quanto o precoce, inclusive para reduzir agravamentos ou problemas que resultem da falta dele, como Kmylla expõe: *“pode ocorrer o uso abusivo de substâncias químicas, já que o álcool, e o ‘beber social’, podem ocasionar um contexto mais relaxante, e a pessoa achar que após beber pode ficar mais ‘solta’”*.



Fonte: Instagram.com/kmylla.borges/ (2022)¹¹⁰

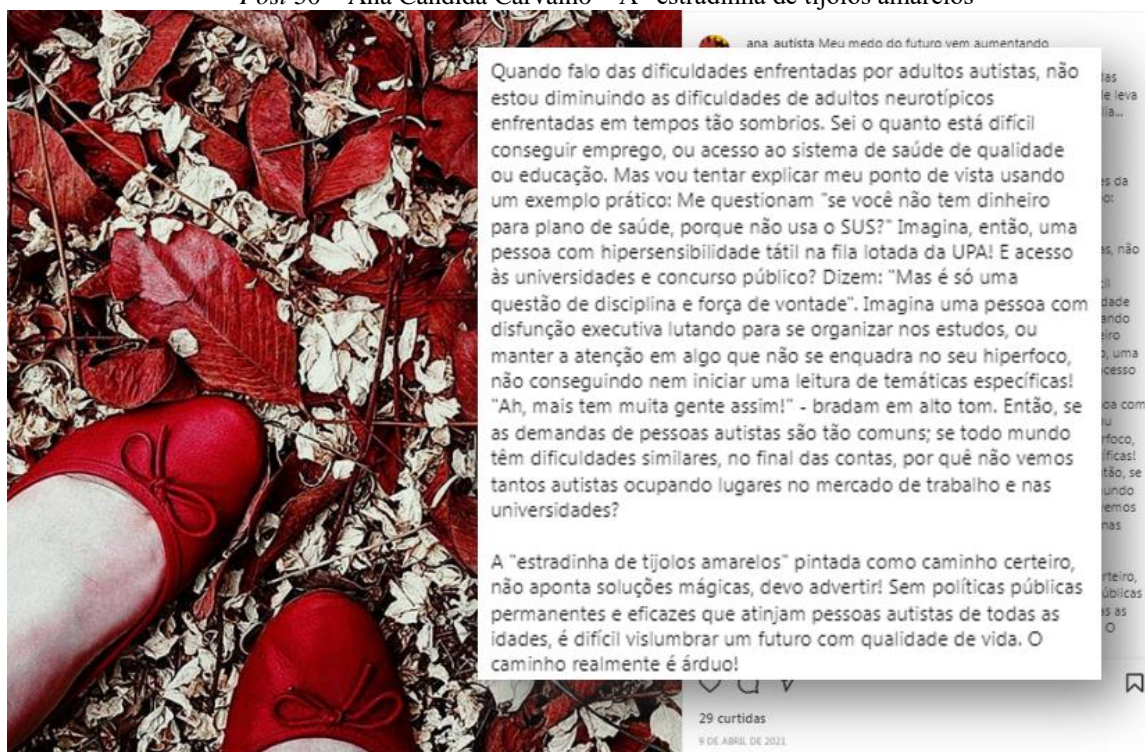
Explica, para encerrar a sua publicação, a razão que justifica a busca por diagnóstico tardio, na vida adulta: *“Para se conhecer e entender suas dificuldades, saber que a sua forma*

¹¹⁰ Instagram.com/kmylla.borges/. Importância do diagnóstico tardio. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZXq8u9JGLK/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 jan.2022.

de ser tem uma explicação, aprender sobre estratégias para lidar com as dificuldades e desafios, e compreender seus limites”.

No entanto, mesmo com o diagnóstico, a vida adulta autista traz receios e insegurança. A fotógrafa, escritora e psicóloga Ana Cândida (*post 50*) relata que o seu “*medo do futuro vem aumentando vertiginosamente. A perspectiva de um porvir sem recursos financeiros suficientes para manutenção das minhas demandas econômicas me deixa desesperada*”.

Post 50 – Ana Cândida Carvalho – A “estradinha de tijolos amarelos”



Fonte: [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/) (2021)¹¹¹

A fotógrafa afirma que as suas “*demandas de suporte/apoio não são diminutas*” e, por isso, “*urge falar sobre adultos e idosos autistas. Atenção: crescemos!*”. Expõe, então, a falta de recursos, de apoio e de políticas públicas que oportunizem acesso e uma atuação mais autônoma dos autistas na sociedade. Aqui se evidencia a noção das vulnerabilidades que são compartilhadas e as condições de autonomia que podem ser redefinidas para os sujeitos.

Ao ter seus desafios de vida comparados aos das pessoas típicas, o que é frequente, Ana explica: “*imagina uma pessoa com disfunção executiva lutando para se organizar nos estudos, ou manter a atenção em algo que não se enquadra no seu hiperfoco, não conseguindo nem*

¹¹¹ [Instagram.com/ana_autista/](https://www.instagram.com/ana_autista/). A “estradinha de tijolos amarelos”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNbn5zNlcGB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 9 abr.2021.

iniciar uma leitura de temáticas específicas!”. E ao ouvir que “*tem muita gente assim*”, ela rebate: “*se as demandas de pessoas autistas são tão comuns; se todo mundo tem dificuldades similares, no final das contas, por que não vemos tantos autistas ocupando lugares no mercado de trabalho e nas universidades?”*

Para destacar a existência de autistas adultos e reduzir a sua invisibilidade, a ativista, palestrante e escritora Naty (post 51) afirma que o “*Autismo não termina na adolescência. Autismo é para a vida toda*”. No entanto, a jovem retoma a importância de se desenvolver a autonomia desses sujeitos quando se oferece a sua vida como testemunho: “*Eu tenho 34 anos, não concluí curso técnico, não consegui entrar faculdade e nunca tive um emprego. Isso é, a perspectiva de vida de autista adulto pode ser deprimente*”.

Post 51 – Naty Souza – Autismo é para a vida toda

Fonte: [Instagram.com/meumundoautistaa/](https://www.instagram.com/meumundoautistaa/) (2021)¹¹²

Mesmo com todo o seu potencial empreendido no ativismo, com a produção de conteúdo que desenvolve e tantas habilidades que reserva a si, este trecho destaca a falta de estrutura e acessibilidade para o exercício da sua autonomia relacional: “*precisamos de mais apoio na vida adulta, inclusão acontecendo nas faculdades, mercado de trabalho e tratamento para termos*

¹¹² [Instagram.com/meumundoautistaa/](https://www.instagram.com/meumundoautistaa/). Autismo é para a vida toda. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWFLL6LMICf/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 10 nov.2021.

uma vida adulta com mais possibilidades de estabilidade emocional, psicológica, oportunidade de subsistência, acessibilidade e autonomia”.

No *Introvertendo*, o jornalista, escritor e *podcaster* Tiago Abreu (figura 42) reúne autistas e comentam a temática sobre a vida adulta e autonomia com os episódios: “*autistas no volante*”, “*autodiagnóstico de autismo*”, “*sedentarismo*”, “*idosos autistas*”, “*autismo e os povos indígenas*”, ampliando a pluralidade de abordagens neurodivergentes existentes e que devem ser difundidas.

Figura 42 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autismo adulto como tema dos episódios do *podcast Introvertendo*



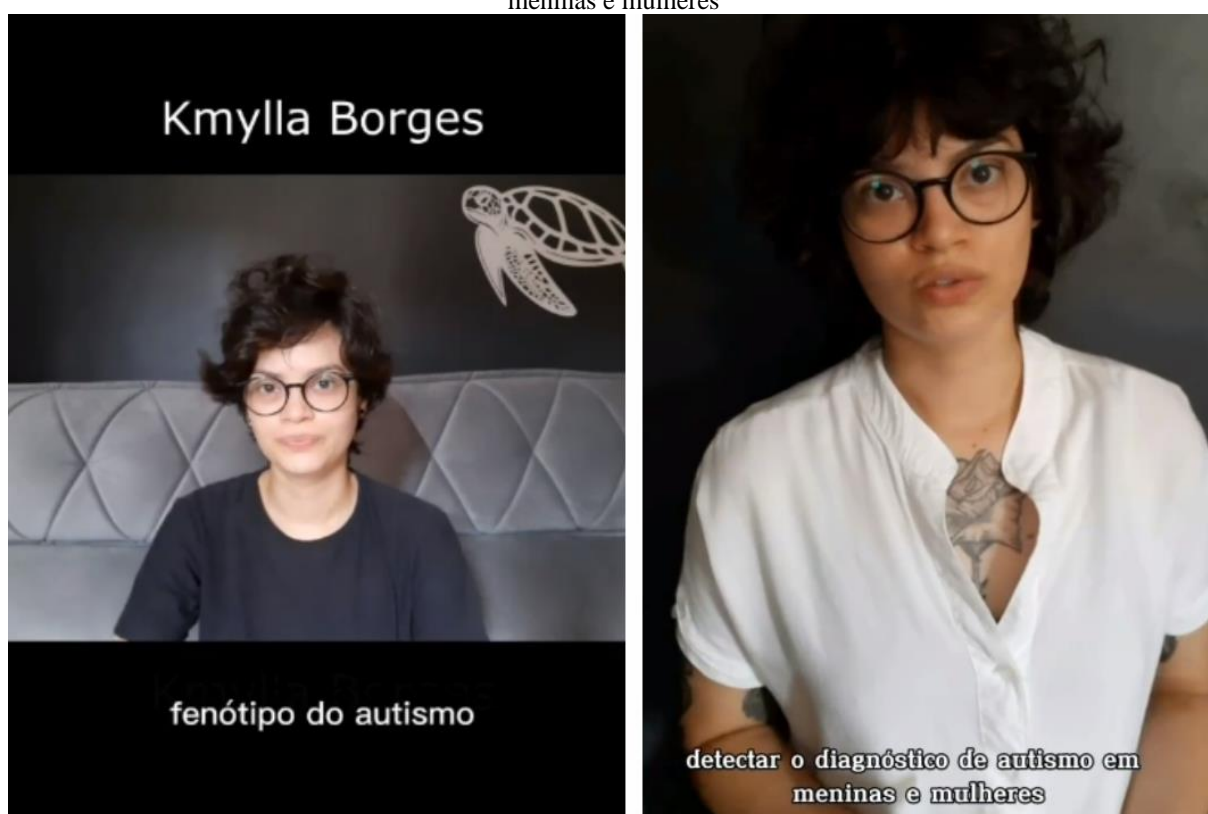
Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020-2021)¹¹³

A multiplicidade de abordagens sobre o autismo na vida adulta também alcança as relações com o feminino. A falta de critérios diagnósticos para o TEA em meninas e mulheres e a ampliação do fenótipo do autismo (FAA), são assuntos abordados pela psicóloga Kmylla Borges (figura 43). Em seus vídeos no *Instagram*, a psicóloga relata que há características do autismo em mulheres que não se encaixam nas conceitualizações existentes sobre o TEA, pois

¹¹³ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autismo adulto como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 11 dez.2020 e 8 abr.2022.

não foram contemplados nos critérios diagnósticos, o que demanda a ampliação do fenótipo. Explica ainda que outras complexidades também não foram observadas, como as diferenças de gênero, visto que as testagens usavam parâmetros masculinos. Assim, define que o desafio é “*construir uma medida de avaliação que avalie os critérios do autismo em pessoas, não necessariamente com diferenciações entre homens e mulheres*”.

Figura 43 – Kmylla Borges – Sequência de postagens do perfil @kmylla.borges – Diagnóstico do autismo em meninas e mulheres



Fonte: Instagram.com/kmylla.borges/ (2022)¹¹⁴

Nos vídeos, para tratar da complexidade e das singularidades do autismo em mulheres, Kmylla recorre a relatos de outras autistas (pertencentes a um estudo não especificado), que reforçam, de modo coletivo, o seu pleito. Ela observa que, como as mulheres não são percebidas como diferentes, “*elas costumam se desculpar a todo momento para serem aceitas*”, e “*são forçadas a fazer coisas que não gostariam, para se sentirem aceitas e terem o carinho das pessoas*”, o que aplica também ao contexto sexual. Alguns dos relatos de mulheres autistas, a respeito do ato sexual, trazidos Kmylla, expõe: “*quase me sinto pressionada pela sociedade*

¹¹⁴ Instagram.com/kmylla.borges/. Sequência de postagens do perfil @kmylla.borges – Diagnóstico do autismo em meninas e mulheres (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/kmylla.borges/>. Conteúdo publicado nos dias 28 mar.2022 e 24 abr.2022.

para fazer isso. Porque você fica sabendo que é isso que se espera de você para ser uma boa namorada. E você pensa, se eu não fizer isso, eu não estou cumprindo os meus deveres”; e ainda que “há um potencial muito grande para você copiar o comportamento de flerte de um cara sem perceber que isso é o que você está fazendo”.

Estes detalhes do modo de vida de mulheres autistas, suas vulnerabilidades, precisam ser observados e cuidados. A psicóloga destaca que há dificuldades por parte das autistas em compreender as regras sociais, o que impacta na sua autonomia e escolhas, inclusive para negar aquilo que as oprime ou não desejam. Por isso, Kmylla reforça que faz muita diferença receberem o diagnóstico de autismo para as mulheres, mesmo tendo sido por anos despercebido, pois a partir disso *“elas passaram a entender e explicar certos comportamentos e, em algumas situações sociais, perguntarem sobre as regras e as recusarem”*, e ainda *“perceberem que elas não precisam fazer mais o que faziam antes, sem querer fazer”*, reflexos ainda das expectativas culturais e estruturais que são direcionadas às mulheres pelos enquadramentos e normas tradicionais definidas ao gênero.

A jornalista, escritora e mestra em comunicação Sophia Mendonça, uma mulher transgênero, autista e ativista, intersecciona muitos desses papéis. Desse lugar, com sensibilidade e abertura, produz um texto testemunhal que intitulou: *“a mulher autista é o outro do outro”* (figura 44). O carrossel com os trechos do seu texto (integralmente publicado no Canal Autismo¹¹⁵) foi também postado no seu perfil do *Instagram*.

Para explicar a reflexão que motivou a produção do texto, a jornalista traça um paralelo entre os traços autistas da sua bisavó (não diagnosticada), sua fobia social, as relações com o marido e o fato dela demonstrar *“certo pesar”* com o nascimento de uma menina na família. O motivo, expõe Sophia era que a bisavó *“considerava que meninas sofriam muito mais do que meninos”*. A escritora conta que *“são muitas as mulheres com o diagnóstico ou suspeita de TEA”* na sua família, apesar dos estudos indicarem maior prevalência entre os homens (fato que dialoga com a demanda anterior, de Kmylla, sobre a necessidade de ampliação dos critérios diagnósticos, ainda pautados majoritariamente em características masculinas). Por isso Sophia relaciona o contexto à perspectiva similar da filósofa Simone de Beauvoir, que *“pondera que as mulheres são ‘o outro’. Ou seja, um ‘segundo sexo’ que só existe na comparação com aquele que é considerado o principal.”*

¹¹⁵ O texto *“A mulher autista é o outro do outro”*, de Sophia Mendonça (2021), está disponível em <https://www.canalautismo.com.br/artigos/a-mulher-autista-e-o-outro-do-outro/#:~:text=Mulher%20autista%2C%20o%20outro%20do%20outro&text=Como%20a%20nega%C3%A7%C3%A3o%20da%20possibilidade.com%20TEA%20apresentam%20vida%20funcional>. Acesso em 2 jan. 2023.

Figura 44 – Sophia Mendonça – Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A mulher autista é o outro do outro



A mulher autista é o outro do outro.

Quero explicar minha reflexão sobre: a mulher autista é o outro do outro. Para isso, vou contar uma pequena história sobre minha bisavó. Ela apresentava fortes traços autistas. Faleceu em 2008, mesmo ano de meu diagnóstico. Vovó Glória teve de lidar com a fobia social. Assim, ela se escondida sempre que chegavam visitas em sua casa. Mesmo que fossem da família.

—Sophia Mendonça
@mundo.autista

Além disso, a Vovó Glória não comemorava a gravidez na família. Quando nascia uma menina, ela demonstrava pesar. Afinal, considerava as meninas mais sofridas que meninos. Entretanto, ela possibilitou as mesmas oportunidades de estudos para todos os nove filhos. Homens e mulheres.

> Certamente, mulher de opinião é traço marcante na família. Mas não porque os homens sejam ou tenham sido mais "apagados". Eles, também, têm personalidade forte. A trajetória da vida, de cada um, é motivo de orgulho. As características das mulheres, contudo, provocaram impacto mais expressivo na família.

Embora os estudos apontem uma maior prevalência de homens autistas, esse mito está, aos poucos, caindo por terra. A proporção que já foi de 10 meninos para cada menina, agora é de 3 homens para cada mulher.

A maioria das mulheres com quadros sutis de autismo, demoram para ser diagnosticadas. O diagnóstico tardio vem somente na fase adulta, diante de uma situação catastrófica (Livro "Asperger no Feminino"). Certamente, o autismo no feminino manifesta nuances e sutilezas. Dessa forma, é grande a diferença entre a vivência e a percepção de homens e de mulheres autistas. Ainda que, os critérios diagnósticos sejam os mesmos para ambos os sexos.

—Sophia Mendonça
@mundo.autista

O psicólogo e pesquisador Tony Attwood explica que mulheres e meninas tendem a disfarçar as características da síndrome. Fazem isso com mais facilidade que os homens. Mas outros fatores influenciam no subdiagnóstico. Portanto, a investigação deve ir além das dificuldades de Comunicação Social.

> Afinal, há pouco estudo histórico científico sobre o autismo na mulher. Além disso, muitos médicos hesitam em fechar o laudo para quem não apresenta atrasos mais evidentes. [...]

Portanto, a mulher autista é marginalizada de muitas formas. Quer dizer que muitas não têm a chance de acesso à sua real identidade. Para muitos médicos, essas mulheres apresentam vida funcional. Isso ocorre pela capacidade de adaptação feminina.

Assim, o médico conclui que se elas viverem uma vida aparentemente "comum", o laudo é dispensável. Mas onde está a legitimidade dessa afirmativa?

Falta, ainda, a compreensão de como as características do autismo atravessam o 'ser mulher'. No Brasil e no mundo. Por exemplo,

como as mulheres autistas se protegem da violência psicológica? Ou mesmo do assédio sexual? Por causa das dificuldades para ler as entrelinhas das relações sociais. De forma que, 90% das mulheres com deficiência foram vítimas de abuso.

> Aos poucos, avançamos na percepção do autismo no feminino. Agora, o próximo passo será compreender como as dinâmicas sociais afetam as experiências de mulheres autistas.

Dessa forma, é preciso que a sociedade construa um olhar social. Para enxergar a mulher autista. Precisamos resgatar seres humanos de valor. Mas que se tornaram invisíveis para a sociedade

—Sophia Mendonça
@mundo.autista

Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2021)¹¹⁶

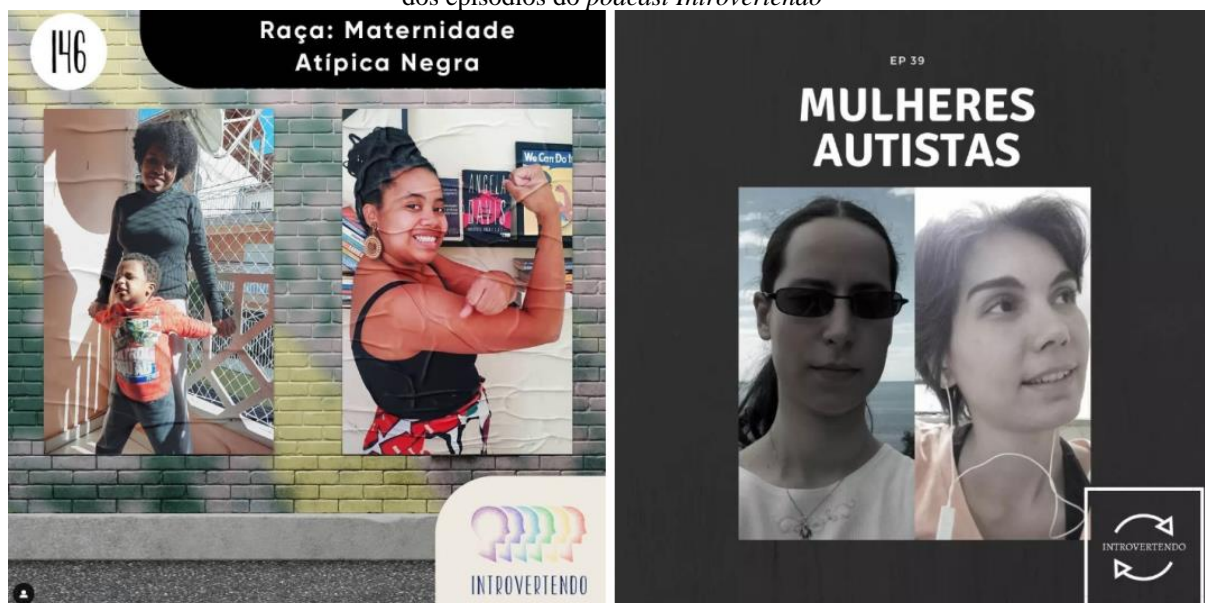
¹¹⁶ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A mulher autista é o outro do outro (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CXMqwRSFXzo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 dez.2021.

O núcleo da abordagem do seu texto, então, defende que “*a mulher autista sofre várias marginalizações. Como a negação da possibilidade do diagnóstico, direito mais básico da pessoa autista. Ou seja, muitas de nós não tem a chance de ter acesso à real identidade.*” Há ainda um próximo agente de invisibilização: “*existem profissionais que utilizam como argumento que muitas mulheres com TEA apresentam vida funcional*”. Daí decorre a sua teoria sobre a mulher autista ser “*o outro do outro*”.

Diante dela, Sophia faz um apelo que reflete as relações de vulnerabilidade e autonomia, aqui analisados: “*é preciso nos abrir para um olhar social sobre o que é ser uma mulher autista. Assim, vamos resgatar seres humanos de valor que se tornaram invisíveis para a sociedade*”.

Tiago Abreu e os apresentadores autistas do Introvertendo também dedicaram episódios sobre as mulheres autistas e suas intersecções no podcast (figura 45).

Figura 45 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Mulheres autistas como temas dos episódios do podcast *Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020; 2022)¹¹⁷

A sexualidade retorna ao espaço de análise dada a sua recorrência ente as temáticas enunciadas pelos neurodivergentes. Naty (*post 52*) traz reflexão sobre o preconceito e a invisibilidade da sexualidade da pessoa com deficiência e atribui isso inclusive ao tabu e às distorções que ainda são sustentadas a esse respeito. Por isso, explica que “*a sexualidade está*

¹¹⁷ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Mulheres autistas como temas dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado nos dias 18 nov.2020 e 8 mar.2022.

“muito além do sexo”, está em “tudo que envolve o que pensamos, sentimos e nossas ações e interações”, mas que ainda são questões invisíveis, inclusive nas suas relações familiares. Diz que o que as pessoas com deficiência “sentem, pensam e até seus desejos e vontades são ignorados e devem ser reprimidos”.

Post 52 – Naty Souza – Somos livres para amar?



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)¹¹⁸

Para acompanhar o seu texto, a publicação de Naty segue acompanhada de uma imagem de um casal com traços da Síndrome de *Down*, o que demonstra a sua abordagem dedicada ao cuidado coletivo, para além do autismo, na tentativa de alcançar um espaço de liberdade para que se possa expressar o que se sente, pensa e vive. No entanto, sobre o cuidado, atenta-se para um risco capacitista: *“Devemos saber diferenciar o ‘cuidado’ do preconceito. Caso contrário vamos achar que estamos ‘cuidando’ quando na verdade estamos apenas intensificando o preconceito que temos sobre pessoas com deficiência”.*

A temática é tão necessária, que Sophia Mendonça foi convidada e marcou presença como professora da Especialização em Sexualidades no Espectro Autista (CEASTE), um curso regulamentado pelo MEC (Ministério da Educação) e promovido pelo Inpases (Instituto Paulista de Sexualidades).

¹¹⁸ Instagram.com/meumundoautistaa/. Somos livres para amar?. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFnPLfV18Mw/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 set.2020.

Post 53 – Sophia Mendonça – Especialização em sexualidades no espectro autista

ESPECIALIZAÇÃO EM SEXUALIDADES NO ESPECTRO AUTISTA CESTEIA

Presença confirmada: Sophia Mendonça

 Jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais. Foi diagnosticada autista aos 11 anos de idade, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI e o canal do YouTube "Mundo Autista" desde 2015.

Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades da Universidade Federal de Minas Gerais (Afetos/UFMG).

Informações e inscrições

 @inpasex  11981812388

sophiamendoncaoficial e mundo.autista

sophiamendoncaoficial Serei, com muita alegria, professora da Especialização em Sexualidades no Espectro Autista (CEASTEIA). O curso é regulamentado pelo MEC - Ministério da Educação e promovido pelo Inpasex, o "Instituto Paulista de Sexualidades". Haverá especialistas nos assuntos e, claro, profissionais autistas com notável experiência acadêmica e bagagens enriquecedoras.

As aulas estão sendo preparadas com muito carinho. Estou orgulhosa por fazer parte desse time. As informações e inscrições podem ser feitas pelo whatsapp (11) 981812388.

As vagas são limitadas. Vem!!!

#mundoautista #inpasex #sexualidadenoautismo #sexualidades #autismoesexualidade #autismo #autista #autismoeadolescência #autismoevidaadulta #mundoautista #sophiamendonça #pósemta

Editado · 18 sem

arquitectura_saudavel @sophiamendoncaoficial Estou

Curtido por autiesincero e outras 85 pessoas

JANEIRO 11

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2022)¹¹⁹

Enfim, como tem ocorrido em cada coleção apresentada nesta pesquisa, há sempre episódios do *podcast* de Tiago Abreu que, no seu formato e junto de diferentes sujeitos neurodivergentes, complexificam, debatem e discorrem sob as nuances dos temas. A sexualidade, pelas perspectivas de valor dos autistas, rendeu alguns programas.

O episódio “*Autistas em Apps de Relacionamento*” abordou como sujeitos autistas, de diferentes orientações sexuais, interagem pelos aplicativos de relacionamento. Em “*Amor no Espectro*”, debateram sobre este documentário, que ao mesmo tempo é um *reality-show*, e como nele os autistas são representados. Na temática “*Sexualidade no Autismo*”, abriram debates sobre como lidar com essas questões na prática clínica, os atuais entendimentos sobre sexualidade e identidade de gênero destes sujeitos, suas dificuldades nos relacionamentos, além de formas de abordagem do assunto com crianças no espectro. Houve também a conversa “*50 Tons do Autismo*”, em analogia ao romance britânico mais vendido, o *best-seller* “*Cinquenta Tons de Cinza*”. Enfim, trouxeram para arena a discussão que intitularam “*Precisamos falar sobre autistas que não transam*”, com outras subjetividades.

¹¹⁹ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). Especialização em sexualidades no espectro autista. Disponível em https://www.instagram.com/p/CYmAGDLMD0Q/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 jan.2022.

Figura 46 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Sexualidade no autismo como tema dos episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020 - 2022)¹²⁰

As reflexões deste capítulo se situam sob o eixo operador de análise que conecta as vulnerabilidades e autonomia relacional. A constelação “a minha vida autista”, portanto, está dedicada ao autismo adulto. Após esta coleção que enunciou o diagnóstico tardio, o autismo em mulheres e sobre sexualidades, direciono-me para o próximo campo de abordagem: a profissão, as relações familiares, com a espiritualidade e o lazer.

¹²⁰ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Sexualidade no autismo como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 12 jun.2020 e 6 mai.2022.

5.1.2. Profissão, família, espiritualidade e lazer

*É verdade que todo autista...?
Não, não é verdade.
Amanda Paschoal*

As leis criadas para aumentar a participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, como a Lei de Cotas para PcDs (criada em 1991) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), estabelecem diretrizes sobre o percentual de cotas, o acesso aos ambientes, capacitação e outras normas que visam a inclusão.

No entanto, mais do que cumprir cotas previstas em leis e segregar as pessoas com deficiência, há um caminho importante a ser percorrido até que estes sujeitos, que devem exercer funções relevantes tanto quanto os demais colaboradores das empresas, sejam reconhecidos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022, com dados de 2019) mostram que 7 em cada 10 pessoas com deficiência estão fora do mercado de trabalho e que o salário médio dessa população é R\$ 1 mil menor em relação aos demais trabalhadores (G1, 2022).

As leis, que descrevem um cenário ideal, capaz de abrir as portas no mercado de trabalho para pessoa com deficiência em diferentes instâncias da sociedade, ainda são vistas como obrigações e se traduzem em oportunidades cujas vagas inclusivas são de baixa qualidade, e segregadoras. O portal Catho (2021) expõe que isso ocorre porque há falta de recursos materiais ou humanos para se adaptar às necessidades das pessoas com deficiência; faltam investimentos em acessibilidade estrutural e funcional; as empresas carecem de processos de seleção e recrutamento que sejam ampliados e otimizados para este público. É necessário estabelecer formas de acompanhar a integração e inclusão das pessoas com deficiência, com foco no seu desenvolvimento e bem-estar; elaborar planos justos para equidade salarial; desenvolver campanhas de conscientização; e promover capacitações adequadas aos colaboradores para que se amplie a cultura empresarial de modo a abrigar as práticas inclusivas. Associado ao longo conjunto de necessidades, há ainda o capacitismo e os aspectos presentes no imaginário social que associam a deficiência à incapacidade, separando estes sujeitos dos demais e reduzindo o seu potencial autônomo e relacional.

Este cenário se reflete também nos discursos dos sujeitos autistas em suas publicações no *Instagram*, que buscam oportunidades para se desempenharem no mundo do trabalho e demandam, para isso, o reconhecimento do seu modo de vida.

Post 54 – Sophia Mendonça – Inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho

LIVE 17 MAR 19 H
CICLO DE PALESTRAS

INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS NO MERCADO DE TRABALHO

Fábio Sousa (Tio Faso)
Bonequeiro e pai do Gustavo. Autista, ativista, palestrante, consultor PCD, designer de personagens, bacharel em design e diva barbada no .marcamaria e fundador da página sobre autismo "Se eu falar não sai direito"

Selma Sueli Silva
Jornalista, radialista, youtuber, escritora, relações públicas e pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial. Foi diagnosticada com TEA em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" e o Canal "Mundo Autista", no YouTube, ao lado da filha Sophia Mendonça.

Naty Souza
Ativista autista, escritora, palestrante e influenciadora Digital. Cofundadora do Vozes do Autismo e membro do conselho dos autistas pela Reunida.

Profª Rosi Prado
Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e licenciada em Psicologia. Trabalha na Coordenadoria de Acessibilidade da UFPA, é professora da especialização em TEA-TDIC-UFT e membro da ONG Amora e da ANEI Brasil.

<http://youtube.com/c/projetoten-tadic>

IPEX REGIONAL

UFPA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

sophiamendoncaoficial • Seguindo

sophiamendoncaoficial Reposted from @mundo.autista Amanhã, 17 de Março, as 20h, Selma Sueli Silva irá participar de um papo sobre autismo e mercado de trabalho, junto com os também autistas adultos Tio Faso e Naty Souza. A live será transmitida pelo canal do YouTube do Projeto TEA-TDIC da Universidade Federal do Tocantins e terá mediação da professora Rosi Prado. Este ano, Selma dirigiu o documentário "Autwork", ao lado da filha, Sophia Mendonça, que investiga a inclusão de autistas no mercado de trabalho.

#selmasuelisilva #sophiamendonca #sophiamendonca #mundoautista #autismo #mercadodetrabalho #inclusão

61 sem

Curtido por mundo.autista e outras 22 pessoas

MARÇO 16, 2021

Adicione um comentário...

Publica

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)¹²¹

Nesse contexto, Sophia Mendonça (*post 54*) e outros autistas ativistas como o Fábio Sousa, Naty Souza e Selma Silva, participam de uma iniciativa que, no formato de ciclo de palestras virtuais, debatem sobre a inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho.

A urgência de ampliar a visibilidade do Espectro e da pessoa autista, facilitando o surgimento de novas oportunidades de trabalho, mais acolhedoras, e a redução do preconceito, motivaram Sophia Mendonça e a sua mãe Selma Sueli Silva, também autista, a produzirem e dirigirem o curta-metragem documental *AutWork – Autistas no Mercado de Trabalho*¹²² (*post 55*). A obra, que investiga a inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho, conta histórias e amplia o repertório sobre o tema que, segundo as produtoras, são pouco ou nada discutidos.

¹²¹ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMe9I24FZJ5/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 mar.2021.

¹²² O Mundo Autista e Canal Autismo disponibilizam o *teaser* e a íntegra do curta-metragem documental *AutWork – Autistas no Mercado de Trabalho*. Produzido pelo “Mundo Autista” e dirigido por Sophia Mendonça & Selma Sueli Silva, mãe e filha diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), foi classificado para a seleção oficial do festival “List-Off Global Network: First-Time Filmmaker Sessions” e concorreu na categoria Melhor Curta-Metragem. Disponível no Canal Mundo Autista <<https://www.youtube.com/watch?v=HCOzijtMDvY>> e também no Canal Autismo <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/dirigido-por-sophia-mendonca-selma-sueli-silva-documentario-autwork-e-selecionado-para-festival-no-reino-unido/>>. Acesso em 13 jan. 2023.

Post 55 – Sophia Mendonça – Documentário AutWork

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)¹²³

Sobre o assunto, encontrei apenas um indício específico sobre a divulgação de vagas de trabalho e programa de capacitação profissional direcionado às pessoas autistas, promovido por empresas. Trata-se da iniciativa da Specialisterne para atuação na IBM, com a área tecnológica.

Post 56 – Sophia Mendonça – Capacitação profissional de pessoas autistas e atuação na IBM

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)¹²⁴

¹²³ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Documentário Autwork. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMAIONfIQvo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 4 mar.2021.

¹²⁴ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Capacitação profissional de pessoas autistas e atuação na IBM. Disponível em https://www.instagram.com/p/CT25IGGjNm/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 set.2021.

As profissões seguem em discussão no *Introvertendo* (figura 47) e a sequência de postagens sobre autistas no mercado de trabalho deu luz à diferentes formas de atuação: “*Autismo no Mercado de Trabalho: Autismo Tech*”, “*Autistas na Psicologia*”, “*Autistas na Arquitetura*”.

Figura 47 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autistas no mercado de trabalho como tema dos episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020 - 2021)¹²⁵

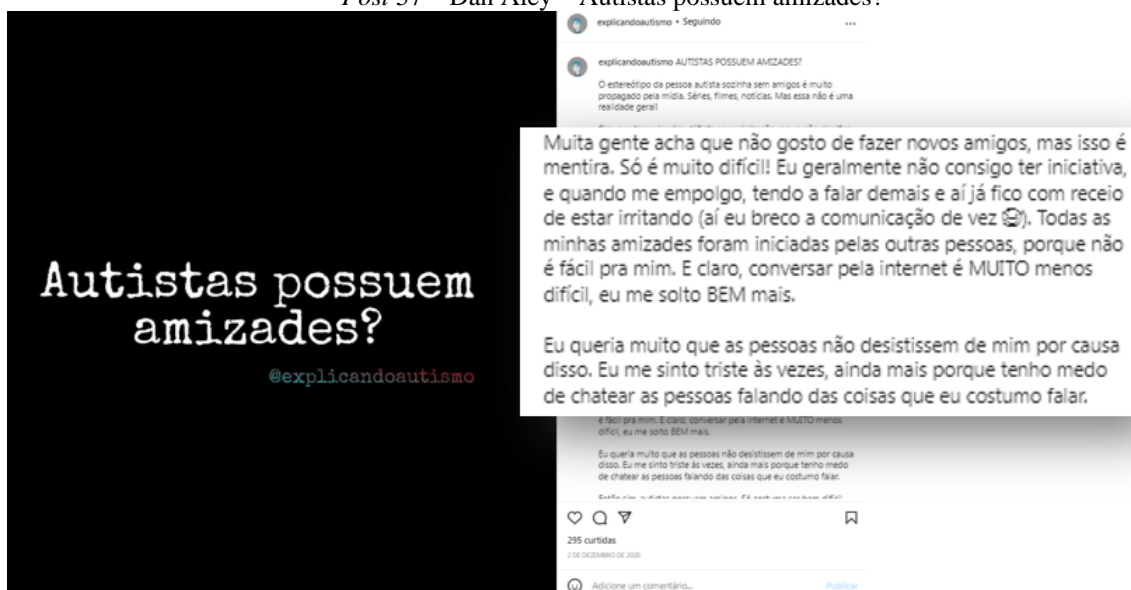
Apesar da tecnologia ganhar algum destaque no contexto profissional neurodivergente, o que pode reforçar o indício de que ainda prevalecem os significados e o imaginário que associam o potencial autista às questões lógicas das ciências exatas e ainda de forma prodigiosa, reduzindo o desempenho cotidiano e suas atuações em diferentes áreas, não se trata apenas disso. Até aqui foi o contrário, vimos autistas com diferentes habilidades desempenhando sua autonomia interacional e relacional em seus arranjos disposicionais.

Encontramos sim autistas que são programadores, mas também estudantes, apresentadores, jornalistas, psicólogos, *youtubers*, *podcasters*, escritores, fotógrafos, artistas plásticos, pesquisadores, membros e lideranças de coletivos e pessoas que não possuem formação ou profissões formais. Todas demonstram, em alguma instância, desempenhar a sua autonomia e ativar as próprias vidas, cada uma do seu modo, como podem. Quando se entendem impotentes, buscam o poder.

Na vida adulta, para além das demandas de ordem profissional, as relações familiares e socioafetivas são trazidas com importante destaque e fonte de apoio necessária. É por isso que Dan Aley (*post 57*) tenta desfazer o estereótipo de que a pessoa autista é sozinha, isolada e prefere não ter amigos, pois “*não é uma realidade geral!*”.

¹²⁵ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autistas no mercado de trabalho como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 2 out.2020 e 15 out.2021.

Post 57 – Dan Aley – Autistas possuem amizades?



Fonte: Instagram.com/explicandoautismo/ (2020)¹²⁶

Dan explica que o autismo “*implica déficits na socialização, o que não significa ‘incapacidade de fazer amigos’*”. Por isso relata a sua experiência no post: “*Muita gente acha que não gosto de fazer novos amigos, mas isso é mentira. Só é muito difícil! Eu geralmente não consigo ter iniciativa*”.

Enfim, Dan faz um apelo: “*Eu queria muito que as pessoas não desistissem de mim por causa disso. Eu me sinto triste às vezes, ainda mais porque tenho medo de chatear as pessoas falando das coisas que eu costumo falar*”. Tenta desfazer a lógica que impõe a solidão como característica e preferência da pessoa autista, ainda presente no imaginário e reforçada em produções midiáticas, e responde ao questionamento proposto na publicação: “*sim, autistas possuem amigos. Só costuma ser bem difícil iniciar e/ou manter amizades*”. Inverter essa lógica é uma atitude que revela a busca pela participação social válida, por uma autonomia relacional que virá da oportunidade de ter o próprio modo de vida reconhecido, com relações afetivas e amizades que o considerem e respeitem. Do contrário, a solidão continuará presente, mas não como uma escolha do sujeito autista, e sim como uma imposição.

Sobre as relações afetivas mais próximas, a sua família, Sophia (post 58) demonstra o apoio que recebe tendo o pai presente. Descreve que “*a presença do pai neurotípico, mesmo que por uma conversa via telefone, é crucial para decifrar alguns enigmas da Comunicação Social*”.

¹²⁶ Instagram.com/explicandoautismo/. Autistas possuem amizades? Disponível em https://www.instagram.com/p/CITH5mCIPCU/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 dez.2020.

Post 58 – Sophia Mendonça – A presença do pai neurotípico



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2020)¹²⁷

Quanto a sua mãe Selma, que também é diagnosticada no espectro autista, Sophia demonstra uma relação de grande parceria e cumplicidade. Mãe e filha são parceiras nos projetos sobre o autismo, nos canais digitais, autoria dos livros e na vida, o que reflete o apoio e incentivo familiar recebidos.

Post 59 – Sophia Mendonça – Sophy, você chegou!



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2021)¹²⁸

¹²⁷ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. A presença do pai neurotípico. Disponível em https://www.instagram.com/p/CCuEkeFI3oI/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 jul.2020.

¹²⁸ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Sophy, você chegou! Disponível em https://www.instagram.com/p/CK74UX5FPH3/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 fev.2021.

No *post* 59, Selma parabeniza a filha pelo aniversário e, também em referência ao processo de transição de gênero vivenciado, declara o seu reconhecimento: “*Sophy, você chegou! Ontem já era você, por outro olhar. Hoje está inteira, indefectível. Amor, parabéns!*”

Post 60 – Sophia Mendonça – Dez anos depois



Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2021)¹²⁹

“Dez anos depois” (60) de Sophia ter recebido o diagnóstico de autismo, o encontro de mãe e filha, do feminino que as aproxima, foi representado em um livro de crônicas, poemas, artigos e contos que escreveram em conjunto, para muito além do autismo. No canal *O Mundo Autista* (2021)¹³⁰, Selma explica a decisão de Sophia a respeito do livro:

Mamãe, este ano completam dez anos de meu diagnóstico dentro do TEA – Transtorno do Espectro do Autismo. No entanto, até aqui, todos os livros que lancei falavam sobre o autismo. Mas, eu não sou o autismo. Certamente, sou muito mais. Ou seja, quero que as pessoas tenham acesso a Sophia crítica de cinema, jornalista, escritora, cronista. Então, vamos publicar um livro escrito a quatro mãos: “Dez anos depois” (do diagnóstico). E, é bom você saber, eu já até marquei a data do lançamento.

Ampliar o entendimento sobre si, para além do autismo, poder definir o seu discurso, escolher o que dizer sobre si, decidir o que e como escrever a própria vida, são atitudes

¹²⁹ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). Dez anos depois. Disponível em https://www.instagram.com/p/CO-sztXlgNF/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 17 mai.2021.

¹³⁰ O Mundo Autista. Dez anos depois do diagnóstico. Publicado em 9 nov. 2021. Disponível em <https://omundoautista.uai.com.br/dez-anos-depois-do-diagnostico/>. Acesso em 14 jan. 2023.

autônômicas que, nesse caso, resultam da responsabilização compartilhada de uma vulnerabilidade desde o núcleo familiar. Com este apoio, a dedicação ao entendimento sobre o ser autista, muito do esquema opressor cultural, político e social pode ter sido aliviado. É notório que as dificuldades provenientes dos esquemas normativos opressores trouxeram e trazem impensáveis desafios aos autistas. No entanto, a qualidade de vida e as condições de autoconfiança para o exercício da sua autonomia são ampliadas quando se encontra apoio, como conta Sophia. Sua autonomia ainda traz indícios de coragem e audácia pois, sobre o livro, como uma filha que sabe o que quer, comunica a mãe: “E, é bom você saber, eu já até marquei a data do lançamento”.

Há um outro tipo de encontro que abraça Sophia, que acolhe o seu desejo de ocupar o lugar de pesquisadora, de dialogar com as suas convicções e ampliá-las, por complexificar e alcançar outros sujeitos nesse diálogo. A foto (post 61) é de 8 de junho de 2020, ainda no início do programa de mestrado que Sophia ingressava. A Pessoa ao seu lado é Sônia, a Sônia Pessoa, a sua orientadora.

Post 61 – Sophia Mendonça – Aniversário da orientadora no mestrado Sônia Pessoa



Fonte: [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/) (2020)¹³¹

¹³¹ [Instagram.com/sophiamendoncaoficial/](https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/). Aniversário da orientadora no mestrado Sônia Pessoa. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBLs15klTCx/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 8 jun.2020.

Os encontros dessa relação traduzida na imagem e texto da postagem são múltiplos. O primeiro que noto é o encontro de sorrisos que indicam uma satisfação mútua.

O segundo enlace, por mim percebido, é o interesse pela pesquisa em comunicação. Se de um lado a jornalista Sophia deixava nascer o seu potencial de investigadora, as suas inquietações e hipóteses, a vontade de pesquisar, complexificar, dialogar e escrever, do outro existia a mentora Sônia Caldas Pessoa, doutora em estudos linguísticos (Poslin/UFMG) e professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que aguardava a sua chegada. Imagino que a experiência acadêmica da sua orientadora tenha ajudado, de algum modo, a organizar o espaço de inquietações internas que existia em Sophia e a canalizar as suas energias em uma pesquisa científica e afetiva.

A terceira afinidade que identifiquei é o propósito. Sophia se interessava em promover aproximações ou diálogos entre o ser autista e a transgeneridade. Sônia já era uma das fundadoras e coordenadoras do *Afetos* (Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades), e autora do livro “*Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas*” (PESSOA, 2018) inspirado também nas vivências com o seu filho Pedro, que tinha hidrocefalia e morreu em 2016.

A relação maternal de apoio a um filho (Sônia e Pedro) ou filha (Selma e Sophia) com deficiência poderia ser o quarto motivo de aproximação de laços.

A questão é que a pesquisa em nível de pós-graduação *stricto sensu* de Sophia contribuiu com o seu protagonismo nesse campo. Sophia foi a primeira mulher transgênero autista mestra diplomada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como ouvinte, eu participei da banca de defesa da dissertação de mestrado de Sophia e testemunhei uma arena de muita representatividade, originalidade, responsabilidade com a pesquisa científica, articulações teóricas e grande afetividade. Via, ouvia e me deixava afetar por Sophia, Selma e pela orientadora Sônia. Eu refletia: o que mais mobilizaria tudo isso se não o afeto que apoia e transforma? Qual infinito o amor de uma mãe é capaz de alcançar? Eu concluía: certamente tudo isso alcançou o Pedro. E qual seria a imensidão do seu orgulho pelo afeto generoso entregue à Sophia por sua mãe? E o quanto esse movimento de busca por transformação social também o representa e reconhece?

As amizades e as relações familiares, desta vez, chegam ao *Introvertendo*. Como não poderia ser diferente, dada à recorrência de afinidade temática, as demandas discursivas dos autistas pesquisados passam a ser também as pautas do *podcast* de Thiago Abreu (figura 48).

Figura 48 – Thiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Amizades e família como tema dos episódios do *podcast* *Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020 - 2022)¹³²

O exercício da espiritualidade também é tratado pelo grupo pesquisado. Trata-se de outra inversão de paradigma que ainda distancia, de forma generalizada, o autismo das práticas religiosas e das possíveis intersecções entre as crenças e a vida social neurodivergente.

Ao demonstrar sua prática de meditação, Sophia (*post* 62) descreve que “*enquanto mantiverem a esperança, enquanto empreenderem ações corajosas para lutar, podem estar certos de que a primavera irá chegar novamente*”.

¹³² Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Amizades e família como tema dos episódios do *podcast* *Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 1 jun.2020 e 17 abr.2022.

Post 62 – Sophia Mendonça – Oração e meditação



Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2020)¹³³

No entanto, as discussões sobre a religião trazidas para os diálogos de autistas no *Introvertendo* (figura 49), demonstradas na sequência de postagens feitas em 2020, destacam que elas carregam suas complexidades e que os sujeitos neurodivergentes se posicionam frente a elas: “*autistas religiosos*”; “*autistas ateus*”; “*autistas ex-evangélicos*”, além das questões que aproximam a religião dos “*projetos sociais*”.

Figura 49 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Religião como tema dos episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020)¹³⁴

¹³³ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Oração e meditação. Disponível em https://www.instagram.com/p/CCJxCUFW E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 jul.2020.

¹³⁴ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Religião como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 7 set.2020 e 11 set.2020.

Enfim, Thiago Abreu (figura 50) reserva episódios que tratam das atividades de lazer entre os autistas. No entanto, vale considerar que, de modo geral, este tipo de abordagem temática é pouco presente dentre as questões agenciadas pelo coletivo.

Figura 50 – Thiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Jogos e música como temas dos episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2020-2021)¹³⁵

5.1.3. Reconhecimento da autonomia

Durante minha infância, muitas portas foram fechadas por ser diferente. Por meio do Google Developer Students Club, como líder dentro do espectro autista, minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade.

João Victor Ipirajá

Mesmo rumo ao encerramento da pesquisa, não considero que seja o fim do percurso. Continuarei atento ao movimento dos grupos autistas, aos seus discursos de si e sobre como se autodefinem, aos seus posicionamentos e tentativas de reduzir a invisibilidade, aos esquemas normativos e de julgamento, bem como sobre como produzem novas condições de autonomia e reconhecibilidade às suas vidas. No entanto, direciono-me ao fim desta etapa de análise, baseada no recorte que compôs o corpus empírico e nas perspectivas teóricas e discursivas que aproximaram tensões e reflexões.

¹³⁵ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Jogos e música como temas dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 3 jul.2020 e 4 jun.2021.

Até aqui, todas as publicações de autistas no *Instagram* que foram apresentadas, de algum modo, enunciam também a autonomia relacional que estes sujeitos conquistaram ou desejam. Isso não significa dizer, naturalmente, que eles não dependam de suporte, das políticas públicas, do apoio familiar e da rede socioafetiva, de um olhar social renovado sobre o modo de ser autista com maior alteridade. E qual sujeito social seria independente de uma estrutura que reconhece a sua individualidade, especificidades e autonomia?

As enunciações promovidas pelos neurodivergentes em suas páginas de redes sociais digitais destacaram, então, seus posicionamentos sobre a própria vulnerabilidade. Embora haja um discurso que os validam como vulneráveis, existem também as condições de opressão, invisibilidade e sofrimento que ainda os impactam e reduzem seu potencial autônomo. Por isso, percebo que estes sujeitos não entendem ser este o lugar que querem estar. Ao contrário disso, como defende Butler (2015), mesmo a vulnerabilidade sendo um “encontro ético com a alteridade que nos leva a refletir e questionar as desigualdades, a cada vez que uma vulnerabilidade é reconhecida e nomeada, esse reconhecimento possui a chance de alterar a significação e a estrutura da vulnerabilidade” (MARQUES, 2018, p. 9).

Assim, para além de seres vulneráveis, autistas buscam ser reconhecidos como seres de autonomia. Portanto, foi fundamental entender a rede de relações, as forças, os processos e as marcas que incidem sobre esses atores e os afetam. Como se conectam, criam alianças e condições para serem vistos e reconhecidos como interlocutores desse espaço político.

A justiça seria, assim, resultado da inquietude, do estranhamento e da ausência de indiferença diante do estrangeiro, do estranho que requer um olhar isento de tipificações, que provoca em nós uma destituição de nós mesmos e que espera hospitalidade e acolhimento.

O meu exercício foi ouvi-los afetivamente e me deixar guiar pelo brilho das constelações que se formavam em torno da rotina ordinária e cotidiana das suas vidas. Eu quis ver e ouvir as suas singularidades e sofrimentos e o eco produzido quando a voz passa a ser coletiva.

Os próximos e últimos cinco *posts* da análise, então, refletem a recorrência dos discursos autistas que enunciam a necessidade de se ter sua autonomia reconhecida.

Sobre as suas potencialidades e limitações, Naty Souza (*post* 63) relata: “*Minhas limitações eu já conheço, elas estão todos os dias me mostrando quanto tudo é difícil e o que não consigo realizar. Mas minhas potencialidades, minhas habilidades passam despercebidas e tantas vezes foram ignoradas por professores e profissionais que me atenderam por anos*”. Então, Naty pede liberdade (asas) para demonstrar as suas habilidades e sugere que outras pessoas com as suas diferenças também o façam. Ao fim do texto da publicação, inclui as *hashtags* “*#habilidadesautista*” e “*#SouAutistaSouCapaz*”.

Post 63 – Naty Souza – Apenas dê asas para minhas habilidades



 meumundoautistaa AS LIMITAÇÕES E AS POTENCIALIDADES DO AUTISTA

Minhas limitações eu já conheço, elas estão todos os dias me mostrando quanto tudo é difícil e o que não consigo realizar.

Mas minhas potencialidades, minhas habilidades passam despercebidas e tantas vezes foram ignoradas por professores e profissionais que me atenderam por anos.

Hoje quando me procuram para saber como ajudar a pessoa autista. Respondo:

_Encontre suas habilidades, explore isso ao ponto que faça com que todas as limitações sejam superadas.

Naty Souza

#Vidadanaty
#natysouza
#autismo
#tea
#habilidadesautista
#SouAutistaSouCapaz

Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)¹³⁶

Naty (post 64) também testemunha as dificuldades enfrentadas quando perdeu os cuidados que recebia dos seus pais, que ficaram “*incapacitados fisicamente*”, e precisou “*trabalhar muito*” para cuidar deles e de si.

Post 64 – Naty Souza – Ensine o autista a ser independente



 meumundoautistaa ENSINE O AUTISTA A SER INDEPENDENTE.

Se ele não for independente vai sofrer bastante quando a vida exigir dele autonomia e independência.

Desde que minha mãe adoeceu e perdi seus cuidados precisei trabalhar muito para me tornar independente em cada atividade diária.

Quando meus pais ficaram totalmente incapacitados fisicamente. Eu me tornei cuidador deles e lutei ainda mais para cuidar de mim.

O medo de ficar sozinho no mundo e a responsabilidade de cuidar deles me fez buscar cada dia mais autonomia e superar minhas limitações.

Incentive, apoie e estimule seu filho a realizar as tarefas diárias e que tornará a vida dele mais fácil no futuro, quando não estiverem mais aqui.

Sei que hoje me sinto um autista capaz de cuidar de mim e também de um cachorro e de um sobrinho. E também posso cuidar de plantas.

Hoje eu lavei roupa, coloquei no varal, passei aspirador de pó na casa e fiz meu almoço. Muitas coisas e o dia foi bem produtivo.

Qual a maior dificuldade de vocês nas atividades do dia a dia ?

Naty Souza

Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)¹³⁷

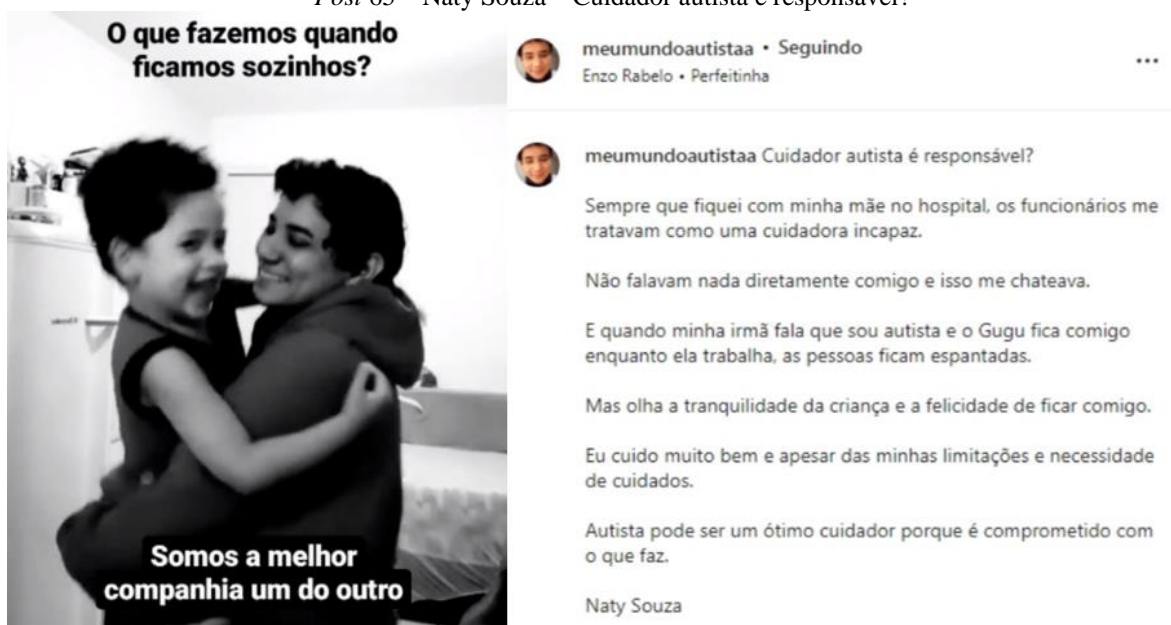
¹³⁶ Instagram.com/meumundoautistaa/. Apenas dê asas para minhas habilidades. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNMB0JAIXUf/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 abr.2021.

¹³⁷ Instagram.com/meumundoautistaa/. Ensine o autista a ser independente. Disponível em https://www.instagram.com/p/CQ9yQVpF8q8/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 5 jul.2021.

Por isso, Naty sugere: “*ensine o autista a ser independente. Se ele não for independente vai sofrer bastante quando a vida exigir dele autonomia*”. Ao final, testemunha sobre a sua rotina do dia: “*Sei que hoje me sinto um autista capaz de cuidar de mim e também de um cachorro e de um sobrinho. E também posso cuidar de plantas. Hoje eu lavei roupa, coloquei no varal, passei aspirador de pó na casa e fiz meu almoço. Muitas coisas e o dia foi bem produtivo*”.

E quando a pessoa autista ocupa o lugar de quem cuida? Sobre isso, Naty (post 65) fala sobre responsabilidade. Explica que, mesmo com os cuidados que entregou à sua mãe no hospital, era tratada pela equipe médica como incapaz. Explica ainda sobre as reações de espanto social quando conta que tomou conta do seu sobrinho, uma criança. Assim, encerra: “*Autista pode ser um ótimo cuidador porque é comprometido com o que faz*”.

Post 65 – Naty Souza – Cuidador autista é responsável?



Fonte: Instagram.com/meumundoautistaa/ (2021)¹³⁸

Sophia (post 66), então, contrasta a “necessidade de independência” com a condição de interdependência do ser humano, desde a “roupa que vestimos à tecnologia que usamos”. Por isso, evoca a autonomia: “*O que precisamos é criar indivíduos com autonomia que, apesar do grau de dependência, sejam autônomos em suas opiniões e direito de escolha*”.

¹³⁸ Instagram.com/meumundoautistaa/. Cuidador autista é responsável? Disponível em https://www.instagram.com/reel/CUQZBI1AJP/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 set.2021.

Post 66 – Sophia Mendonça – Precisamos criar indivíduos com autonomia

“Temos de entender que nenhum ser humano é independente. Somos todos interdependentes, da roupa que vestimos à tecnologia que usamos. O que precisamos, é criar indivíduos com autonomia que, apesar do grau de dependência, seja autônomo em suas opiniões e direito de escolha. O cadeirante pode precisar de alguém que empurre sua cadeira, mas é ele que tem de dizer aonde quer ir e, inclusive lutar por políticas públicas que possibilitem que qualquer pessoa com deficiência tenha o suporte necessário para evidenciar o máximo de seu potencial.”

- Sophia Mendonça, jornalista, escritora, palestrante e youtuber, de 23 anos e autista.
@sophiamendoncaoficial

sophiamendoncaoficial • Seguindo

sophiamendoncaoficial #Mundoautista
#sophiamendonça
#sophiamendonca
#simplesmenteautismo

Reposted from @simplesmente.autismo O caminho do autista até a independência e autonomia da própria vida, é um trajeto bastante longo e que exige muita paciência, apoio e dedicação para a pessoa com o transtorno, esses recursos vindos dos seus cuidadores, sejam eles pais, tios, avós, profissionais e etc.

Existem três níveis dentro do autismo e cada um possuem limitações, dificuldades e limitações diferentes um do outro, e por isso é chamado de espectro, por nenhum autista ser igual e ter cada um, sua própria identidade. E com isso, cada pessoa com autismo conseguem lidar de formas distintas com a independência, por ocasiões como falta de incentivos dos pais, por falta de oportunidade, de orientação profissional, falta de impulsionar com que o autista saia da sua bolha, conhecendo o mundo e saindo da sua zona de conforto.

Fonte: Instagram.com/sophiamendoncaoficial/ (2020)¹³⁹

E como de costume, para encerrar, Tiago Abreu (figura 51) destaca as “aventuras autistas na cozinha” e dialoga sobre “autocuidado e autonomia” com seus parceiros autistas.

Figura 51 – Tiago Abreu – Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autonomia como tema dos episódios do *podcast Introvertendo*



Fonte: Instagram.com/introvertendo/ (2021)¹⁴⁰

¹³⁹ Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Precisamos criar indivíduos com autonomia. Disponível em https://www.instagram.com/p/CIuDZsoF9nW/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 12 dez.2020.

¹⁴⁰ Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autonomia como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 28 mai.2021 e 10 set.2021.

Assim, há de se observar que o modo de ser autista ocupa o mesmo mundo de outros modos de vida, um contexto social mais amplo e que deve ser coletivamente responsabilizado. Defendo que a autonomia dos sujeitos neurodivergentes, em qualquer nível que se possa alcançar, tal qual a ampliação dos significados que os constituem e dão visibilidade ao seu modo de vida, são responsabilidades nossas, da sociedade. Dar uma resposta a isso é uma atitude ética, do cumprimento compartilhado, do cuidado atento e sensível às subjetividades de cada diferença.

É daí que virão as orientações sobre o que é preciso fazer. Sensíveis ao que brilha, sem as lentes que ofuscam ou invisibilizam, interessados em reconhecer o que é importante às vidas neurodivergentes. Só assim será possível reorientar a atenção e traduzir o mapa, ligar os pontos da constelação e redefinir a rota. Rota orientada por quem é autista.

O caminho é por aí, por onde a estrela guia. Ele ilumina o que precisamos descobrir, aquilo que importa ser cuidado, que demanda nossa energia, tempo, espaço de vida e presença.

Por isso, estes últimos *posts* da análise refletiram a recorrência dos discursos de autistas que enunciam a necessidade de se ter sua autonomia reconhecida. No entanto, não são apenas estes. A busca por reconhecimento da autonomia autista está presente desde o primeiro passo deste caminho, no primeiro brilho, na primeira postagem, na página um. Está na luz que acende as vidas de Amanda Paschoal e Kmylla Borges, de Ana Cândida Carvalho, Dan Aley e João Victor Ipirajá, de Naty Souza, Lucas Pontes e Sophia Mendonça, de Tiago Abreu e Willian Chimura, de Enã Nascimento e Autristinha. Está ainda no modo de ser de todo autista e no jeito singular de cada sujeito neurodivergente que a própria constelação ilumina.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta cartografia de enunciados neurodivergentes no *Instagram* sustenta o tema da tese: “somos autistas”. As falas desses sujeitos remetem às situações de vulnerabilidade vivenciadas e é reveladora de uma existência, de um modo neurodivergente de estar no mundo. Falar de si “é um ato emancipatório [...], um exercício que busca escapar aos mecanismos de controle e regulação, para construir e dar visibilidade a outras narrativas possíveis”, como afirma Mantovani et al. (2019, p. 94).

O ato de escrever se deu como um gesto marcado pela atenção e “exploração das zonas limiares”, ao me deparar com o “fluxo entre argumentos e afetos”, que configurou uma cena que permitiu o aparecimento do fenômeno, juntamente com a exposição de vulnerabilidades”, tanto as do objeto pesquisado quanto as minhas. Foi a via que encontrei para seguir a pesquisa, compreender como se “reconfiguram constantemente as redes intersubjetivas que amparam todas as formas de vida” (PESSOA et al, 2021, p. 11) e responder ao problema da investigação.

Por isso, considero que o percurso cartográfico, interessado nos processos revelados no caminho investigativo, aliado à minha relação engajada de pesquisador afetado sensivelmente e desejoso por conexões com o objeto, foi iluminado pelas constelações e produziu descobertas vindas da análise crítica dos materiais de escrita, a fim de torná-los inteligíveis. No entanto, não se tratou apenas de uma abordagem metodológica, mas da consciência de que são as textualidades trazidas pela empiria que estão construindo o processo de pesquisa.

Foi seguir este fluxo processual, então, que mobilizou as capacidades reflexivas e de articulação de subjetividades necessárias para responder ao problema desta pesquisa. Assim foi possível cartografar como as demandas, os agenciamentos e os discursos enunciados por autistas em seus arranjos comunicacionais, no *Instagram*, mobilizam suas vulnerabilidades e condições de reconhecimento de sua autonomia.

Entendi o espaço que a subjetividade e afetividade teriam na condução da investigação porque, como pesquisador de um fenômeno, queria ocupar o lugar de escuta, responsável e dedicado ao meu principal desafio: o respeito que tenho com o objeto pesquisado. Sabia que apenas nesse movimento de integração eu poderia enxergar os indícios, manifestados tanto no cotidiano das vidas dos pesquisados quanto na minha (PESSOA et al. 2019).

Para isso, os objetivos geral e específicos definidos neste estudo foram desenvolvidos e trouxeram seus resultados organizados em cinco partes. No *capítulo 1*, foi traçada uma rota

social do autismo que parte da doença e alcança a pauta da neurodiversidade. Este contexto histórico que caracteriza o autismo, seja nos aspectos de classificação e diagnóstico clínicos, como nas políticas públicas e legais, também declara impactos nas relações sociais dos sujeitos autistas e das suas redes socioafetivas e permite reflexões e discussões a respeito das práticas comunicacionais que emergem destas vivências. Foram esquematizados os marcos históricos que modificaram e constituíram os atuais conceitos clínicos do autismo e apresentaram as principais marcas de um século de pesquisas, descobertas e construções de significados sobre o Transtorno do Espectro Autista. Estes marcos, mesmo que ainda descritivos, quando aproximados e observados na perspectiva da evolução histórico-clínica do autismo, encorajou a tecitura de paralelos e percepção do surgimento de importantes facetas em termos simbólicos e que resultam em alterações socioculturais. Assim, notei uma evolução histórico-conceitual do autismo em termos clínicos no último século, de “doença” para algo constitutivo da sua essência.

Identifiquei ainda que foi apenas na segunda década do século XXI que as políticas públicas brasileiras para o autismo começaram a ser definidas. Isso demonstra que, no Brasil, o autismo ainda é uma disputa com marcos centralizados em âmbitos legais, antes mesmo das discussões mais amplas e abertas, trazidas às arenas sociais, o que naturalmente repercute com força na percepção social sobre o TEA e segue fundamentando os discursos. A partir da ótica do modelo social da deficiência e da sua ampliação para o biopsicossocial, o autismo é então compreendido como uma variação no modo de ser e compreender o mundo, como uma diferença neurológica que constitui estes sujeitos, tal qual existem outras naturezas que pertencem aos respectivos indivíduos, como a raça, etnia e orientação sexual. A perspectiva então, conduziu à questão da neurodiversidade.

Foi nesse momento que brilhou o interesse pela discussão sobre a trajetória do autismo, que parte de uma doença e se modifica num caminho de transformação da sua valoração simbólica, demandada pelos próprios sujeitos atípicos. Isso tudo ainda associado a um contexto contemporâneo, em um campo de disputas e conflitos não apenas científicos, mas, como dito, ainda mais social, político, ideológico e cultural, inclusive internamente, entre os próprios sujeitos que o mobilizam.

No *capítulo 2* a questão do método foi marcada. Nele, o processo de cartografar o ativismo neurodivergente seguiu o rizoma e as suas conexões. Atento às sensibilidades investigativas e ao pensamento por constelações, foi possível compreender que tipos de mundos são produzidos a partir dos enunciados, demandas, agenciamentos e arranjos dos sujeitos autistas, decorrentes de suas interações comunicativas. No entanto, relembro que a pesquisa

não iniciou com métodos pré-definidos, mas teve uma construção teórico-metodológica revelada no percurso, com teorias e abordagens conhecidas durante este trajeto, acompanhada de incertezas, adaptações e, naturalmente, por alguns desvios que a constituíram.

Enquanto limites impostos durante o período da investigação, não tenho como deixar de relembrar o que vivenciamos com o isolamento, o medo e todo o sofrimento causado pela Pandemia por Covid-19, que trouxe ainda um convívio diário com as vidas perdidas, com os familiares e amigos que partiram e dos quais nos despedimos de longe, sem o rito da presença, além da instabilidade política e econômica do país. Esse estado de horror global gerou, naturalmente, novas sensibilidades, alterações de cronograma e forma de seguir com o processo investigativo. Houve ainda algumas dificuldades com a captação manual de todos os dados do material empírico, dado o alto volume, a necessidade de ajustar os recortes do corpus e com o tempo dedicado para conseguir os aceites dos participantes nos termos de consentimento livre e esclarecido, que habilitava a análise dos respectivos conteúdos.

No entanto, nenhum limite impediu que o processo de conexões rizomáticas seguisse o seu fluxo e permitisse entender quais as produções de verdade foram ativadas nas respectivas relações e alianças construídas, de forma circunstancial e no determinado período desta investigação. Afinal, se a realidade é rizomática (DELEUZE E GUATTARI, 1995), ela não terá um ponto de essência, fundante e que apresentará “a verdade” do mundo. A verdade, portanto, não existe de forma independente desta produção de conexões feitas justamente para produzi-la. São, portanto, efeitos de verdade que constroem um percurso, um caminho que se possa percorrer.

Como noção complementar ao pensamento cartográfico, tive como apoio as “sensibilidades investigativas”, proposta por Walter Benjamin (2009, 2013), para que pudesse empenhar o exercício de “pensar por constelações” decorrentes de detalhes presentes nas interações comunicativas. Percebi que esse modo sensível de pensar, servir-me-ia de instrumento para investigar e registrar detalhes importantes, por vezes discretos, mas que poderiam ser fundamentais para a compreensão de possíveis urgências da pauta neurodivergente. Seguir o rizoma e montar as constelações foram movimentos cartográficos importantes para que eu pudesse observar as demandas a partir do brilho que decorre dos enunciados particulares dos sujeitos atípicos observados. Permitiu-me ver que, de algum modo, estes discursos se iluminam, representam, pertencem e se interligam, tornando visíveis as subjetividades e as questões importantes para os autistas. Notei ainda que o que brilha nem sempre cintila, mas que mesmo sem ofuscar pede para ser visto, quer ser visto.

Enfim, a definição do corpus da pesquisa foi baseada nas constelações que foram sendo percebidas no percurso. As fases das seleções resultaram em um corpus formado por 12 sujeitos autistas com perfis ativistas na plataforma de rede social digital *Instagram*. O recorte temporal abrigou a seleção de perfis de sujeitos neuroatípicos, com média de 28 anos, presentes em 10 diferentes estados brasileiros, com representantes nas 5 regiões do território e se diferenciam em 8 tipos de ocupações. A coleta dos dados ocorreu durante 21 meses, compreendidos entre junho de 2020 e fevereiro de 2022. No período de coleta, os 12 perfis selecionados reuniram o total de 2.257 postagens no *Instagram*. Destas, 574 publicações (25% das publicações totais) foram colecionadas pois correspondem à temática do autismo. Esta quantidade (574 publicações) foi organizada em 4 coleções, sendo uma de ordem clínica (16%) e três de cunho social (84% somadas). As coleções foram montadas em decorrência do agrupamento e recorrência das questões trazidas pelo objeto, aproximadas à problemática da pesquisa. Por isso, dentre as combinações possíveis, correlacionando-as por similaridade ou derivações temáticas, dividi e organizei o conteúdo observado de cunho social em uma tríade: (1) constelação protagonismo e modo de ser; (2) constelação capacitismo e violências; (3) a constelação autismo adulto, profissão e outras relações.

A partir do pensamento por constelações e tendo os discursos presentes nas páginas do *Instagram* como rizomas, pude perceber como os materiais se iluminam, dialogam entre si ou entram em disputa, pela conexão de fluxos e canais. Enfim, do total de publicações pertencentes às coleções de postagens de cunho social, dada a recorrência temática, 20% são analisadas e apresentadas nesta pesquisa, o que corresponde a 95 *posts*. No entanto, como houve dificuldade de contato com dois dos perfis selecionados, que não assinaram o termo de consentimento, as suas postagens participaram da construção dos mapas que reuniram as constelações de postagens de cunho social, mas não foram apresentadas nos capítulos de análise.

Os *capítulos 3, 4 e 5* foram, então, dedicados à análise do objeto, à escuta das vozes dos sujeitos autistas e à apresentação dos seus manifestos. Foram eles que falaram e deram luz temática aos capítulos: “*Eu sou autista!*”, “*Não pareço autista?*” e “*A minha vida autista*”. Estas frases definiram, marcaram e intitulam os capítulos da tese justamente porque trouxeram as vozes de sujeitos neurodivergentes que se posicionaram, produziram subjetividades em seus processos de escrita e enunciaram suas emergências como atores sociais. As discussões foram mobilizadas pelos seus enunciados e discursos e as reflexões que delas resultaram foram aproximadas dos eixos operadores de análise, como a autodefinição, os esquemas normativos de julgamento, as vulnerabilidades e autonomia relacional.

O protagonismo surgiu como uma unidade tópica e central desta pesquisa, foco do *capítulo 3*, como um agenciamento coletivo justamente pela postura enunciativa dos sujeitos que lançam as suas potências autonômicas em suas publicações nas redes sociais digitais ao mobilizarem suas forças. Ancorei o desenvolvimento desta etapa na autodefinição como técnica de si e no surgimento de vínculos e conexões, ou seja, de configurações comunitárias autônomas ou não, mas que de certo modo se cruzam, se deslocam, contrastam ou até rivalizam com as formações de redes dominantes, produzem “modos de subjetivação emergentes”, “focos de enunciação coletiva” e criam “inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais” (PELBART, 2008, p. 36). Este primeiro agrupamento de postagens de cunho social, a constelação cujos aspectos temáticos envolvem o “protagonismo e modo de ser”, reuniu 304 (53%) das 574 publicações colecionadas e 43 postagens (14%) foram analisadas. As publicações trazidas neste capítulo ilustraram e atuaram como amostras destas recorrências que indicaram os recursos utilizados como marcadores de autodefinição.

Observar o brilho da constelação “*Eu sou autista*”, na perspectiva sobre si, conduziu às questões de identidade e protagonismo. Ao analisar a autodefinição, como técnica de si e da subjetivação política, deparando-me com riqueza do material empírico, foi possível notar os indícios das buscas e esforços dos sujeitos neurodivergentes pela atualização e ampliação das concepções sociais sobre o autismo. Tais questões se fizeram presentes em seus enunciados e, com intensidade, propuseram reflexões sobre estas subjetividades e transformações o que, em alguns relatos, chegaram a inaugurar outra corporalidade e temporalidade. Também associadas ao eixo autodefinição e aos diferentes modos de comunicação e interação que estes sujeitos arranjam, identifiquei a recusa aos discursos normalizadores que afastam a sua essência ou modificam o que entendem como conceito de si, bem como refutaram a violência sofrida em decorrência dos discursos normalizadores. O exercício de definição de si revelou ainda perfis que: se apoiam em outras vidas autistas, como forma de amparo na rede; pela narrativa poética, quando nela encontram recurso discursivo para ancorar a própria sensibilidade, revelar-se e afetivamente entregar-se ao mundo; ou ainda, como quem explica e ensina sobre si, pois considera que não existe compreensão social suficiente para as suas atitudes ou modo de existência. Por isso, a voz autista opera em um agir discursivo para além de si, mas faz emergir um ator social coletivo que possa definir o ser autista quando: percebem-se representados; pelo modo didático-instrucional; pela poética; ou ainda como vidas que relatam seus acontecimentos cotidianos e suas experiências a fim de que os seus discursos assumam força potente de transformação a respeito dos significados para os seus modos de ser e viver.

Como as estrelas que iluminam o “ser autista” são moventes, seus lampejos formaram outras constelações. A luz que direcionou o caminho desta cartografia iluminou e refletiu as violências dos discursos normalizadores vivenciados pelos sujeitos autistas e também promoveu a montagem de uma nova constelação, analisada no *capítulo 4*. Ancoradas nos esquemas normativos de julgamento, cada estrela, ao cintilar, questionava: “*Não pareço autista?*”. Se o discurso de autodefinição autista refutou as opressões resultantes dos discursos normalizadores, como tratado no capítulo anterior, houve agora um movimento de redefinição. Nas postagens, os relatos de si promoveram um trabalho de redefinição dos sujeitos autistas diante da recusa aos esquemas normalizadores de julgamento e da identidade que a eles é socialmente imposta. Este agrupamento de postagens de cunho social, a constelação “capacitismo e violências” reuniu 66 (11%) das 574 publicações colecionadas e teve 22 *posts* (33%) analisados.

As discussões sobre neurodiversidade e normalização abriram espaço para múltiplos diálogos. A deficiência, a vulnerabilidade, a invisibilidade e o estigma estão nesta arena de oportunidades. Nela, os estereótipos permaneceram presentes e percebi que os enquadramentos e estigmas que conduzem à invisibilidade dos sujeitos autistas relacionam-se ao capacitismo. Durante a pesquisa, teóricos com deficiência como Fiona Campbell, Anahi Guedes de Mello, Adriana Dias, Sunaura Taylor, Gregor Wolbring e Judy Singer foram fundamentais para a minha compreensão e articulações. Conteí ainda com a leitura das obras bibliográficas de jovens brasileiros, a exemplo de Sophia Mendonça, Tiago Abreu e Fatine Oliveira.

O reforço ao preconceito e à invisibilização do autismo que decorrem dos discursos capacitistas provocaram os efeitos de violência relatados nos discursos, pois se trata de um fenômeno estrutural e interseccional. Notei que do capacitismo decorrem: a responsabilização da pessoa com deficiência ou das suas famílias pela sua condição; as incessantes e renovadas estratégias que buscam a cura e a normalização; as narrativas da superação que dificultam as vivências cotidianas; a falta de programas, políticas públicas e recursos dedicados ao apoio que esses sujeitos demandam; além de, naturalmente, haver grande vácuo nas discussões a respeito da autonomia e participação das pessoas com deficiência na prática profissional. Desta forma, esta constelação iluminou as reflexões sobre a produção de novas condições de reconhecibilidade para o modo de ser autista e sobre o julgamento moral dado às suas vidas.

Enfim, no *capítulo 5* apresentei a constelação: “*A minha vida autista*”. Ao observar que no contexto da neurodiversidade e dos sujeitos neurodivergentes as vulnerabilidades existem e estão relacionadas às suas expectativas, demandas, discursos e arranjos, verifiquei um exercício de dimensão política empregado nas páginas do *Instagram*, como forma de gerar e encontrar

suporte, em atitude de resistência. Estas vulnerabilidades inclusive variam entre os sujeitos, a partir dos lugares que ocupam e afetações com as quais convivem. Encontrá-los e ouvi-los, afetivamente, na tentativa de compreender as suas demandas individuais e as que, intensamente, unificam-se e fazem brilhar o pleito coletivo, foi o que me manteve sensível às suas reivindicações pela “justiça que altera e modifica o estatuto de vulnerabilidade de sujeitos e grupos” (MARQUES, 2018, p. 9). Diante disso, refleti sobre a valorização da experiência acerca da vida autista e a discussão a respeito da autonomia relacional desses sujeitos. Ative-me à articulação da maneira como a autonomia e vulnerabilidade se conectavam nesse contexto, formavam seus arranjos comunicacionais autonômicos e brilhavam na constelação. Assim foi possível pensar na interdependência existente entre a sua autonomia relacional e as vulnerabilidades que formam os enunciados autistas quando relatam as próprias vidas nas páginas da rede social digital. Por isso, as discussões das teóricas Butler (2015), Laugier (2016) e Ferrarese (2016) foram precisas. Reforço que, sendo a vulnerabilidade (BUTLER, 2015) parte de um processo que questiona as assimetrias e desigualdades, “a cada vez que uma vulnerabilidade é reconhecida e nomeada, esse reconhecimento possui a chance de alterar a significação e a estrutura da vulnerabilidade” (MARQUES, 2018, p. 9).

No contexto autista, com a atuação e a partir das vozes dos seus sujeitos, surgem indícios de oportunidades para que ocorram modificações de estruturas que culminem na constituição da sua autonomia. Observei ainda que, dada a importância da sensibilidade em cuidar do outro e perceber os seus detalhes, existe um sentido de coletividade empregado. Trata-se de uma responsabilidade sobre o outro, de uma vulnerabilidade que passa a ser compartilhada. Daí veio a conexão que me esforcei para estabelecer: as vulnerabilidades, quando compartilhadas, ampliam a noção e as condições de autonomia, que é relacional, e o reconhecimento dos modos de vida. Posso ainda defender que é por isso que experiências são coletivas, vivenciadas em contexto, pois criam-se, então, redes de vulnerabilidades neurodivergentes pela interação. As vozes e corpos aparecem para que suas vidas e comportamentos característicos deixem de ser ilegíveis, seu modo de ser não seja imperceptível ou dispensável e ainda para que, ao serem vistos e ouvidos, tenham a chance de receber uma resposta social respeitosa, inclusiva, responsável e reconhecida.

Neste último agrupamento, a constelação de aspectos temáticos que envolveu o “autismo adulto, profissão e outras relações”, reuniu 113 (20%) das 574 publicações colecionadas e 30 posts (27%) foram trazidos à discussão. Pude observar agências que evidenciam que o modo de ser autista ocupa o mesmo mundo de outros modos de vida, um contexto social mais amplo e que deve ser coletivamente responsabilizado. Por isso defendo

que a autonomia dos sujeitos neurodivergentes, em qualquer nível que se possa alcançar, tal qual a ampliação dos significados que os constituem e dão visibilidade ao seu modo de vida, são responsabilidades nossas, da sociedade. Responder a isso é uma atitude ética ao cumprimento da responsabilidade compartilhada, do cuidado atento e sensível às subjetividades de cada diferença.

Percebi que é daí que virão as orientações sobre o que é preciso ser feito em termos de atitude e transformação social: sensíveis ao que brilha, interessados em reconhecer o que é importante às vidas neurodivergentes, em traduzir o mapa, ligar os pontos da constelação e redefinir a rota que é orientada por quem é autista. Foi desta forma que os últimos *posts* da análise refletiram a recorrência dos discursos de autistas que enunciam a necessidade de se ter sua autonomia reconhecida.

Todo esse processo de investigação foi apoiado nas subjetividades, na sensibilidade investigativa e na afetividade. Isso porque não podia “ignorar a riqueza de sentidos que se manifestam nas experiências limiars”, em prol da informação nova e imediata (RIBEIRO, 2021, p. 216). Cartografar atento aos limiars, voltado aos lugares onde “fervilha a imaginação” e não às burocracias e demarcações abruptas das fronteiras (BARRENTO, 2013, p. 123), foi importante para que eu pudesse exercitar meu olhar para as mudanças, transições e fluxos.

Observar as agências, demandas e arranjos produzidos nos discursos autistas e a sua constituição em constelações, permitiu direcionar o olhar para lugares distintos e para os limiars que deram a real noção da transição existente, da mudança gradual, que está em movimento e trata de uma experiência de passagem entre dois extremos. Dada a relevância desse pensamento, Ribeiro (2021, p. 215) sugere justamente que haja o cuidado para não “suprimir as transições, as passagens”, pois as investigações que procuram evidenciar experiências limiars, despertam e trazem aberturas para os sentidos interpretativos.

Assim caminhei pelos limiars dos espaços de transição e circulei entre os objetos comunicantes presentes nas páginas do *Instagram*. Observar e mapear as constelações autistas me proporcionou experiências e transformações. Já não sou mais a mesma pessoa, o mesmo pesquisador. Certamente não serei o mesmo pai. Isso porque as verdades produzidas por estes jovens autistas sobre si, relatadas a partir do que vivem, sentem e são, afetam-me profundamente. Suas vozes carregam sensibilidade, potência política, testemunham suas opressões, sofrimento e sufoco, mas comunicam o que vivem, como se posicionam e o que querem, enunciam confiança, esperança e principalmente a sua presença social e política. Buscam as transformações sociais que entendem necessárias para renovar os critérios que lhes impõem maior vulnerabilidade. Por isso não sou o mesmo. Quando me deixo envolver e afetar

por estas verdades, produzidas para este instante porque são moventes, conecto-me mais com o meu filho Davi. Hoje ele tem onze anos e já ocupa lugares que são movimentados com a sua presença e diferenças, com a sua vontade de participar e ser reconhecido, mesmo com todos os desafios que isso implica. Amanhã o Davi ocupará um espaço que está sendo renovado, mesmo que lentamente, por jovens neurodivergentes que, assim como ele, já alteraram rotas na infância e hoje as fazem na vida adulta. Observar as experiências desses autistas me ajuda a ser pai, a compreender o meu filho e a auxiliá-lo na criação da sua autonomia. Afetar-me por estes sujeitos me responsabiliza como um pesquisador que, para além da relação paternal, deseja que a alteridade prevaleça e que o mundo se abra para a neurodiversidade e para todas as outras diferenças com respeito, sensibilidade, responsabilização coletiva, cuidado e muito afeto.

Por isso, a partir das produções de verdade que aqui foram cartografadas, defendo a tese de que os sujeitos neurodivergentes, ao enunciarem suas demandas, agenciamentos e arranjos disposicionais compartilhados em rede, no *Instagram*, mobilizam suas vulnerabilidades. Com o potencial transformador de seus discursos, pelos relatos das suas vidas e experiências cotidianas, buscam modificar a própria estrutura da vulnerabilidade, definir a si mesmos, alterar quadros e esquemas normativos de julgamento para que sejam vistos e reconhecidos como seres de autonomia. Portanto, empenham suas táticas de reorganização de significados e, nas suas singularidades, fazem conexões e arranjos.

Certo de que há um processo de renovação agenciado por autistas que buscam a liberdade vinda da renovação de significados e da conquista do reconhecimento do seu modo de vida, volto-me outra vez para Foucault, então, que insistiu em dizer que “a liberdade não é uma propriedade, não é simplesmente uma conquista de reconhecimento num contexto de direito liberal que a sociedade do contrato assegura ao sujeito moderno, mas a possibilidade de reinvenção constante” (IONTA, 2016, p. 157).

Compreender a neurodivergência e as suas passagens, no entanto, exige este exercício de renovação constante. Ampliar os estudos no campo comunicacional sobre o modo de ser autista implica, dentre tantas urgências, aprofundar as nuances existentes em torno do autismo adulto, em mulheres, para os níveis 2 e 3 de suporte, para os aspectos de acessibilidade, comunicação alternativa, do mundo do trabalho, protagonismo, sobre sexualidade, questões de identidade e as relações socioafetivas. É preciso ainda ampliar o olhar para os significados naturalizados pela recorrência das práticas capacitistas que ampliam a invisibilização autista e enxergar que a depressão e o suicídio são questões críticas, emergentes e que precisam ser priorizadas. Há muito o que explorar. Por isso, mesmo encerrando esta etapa, continuo caminhando e interessado pelas descobertas, pelas transições e espaços limiares, aberto aos

novos encontros com pesquisadores que, assim como eu, sentem-se afetados pelas diferenças e o potencial que trazem para as pesquisas em comunicação.

Para um pesquisador, encerrar um estudo não é uma tarefa fácil. Isso porque não há a sensação de fim, mas sempre de recomeço.

No entanto, na tentativa de marcar esta passagem, retomo a essência da pesquisa com o manifesto de que a busca por reconhecimento da autonomia autista, no seu modo de vida, foi ponto central. Ele esteve presente desde o primeiro passo deste caminho, no primeiro brilho, na primeira postagem, no modo de ser de todo autista e no jeito singular de cada sujeito neurodivergente que a própria constelação ilumina. É deste modo que a tese se constitui. É assim que eu a acessei e, com sensibilidade, afetividade e respeito, organizei seus indícios e produções de verdade. Por isso, é assim que eu, nesse momento, a observo.

Defendo porque enxerguei o que brilhou nos encontros e contornos das constelações “*Eu sou autista*”, “*Não pareço autista?*” e a “*Minha vida autista*”, formadas pelas falas dos próprios sujeitos da neurodiversidade, que em rede, neste coletivo, bradaram: “*somos autistas*”.

Enfim, se Deleuze e Guattari (2004) afirmam que somos feitos de linhas, entendo que esta tese também é feita de traços. Os autistas, no *Instagram*, deram-nos a ler e a ver não apenas as suas linhas escritas, mas os traços que os situam historicamente. Traços autistas que se conectam com outros traços de vida, de resistência, de violência e sofrimento, de novas definições sobre si e da própria autonomia.

Amanda Paschoal, Kmylla Borges, Ana Cândida Carvalho, Dan Aley, João Victor Ipirajá, Naty Souza, Lucas Pontes, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Willian Chimura, Enã Nascimento, Autristinha e Davi, foram vocês que viveram e construíram, no cotidiano da vida, o discurso que qualifica esta pesquisa. São vocês que representam a voz coletiva neurodivergente, este ator social emergente. A tese é de vocês que, brilhante e generosamente, me deram a ver.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?** 1. Ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2022.
- ABREU, Tiago; CARDOSO, Carol. **Podcast Introvertendo. Episódio 172 Anti-neurodiversidade**, 7 de maio de 2021. Disponível em <<https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-172-anti-neurodiversidade/>>. Extraído em 14 ago. 2021.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. (p. 131-149).
- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia. **Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo**. Arq. bras. psicol. v.61 n.1 Rio de Janeiro abr, 2009.
- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011.
- AUTISMO & REALIDADE. **18 de junho, Dia do Orgulho Autista**. Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/2021/06/18/18-de-junho-dia-do-orgulho-autista/>>. Acesso em 28 set. 2022.
- AUTISMO & REALIDADE. **O que é o autismo? Diagnóstico**. Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>>. Acesso em 14 abr. 2021.
- AUTISMO & REALIDADE. **O que é o autismo? Marcos Históricos**. Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>>. Acesso em 28 mai. 2022.
- AYDOS, Valéria. **A (des)construção social do diagnóstico de autismo no contexto das políticas de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. Anuário Antropológico volume 44, n.1, 2019 (p. 93-116).
- BAILIN, Aiyana. **Esclarecendo alguns equívocos sobre a neurodiversidade**. 2019. Disponível em <<https://blogs.scientificamerican.com/observations/clearing-up-some-misconceptions-about-neurodiversity/?redirect=1>>. Extraído em 08 jun. 2019.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRENTO, João. **Limiares sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre, RS: Sulina, 2009. (p. 52-75).
- BBC. **Dia Mundial do Autismo: meninas autistas podem estar deixando de receber tratamento por falta de diagnóstico correto**. 2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47779342>>. Extraído em 15 jun. 2021.

BECCARI, Marcos N. **Visualidade e política a partir de Foucault**. In: Arte e Ensaios, vol. 26, n. 40, jul/dez 2020. Disponível em < <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/download/2178-097X/21630>>. Acesso em 8 jan. 2023.

BENJAMIN, Walter. **A capacidade mimética**. In: BENJAMIN, Walter et al. Humanismo e comunicação de massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

BENJAMIN, Walter. **A doutrina das semelhanças**. In: BENJAMIN, Walter et al. Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Edição e tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da história**. In: BENJAMIN, Walter et al. Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, Nilda. Mediação e Mídia. Compós, EDUFBA, 2012.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação é aquilo que transforma linguagens**. Revista Alceu, 10(20): 41-54, 2010.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da Comunicação**. Revista Verso e Reverso, 25(58): 62-77, 2011.

BRAGA, José Luiz. **Interação como contexto da Comunicação**. Matrizes Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012 - São Paulo - Brasil – p. 25-41.

BRAGA, José Luiz. **Nem rara, nem ausente – tentativa**. Revista Matrizes, 4(1): 65-81, 2010.

BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

BRAGA, Leonardo Izoton. **Walter Benjamin e a filosofia da escrita: apresentação, constelação e crítica**. Cadernos Benjaminianos, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 11-19, 2018.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Extraído em 15 set. 2021.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008. Aprova o texto **da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo**, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União 2008; 10 jul. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm>. Extraído em 15 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo**. Brasília, DF, 2014.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** (2009), 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**; tradução de Rogério Bettoni. - 1ª ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, 2011, n.1.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Countouts of Ableism: the production of disability and abledness**. Londres: Editora Palgrave Macmillian, 2009. 248p.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law**. Griffith Law Review, London, v. 10, n.1, p. 42-62, 2001.

CARDIERI, Mariana Prates. **Estudos culturais, neurodiversidade e psicanálise: um lugar para o autismo**. Belo Horizonte, 2018.

CASSIDY, S. et al. **Suicidal ideation and suicide plans or attempts in adults with Asperger's syndrome attending a specialist diagnostic clinic: a clinical cohort study**. The Lancet Psychiatry, v. 1, n. 2, p. 142-147, 2014.

CATHO. **Pessoas com deficiência e o mercado de trabalho**. Publicado em 23 jun. 2021. Disponível em <<https://paraempresas.catho.com.br/pessoas-com-deficiencia-e-o-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em 12 já. 2023.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Selma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 13 dez.2022.

D'ANTINO, Maria Eloísa Famá; VINIC, Alessandra Aronovich. **Representação cinematográfica dos Transtornos do Espectro do Autismo**. In: SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves. Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. São Paulo: Memmon, 2011.

DAWSON, Michele. 2004. **“The misbehaviour of behaviourists”**. Disponível em <http://web.archive.org/web/20051205014407/www.sentex.net/~nexus23/naa_aba.html>. Extraído em 13 jul. 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34, v. 3, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34, v. 4, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DIAS Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social**. In: Anais do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência; 2013; São Paulo. p. 5.

DIAS, Marlon Santa Maria. **O desassossego das imagens: políticas do sofrimento em redes digitais**. Tese, 2022. Disponível em < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11246?locale-attribute=es>>. Extraído em 21 abr. 2022.

DINIZ, Débora, SANTOS W. **Deficiência e Direitos Humanos: desafios e respostas à discriminação**. In: Diniz D, Santos W, organizadores. Deficiência e Discriminação. Brasília: Letras Livres, EdUnB; 2010. p. 9-10.

DINIZ, Débora. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis. Brasília, v. 28, p. 1– 8, 2003. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15250/1/ARTIGO_ModeloSocialDeficiencia.pdf. Acesso em 15 dez. 2022.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DISNEY PLUS. **Fitas (Loop)**. Curta-metragem de animação *Pixar*. 2019. Disponível em <<https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/fitas/5NfKNumn6L0l>>. Extraído em 25 ago. 2021.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DOWN, Movimento. **Síndrome de Down: Características**. Disponível em <<https://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/caracteristicas/>>. Extraído em 05 de maio de 2021.

DOWN, Movimento. **Síndrome de Down: O que é**. Disponível em <<https://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>>. Extraído em 05 de maio de 2021.

DSM-V. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

DUARTE, Eduardo. **Por uma epistemologia da Comunicação**. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.) Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003, pp 41-54.

FEINSTEIN, Adam. **Neurodiversity: The cases for and against**. 2017. Disponível em <<http://blogs.exeter.ac.uk/exploringdiagnosis/files/2017/03/Adam-Feinstein-notes-for-neurodiversity-talk-for-Exeter-December-11-2017.pdf>>. Extraído em 17 jun. 2021.

FERRARESE, Estelle. **Les vulnérables et le géomètre**. Raison Publique, [Rennes]: Presses universitaires de Rennes, 2011, pp.17-37.

FERRARESE, Estelle. **Vulnerability: a concept with which to undo the world as it is?** Critical Horizons, v.17, n.2, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves - 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Ditos e escritos, v. 5: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. In: FOUCAULT, M. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 107-115, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias del yo y otros textos afines** (tradução de Fabiana de Amorim Marcello, 2005). Barcelona: Paidós, 1990

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. (20a ed). Petrópolis: Vozes, 1999.

FRAGOSO, Sueli. **Apresentação do livro Redes Sociais na Internet**, 2009. In: Recuero, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2ª ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRAZÃO, Dilva. **Sigmund Freud: Neurologista e psicanalista austríaco**. Portal e-biografias, 2020. Disponível em <https://www.ebiografia.com/sigmund_freud/>. Extraído em 02 fev. 2022.

G1. 7 em cada 10 pessoas com deficiência estão fora do mercado de trabalho. Publicado em 21 set. 2022. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/09/21/7-em-cada-10-pessoas-com-deficiencia-estao-fora-do-mercado-de-trabalho-salario-medio-dessa-populacao-e-r-1-mil-menor-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em 12 jan. 2023.

GABEL, S. L.; CONNOR, D. **Theorizing Disability Implications and Applications for Social Justice in Education Disability Studies in Education**. *International Journal of Inclusive Education*. Reino Unido, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/244988407_Theorizing_Disability_Implications_and_Applications_for_Social_Justice_in_Education_Disability_Studies_in_Education>. Acesso em 13 dez. 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Da escrita filosófica em Walter Benjamin**. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GINSBURG, Faye; RAPP, Rayna. **Disability worlds**. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, v. 42, p. 53-68, 2013.

GLOBOPLAY. **Amor à Vida**. Novela da Rede Globo. 2013. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/amor-a-vida/t/d6XYst7nyz/>>. Extraído em 28 ago. 2021.

GLOBOPLAY. **Malhação Viva a Diferença**. Novela da Rede Globo. 2017. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/malhacao-viva-a-diferenca/t/C86VK9vvggk/>>. Extraído em 28 ago. 2021.

GLOBOPLAY. **O Contador**. Filme distribuído por Globo Play. 2019. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/o-contador/t/6SD6wDHtSz/>>. Extraído em 27 ago. 2021.

GLOBOPLAY. **The Good Doctor**. Série original CBS Television Studios. 5 temporadas. 2017 - 2022. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/the-good-doctor-o-bom-doutor/t/kmF21xZbHk/>>. Extraído em 15 jun. 2022.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**: tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985. Do original em inglês: The presentation I self in everyday life.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert, 1963. Data da Digitalização: 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society**. Boston, Beacon Press, 1984.

HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: Sovik, Liv (org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HBO MAX. **On tour with Asperger's are Us**. 2021. Documentário distribuído por HBO Max. EUA. Disponível em <<https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GXbNGrQbOEoNiYAEAAAou:type:series>>. Extraído em 27 ago. 2021.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos mediatizados: pesquisa da mediação na era da "mediação de tudo"**. MATRIZES. V. 8 - Nº 1, São Paulo: 2014.

HEPP, Andreas. **O que a cultura das mídias (não) é**. In: Revista Interin, v. 19. n.1. p. 03-23. Curitiba: 2015.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. **Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas.** Revista Parágrafo, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-89, jul./dez. 2015. Disponível em <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333/341>>. Extraído em 21 jun. 2021.

HINE, C. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday** Bloomsbury, London, 2015.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of CyberSocial-Scientific Knowledge.** In: C. HINE (org), **Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet.** Oxford: Berg, 2005.

HINE, C; CAMPANELLA, Bruno. **Por uma etnografia para a Internet: transformações e novos desafios.** MATRIZES. V.9 – Nº 2 – Jul./Dez. 2015, São Paulo, Brasil, p.167-173.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual.** Barcelona: Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais** (Trad. Luiz Repa). São Paulo: 1ª Ed. 2003; 2ª Ed. 2009.

HONNETH, Axel; ANDERSON, Joel. **Autonomia, vulnerabilidade, reconhecimento e justiça.** Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, n. 17, p. 81-112, 2011.

HONNETH. Axel. **Reificação: um estudo da teoria do reconhecimento;** traduzido por Rúbion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

HONNETH. Axel. **Teoria Crítica.** In: GIDDENS, Antony; TURNER, Jonathan. (org.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Unesp, 1999.

INSTITUTO NEUROSABER. **Quais os níveis de intensidade no autismo?** Publicado em 27 out.2020. Disponível em <<https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-niveis-de-intensidade-no-autismo/>>. Extraído em 01 mar. 2022.

IONTA, Marilda. **Derivas da escrita de si.** In: RESENDE, Haroldo de (Org.). Michel Foucault: política, pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 147-162.

JAARSMA Pier, WELIN Stellan. **Autism as a Natural Human Variation: Reflections on the Claims of the Neurodiversity Movement.** 2011. Health Care Anal. 20: 20-30. Disponível em <https://web.archive.org/web/20131101015957/http://www.imh.liu.se/avd_halsa_samhalle/filarkiv1/1.264263/JaarsmaWelin2011Autismasanaturalvariation.pdf>. Extraído em 17 jun. 2021.

JAMA Psychiatry. Bai D, Yip BHK, Windham GC, et al. **Association of Genetic and Environmental Factors With Autism in a 5-Country Cohort.** 2019. 76(10):1035–1043. doi:10.1001/jamapsychiatry.2019.1411. Disponível em <<https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582>>. Extraído em 15. Jun. 2021.

JAMA Psychiatry. Li Q, Li Y, Liu B, et al. **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children and Adolescents in the United States from 2019 to 2020.** JAMA Pediatr. Published online July 05, 2022. doi:10.1001/jamapediatrics.2022.1846. Disponível em <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2793939?guestAccessKey=e014e9ee-c3c5-48a1-af14-58a30ca676cc&utm_source=For_The_Media&utm_medium=referral&utm_campaign=ftm_links&utm_content=tfl&utm_term=070522>. Extraído em 17 jul. 2022.

JUNIOR, Paiva. **Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças.** Revista Autismo. Publicado em 28 mar. 2014. Disponível em <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas/>> Acesso em 25 ago. 2021.

JUNIOR, Paiva. **EUA publica nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC.** Revista Autismo / Canal Autismo. Publicado em 2 dez. 2021. Disponível em <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>>. Extraído em 15 fev. 2022.

JUNIOR, Paiva. **Novo estudo indica prevalência: 1 em cada 30 crianças nos EUA é autista.** Revista Autismo / Canal Autismo. Publicado em 12 jul. 2022. Disponível em <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/novo-estudo-indica-prevalencia-1-em-cada-30-criancas-nos-eua-e-autista/>>. Extraído em 16 jun. 2022.

JUNIOR, Paiva; RIBEIRO, Sabrina. **Uma em cada 110 crianças tem autismo.** Revista Autismo. Paiva Junior e Sabrina Ribeiro. Publicado em 16 set. 2010. Disponível em <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/numero-impressionante-uma-em-cada-110-criancas-tem-autismo>>. Extraído em 25 fev. 2021.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact.** Nerv Child 1943.

KANNER, L. **Psiquiatria Infantil.** 4ª ed. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1976.

KAPP, S. K. (ed.), **Autistic Community and the Neurodiversity Movement: Stories from the Frontline.** Springer Singapore, 2020.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** Psicol. Soc. vol.19 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2007.

LAUGIER, Sandra. **L'Importance de L'Importance: expérience, pragmatisme, transcendantalisme.** Multitudes, n. 23, p. 153-167, 2005.

LAUGIER, Sandra. **Politics of vulnerability and responsibility for ordinary others.** Critical Horizons, v.17, n.2, 2016, p.207-223.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões.** Antropolítica, Niterói, n. 42, p. 41-65, 2017. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884/pdf>>. Extraído em 4 jun. 2022.

MAIA Rousiley C.M.; CAL, D.; HAUBER, G.; OLIVEIRA V.; ROSSINI P.G.C.; SAMPAIO R.C.; GARCÊS R.L. **Conversação e deliberação sobre questões sensíveis: um estudo sobre o uso das razões que circulam nos media.** Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 34, jan-abr., 2017, p. 55-72.

MANTOVANI, M. C. A.; PESSOA, S. C.; BOAVENTURA, S. **Conhece-te a ti mesmo, enfrenta a ti mesmo: os relatos de si como ponto de partida para a produção de conhecimento.** IN: **Afetos: pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau.** Org.: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Aula Magna e Conferência de Abertura do 14º Interprogramas na Cásper com a pesquisadora Ângela Marques, da UFMG.** 2021.

Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/noticias/aula-magna-e-conferencia-de-abertura-do-14o-interprogramas-na-casper-com-a-pesquisadora-angela-marques-da-ufmg/>>. Extraído em 18 jun. 2022.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Entre a política e a estética: uma abordagem comunicacional de questões de justiça**. Belo Horizonte (MG): PPGCOM UFMG, 2018.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas**. Org. Belo Horizonte (MG): PPGCOM UFMG, 2018.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. **A politização das conversas cotidianas e suas relações com processos deliberativos**. In Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.20, n.1, jan./abr. 2017.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PESSOA, Sônia Caldas; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Relatos, histórias, testemunhos: modalidades da produção de narrativas autobiográficas a partir de seu contexto político e situacional**. In: Revista Nupen - Dossiê: O espaço (auto)biográfico: indivíduo, memória e sociedade v. 14 n. 32, 2022. Disponível em <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4765>. Extraído em 28 set. 2022.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil**. In: OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação**. MATRIZES, 12(2), 217-234, 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/140592>. Extraído em 17 jan. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Limiares do estrangeiro na comunicação: a fronteira como ambivalência comunicacional entre o acolhimento e a hostilidade**. Cambiassu: Estudos em Comunicação, [S. l.], v. 15, n. 26, p. 66-82, 2020. Disponível em <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/14028>. Extraído em 16 jul. 2022.

MELLO, A. G., NUERNBERG, A. H., & BLOCK, P. **Não é o corpo que nos incapacita, mas sim a sociedade: a interdisciplinaridade e o surgimento dos estudos sobre deficiência no Brasil e no mundo**. In E. Shimanski, & F. Cavalcante (Orgs.), Pesquisa e extensão: Experiências e perspectivas interdisciplinares. Ponta Grossa, PR: Editora da UEPG, 2014.

MELLO, Anahi Guedes; NUERNBERG, Adriano Henrique. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 635-655. 2012. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/rDWXgMRzzPFVTtQDLxr7Q4H/?lang=pt&format=pdf>>. Extraído em 18 jul. 2021.

MELLO, Anahi. G. de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/?lang=pt&format=pdf>>. Extraído em 18 ago. 2021.

MELO, Rúrion. **A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça**. Rúrion Melo (coordenador). São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Reconhecimento e deliberação: as lutas das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais** (tese). Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MENDONÇA, Sophia Silva de. **A interseccionalidade entre autismo e transgeneridade: diálogos afetivos no Twitter**. Dissertação. UFMG, 2022. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46038>>. Acesso em 26 set. 2022.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MORICEAU, Jean-Luc. **Escrituras e Afetos**. IN: Afetos, teses e argumentos. Organizadores PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

MÜHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdecir Antonio (orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UFP, 2004.

MUNDO AUTISTA. **A vitória de uma autista é a vitória de todas nós**. Publicado em 23 fev. 2022. Disponível em <<https://omundoautista.uai.com.br/a-vitoria-de-uma-autista-e-a-vitoria-de-todas-nos/>>. Extraído em 1 jan. 2023.

NETFLIX. **Amor no Espectro**. Série lançada pela ABC. 2 temporadas. 2021. Distribuída por Netflix. EUA. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/81265493>>. Extraído em 12 jun. 2022.

NETFLIX. **Asperger's Are Us**. 2016. Documentário distribuído por Netflix. EUA. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/80104420>>. Extraído em 27 ago. 2021.

NETFLIX. **Atypical**. Série original Netflix criada por Robia Rashid e Direção de Seth Gordon. 4 temporadas. 2017 – 2021. Distribuída por Netflix. EUA. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/80117540>>. Extraído em 26 ago. 2021.

NETFLIX. **Farol das Orcas**. 2016. Filme distribuído por Netflix. EUA. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/80105690>>. Extraído em 27 ago. 2021.

NETFLIX. **O Recepcionista**. 2019. Filme distribuído por Netflix. EUA. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/81242170>>. Extraído em 27 ago. 2021.

NETO, Ricardo Banalume. **Medo de Vacina**. In: Folha de São Paulo, 28 de maio de 2011. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2805201101.htm>. Extraído em 12 de abril de 2021.

NEUROSABER, Instituto. **Quais são as principais comorbidades do autismo?** Publicado em 20 mai. 2021. Disponível em <<https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-as-principais-comorbidades-do-autismo/>>. Extraído em 12 set. 2021.

NOBRE, Marcos. **Apresentação. Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica**. In: HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2009.

NUNES, Fernanda. **Atuação política de grupos de pais de autistas no Rio de Janeiro: perspectivas para o campo da saúde.** Dissertação [Mestrado em Saúde Coletiva], Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2014.

O GLOBO. **Estudo aponta que não há ligação entre vacina tríplice viral e autismo.** Publicado em 21/04/2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/saude/estudo-aponta-que-nao-ha-ligacao-entre-vacina-triplice-viral-autismo-15937861>>. Extraído em 12 abr. 2021.

OCHS, Elinor et al. **Autism and the social world: an anthropological perspective.** Discourse Studies, v. 6, n. 1, p. 147-183. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 2004.

OLIVEIRA, Bruna Estevão Costa; FALKOSKI, Fernanda Cristina. **Fundamentos e metodologia dos transtornos globais do desenvolvimento.** Curitiba: Fael, 2021.

OLIVEIRA, Fatine Conceição. **Corpos sem filtros: textualidades afetivas de mulheres com deficiência no Instagram.** Dissertação. UFMG, 2021. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45517>>. Acesso em 22 mar. 2022.

OMOTE, Sadao. **Deficiência e Não-Deficiência: recortes do mesmo tecido.** Revista Brasileira de Educação Especial, São Paulo, vol. 2, 1994. Disponível em <https://www.abpee.net/pdf/artigos/art-2-6.pdf>. Acesso em 27 out. 2022.

ORTEGA, Francisco et al. **A construção social do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira.** Interface. Comunicação, Saúde, Educação, v. 17, n. 44, jan/mar, p. 119-132, 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/icse/a/kYR5qND8NVsJ8JktBtVCK7n/?lang=pt&format=pdf>>. Extraído em 12 mar. 2021.

ORTEGA, Francisco. Commentary. **Why not both? Negotiating ideias about autism in Italy, Brazil and the US.** In: FEIN, Elizabeth; RIOS, Clarice (eds.). Autism in Translation. An Intercultural Conversation on Autism Spectrum Conditions. Culture, Mind and Society, University of Tulsa, USA. p. 89-108., 2018.

ORTEGA, Francisco. **Deficiência, autismo e neurodiversidade.** In: DINIZ, Débora & SANTOS, Wederson (orgs.). Deficiência e Discriminação. Brasília: Letras e Livres. p. 143-168, 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/CPcMbsxxyfF3CXSLwTcprwC/?format=pdf&lang=pt>>. Extraído em 15 abr. 2021.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade.** Mana, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a08v14n2.pdf>>. Extraído em 15 mar. 2021.

ORTEGA, Francisco; CHOUDHURY, Suparna. **Wired up differently: Autism, adolescence and the politics of neurological identities.** Subjectivity. Macmillan Publishers, v. 4, n. 3, p. 323-345., 2011.

PARADOXA. **Stimados Autistas.** Documentário criado e distribuído pelo Canal YouTube Paradoxa. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qR5JIrKboso>>. Extraído em 20 ago. 2021.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.** São Paulo: n-1 edições, 2ª edição, 2016.

PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida**. In: Lugar comum. Nº17, pp. 33-43. Revista UniNômade. Publicação em 30 jun. 2008. Disponível em <<https://uninomade.net/lugarcomum/17/>>. Extraído em 25 ago. 2022.

PESSOA, S. C (Org.); MARQUES, A. C. S. (Org.); MENDONCA, C. M. C. (Org.). **Afetos: Pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau**. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2019. v. 1. 141p.

PESSOA, S. C (Org.); MARQUES, A. C. S. (Org.); MENDONCA, C. M. C. (Org.). **Apresentação**. In: **Afetos: Pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau**. Organizadores PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2019. v. 1. 141p.

PESSOA, S. C. (Org.); MARQUES, A. C. S. (Org.); MENDONCA, C. M. C. (Org.). **Afetos, Teses e Argumentos**. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2021. v. 1. 206p.

PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Apresentação**. IN: **Afetos, teses e argumentos**. Organizadores PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

PESSOA, Sonia Caldas. **Estética da diferença: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise en scène***. Tese. UFMG, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9X4PFX>>. Acesso em 13 abr. 2021.

PESSOA, Sonia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas**. Belo Horizonte (MG): PPGCOM, 2018.

PINTO, José Marcelino de Rezende. **A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas**. Paidéia n° 8-9. Ribeirão Preto, fev-ago, 1995. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/xJGQv8nhmfczWSDkPvPxkxq/?lang=pt>>. Extraído em 12 jun. 2021.

POCKET-LINT. **O que é Instagram e como ele funciona?** Publicado em 22 jun. 2022. Disponível em <<https://www.pocket-lint.com/pt-br/aplicativos/noticias/instagram/133957-como-o-instagram-funciona-mais-dicas-e-truques>>. Extraído em 19 jul. 2022.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Coleção Cibercultura. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulinas, 2015. 21-36p.

RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Sueli; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, Daniel Melo. **Cartografias afetivas: mapeamentos da experiência do corpo no espaço**. In: PESSOA, S. C. (Org.); MARQUES, A. C. S. (Org.); MENDONCA, C. M. C. (Org.). **Afetos, Teses e Argumentos**. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2021. v. 1. 206p. (p. 83-104).

RIBEIRO, Daniel Melo. **Limiares da cartografia: uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. 341 p.

RIES, Igor Lucas. **As interações comunicacionais em comunidades online sobre autismo: conexões em busca por reconhecimento**. 166f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2018.

RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **Da invisibilidade à epidemia. A construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira**. Interface: Comunicação, Saúde, Educação. Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 325-336., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n53/1807-5762-icse-1807-576220140146.pdf>. Extraído em 02 abr. 2021.

ROBINS, K. (1995). "Cyberspace and the world we live in". En: M. Featherstone; R. Burrows (eds.). *Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk: Cultures of Technological Embodiment* (pág. 135-155). Londres: Sage.

ROBISON, John E. **The Controversy Around Autism and Neurodiversity**. Psychology Today, 2017. Disponível em <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/my-life-aspergers/201704/the-controversy-around-autism-and-neurodiversity>>. Extraído em 15 jun. 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. SP: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos**. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo; MOURA, Cláudia Peixoto (org.) *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 175-194.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RUSSO, Fabiane. **Entenda o termo “autismo de alto funcionamento”**. Portal NeuroConecta. Disponível em <<https://neuroconecta.com.br/entenda-o-termo-autismo-de-alto-funcionamento/>>. Extraído em 28 dez. 2020.

SARLO, Beatriz. A oficina da escritura. In: **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p. 29-40.

SHAKESPEARE, T.; WATSON, N. **The social model of disability: an outdated ideology?** *Journal Research in Social Science and Disability*, v. 2, p. 9–28, 2002. Disponível em <http://www.um.es/discatif/PROYECTO_DISCATIF/Textos_discapacidad/00_Shakespeare2.pdf>. Acesso em 16 dez. 2022.

SILBERMAN, Steve. **NeuroTribes – The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity**. New York: Avery, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. 364p; il.; 14,8x21cm.

SIMONINI, Eduardo. **Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas**. In: GUEDES, Adriane Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p. 73-92.

SINCLAIR, Jim. **Don't Mourn for Us**. Autism Network International, v. 1, n. 3, 1993. Toronto. Disponível em <https://www.autreat.com/dont_mourn.html>. Extraído em 14 jul 2021.

SINGER, Judy. **"Why can't you be normal for once in your life?" From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference"**. In: M. Corker & S. French (orgs.). Disability discourse. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1999.

SINGER, Judy. **NeuroDiversity – the Birth of an Idea**. Sydney: Judy Singer, 2017.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

SODRÉ, Muniz. **Televisão e Psicanálise**. São Paulo: Ática; 2000.

SOUZA, Miguel. **"Memes"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/memes.htm>. Acesso em 15 jan. 2023.

TAKEDA, Tatiana; GODOY, Adriana. **Direito dos Autistas: uma história contada**. 2019. Instituto Jujuba. Disponível em <<https://assets.teabraco.com.br/uploads/documents/direito-dos-autistas.pdf>>. Extraído em 19 ago. 2021.

TAYLOR, Sunaura. **Beasts of Burden: Animal and Disability Liberation**. (versão Kindle). New York: The New Press. 2017.

TISMOO. **CID-11 unifica Transtorno do Espectro do Autismo no código 6A02**. Publicado em 12 dez. 2021. Disponível em <<https://tismoo.us/destaques/cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-do-autismo-no-codigo-6a02/>>. Extraído em 01 mar. 2022.

TISMOO. **EUA tem novo número de prevalência de autismo: 1 para 54**. Publicado em 27 mar. 2020. Disponível em <<https://tismoo.us/destaques/eua-tem-novo-numero-de-prevalencia-de-autismo-1-para-54/>>. Extraído em 13 novembro 2021.

TISMOO. **Novo estudo do CDC sugere prevalência de 1 autista a cada 44 crianças nos EUA**. Publicado em 3 dez. 2021. Disponível em <<https://tismoo.us/ciencia/novo-estudo-do-cdc-sugere-prevalencia-de-1-autista-a-cada-44-criancas-nos-eua/>>. Extraído em 01 mar. 2022.

TISMOO. **Pesquisa confirma que autismo é quase totalmente genético; 81% é hereditário**. Publicado em 19 jul. 2019. Disponível em <<https://tismoo.us/destaques/pesquisa-confirma-que-autismo-e-quase-totalmente-genetico-81-e-hereditario/>>. Extraído em 15 jul. 2021.

TOURAINÉ, Alain. 1973. **Vie et mort du Chili populaire: journal sociologique, juillet-septembre 1973**. Paris: Éditions du Seuil.

VEJA. **Fator ambiental é tão importante quanto o genético para risco de autismo**. 2014. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/saude/fator-ambiental-e-tao-importante-quanto-o-genetico-para-risco-de-autismo/>>. Extraído em 18 jun. 2021.

VELLOSO, R. C. L. **Pensar por constelações**. In: JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth da S.. (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*. 1ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2018, v. 1, p. 100-121.

VOGUE. **Cultura - Tudo Que Quero: o novo filme com Dakota Fanning**. 2018. Disponível em <<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2018/04/tudo-que-quiero-3-motivos-para-assistir-ao-novo-filme-com-dakota-fanning.html>> Extraído em 27 ago. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é Ordinária**, p.2. Tradução, 1958.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 18

WOLBRING, Gregor. **The politics of Ableism**. *Development*, Washington DC, v. 51, n.2, p. 252-258, 2008.

XAVIER, Monalisa P.; BATISTA, Ana Lúcia de M. **Dispositivos interacionais: atravessamentos e redefinições de fronteiras na sociedade em midiatização**. *Contracampo*, Niterói, v. 35, nº 02, pp. 72-86, ago./nov., 2016.

REFERÊNCIAS WEB

DAS PUBLICAÇÕES NO *INSTAGRAM*

AMANDA PASCHOAL. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/amanda.paschoal.au/>. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/amanda.paschoal.au/. Deficiência ou diferença? Disponível em https://www.instagram.com/p/CGMFJMxFHEv/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 out.2020.

Instagram.com/amanda.paschoal.au/. Meme sobre como nos veem. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFm78euIs5/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 set.2020.

Instagram.com/amanda.paschoal.au/. O capacitismo gritante na academia. Disponível em https://www.instagram.com/p/CdgqOH1psn6/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 13 mar.2022.

Instagram.com/amanda.paschoal.au/. O criador do Pokémon. Disponível em https://www.instagram.com/p/CD4u0OnpDdJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 ago.2020.

Instagram.com/amanda.paschoal.au/. Ocitocina para ajudar autistas na socialização. Disponível em https://www.instagram.com/p/CcYnD1eJ08E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 abr.2022.

ANA CÂNDIDA CARVALHO. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em https://www.instagram.com/ana_autista/. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/ana_autista/. #CuraAutistaNãoExiste! Disponível em https://www.instagram.com/p/CNIn5CFleSu/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 1 abr.2021.

Instagram.com/ana_autista/. A “estradinha de tijolos amarelos”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNbn5zNlcGB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 9 abr.2021.

Instagram.com/ana_autista/. A luta é multicolorida e multifacetada. Disponível em https://www.instagram.com/p/Cb28_mJij8/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 abr.2022.

Instagram.com/ana_autista/. Dificuldade em expressar-se. Disponível em https://www.instagram.com/p/CdsTQOAOoXU/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 mai.2022.

Instagram.com/ana_autista/. Interação em demasia: desregulação. Disponível em https://www.instagram.com/p/CXK3tfpOtkE/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 dez.2021.

Instagram.com/ana_autista/. O estigma do “autismo leve”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CS0DG79FH2I/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 ago.2021.

Instagram.com/ana_autista/. Relativização de padrões de comportamentos autistas. Disponível em https://www.instagram.com/p/CVLJsd-l2Sd/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 out.2021.

Instagram.com/ana_autista/. Respeito às singularidades. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNT4aUdF6BS/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 abr.2021.

Instagram.com/ana_autista/. Sobrecarga sensorial. Disponível em https://www.instagram.com/p/CPbJ2OLIDtO/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 mai.2021.

DAN ALEY. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/explicandoautismo/>. Acesso em 25 dez.2022.

[Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). Autistas possuem amigadas? Disponível em https://www.instagram.com/p/CITH5mCIPCU/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 dez.2020.

[Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). O protocolo de Coimbra, o MMS e... o capacitismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CE3BN6hFKOX/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 set.2020.

[Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). Sequência de postagens do perfil @explicandoautismo – Fala coletiva (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/explicandoautismo/>. Conteúdo publicado entre 16 mai.2020 e 9 mai.2021.

[Instagram.com/explicandoautismo/](https://www.instagram.com/explicandoautismo/). Transtorno do Processamento Sensorial (TPS). Disponível em https://www.instagram.com/p/B9-ksqNF3kO/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 mar.2020.

JOÃO VICTOR IPIRAJÁ. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/joaopiraja/>. Acesso em 25 dez.2022.

[Instagram.com/joaopiraja/](https://www.instagram.com/joaopiraja/). Minha voz foi ouvida como ativista da neurodiversidade. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWl6BC le n/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 22 nov.2021.

[Instagram.com/joaopiraja/](https://www.instagram.com/joaopiraja/). Provocações, diagnóstico tardio e superação. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CNzZE7DBDPv/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 abr.2021.

KMYLLA BORGES. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/kmylla.borges/>. Acesso em 25 dez.2022.

[Instagram.com/kmylla.borges/](https://www.instagram.com/kmylla.borges/). Importância do diagnóstico tardio. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZXq8u9JGLK/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 jan.2022.

[Instagram.com/kmylla.borges/](https://www.instagram.com/kmylla.borges/). Roupas adequadas *versus* conforto e bem-estar sensorial. Disponível em https://www.instagram.com/p/CcBniA0prXR/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 abr.2022.

[Instagram.com/kmylla.borges/](https://www.instagram.com/kmylla.borges/). Sequência de postagens do perfil @kmylla.borges – Diagnóstico do autismo em meninas e mulheres (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/kmylla.borges/>. Conteúdo publicado nos dias 28 mar.2022 e 24 abr.2022.

LUCAS PONTES. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em https://www.instagram.com/lucas_atipico/. Acesso em 25 dez.2022.

[Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). “Sou autista e isso não me faz inferior”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CJpMQrpIVV6/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 4 jan.2021.

[Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). A cura do autismo e o argumento mais comum de quem a defende. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWrThcZFGXI/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 24 nov.2021.

[Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). A mídia brasileira no dia das pessoas com deficiência. Disponível em https://www.instagram.com/p/CXCWijugvkz/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 dez.2021.

[Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). As diversas formas de invalidar. Disponível em https://www.instagram.com/p/CLvAx1KIKOe/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 fev.2021.

[Instagram.com/lucas_atipico/](https://www.instagram.com/lucas_atipico/). Autistas são humanos. Disponível em https://www.instagram.com/p/CD9w2k6J3X9/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 ago.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – O que não dizer (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CHoMkA_F0da/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 nov.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Afirmções falsas e generalizações (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CIwaq1klbe4/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 13 dez.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 1 (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CPhFHLglYpk/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 mai.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Vocabulário do autismo - Parte 2 (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CPzBuOjF3M-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 jun.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Orgulho de ser autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CQR_RYol5RV/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 jun.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Olhar nos olhos: o que é importante e o que é cruel? (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CT0gP7ClhHC/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 set.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Eu não sou um anjo azul (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CN09HACFPiI/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 abr.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Falas que parecem legais (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CVtai6Hlqqy/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 31 out.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Autismo e bullying (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CZiENOzpt4w/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 fev.2022.

Instagram.com/lucas_atipico/. Carrossel da publicação do perfil @lucas_atipico – Suicídio em autistas (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CTdVu4-F4Gt/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 5 set.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Como somos retratados *versus* como realmente somos. Disponível em https://www.instagram.com/p/CEU7ltgJBUi/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 ago.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Comunidade do autismo e o suicídio. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ2nGkcJQeo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 fev.2022.

Instagram.com/lucas_atipico/. Importância do ativismo autista nas plataformas digitais. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMIIwSWIONx/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 mar.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Indicador de tom (ironia). Disponível em https://www.instagram.com/p/CYzxAXeF0hu/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 jan.2022.

Instagram.com/lucas_atipico/. O foco no autismo precisa de reajustes. Disponível em https://www.instagram.com/p/CJPUqwNF3kH/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 dez.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Peço desculpa caso eu tenha sido grosseiro. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNtOOSelbym/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 abr.2021.

Instagram.com/lucas_atipico/. Quando a escola se torna um local perigoso para autistas. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ-gWWAJeU-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 fev.2022.

Instagram.com/lucas_atipico/. Sair do espectro: ensinar a reprimir e a mascarar o autismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZVUiELpvAy/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 jan.2022.

Instagram.com/lucas_atipico/. Ser feliz *versus* estar no padrão. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBy0DKhJCGm/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 jun.2020.

Instagram.com/lucas_atipico/. Violência nas terapias: é mais comum do que parece. Disponível em https://www.instagram.com/p/CUBOhnXFEq/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 19 set.2021.

Instagram.com/meumundoautista/. Carrossel da publicação do perfil @meumundoautistaa – Dicas sobre como se comunicar com autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CUApaPMF-1E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 19 nov.2021.

NATY SOUZA. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/meumundoautistaa/>. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/meumundoautistaa/. #OrgulhoAutista. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBbqiEYJvHg/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 14 jun.2020.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Apenas dê asas para minhas habilidades. Disponível em https://www.instagram.com/p/CNMB0JAIXUf/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 3 abr.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Autismo é para a vida toda. Disponível em https://www.instagram.com/p/CWFLL6IMICf/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 10 nov.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Autismo não é adjetivo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFsFsroFFst/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 set.2020.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Cuidador autista é responsável? Disponível em https://www.instagram.com/reel/CUQZBI1AjP/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 25 set.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Ensine o autista a ser independente. Disponível em https://www.instagram.com/p/CQ9yQVpF8q8/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 5 jul.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Mutilação, autoagressão e emoções. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBtvraMJvd-/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 21 jun.2020.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Mutismo seletivo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CVrMBMVstjv/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 out.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Psicofobia é crime. Disponível em https://www.instagram.com/reel/CW14GoJd3P/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 28 nov.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Sequência de postagens do perfil @meumundoautistaa “Padronizar” e “normalizar” é mutilar a identidade autista (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/meumundoautistaa/>. Conteúdo publicado nos dias 29 e 31 mar.2021.

Instagram.com/meumundoautistaa/. Somos livres para amar?. Disponível em https://www.instagram.com/p/CFnPLfV18Mw/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 set.2020.

SOPHIA MENDONÇA. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/sophiamendoncaoficial/>. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. “E, quando você é autista, não é abuso. É terapia”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CRxnrlYFohZ/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 jul.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. A presença do pai neurotípico. Disponível em https://www.instagram.com/p/CCuEkeFl3oI/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 jul.2020.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Aniversário da orientadora no mestrado Sônia Pessoa. Disponível em https://www.instagram.com/p/CBLsl5kITCx/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 8 jun.2020.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Capacitação profissional de pessoas autistas e atuação na IBM. Disponível em https://www.instagram.com/p/CT25IGGjNm/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 15 set.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – Diálogos entre ser autista e transgênero (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CZUR8oFl60b/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 jan.2022.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A camuflagem social no autismo (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CWkZU5VAwHB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 22 nov.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Carrossel da publicação do perfil @sophiamendoncaoficial – A mulher autista é o outro do outro (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em https://www.instagram.com/p/CXMqwRSFXzo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 7 dez.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Dez anos depois. Disponível em https://www.instagram.com/p/CO-sztXlgNF/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 17 mai.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Documentário Autwork. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMAIONfIQvo/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 4 mar.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Especialização em sexualidades no espectro autista. Disponível em https://www.instagram.com/p/CYmAGDLMD0Q/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 11 jan.2022.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMe9I24FZJ5/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 16 mar.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Meu maior fantasma foi ser transgênero. Disponível em https://www.instagram.com/p/CORU16FlpIk/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 29 abr.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. O dia do orgulho autista é um convite. Disponível em https://www.instagram.com/p/COXJdiChSCB/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 20 jun.2021.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Oração e meditação. Disponível em https://www.instagram.com/p/CCJjxCUFW_E/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 2 jul.2020.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Pesquisadora da UFMG apresenta histórias de trans e autistas como ela. Disponível em https://www.instagram.com/p/CZ5H7LPJzWS/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 12 fev.2022.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Precisamos criar indivíduos com autonomia. Disponível em https://www.instagram.com/p/CIuDZsoF9nW/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 12 dez.2020.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Primeira trans autista mestra pelo PPGCOM/UFMG. Disponível em https://www.instagram.com/p/CaVOGVuJMjd/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 fev.2022.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Sobre autismo, identidade de gênero e a vida pessoal. Disponível em https://www.instagram.com/p/CEgWbUXISes/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 30 ago.2020.

Instagram.com/sophiamendoncaoficial/. Sophy, você chegou! Disponível em https://www.instagram.com/p/CK74UX5FPH3/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 fev.2021.

TIAGO ABREU, proprietário do perfil @introvertendo no *Instagram*, página utilizada também para a divulgação dos episódios do *podcast Introvertendo* (<https://www.introvertendo.com.br/>). Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Acesso em 25 dez.2022.

Tiago Abreu. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/introvertendo/. “Falta muito para a sociedade compreender o que é capacitismo”. Disponível em https://www.instagram.com/p/CK9Pp9cltLw/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 6 fev.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Mas por que orgulho autista? Disponível em https://www.instagram.com/p/CQQ07OGFM8u/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 18 jun.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Messi não é autista! Disponível em https://www.instagram.com/p/CB5XeuQF94D/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 26 jun.2020.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autistas no mercado de trabalho como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 2 out.2020 e 15 out.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Temas do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre 16 jun.2020 e 8 out.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Protagonismo autista no *podcast* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre 23 out.2020 e 15 fev.2022.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Comunicação como temática de episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado nos dias 25 set.2020 e 22 out.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autismo adulto como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 11 dez.2020 e 8 abr.2022.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Mulheres autistas como temas dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado nos dias 18 nov.2020 e 8 mar.2022.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Sexualidade no autismo como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 12 jun.2020 e 6 mai.2022.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Amizades e família como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 1 jun.2020 e 17 abr.2022.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Religião como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 7 set.2020 e 11 set.2020.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Jogos e música como temas dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 3 jul.2020 e 4 jun.2021.

Instagram.com/introvertendo/. Sequência de postagens do perfil @introvertendo – Autonomia como tema dos episódios do *podcast Introvertendo* (montagem/adaptação feita pelo autor). Disponível em <https://www.instagram.com/introvertendo/>. Conteúdo publicado entre os dias 28 mai.2021 e 10 set.2021.

WILLIAN CHIMURA. Perfil no *Instagram* com página ativa durante o período da pesquisa. Disponível em <https://www.instagram.com/chimurawill/>. Acesso em 25 dez.2022.

Instagram.com/chimurawill/. Palestrantes autistas em eventos sobre autismo. Disponível em https://www.instagram.com/p/CMxYgDzFo64/?utm_source=ig_web_copy_link. Publicado em 23 mar.2021.

APÊNDICES

Apêndice A – Modelo TCLE



Universidade Tuiuti do Paraná

Credenciada por Decreto Presidencial de 07 de julho de 1997 - D.O.U nº 128, de 08 de julho de 1997, Secção 1, Página 14295.

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ - UTP PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou **Igor Lucas Ries**, mestre em Comunicação e Linguagens, **pesquisador e doutorando** do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Realizo uma **pesquisa em nível de tese doutoral sobre o autismo e neurodiversidade, apoiado pela Capes**.

O estudo tem como objetivo investigar **quais são as demandas enunciadas pelos autistas em suas páginas do Instagram e como compreendem a luta por reconhecimento da neurodiversidade**. Além de fornecer subsídios para o desenvolvimento da tese, a pesquisa visa ampliar os estudos sobre os processos de construções comunicativas de realidades socioculturais que contribuem para a formação de uma nova concepção social do autismo, a partir dos próprios sujeitos da neurodiversidade que fazem uso da tecnologia digital e das redes sociais para enunciarem suas demandas.

A seleção das páginas em diversas redes sociais digitais, bem como no Instagram, iniciou em 2019 com a observação do total de 30 perfis de autistas com ação ativista pela neurodiversidade, em suas páginas de conteúdo aberto. Em 2022, para garantir equilíbrio de gênero e demográfico no território brasileiro, houve o recorte e a seleção final da amostra. A fase atual da pesquisa, portanto, prevê a análise das postagens contidas nestas páginas, por meio dos perfis do Instagram e conteúdo neles publicados e/ou de informações dispostas em outra rede social digital que possam complementar a análise, bem como menção identificada deste conteúdo no corpo da pesquisa.

Por isso, **convido** você, **NOME COMPLETO**, por meio do(s) seu(s) perfil(is) do Instagram (**@nomedoperfil**) para participar da pesquisa. Ressalto que o estudo não tem caráter comercial, que você não terá nenhum custo ou compensações financeiras, mas que sua participação contribuirá para uma reflexão mais aprofundada em relação à temática.

Com este termo de consentimento livre e esclarecido, em que constam os meus contatos de pesquisador e da Professora orientadora da tese, você poderá tirar dúvidas sobre a pesquisa e sua participação a qualquer momento.

Agradeço sua atenção e colaboração.

Curitiba, 18 de abril de 2022.

Respeitosamente,

Igor Lucas Ries
PESQUISADOR

<http://lattes.cnpq.br/6344375964875760>

Profª Drª Angie Biondi
ORIENTADORA

<http://lattes.cnpq.br/4118048407378960>

Caso tenha entendido os procedimentos da pesquisa e aceite participar, por favor, assine abaixo:

NOME: _____

DATA: _____ ASSINATURA: _____

Apêndice B – As Coleções

DATA	PERFIS	COLEÇÕES / SUBCATEGORIAS	TIPO / TOM DO ENUNCIADO	TAGS	LINK
14/08/2020	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, criador Pokémon	https://www.instagram.com/p/CD4u0npDdJ/?utm_source=ig_web_copy_link
26/09/2020	AMANDA PASCHOAL	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, conscientização	https://www.instagram.com/p/CFm78eult5/?utm_source=ig_web_copy_link
11/10/2020	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, deficiência ou diferença	https://www.instagram.com/p/CGMFJMx7FHEv/?utm_source=ig_web_copy_link
22/10/2021	AMANDA PASCHOAL	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, importância	https://www.instagram.com/p/CVWZURFaXo/?utm_source=ig_web_copy_link
27/10/2021	AMANDA PASCHOAL	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CvFmPUjKH9/?utm_source=ig_web_copy_link
11/04/2022	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Restrição alimentar	https://www.instagram.com/p/CcOp7q8pNaw/?utm_source=ig_web_copy_link
14/04/2022	AMANDA PASCHOAL	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Acessibilidade	https://www.instagram.com/p/CcYpMmfLE2Y/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2022	AMANDA PASCHOAL	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ocitocina, socialização	https://www.instagram.com/p/CcYnD1eJ08E/?utm_source=ig_web_copy_link
22/04/2022	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inteligência	https://www.instagram.com/p/CcQkDlPnNm/?utm_source=ig_web_copy_link
25/04/2022	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mudança, regressão	https://www.instagram.com/p/CcYVCovJHPb/?utm_source=ig_web_copy_link
27/04/2022	AMANDA PASCHOAL	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Rol ANS	https://www.instagram.com/real/Cc3Ei-xjgs4/?utm_source=ig_web_copy_link
13/05/2022	AMANDA PASCHOAL	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CdGqOH1psn6/?utm_source=ig_web_copy_link
18/05/2022	AMANDA PASCHOAL	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, crise	https://www.instagram.com/p/CdKd9pocv/?utm_source=ig_web_copy_link
20/05/2022	AMANDA PASCHOAL	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CdYb4ndp9Mq/?utm_source=ig_web_copy_link
15/08/2020	ENÃ REZENDE	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Convivência, respeito	https://www.instagram.com/p/CD6ci4GFQ0I/?utm_source=ig_web_copy_link
30/11/2020	ENÃ REZENDE	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Leitura, socialização	https://www.instagram.com/p/CIO4-8ZIE-a/?utm_source=ig_web_copy_link
02/12/2020	ENÃ REZENDE	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar,	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Brinquedos, autorregulação	https://www.instagram.com/tv/CIU4F7dFIMk/?utm_source=ig_web_copy_link

		características, níveis de apoio, crises, mitos)			
23/12/2020	ENÃ REZENDE	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo leve	https://www.instagram.com/p/CKJEBEISV8/?utm_source=ig_web_copy_link
20/01/2021	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, experiência	https://www.instagram.com/p/CKSNzKMP98u/?utm_source=ig_web_copy_link
03/02/2021	ENÃ REZENDE	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, cara	https://www.instagram.com/p/CK2eY4Ely8/?utm_source=ig_web_copy_link
20/02/2021	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Símbolo, assistência especial	https://www.instagram.com/p/CLg5i-xZhp/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2021	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Desafios, pandemia	https://www.instagram.com/tv/CNK_M0hIWQ6/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2021	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CNKbcYQI6rB/?utm_source=ig_web_copy_link
07/04/2021	ENÃ REZENDE	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Autismo, direitos	https://www.instagram.com/p/CNXOIQIP3O/?utm_source=ig_web_copy_link
03/06/2021	ENÃ REZENDE	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Inclusão, sala sensorial	https://www.instagram.com/p/CPqWXAII4I/?utm_source=ig_web_copy_link
17/06/2021	ENÃ REZENDE	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, sistema	https://www.instagram.com/p/CQPT_ioFqCR/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	ENÃ REZENDE	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, diferença	https://www.instagram.com/p/CQRpJ7LF4TS/?utm_source=ig_web_copy_link
11/11/2021	ENÃ REZENDE	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, adulto	https://www.instagram.com/p/CWJ3FuwpNaZ/?utm_source=ig_web_copy_link
01/12/2021	ENÃ REZENDE	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Inclusão	https://www.instagram.com/p/CW88NvaAVG/?utm_source=ig_web_copy_link
03/12/2021	ENÃ REZENDE	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Lei, educação	https://www.instagram.com/p/CXA7Gsk3rZ/?utm_source=ig_web_copy_link
17/12/2021	ENÃ REZENDE	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CXINR5S2tD/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2022	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CcY2714LAHR/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2022	ENÃ REZENDE	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização, informação	https://www.instagram.com/p/CcX3LILWEj/?utm_source=ig_web_copy_link
17/01/2022	KMYLLA BORGES	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, mulheres, dificuldades	https://www.instagram.com/tv/CY2HUfzlyBS/?utm_source=ig_web_copy_link
25/01/2022	KMYLLA BORGES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Camuflagem social	https://www.instagram.com/tv/CZK4VxmRRKu/?utm_source=ig_web_copy_link
27/01/2022	KMYLLA BORGES	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Relacionamento	https://www.instagram.com/p/CZQM5p4h5/?utm_source=ig_web_copy_link
30/01/2022	KMYLLA BORGES	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico tardio	https://www.instagram.com/p/CZQ8q9JGLK/?utm_source=ig_web_copy_link
07/02/2022	KMYLLA BORGES	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Interação social	https://www.instagram.com/tv/CZsg1f4uf/?utm_source=ig_web_copy_link
14/02/2022	KMYLLA BORGES	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação	Hiperfoco	https://www.instagram.com/tv/CZ-Y1UMJjX/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
23/02/2022	KMYLLA BORGES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Hiperfoco, seletividade alimentar	https://www.instagram.com/p/CaVoB-fpJSt/?utm_source=ig_web_copy_link
28/03/2022	KMYLLA BORGES	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Fenótipo, dificuldades	https://www.instagram.com/tv/CbqUJjSpOUQ/?utm_source=ig_web_copy_link
04/04/2022	KMYLLA BORGES	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Igualdade, gênero	https://www.instagram.com/p/Cb8LB_p8EB/?utm_source=ig_web_copy_link
06/04/2022	KMYLLA BORGES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Escolha, bem estar	https://www.instagram.com/p/CcBniA0prxR/?utm_source=ig_web_copy_link
24/04/2022	KMYLLA BORGES	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, mulheres, dificuldades	https://www.instagram.com/reel/Ccw4t0pxaq/?utm_source=ig_web_copy_link
27/04/2022	KMYLLA BORGES	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, mulheres, dificuldades	https://www.instagram.com/reel/Cc3oJKQJ_rC/?utm_source=ig_web_copy_link
01/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comportamentos neurodiversos, acessibilidade, inclusão	https://www.instagram.com/p/CNIn5CFIEuA/?utm_source=ig_web_copy_link
01/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Símbolos, representações	https://www.instagram.com/p/CNHSgUW9P/?utm_source=ig_web_copy_link
03/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Hiperfoco	https://www.instagram.com/p/CNN0wxtg5a/?utm_source=ig_web_copy_link
06/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Respeito, singularidades, acessibilidade	https://www.instagram.com/p/CNT4t4tF6BS/?utm_source=ig_web_copy_link
07/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Inacessibilidade	https://www.instagram.com/p/CNYWZ2glgam/?utm_source=ig_web_copy_link
09/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Disfunção executiva	https://www.instagram.com/p/CNc4-Q0tZ5F/?utm_source=ig_web_copy_link
09/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Políticas públicas	https://www.instagram.com/p/CNbn5zNlcGB/?utm_source=ig_web_copy_link
11/04/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Autoconsciência	https://www.instagram.com/p/CNhuepwFOOC/?utm_source=ig_web_copy_link
28/05/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Sobrecarga sensorial	https://www.instagram.com/p/CPbJ2OLID0/?utm_source=ig_web_copy_link
20/08/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Estigma, dignidade	https://www.instagram.com/p/CS0DG79FH2I/?utm_source=ig_web_copy_link
24/08/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação inclusiva	https://www.instagram.com/p/CS9ymQeFOm3/?utm_source=ig_web_copy_link
09/10/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Liberdade, ser eu mesmo	https://www.instagram.com/p/CU0j1b0vEh3/?utm_source=ig_web_copy_link
18/10/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças,	Relato de si (falas, testemunhos)	Relativização, capacitismo	https://www.instagram.com/p/CVLJsd-12Sd/?utm_source=ig_web_copy_link

		não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)			
22/10/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Resignificação, símbolos	https://www.instagram.com/p/CVWJ-XPvFO/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Expressão, críticas	https://www.instagram.com/p/CXMIN5v6/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2021	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Interação, hiperfoco, desregulação	https://www.instagram.com/p/CXK3fp0KE/?utm_source=ig_web_copy_link
31/03/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Comportamento, sensações, tratamento	https://www.instagram.com/p/CbwX4gug6e/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Consciência	https://www.instagram.com/p/Cb28_mJj8/?utm_source=ig_web_copy_link
02/05/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, 'padrões'	https://www.instagram.com/p/CdFBXyqNGP/?utm_source=ig_web_copy_link
02/05/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Autismo, 'padrões', organização	https://www.instagram.com/p/CdFAUYSN3f1/?utm_source=ig_web_copy_link
09/05/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, políticas públicas	https://www.instagram.com/p/CdU4AbwsqDh/?utm_source=ig_web_copy_link
17/05/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Individualidade, peculiaridades	https://www.instagram.com/p/Cdpg82u9wo/?utm_source=ig_web_copy_link
18/05/2022	ANA CÂNDIDA CARVALHO	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Expressão, individualidade	https://www.instagram.com/p/Cd5TQAOoXU/?utm_source=ig_web_copy_link
20/03/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Transtorno do Processamento Sensorial	https://www.instagram.com/p/B9-ksqNF3k0/?utm_source=ig_web_copy_link
16/05/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Rotina, comportamento metódico	https://www.instagram.com/p/CAQ7j8hhuj/?utm_source=ig_web_copy_link
18/05/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Hiperfoco	https://www.instagram.com/p/CAVxawIFB7/?utm_source=ig_web_copy_link
15/06/2020	DAN ALEY	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dianóstico, CID 11	https://www.instagram.com/p/CBsqMHFWGM/?utm_source=ig_web_copy_link
20/06/2020	DAN ALEY	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Síndrome de Asperger	https://www.instagram.com/p/CBqS01eF-CV/?utm_source=ig_web_copy_link
24/06/2020	DAN ALEY	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo	https://www.instagram.com/p/CB0xmpcFDw/?utm_source=ig_web_copy_link
08/07/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, graus	https://www.instagram.com/p/CCXbp6yISgw/?utm_source=ig_web_copy_link

12/08/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Pensamento, imagens	https://www.instagram.com/p/CDrfk8f5d/?utm_source=ig_web_copy_link
07/09/2020	DAN ALEY	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CE3BN6hFKOX/?utm_source=ig_web_copy_link
19/09/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Ansiedade	https://www.instagram.com/p/CFVnlaalale/?utm_source=ig_web_copy_link
26/09/2020	DAN ALEY	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Comunicação, dificuldades	https://www.instagram.com/p/CFnqMXDfTM/?utm_source=ig_web_copy_link
09/11/2020	DAN ALEY	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, classificação	https://www.instagram.com/p/CHXretZlbbQ/?utm_source=ig_web_copy_link
23/11/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Expressão, idioma	https://www.instagram.com/p/CH8GBsF7eb/?utm_source=ig_web_copy_link
02/12/2020	DAN ALEY	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Socialização	https://www.instagram.com/p/CIH5mCfPCU/?utm_source=ig_web_copy_link
16/12/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Desconforto, desgaste	https://www.instagram.com/p/CHXrdUr/?utm_source=ig_web_copy_link
29/12/2020	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Fuga	https://www.instagram.com/p/CIZF7ex08G/?utm_source=ig_web_copy_link
15/01/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Overthinking (excesso de pensamentos)	https://www.instagram.com/p/CKEITaAFLc0/?utm_source=ig_web_copy_link
19/02/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Medos	https://www.instagram.com/p/CLz6OVFiBw/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Aceitação, respeito, inclusão	https://www.instagram.com/p/CNkhuaf_ka/?utm_source=ig_web_copy_link
30/04/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Processamento sensorial, recursos	https://www.instagram.com/p/COTY45oBHM0/?utm_source=ig_web_copy_link
09/05/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Desregular, hiperfoco	https://www.instagram.com/p/COzAv7XFRw/?utm_source=ig_web_copy_link
03/06/2021	DAN ALEY	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Comunicação alternativa, aplicativo	https://www.instagram.com/p/CPy0jusBabS/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	DAN ALEY	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CQRmQu2h1_J/?utm_source=ig_web_copy_link
26/10/2021	DAN ALEY	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças,	Relato de si (falas, testemunhos)	Simplicidade, cansaço	https://www.instagram.com/p/CVhASuzVz/?utm_source=ig_web_copy_link

		não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)			
17/06/2020	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Diagnóstico	https://www.instagram.com/tv/CBJDYWYVri/?utm_source=ig_web_copy_link
18/04/2021	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Provações, diagnóstico tardio, superação	https://www.instagram.com/tv/CNzZE7DBDPv/?utm_source=ig_web_copy_link
27/10/2021	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sobrecarga sensorial	https://www.instagram.com/p/CVtLjJlrxD/?utm_source=ig_web_copy_link
31/10/2021	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, diferença	https://www.instagram.com/p/CVstMcHFhwu/?utm_source=ig_web_copy_link
22/11/2021	JOÃO VICTOR IPIRAJÁ	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, inclusão	https://www.instagram.com/p/CWt6BC_le_n/?utm_source=ig_web_copy_link
02/07/2021	AUTRISTINH A	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cordão de Girassol (1-8)	https://www.instagram.com/p/CQ1YiTWNaVi/?utm_source=ig_web_copy_link
04/07/2021	AUTRISTINH A	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Crise de desregulação (1-9)	https://www.instagram.com/p/CQ6itogpSSB/?utm_source=ig_web_copy_link
05/07/2021	AUTRISTINH A	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Disfunção Sensorial (1-10)	https://www.instagram.com/p/CQ9P2h12kh/?utm_source=ig_web_copy_link
06/07/2021	AUTRISTINH A	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, adulto, níveis de suporte (1-10)	https://www.instagram.com/p/CQ_V5XMiTG/?utm_source=ig_web_copy_link
11/07/2021	AUTRISTINH A	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CRNWXH5njs/?utm_source=ig_web_copy_link
12/07/2021	AUTRISTINH A	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Flexibilidade cognitiva, pensamento rígido (1-9)	https://www.instagram.com/p/CRPZ2MWFUFL/?utm_source=ig_web_copy_link
16/07/2021	AUTRISTINH A	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Hipersensibilidade auditiva	https://www.instagram.com/p/CRZ3GHTZx/?utm_source=ig_web_copy_link
01/04/2022	AUTRISTINH A	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CBzwSULLDf/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2022	AUTRISTINH A	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização (1-10)	https://www.instagram.com/p/Cb3D-09JKUk/?utm_source=ig_web_copy_link
12/06/2020	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Funcionalidade (1-2)	https://www.instagram.com/p/CBw-dCXF0z/?utm_source=ig_web_copy_link
14/06/2020	NATY SOUZA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Diversidade, orgulho	https://www.instagram.com/p/CBbqEYfHg/?utm_source=ig_web_copy_link
17/06/2020	NATY SOUZA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação	Diferenças, respeito	https://www.instagram.com/p/CBivMFfST_/utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
18/06/2020	NATY SOUZA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Ser diferente é normal	https://www.instagram.com/p/CBIPLUfFKbd/?utm_source=ig_web_copy_link
21/06/2020	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Emoções, agressão	https://www.instagram.com/p/CBivraMJvd-/?utm_source=ig_web_copy_link
02/09/2020	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Suicídio	https://www.instagram.com/p/CEp121mImM8/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2020	NATY SOUZA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Respeito	https://www.instagram.com/p/CFBcludf0KD/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2020	NATY SOUZA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Respeito, acessibilidade	https://www.instagram.com/p/CFaiYqfCY6/?utm_source=ig_web_copy_link
26/09/2020	NATY SOUZA	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade	https://www.instagram.com/p/CFaPLfV18Mw/?utm_source=ig_web_copy_link
28/09/2020	NATY SOUZA	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo não é adjetivo, respeito	https://www.instagram.com/p/CFsFroFFsu/?utm_source=ig_web_copy_link
03/12/2020	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Luta, preconceito, inclusão	https://www.instagram.com/p/CIW1s0FNK/?utm_source=ig_web_copy_link
14/02/2021	NATY SOUZA	EXTREMISMO (radicalismo)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Extremismo, radicalismo (1-2)	https://www.instagram.com/p/CLSKmZL0dK/?utm_source=ig_web_copy_link
19/02/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Luto, subjetividade	https://www.instagram.com/p/CLfmN8TtTBz/?utm_source=ig_web_copy_link
10/03/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Carta de um autista para a sociedade (1-2)	https://www.instagram.com/p/CMQxj4FD0d/?utm_source=ig_web_copy_link
27/03/2021	NATY SOUZA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Equidade	https://www.instagram.com/p/CM8j4X2klc/?utm_source=ig_web_copy_link
28/03/2021	NATY SOUZA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Relato de si (falas, testemunhos)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CM-d5qVhXtL/?utm_source=ig_web_copy_link
29/03/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Padronizar, normalizar	https://www.instagram.com/p/CNB0dZghDT0/?utm_source=ig_web_copy_link
31/03/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Padronizar, normalizar	https://www.instagram.com/p/CNGIAWwFmFG/?utm_source=ig_web_copy_link
03/04/2021	NATY SOUZA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Limitações, potencialidades	https://www.instagram.com/p/CMNB0A1XUf/?utm_source=ig_web_copy_link
04/04/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Autoconhecimento	https://www.instagram.com/p/CNqp4UbfWDw/?utm_source=ig_web_copy_link
05/07/2021	NATY SOUZA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Incentivo, apoio, independência	https://www.instagram.com/p/CQ9yQVpF8q/?utm_source=ig_web_copy_link
13/07/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Irritabilidade	https://www.instagram.com/p/CRSEahOFxj0/?utm_source=ig_web_copy_link
13/07/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Luto	https://www.instagram.com/p/CRQ6s3YIhzG/?utm_source=ig_web_copy_link
16/07/2021	NATY SOUZA	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Adultos autistas (1-2)	https://www.instagram.com/p/CRaYw7CFqQC/?utm_source=ig_web_copy_link
17/07/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Emoções	https://www.instagram.com/p/CRcIrYRIPdD/?utm_source=ig_web_copy_link
20/07/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Alimentação	https://www.instagram.com/p/CRJW1VnFeBz/?utm_source=ig_web_copy_link

24/07/2021	NATY SOUZA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Socialização	https://www.instagram.com/p/CRuikjF3I/?utm_source=ig_web_copy_link
03/08/2021	NATY SOUZA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Relato de si (falas, testemunhos)	Relacionamento	https://www.instagram.com/p/CSfzudS/?utm_source=ig_web_copy_link
04/08/2021	NATY SOUZA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Limitações, independência	https://www.instagram.com/p/CS9jc-rt5o/?utm_source=ig_web_copy_link
15/08/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Aceitação	https://www.instagram.com/p/CSmoM0ChP/?utm_source=ig_web_copy_link
08/09/2021	NATY SOUZA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comunicação	https://www.instagram.com/p/CTiCsMx0/?utm_source=ig_web_copy_link
09/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Lugar de fala	https://www.instagram.com/p/CTm2RwaFqB/?utm_source=ig_web_copy_link
13/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Falta de vontade, capacitismo	https://www.instagram.com/p/CTyNtedMpbj/?utm_source=ig_web_copy_link
13/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Expressão dos sentimentos	https://www.instagram.com/reel/CTxb8TFxXp/?utm_source=ig_web_copy_link
16/09/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Suicídio	https://www.instagram.com/p/CT4wtJF7x/?utm_source=ig_web_copy_link
16/09/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Padrão, diferenças	https://www.instagram.com/p/CT5QW5MKGW/?utm_source=ig_web_copy_link
17/09/2021	NATY SOUZA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Suicídio	https://www.instagram.com/tv/CT8Xn8FPEI/?utm_source=ig_web_copy_link
17/09/2021	NATY SOUZA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade autista	https://www.instagram.com/p/CT7mxJFn6/?utm_source=ig_web_copy_link
18/09/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Independência	https://www.instagram.com/p/CT-vxjFWCL/?utm_source=ig_web_copy_link
19/09/2021	NATY SOUZA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comunicação (1-5)	https://www.instagram.com/p/CTApuPMF-1E/?utm_source=ig_web_copy_link
20/09/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Aceitação, mudança	https://www.instagram.com/p/CTEG09YFrLW/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2021	NATY SOUZA	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diferenças	https://www.instagram.com/reel/CTUgDd1NWFIDz/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Respeito	https://www.instagram.com/reel/CTUFIE0HFS-/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão social	https://www.instagram.com/reel/CTUFIE0HFS-/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CTUEBwRMDVa/?utm_source=ig_web_copy_link
22/09/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Vidas autistas importam	https://www.instagram.com/p/CTUPE9DFdGo/?utm_source=ig_web_copy_link

24/09/2021	NATY SOUZA	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Atendimento prioritário	https://www.instagram.com/reel/CUOenRsjVh1/?utm_source=ig_web_copy_link
25/09/2021	NATY SOUZA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Responsabilidade	https://www.instagram.com/reel/CUQZB1H1AjP/?utm_source=ig_web_copy_link
27/09/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CUT1XGh87dQ/?utm_source=ig_web_copy_link
03/10/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diferenças	https://www.instagram.com/p/CUk45HfXsQ/?utm_source=ig_web_copy_link
10/10/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Depressão	https://www.instagram.com/p/CU3PtUrhY/?utm_source=ig_web_copy_link
23/10/2021	NATY SOUZA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Perseguição, ataques, bullying, maldades	https://www.instagram.com/p/CVX-PSMlrp0/?utm_source=ig_web_copy_link
30/10/2021	NATY SOUZA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Comunicação, dificuldade	https://www.instagram.com/p/CVrMBMVsTjv/?utm_source=ig_web_copy_link
06/11/2021	NATY SOUZA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas adultos	https://www.instagram.com/p/CV8xciFv2O3/?utm_source=ig_web_copy_link
07/11/2021	NATY SOUZA	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cuidado (1-2)	https://www.instagram.com/p/CVj41FFQE/?utm_source=ig_web_copy_link
09/11/2021	NATY SOUZA	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Alexitimia	https://www.instagram.com/p/CWD3f6kteQm/?utm_source=ig_web_copy_link
10/11/2021	NATY SOUZA	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Relato de si (falas, testemunhos)	Singularidade	https://www.instagram.com/p/CWFUMCGMzj/?utm_source=ig_web_copy_link
10/11/2021	NATY SOUZA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Cordão girassol	https://www.instagram.com/p/CWGBA6FPb/?utm_source=ig_web_copy_link
10/11/2021	NATY SOUZA	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas adultos	https://www.instagram.com/p/CWFLL6fMICf/?utm_source=ig_web_copy_link
20/11/2021	NATY SOUZA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Socialização	https://www.instagram.com/p/CXWhTJzNln/?utm_source=ig_web_copy_link
28/11/2021	NATY SOUZA	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Psicofobia	https://www.instagram.com/reel/CW14G0jD3P/?utm_source=ig_web_copy_link
03/12/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Pessoa com deficiência	https://www.instagram.com/p/CXCapyIZ3H/?utm_source=ig_web_copy_link
08/12/2021	NATY SOUZA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Relato de si (falas, testemunhos)	Coragem	https://www.instagram.com/p/CXN6B5jL6vc/?utm_source=ig_web_copy_link
11/12/2021	NATY SOUZA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Aceitação, autoestima	https://www.instagram.com/p/CXxHg9SFHh/?utm_source=ig_web_copy_link
12/12/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Emoções, dificuldades	https://www.instagram.com/p/CXZeSKJ2o/?utm_source=ig_web_copy_link
13/12/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Recomeço	https://www.instagram.com/p/CXbqfmcFCQU/?utm_source=ig_web_copy_link
22/12/2021	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Vínculos afetivos, emoções	https://www.instagram.com/p/CXy5CRXFZqK/?utm_source=ig_web_copy_link
01/01/2022	NATY SOUZA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Relato de si (falas, testemunhos)	Abuso sexual, resiliência	https://www.instagram.com/p/CYNYanZExIS/?utm_source=ig_web_copy_link
26/01/2022	NATY SOUZA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação	Profissão	https://www.instagram.com/reel/CZMzDH2FWQW/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
12/02/2022	NATY SOUZA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão	https://www.instagram.com/p/CZ5G9DVIe8v/?utm_source=ig_web_copy_link
16/02/2022	NATY SOUZA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Universo particular	https://www.instagram.com/p/CaDF1Gp7Sd/?utm_source=ig_web_copy_link
18/02/2022	NATY SOUZA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Relato de si (falas, testemunhos)	Depressão	https://www.instagram.com/reel/CaFYwSaJYck/?utm_source=ig_web_copy_link
10/06/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Arrogância	https://www.instagram.com/p/CBR1u5fFhru/?utm_source=ig_web_copy_link
23/06/2020	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Aceitação	https://www.instagram.com/p/CBy0DKhJCGm/?utm_source=ig_web_copy_link
26/06/2020	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Socialização	https://www.instagram.com/p/CB9v8p96b/?utm_source=ig_web_copy_link
06/07/2020	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sair do espectro	https://www.instagram.com/p/CCUP-r6pigv/?utm_source=ig_web_copy_link
05/08/2020	LUCAS PONTES	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão, escola	https://www.instagram.com/p/CDhc56lpXHU/?utm_source=ig_web_copy_link
16/08/2020	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CD9w2k6j3X9/?utm_source=ig_web_copy_link
25/08/2020	LUCAS PONTES	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diversidade	https://www.instagram.com/p/CEU71lgBUi/?utm_source=ig_web_copy_link
22/09/2020	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Tipos de preconceituosos (1-4)	https://www.instagram.com/p/CFB5tOIGY/?utm_source=ig_web_copy_link
28/09/2020	LUCAS PONTES	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ativismo	https://www.instagram.com/p/CFSpKePIMRq/?utm_source=ig_web_copy_link
05/10/2020	LUCAS PONTES	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão	https://www.instagram.com/p/CF-n18MIEEL/?utm_source=ig_web_copy_link
14/10/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autoreconhecimento	https://www.instagram.com/p/CGVvUndlFW/?utm_source=ig_web_copy_link
09/11/2020	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cura x tratamento	https://www.instagram.com/p/CHYuxOFFhzg/?utm_source=ig_web_copy_link
15/11/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	O que não dizer (1-8)	https://www.instagram.com/p/CHoMKA_F0da/?utm_source=ig_web_copy_link
16/11/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Rigidez cognitiva	https://www.instagram.com/p/CHq8-z7FsjQ/?utm_source=ig_web_copy_link
23/11/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Meltdown, crise intensa	https://www.instagram.com/p/CH89Pw1b8b/?utm_source=ig_web_copy_link
29/11/2020	LUCAS PONTES	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação	Comunicação Alternativa e Aumentativa (1-5)	https://www.instagram.com/p/CIMRurk1f0z/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
08/12/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Shutdown, desligamento	https://www.instagram.com/p/CJohAZFR7d/?utm_source=ig_web_copy_link
11/12/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Não comparar	https://www.instagram.com/p/CrGyVXF7wZ/?utm_source=ig_web_copy_link
13/12/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Generalizações, capacitismo (1-9)	https://www.instagram.com/p/CJwaq1klb4/?utm_source=ig_web_copy_link
25/12/2020	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Temas amplos, pautas	https://www.instagram.com/p/CJPUqwNF3kH/?utm_source=ig_web_copy_link
04/01/2021	LUCAS PONTES	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Controlar, invalidar	https://www.instagram.com/p/CJpQvplV6/?utm_source=ig_web_copy_link
14/01/2021	LUCAS PONTES	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dúvidas após o diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CKQv06ISR/?utm_source=ig_web_copy_link
19/01/2021	LUCAS PONTES	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Confusão, preconceito, rótulos	https://www.instagram.com/p/CKP1sMDImVa/?utm_source=ig_web_copy_link
25/02/2021	LUCAS PONTES	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Níveis de suporte	https://www.instagram.com/p/CLvAx1KIK0e/?utm_source=ig_web_copy_link
05/03/2021	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Reprimir, descaracterizar	https://www.instagram.com/p/CMDIXm_FQP6/?utm_source=ig_web_copy_link
08/03/2021	LUCAS PONTES	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulheres autistas	https://www.instagram.com/p/CMLQucUFPQz/?utm_source=ig_web_copy_link
10/03/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Descompasso no cansaço	https://www.instagram.com/p/CMQzqHFXD5/?utm_source=ig_web_copy_link
14/03/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ressaca social	https://www.instagram.com/p/CMauzV1VXz/?utm_source=ig_web_copy_link
18/03/2021	LUCAS PONTES	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ativismo, redes sociais	https://www.instagram.com/p/CMlhwSWI0Ns/?utm_source=ig_web_copy_link
21/03/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Características comuns (1-7)	https://www.instagram.com/p/CMs2gjAFVs8/?utm_source=ig_web_copy_link
01/04/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mentiras sobre o autismo (1-9)	https://www.instagram.com/p/CNJMZeKFAz/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2021	LUCAS PONTES	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Dificuldade na comunicação	https://www.instagram.com/p/CNOOSelbym/?utm_source=ig_web_copy_link
16/04/2021	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo, sair do espectro	https://www.instagram.com/p/CNvyUD7Fny/?utm_source=ig_web_copy_link
18/04/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação	Capacitismo, anjo azul (1-9)	https://www.instagram.com/p/CN09HACFPg/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
04/05/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Socialização	https://www.instagram.com/p/COeDfQITPu/?utm_source=ig_web_copy_link
17/05/2021	LUCAS PONTES	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	LGBTQIA+	https://www.instagram.com/p/CO_r0LPI-AC/?utm_source=ig_web_copy_link
25/05/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo leve	https://www.instagram.com/p/CPUj6TcFDVn/?utm_source=ig_web_copy_link
27/05/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Disfunção executiva	https://www.instagram.com/p/CPZXPfRfT8/?utm_source=ig_web_copy_link
30/05/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Termos do autismo (1-6)	https://www.instagram.com/p/CPbFHLgYpK/?utm_source=ig_web_copy_link
01/06/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Hiperfoco	https://www.instagram.com/p/CPmNC48IbU/?utm_source=ig_web_copy_link
06/06/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Termos do autismo (1-6)	https://www.instagram.com/p/CPbButQjF3M/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	LUCAS PONTES	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Aceitação, orgulho (1-3)	https://www.instagram.com/p/CQR_RY0t5RV/?utm_source=ig_web_copy_link
21/06/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Abandono paterno	https://www.instagram.com/p/CQZuWRQBEw1/?utm_source=ig_web_copy_link
06/07/2021	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Relato de si (falas, testemunhos)	Terapia	https://www.instagram.com/p/CRAaNODFm16/?utm_source=ig_web_copy_link
18/07/2021	LUCAS PONTES	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, características (1-9)	https://www.instagram.com/p/CRtMzdhF0Yv/?utm_source=ig_web_copy_link
20/07/2021	LUCAS PONTES	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Amizades	https://www.instagram.com/p/CRX4sMFMI/?utm_source=ig_web_copy_link
15/08/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Sobrecarga	https://www.instagram.com/p/CSaW2StuGk/?utm_source=ig_web_copy_link
25/08/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Barulho	https://www.instagram.com/p/CTA8NBjF-RX/?utm_source=ig_web_copy_link
03/09/2021	LUCAS PONTES	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Rótulo, funcionamento	https://www.instagram.com/p/CTYR4vxIokv/?utm_source=ig_web_copy_link
05/09/2021	LUCAS PONTES	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Suicídio (1-10)	https://www.instagram.com/p/CTV4Vt4-F4G/?utm_source=ig_web_copy_link
14/09/2021	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Contato visual (1-6)	https://www.instagram.com/p/CT0gP7Chh7/?utm_source=ig_web_copy_link

19/09/2021	LUCAS PONTES	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Violência na terapia	https://www.instagram.com/p/CUB0hnXFExq/?utm_source=ig_web_copy_link
03/10/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Seletividade alimentar (1-5)	https://www.instagram.com/p/CUicc_AFZky/?utm_source=ig_web_copy_link
06/10/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Crises, autoconhecimento, autoaceitação	https://www.instagram.com/p/CUe1LxtG21/?utm_source=ig_web_copy_link
12/10/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Criança autista (1-7)	https://www.instagram.com/p/CU8lmzwFeLB/?utm_source=ig_web_copy_link
17/10/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Níveis de suporte (1-9)	https://www.instagram.com/p/CVbVt3F8aD/?utm_source=ig_web_copy_link
22/10/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Superficialidade, mundo azul	https://www.instagram.com/p/CVWbncUFVFe/?utm_source=ig_web_copy_link
24/10/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Lendas sobre o autismo (1-6)	https://www.instagram.com/p/CVbXqf188v/?utm_source=ig_web_copy_link
31/10/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo (1-9)	https://www.instagram.com/p/CVt6Hlqq/?utm_source=ig_web_copy_link
09/11/2021	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas, preconceitos	https://www.instagram.com/p/CWEzTKSIT1g/?utm_source=ig_web_copy_link
14/11/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, piores frases	https://www.instagram.com/p/CWRtjwF-AP/?utm_source=ig_web_copy_link
18/11/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Culpa, mãe	https://www.instagram.com/p/CWb0bPFOIO/?utm_source=ig_web_copy_link
21/11/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dificuldade, coisas simples, cortar as unhas	https://www.instagram.com/p/CWjdsOFFs4Z/?utm_source=ig_web_copy_link
24/11/2021	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cura do autismo	https://www.instagram.com/p/CWtTheZFGXI/?utm_source=ig_web_copy_link
02/12/2021	LUCAS PONTES	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Exposição de crises, redes sociais	https://www.instagram.com/p/CW_3YtGfV2e/?utm_source=ig_web_copy_link
03/12/2021	LUCAS PONTES	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Dia da pessoa com deficiência, representatividade	https://www.instagram.com/p/CXCWjUgvykZ/?utm_source=ig_web_copy_link
05/12/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Falta de empatia, mito (1-7)	https://www.instagram.com/p/CXhigEgE55/?utm_source=ig_web_copy_link
13/12/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar,	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo virtual (1-6)	https://www.instagram.com/p/CXcPgWEF89/?utm_source=ig_web_copy_link

		características, níveis de apoio, crises, mitos)			
23/12/2021	LUCAS PONTES	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Socialização, dificuldade	https://www.instagram.com/p/CX2IRi-FLaM/?utm_source=ig_web_copy_link
25/12/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ressaca social	https://www.instagram.com/p/CX969691cHs/?utm_source=ig_web_copy_link
27/12/2021	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Visitas, interação, mudança repentina	https://www.instagram.com/p/CYANHsloNC/?utm_source=ig_web_copy_link
02/01/2022	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CYPT--clhT/?utm_source=ig_web_copy_link
03/01/2022	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	CID 11, Asperger	https://www.instagram.com/p/CYSYD-JFphw/?utm_source=ig_web_copy_link
07/01/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Relação com o tempo	https://www.instagram.com/p/CYcnb11F8AF/?utm_source=ig_web_copy_link
09/01/2022	LUCAS PONTES	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CYho8HClO_D/?utm_source=ig_web_copy_link
12/01/2022	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo, anjo azul	https://www.instagram.com/p/CYpTAFsices/?utm_source=ig_web_copy_link
13/01/2022	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mundo azul (1-4)	https://www.instagram.com/p/CYsAe7UFJFX/?utm_source=ig_web_copy_link
16/01/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Indicador de tom	https://www.instagram.com/p/CYzAXeF0hu/?utm_source=ig_web_copy_link
18/01/2022	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Distorção da ciência (1-2)	https://www.instagram.com/p/CY45dacFP_6/?utm_source=ig_web_copy_link
23/01/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Características, necessidades (1-7)	https://www.instagram.com/p/CZfUldpAky/?utm_source=ig_web_copy_link
27/01/2022	LUCAS PONTES	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autism Speak, organização (1-8)	https://www.instagram.com/p/CZQHmxUp-El/?utm_source=ig_web_copy_link
29/01/2022	LUCAS PONTES	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo, sair do espectro (1-6)	https://www.instagram.com/p/CZVUiELpvAy/?utm_source=ig_web_copy_link
31/01/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Altas habilidades, superdotação	https://www.instagram.com/tv/CZaiyEips3M/?utm_source=ig_web_copy_link
03/02/2022	LUCAS PONTES	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Bullying (1-7)	https://www.instagram.com/p/CZENozpt4w/?utm_source=ig_web_copy_link
05/02/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Asperger, autismo	https://www.instagram.com/p/CZnJwDJGQH/?utm_source=ig_web_copy_link

09/02/2022	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Especialistas, formação (1-6)	https://www.instagram.com/p/CZxf8sJ4R/?utm_source=ig_web_copy_link
11/02/2022	LUCAS PONTES	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Suicídio	https://www.instagram.com/p/CZ2nGkzJQeo/?utm_source=ig_web_copy_link
14/02/2022	LUCAS PONTES	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Escola, local perigoso, violência	https://www.instagram.com/p/CZgWVAJeU/?utm_source=ig_web_copy_link
16/02/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, lentidão	https://www.instagram.com/p/CaDf-sppGZw/?utm_source=ig_web_copy_link
19/02/2022	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Reivindicação (protesto, denúncia)	ANS, rol taxativo	https://www.instagram.com/p/CalUmWxJ7MM/?utm_source=ig_web_copy_link
21/02/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Educação, universidade, inclusão	https://www.instagram.com/p/CaQb8pmp1qj/?utm_source=ig_web_copy_link
23/02/2022	LUCAS PONTES	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Reivindicação (protesto, denúncia)	ANS, rol taxativo	https://www.instagram.com/p/CAvdlL_JHT/?utm_source=ig_web_copy_link
25/02/2022	LUCAS PONTES	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Paradoxo, dia-a-dia	https://www.instagram.com/p/CAanwEPf6e5/?utm_source=ig_web_copy_link
27/02/2022	LUCAS PONTES	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Fé, problema (1-7)	https://www.instagram.com/p/CAfwNwpK2a/?utm_source=ig_web_copy_link
02/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Liberdade, antifacismo	https://www.instagram.com/p/CA7nXkoSTU/?utm_source=ig_web_copy_link
03/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dificuldades autistas	https://www.instagram.com/p/CA-r1NFkg/?utm_source=ig_web_copy_link
04/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Relato de si (falas, testemunhos)	Interseccionalidade, transição, gênero	https://www.instagram.com/p/CBCL-6CFayz/?utm_source=ig_web_copy_link
05/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	COVID, isolamento, hábitos autistas	https://www.instagram.com/p/CBDk-oFFd/?utm_source=ig_web_copy_link
08/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Estudo, pesquisa, mestrado	https://www.instagram.com/p/CBLs1kITCx/?utm_source=ig_web_copy_link
12/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	COVID, bem-estar, música	https://www.instagram.com/p/CBVjE6lVth/?utm_source=ig_web_copy_link
12/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Relato de si (falas, testemunhos)	Namoro	https://www.instagram.com/p/CBVmSEGlxG/?utm_source=ig_web_copy_link
14/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Apoio familiar	https://www.instagram.com/p/CBBdZDfney/?utm_source=ig_web_copy_link
14/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Apoio familiar	https://www.instagram.com/p/CBBvQsFBj/?utm_source=ig_web_copy_link
15/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CBdpZaGAgB/?utm_source=ig_web_copy_link
16/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Dificuldades autistas	https://www.instagram.com/p/CBgHtUzFxyR/?utm_source=ig_web_copy_link

17/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, introvertendo, orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CBb5ppFwU/?utm_source=ig_web_copy_link
17/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CBb18F6r3/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CBfZIX3CO/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista, identidade	https://www.instagram.com/p/CBfBCP4FoR/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista, identidade, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CBfG9mCF-L6/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, carreira	https://www.instagram.com/p/CBfO0DeFzX/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Neurodiversidade, orgulho autista, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CBfVKzIZTw/?utm_source=ig_web_copy_link
19/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista, LGBTQI+	https://www.instagram.com/p/CBfshZUFu/?utm_source=ig_web_copy_link
19/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista, LGBTQI+, identidade, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CBf0QzF7aj/?utm_source=ig_web_copy_link
20/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, profissão, educação	https://www.instagram.com/p/CBfrcvciYzI/?utm_source=ig_web_copy_link
24/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade, deficiência	https://www.instagram.com/p/CBf0zP4kFPL/?utm_source=ig_web_copy_link
25/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulher, deficiência, convívio social	https://www.instagram.com/p/CBf3yFCzIBWx/?utm_source=ig_web_copy_link
25/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Identidade autista	https://www.instagram.com/p/CBf3GqRt23B/?utm_source=ig_web_copy_link
25/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade, deficiência	https://www.instagram.com/p/CBf4wbwFFMSa/?utm_source=ig_web_copy_link
26/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade, LGBTQIA+, aceitação	https://www.instagram.com/p/CBf5xlN3FgH/?utm_source=ig_web_copy_link
28/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Orgulho gay, LGBTQIA+, 28 junho	https://www.instagram.com/p/CBf-pYxl-db/?utm_source=ig_web_copy_link
28/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho gay, LGBTQIA+, sexualidade, mídia, série Love, Victor	https://www.instagram.com/p/CBf-7rjXFfV/?utm_source=ig_web_copy_link
28/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho gay, LGBTQIA+, religião	https://www.instagram.com/p/CBf-2FGIFeL8/?utm_source=ig_web_copy_link
29/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Apoio financeiro, sustentabilidade	https://www.instagram.com/p/CBfCC0371Du3/?utm_source=ig_web_copy_link
29/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulher, deficiência, feminismo	https://www.instagram.com/p/CBfCC0qGdRfZ/?utm_source=ig_web_copy_link
30/06/2020	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, sair do espectro, armadilhas	https://www.instagram.com/p/CBfCESoujFdhH/?utm_source=ig_web_copy_link

02/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Relato de si (falas, testemunhos)	Espiritualidade	https://www.instagram.com/p/CCJxCUFW_E/?utm_source=ig_web_copy_link
03/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Profissão, carreira	https://www.instagram.com/p/CCMISmKf7Vz/?utm_source=ig_web_copy_link
14/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dificuldades autistas	https://www.instagram.com/p/CCpLKOYf1zu/?utm_source=ig_web_copy_link
14/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Iteração em rede	https://www.instagram.com/p/CCpOe8H4Cw/?utm_source=ig_web_copy_link
16/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Apoio familiar, pai	https://www.instagram.com/p/CCuEkeFf3o/?utm_source=ig_web_copy_link
27/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, autoconhecimento	https://www.instagram.com/p/CDKpOIfF3a/?utm_source=ig_web_copy_link
30/07/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representatividade, Reunida: conselho dos autistas	https://www.instagram.com/p/CDSid1z1Wku/?utm_source=ig_web_copy_link
03/08/2020	SOPHIA MENDONÇA	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mídia, série, Amor no Espectro	https://www.instagram.com/p/CDba03-80h/?utm_source=ig_web_copy_link
09/08/2020	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Apoio familiar, pai	https://www.instagram.com/p/CDqobKqf8Uy/?utm_source=ig_web_copy_link
29/08/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	LGBTQIA+, LGTBfobia	https://www.instagram.com/p/CEfY23t131v/?utm_source=ig_web_copy_link
30/08/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, escolha pesquisa	https://www.instagram.com/p/CEgWbuXISes/?utm_source=ig_web_copy_link
06/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	SOFRIMENTO (depressão, suicídio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Setembro amarelo, suicídio	https://www.instagram.com/p/CEy23W-1-KU/?utm_source=ig_web_copy_link
07/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Religião, intorvertendo	https://www.instagram.com/p/CE2RQB6lhb0/?utm_source=ig_web_copy_link
14/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação, inclusão	https://www.instagram.com/p/CFkRbd1w9s/?utm_source=ig_web_copy_link
15/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, transição	https://www.instagram.com/p/CFHSEmFmvU/?utm_source=ig_web_copy_link
20/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Deficiência, 21.set Dia Luta Pessoa com Deficiência	https://www.instagram.com/p/CFXdb0f2Q/?utm_source=ig_web_copy_link
30/09/2020	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Espiritualidade	https://www.instagram.com/p/CFxcOsmF_NZ/?utm_source=ig_web_copy_link
02/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação, inclusão	https://www.instagram.com/p/CF2U18kFC4/?utm_source=ig_web_copy_link
04/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, transição	https://www.instagram.com/p/CF7dovN3m8/?utm_source=ig_web_copy_link
04/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, transição, apoio familiar	https://www.instagram.com/p/CF7nhuoFMc5/?utm_source=ig_web_copy_link
04/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Espiritualidade, identidade, gênero, transição	https://www.instagram.com/p/CF8MO0rFclJ/?utm_source=ig_web_copy_link
09/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação, inclusão, identidade, gênero, transição	https://www.instagram.com/p/CGib_G5IOkh/?utm_source=ig_web_copy_link
10/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação	Educação, inclusão, representatividade	https://www.instagram.com/p/CGJgcEAFst1/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
11/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, ativismo	https://www.instagram.com/p/CGOS3x9ljeE/?utm_source=ig_web_copy_link
31/10/2020	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Relato de si (falas, testemunhos)	Espiritualidade	https://www.instagram.com/p/CHByPu6lOE2/?utm_source=ig_web_copy_link
02/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representatividade	https://www.instagram.com/p/CHGhCJOL_PL/?utm_source=ig_web_copy_link
04/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Feminismo, violência, gênero	https://www.instagram.com/p/CHKz7cF8lI/?utm_source=ig_web_copy_link
10/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Terapias, ABA	https://www.instagram.com/p/CHa0SvYFuB/?utm_source=ig_web_copy_link
16/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Identidade, gênero, representatividade, trans, política	https://www.instagram.com/p/CH602VylmV/?utm_source=ig_web_copy_link
17/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Raça, autistas negros, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CHst8-uFlc/?utm_source=ig_web_copy_link
17/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Gênero	https://www.instagram.com/p/CHsB4wFf/?utm_source=ig_web_copy_link
19/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação, inclusão	https://www.instagram.com/p/CH7qmZlBwZ/?utm_source=ig_web_copy_link
20/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Raça, consciência negra, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CHfFcQaF_G0/?utm_source=ig_web_copy_link
25/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, ativismo	https://www.instagram.com/p/CICRyVEbme/?utm_source=ig_web_copy_link
27/11/2020	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão, gênero, autismo, trans	https://www.instagram.com/p/CIg5eYefuW6/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Políticas públicas, benefício, BPC	https://www.instagram.com/p/CIgJxIvNVTV/?utm_source=ig_web_copy_link
12/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Políticas públicas, independência, autonomia	https://www.instagram.com/p/CIuZDv9nW/?utm_source=ig_web_copy_link
15/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dificuldades autistas, natal	https://www.instagram.com/p/CI0SGAAlmq/?utm_source=ig_web_copy_link
16/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ética, formação de especialistas sobre autismo	https://www.instagram.com/p/CI3qZVfISRF/?utm_source=ig_web_copy_link
24/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Apoio familiar, vó e netA	https://www.instagram.com/p/CJMwSUFuAaR/?utm_source=ig_web_copy_link
25/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Arte, música, visceral, natural, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CI0G7WfJue/?utm_source=ig_web_copy_link
31/12/2020	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	COVID, identidade, gênero, trans, neurodiversidade	https://www.instagram.com/p/CIJDNbHuFeKs/?utm_source=ig_web_copy_link

04/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Educação, inclusão, deficiência, adaptações	https://www.instagram.com/p/CJozOuBUu/?utm_source=ig_web_copy_link
10/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Feminismo, diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CJ4Z_uaiSjI/?utm_source=ig_web_copy_link
11/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Relato de si (falas, testemunhos)	Dificuldades autistas	https://www.instagram.com/p/CJ7HC_6FtG/?utm_source=ig_web_copy_link
12/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Políticas públicas, direitos	https://www.instagram.com/p/CJ9jdjghe1a/?utm_source=ig_web_copy_link
15/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Profissão, mercado de trabalho, documentário	https://www.instagram.com/p/CKD7QkMFAKL/?utm_source=ig_web_copy_link
18/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Dificuldades autistas	https://www.instagram.com/p/CKMOzZyhl-7/?utm_source=ig_web_copy_link
29/01/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, trans, visibilidade trans	https://www.instagram.com/p/CKozBYVIMG/?utm_source=ig_web_copy_link
04/02/2021	SOPHIA MENDONÇA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dificuldades autistas, autonomia, independência	https://www.instagram.com/p/CK4BWTB6Uf/?utm_source=ig_web_copy_link
06/02/2021	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, trans, aniversário	https://www.instagram.com/p/CK74UX5FPH3/?utm_source=ig_web_copy_link
25/02/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Profissão, mercado de trabalho, documentário	https://www.instagram.com/tv/CL3FVhefr/?utm_source=ig_web_copy_link
28/02/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, trans	https://www.instagram.com/p/CL2sOx9F7ra/?utm_source=ig_web_copy_link
04/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Profissão, mercado de trabalho, documentário	https://www.instagram.com/p/CMAIONtQvo/?utm_source=ig_web_copy_link
05/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representação, mídia, introvertendo	https://www.instagram.com/p/CMDKq2F0i/?utm_source=ig_web_copy_link
05/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão, deficiência, mulheres	https://www.instagram.com/p/CMD0i3fBpxv/?utm_source=ig_web_copy_link
07/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulheres diversas	https://www.instagram.com/tv/CMEwzMhB8z/?utm_source=ig_web_copy_link
08/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulheres diversas	https://www.instagram.com/tv/CMEwzMhB8z/?utm_source=ig_web_copy_link
16/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, mercado de trabalho	https://www.instagram.com/p/CMe9I24FZJ5/?utm_source=ig_web_copy_link
17/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, deficiência, inclusão, capacitismo, interseccionalidades, família, ativismo	https://www.instagram.com/p/CMb4m0hBKks/?utm_source=ig_web_copy_link
17/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, mercado de trabalho	https://www.instagram.com/p/CMbEE4FYyS/?utm_source=ig_web_copy_link
19/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, mercado de trabalho	https://www.instagram.com/p/CMmfeethG/?utm_source=ig_web_copy_link
19/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade	https://www.instagram.com/p/CMniGTfIF/?utm_source=ig_web_copy_link
25/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques)	Conscientização / Representação	Mulher, erros dos homens	https://www.instagram.com/p/CM03R9nIZ-2/?utm_source=ig_web_copy_link

		opressão, ameaças, denúncias)	(valorização, informação)		
27/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CM8GAn511Ha/?utm_source=ig_web_copy_link
28/03/2021	SOPHIA MENDONÇA	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CM94hfmFRsw/?utm_source=ig_web_copy_link
04/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização	https://www.instagram.com/p/CNqxBcBCh3/?utm_source=ig_web_copy_link
04/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Normalização, relato de si	https://www.instagram.com/p/CNq11foFFe/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pluralidade, talentos	https://www.instagram.com/p/CNsqrhohJBS/?utm_source=ig_web_copy_link
16/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização, protagonismo	https://www.instagram.com/p/CNvccB9FmZQ/?utm_source=ig_web_copy_link
22/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Ativismo, rede, corrente	https://www.instagram.com/p/CN_hkCSFyZM/?utm_source=ig_web_copy_link
29/04/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, trans	https://www.instagram.com/p/CORU16fPlk/?utm_source=ig_web_copy_link
13/05/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Relato de si (falas, testemunhos)	Profissão, mercado de trabalho	https://www.instagram.com/p/CO1WNE4F5bH/?utm_source=ig_web_copy_link
17/05/2021	SOPHIA MENDONÇA	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Relato de si (falas, testemunhos)	Apoio familiar, encontro	https://www.instagram.com/p/CO_sztXlgnF/?utm_source=ig_web_copy_link
17/05/2021	SOPHIA MENDONÇA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, gênero, violência, relato de si	https://www.instagram.com/p/CO_pg-viQ4L/?utm_source=ig_web_copy_link
26/05/2021	SOPHIA MENDONÇA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Relato de si (falas, testemunhos)	COVID, vacina	https://www.instagram.com/p/CPVnQ2aUgM/?utm_source=ig_web_copy_link
04/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Relato de si (falas, testemunhos)	Feminismo, miss universo	https://www.instagram.com/p/CPyMh1of/?utm_source=ig_web_copy_link
11/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas	https://www.instagram.com/p/CP_7ZXGB7e/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CQJxfu0lIBD/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CQRc1-FFNG7/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CQRipkOhWIE/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/tv/CQR4hLsBz4A/?utm_source=ig_web_copy_link
19/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Orgulho autista, prêmio	https://www.instagram.com/p/CQUXCYuB9f/?utm_source=ig_web_copy_link
20/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista, singularidades	https://www.instagram.com/p/CQXJdChSCB/?utm_source=ig_web_copy_link
21/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, LGBTQIA+	https://www.instagram.com/p/CQY_ZgkFpUO/?utm_source=ig_web_copy_link
23/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Neurodiversidade, LGBTQIA+, trans	https://www.instagram.com/p/CQVQdKhJn9/?utm_source=ig_web_copy_link

24/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Liberdade	https://www.instagram.com/p/CQg8Tsw8Hp/?utm_source=ig_web_copy_link
28/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Relato de si (falas, testemunhos)	Interseccionalidade, orgulho LGBTQIA+	https://www.instagram.com/p/CQrAhJFp1/?utm_source=ig_web_copy_link
29/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão	https://www.instagram.com/p/CQdXRfIV/?utm_source=ig_web_copy_link
30/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Crises, relato de si	https://www.instagram.com/p/CQy10NfKa/?utm_source=ig_web_copy_link
30/06/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Perfis autistas, Lucas Atípico	https://www.instagram.com/p/CQwYcFq0B/?utm_source=ig_web_copy_link
12/07/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Feminino, autismo	https://www.instagram.com/p/CRFZ1UyF6EO/?utm_source=ig_web_copy_link
26/07/2021	SOPHIA MENDONÇA	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Normalização, abuso, terapias	https://www.instagram.com/p/CRXnlyFz6/?utm_source=ig_web_copy_link
29/07/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Relato de si (falas, testemunhos)	Maternidade, autismo	https://www.instagram.com/p/CR6P0wzB6T2/?utm_source=ig_web_copy_link
03/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Relato de si (falas, testemunhos)	Espiritualidade, trans	https://www.instagram.com/p/CSle_epM43q/?utm_source=ig_web_copy_link
16/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, comportamento autocentrado	https://www.instagram.com/tv/CSpiUnyh6t/?utm_source=ig_web_copy_link
20/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Identidade, família	https://www.instagram.com/p/CSzuVrrnR4/?utm_source=ig_web_copy_link
21/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, comportamento autocentrado	https://www.instagram.com/p/CS2Ogt71o1W/?utm_source=ig_web_copy_link
24/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, funcionalidade, comportamento autocentrado	https://www.instagram.com/p/CS-FxHb0cG/?utm_source=ig_web_copy_link
24/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Vivências, trans, autismo	https://www.instagram.com/p/CS-MOCLfj/?utm_source=ig_web_copy_link
25/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Qualificação banca mestrado	https://www.instagram.com/p/CTB05syMP7e/?utm_source=ig_web_copy_link
30/08/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Protagonismo, autistas entrevistam estudantes de psicologa	https://www.instagram.com/p/CTNTKaLj3y/?utm_source=ig_web_copy_link
14/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Identidade, gênero, feminino, diversidade	https://www.instagram.com/p/CTzqNnGuH/?utm_source=ig_web_copy_link
14/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, sensorial, toys	https://www.instagram.com/p/CTzqFb_FmL/?utm_source=ig_web_copy_link
14/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, sensorial, toys	https://www.instagram.com/p/CTzq73FOtr/?utm_source=ig_web_copy_link

15/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, carreira, boas iniciativas	https://www.instagram.com/p/CT25IGGjNm/?utm_source=ig_web_copy_link
20/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, perfeccionismo, rigidez	https://www.instagram.com/p/CUDyypCBwhF/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Características autistas, comportamento autocentrado	https://www.instagram.com/p/CUFn8ZCIBK9/?utm_source=ig_web_copy_link
05/10/2021	SOPHIA MENDONÇA	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Inclusão mídia	https://www.instagram.com/p/CUfp9E9tWfj/?utm_source=ig_web_copy_link
05/10/2021	SOPHIA MENDONÇA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	FAA	https://www.instagram.com/tv/CUpfR6x8q16/?utm_source=ig_web_copy_link
21/10/2021	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, relacionamento	https://www.instagram.com/p/CVfT0m8MID4/?utm_source=ig_web_copy_link
03/11/2021	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, intensidade, ver comentário	https://www.instagram.com/tv/CV06x2pAm/?utm_source=ig_web_copy_link
10/11/2021	SOPHIA MENDONÇA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Políticas públicas, autistas pobres	https://www.instagram.com/tv/CWG4x7ZJo_e/?utm_source=ig_web_copy_link
17/11/2021	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Relato de si (falas, testemunhos)	Relacionamento, amor, mitos, relato de si	https://www.instagram.com/p/CWYX0kZFjii/?utm_source=ig_web_copy_link
22/11/2021	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Camuflagem social, relato de si	https://www.instagram.com/p/CWkZU5VAwHB/?utm_source=ig_web_copy_link
28/11/2021	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Parecer autista, relato de si	https://www.instagram.com/p/CWIGfQNFxG/?utm_source=ig_web_copy_link
02/12/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Acessibilidade amorosa	https://www.instagram.com/p/CW_vSZWly/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2021	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Relato de si (falas, testemunhos)	Mulher autista, invisibilidade, subdiagnóstico, relato de si	https://www.instagram.com/p/CXMq9RSFXzo/?utm_source=ig_web_copy_link
14/12/2021	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Camuflagem social	https://www.instagram.com/tv/CXeux7dBGOR/?utm_source=ig_web_copy_link
28/12/2021	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	COVID, acessibilidade afetiva	https://www.instagram.com/p/CYCYqF8BNC/?utm_source=ig_web_copy_link
10/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	COVID, acessibilidade afetiva	https://www.instagram.com/p/CYjdN8yH-n/?utm_source=ig_web_copy_link
11/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representatividade	https://www.instagram.com/p/CYmAGDLMDOQ/?utm_source=ig_web_copy_link
16/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Feminino, autismo	https://www.instagram.com/p/CYzIXSvIGEa/?utm_source=ig_web_copy_link
19/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Relacionamento, amor	https://www.instagram.com/p/CY6yFCLjca/?utm_source=ig_web_copy_link
19/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cara de autista	https://www.instagram.com/p/CY7WAFnJmJ/?utm_source=ig_web_copy_link
21/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar,	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Características autistas, cérebro hiperexcitado	https://www.instagram.com/p/CY_w_dhBULt/?utm_source=ig_web_copy_link

		características, níveis de apoio, crises, mitos)			
24/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	Acessibilidade, universidades	https://www.instagram.com/p/CZHOPg-r0HG/?utm_source=ig_web_copy_link
29/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Relato de si (falas, testemunhos)	transgênero, autista, relato de si	https://www.instagram.com/p/CZUR8oF160k/?utm_source=ig_web_copy_link
30/01/2022	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Camuflagem social	https://www.instagram.com/p/CZWb0Yrs4y/?utm_source=ig_web_copy_link
12/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Relato de si (falas, testemunhos)	Representatividade, entrevista, mídia	https://www.instagram.com/p/CZSH7LPLzWS/?utm_source=ig_web_copy_link
15/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, crises, rótulos menina nervosa 1	https://www.instagram.com/p/CaAmv5TJz0/?utm_source=ig_web_copy_link
20/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Relato de si (falas, testemunhos)	Características autistas, crises, rótulos menina nervosa 2	https://www.instagram.com/p/CaNwO9PJ6qD/?utm_source=ig_web_copy_link
22/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, pesquisa, dissertação	https://www.instagram.com/p/CaSOQmwFRMX/?utm_source=ig_web_copy_link
23/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Profissão, pesquisa, dissertação, primeira mestre autista trans	https://www.instagram.com/p/CaVQGVuJMjd/?utm_source=ig_web_copy_link
24/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Conscientização, pluralidade	https://www.instagram.com/p/CaXo7e7JozJ/?utm_source=ig_web_copy_link
25/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Defesa mestrado	https://www.instagram.com/tv/Caa98KBA0EM/?utm_source=ig_web_copy_link
28/02/2022	SOPHIA MENDONÇA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Características autistas, rancor	https://www.instagram.com/p/CaiEp9g7u1/?utm_source=ig_web_copy_link
01/06/2020	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Alienação parental e abandono afetivo	https://www.instagram.com/p/CASHOYwIMGB/?utm_source=ig_web_copy_link
04/06/2020	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orientação sexual	https://www.instagram.com/p/CBA2bQIwOg/?utm_source=ig_web_copy_link
05/06/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Saúde mental na pandemia	https://www.instagram.com/p/CBDU8MhJhXe/?utm_source=ig_web_copy_link
12/06/2020	TIAGO ABREU	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas em Apps de namoro	https://www.instagram.com/p/CBVZ9HFHfVb/?utm_source=ig_web_copy_link
15/06/2020	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, história	https://www.instagram.com/p/CBdVze1IGBv/?utm_source=ig_web_copy_link
16/06/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, os autistas	https://www.instagram.com/p/CBfu9xdic39/?utm_source=ig_web_copy_link
17/06/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, Raquel Del Monde	https://www.instagram.com/p/CBIpHF6GY/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2020	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dia do orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CBk4xJdlc5w/?utm_source=ig_web_copy_link
19/06/2020	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas LGBTQIA+	https://www.instagram.com/p/CBnaJksF8k/?utm_source=ig_web_copy_link

26/06/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Notícias falsas, jornalismo	https://www.instagram.com/p/CBSXeuQF94D/?utm_source=ig_web_copy_link
03/07/2020	TIAGO ABREU	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pokémon	https://www.instagram.com/p/CCLaVhw1XJm/?utm_source=ig_web_copy_link
06/07/2020	TIAGO ABREU	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Autistas em protestos e manifestações	https://www.instagram.com/p/CCTFm8F8qg/?utm_source=ig_web_copy_link
10/07/2020	TIAGO ABREU	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Acessibilidade na Internet	https://www.instagram.com/p/CCdyc3lWSg/?utm_source=ig_web_copy_link
17/07/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Seletividade alimentar	https://www.instagram.com/p/CCvOw8JzRW/?utm_source=ig_web_copy_link
24/07/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Hora de dormir	https://www.instagram.com/p/CDBezDUjGvE/?utm_source=ig_web_copy_link
31/07/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Hiper e hipossensibilidade	https://www.instagram.com/p/CDTmD2bF0U/?utm_source=ig_web_copy_link
03/08/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pandemia, máscaras, cansaço	https://www.instagram.com/p/CDVvOPI-Xs/?utm_source=ig_web_copy_link
07/08/2020	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pais autistas	https://www.instagram.com/p/CDlhtVlJGn/?utm_source=ig_web_copy_link
09/08/2020	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pais autistas	https://www.instagram.com/p/CDq41_LFzSD/?utm_source=ig_web_copy_link
14/08/2020	TIAGO ABREU	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Amor no espectro	https://www.instagram.com/p/CD3kURrJfG/?utm_source=ig_web_copy_link
17/08/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Leo Kanner	https://www.instagram.com/p/CD_R0zbDL/?utm_source=ig_web_copy_link
21/08/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas na cidade grande	https://www.instagram.com/p/CEJlBmJEn/?utm_source=ig_web_copy_link
22/08/2020	TIAGO ABREU	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico de Síndrome de Asperger vai acabar	https://www.instagram.com/p/CEMhKskiv2M/?utm_source=ig_web_copy_link
28/08/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas em cidades de interior	https://www.instagram.com/p/CEbn-pltzDV/?utm_source=ig_web_copy_link
04/09/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas contra o Covid 19	https://www.instagram.com/p/CEtsC_ofP1j/?utm_source=ig_web_copy_link
07/09/2020	TIAGO ABREU	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas religiosos	https://www.instagram.com/p/CE1VDg2F4j/?utm_source=ig_web_copy_link
08/09/2020	TIAGO ABREU	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação	Autistas ateus	https://www.instagram.com/p/CE3-Dnslr-E/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
09/09/2020	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Experiências de famílias atípicas	https://www.instagram.com/p/CE6hN_hFVJa/?utm_source=ig_web_copy_link
10/09/2020	TIAGO ABREU	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Projetos sociais	https://www.instagram.com/p/CE9CS8njfh/?utm_source=ig_web_copy_link
11/09/2020	TIAGO ABREU	ESPIRITUALIDADE (crenças, fé)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas ex-evangélicos	https://www.instagram.com/p/CE_r-OVFSWb/?utm_source=ig_web_copy_link
16/09/2020	TIAGO ABREU	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Precisamos de mais dados sobre autistas no Brasil	https://www.instagram.com/p/CFMZsBIAA/?utm_source=ig_web_copy_link
18/09/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo e atividades físicas	https://www.instagram.com/p/CFR5hivbE/?utm_source=ig_web_copy_link
21/09/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Hans Asperger	https://www.instagram.com/p/CFZzUf1FYR/?utm_source=ig_web_copy_link
25/09/2020	TIAGO ABREU	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	O problema dos emojis	https://www.instagram.com/p/CFJrENsF29e/?utm_source=ig_web_copy_link
02/10/2020	TIAGO ABREU	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas na Psicologia	https://www.instagram.com/p/CF1r5x9FTd1/?utm_source=ig_web_copy_link
09/10/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo e o 'novo normal'	https://www.instagram.com/p/CGH6GIUFE/?utm_source=ig_web_copy_link
16/10/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Crianças autistas	https://www.instagram.com/p/CGZykVJFG/?utm_source=ig_web_copy_link
19/10/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Bruno Bettelheim	https://www.instagram.com/p/CGH8abF5J/?utm_source=ig_web_copy_link
23/10/2020	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas na política	https://www.instagram.com/p/CGXyXWfE_s/?utm_source=ig_web_copy_link
28/10/2020	TIAGO ABREU	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ação beneficente para autistas, Beatles	https://www.instagram.com/p/CG57OOrFRYO/?utm_source=ig_web_copy_link
30/10/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Saudade	https://www.instagram.com/p/CG91aW2Iya/?utm_source=ig_web_copy_link
06/11/2020	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Irmãos autistas	https://www.instagram.com/p/CHPzKsF9vy/?utm_source=ig_web_copy_link
09/11/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Bernard Rimland	https://www.instagram.com/p/CHXb4nainlz/?utm_source=ig_web_copy_link
13/11/2020	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representação e representatividade autista	https://www.instagram.com/p/CHh7T6ul_E/?utm_source=ig_web_copy_link
17/11/2020	TIAGO ABREU	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas negros	https://www.instagram.com/p/CHsKEQeFB95/?utm_source=ig_web_copy_link
18/11/2020	TIAGO ABREU	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Maternidade atípica negra	https://www.instagram.com/p/CHsu00ICbY/?utm_source=ig_web_copy_link

19/11/2020	TIAGO ABREU	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Pessoas negras no Brasil	https://www.instagram.com/p/CHsXYv7HhQ/?utm_source=ig_web_copy_link
20/11/2020	TIAGO ABREU	INVISIBILIDADE (invisibilizar, incapacitar, calar)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dia da Consciência Negra	https://www.instagram.com/p/CHz4W1HP6/?utm_source=ig_web_copy_link
25/11/2020	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Temple Grandin, primeira autista ativista	https://www.instagram.com/p/CIAsbYqFk5k/?utm_source=ig_web_copy_link
27/11/2020	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas e mudanças climáticas	https://www.instagram.com/p/CI5Zz5tHf/?utm_source=ig_web_copy_link
04/12/2020	TIAGO ABREU	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Capacitismo	https://www.instagram.com/p/CIx6udnMzN/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2020	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Lorna Wing	https://www.instagram.com/p/CIgAjhlFD5w/?utm_source=ig_web_copy_link
11/12/2020	TIAGO ABREU	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas no volante	https://www.instagram.com/p/Clp_KF5Fz5tHf/?utm_source=ig_web_copy_link
01/01/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Fogos de artifício	https://www.instagram.com/p/CIHf20FjDw/?utm_source=ig_web_copy_link
15/01/2021	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Uta Frith	https://www.instagram.com/p/CKEK0k4LyLD/?utm_source=ig_web_copy_link
29/01/2021	TIAGO ABREU	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo no ensino superior, parte 1	https://www.instagram.com/p/CKoZ-d06wB/?utm_source=ig_web_copy_link
06/02/2021	TIAGO ABREU	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Estereótipos e conceitos ultrapassados, BOLSONARO	https://www.instagram.com/p/CK9Pp9ctLw/?utm_source=ig_web_copy_link
12/02/2021	TIAGO ABREU	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo no ensino superior, parte 2	https://www.instagram.com/p/CLMLiGfZOc/?utm_source=ig_web_copy_link
19/02/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Temple Grandin	https://www.instagram.com/p/CLeOletFGt/?utm_source=ig_web_copy_link
05/03/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Representação autista na mídia	https://www.instagram.com/p/CMCUg0dlyM/?utm_source=ig_web_copy_link
08/03/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Judy Singer	https://www.instagram.com/p/CMKBJ6FrDq/?utm_source=ig_web_copy_link
12/03/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Animais de estimação	https://www.instagram.com/p/CMJwQJzF5HU/?utm_source=ig_web_copy_link
18/03/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Estereótipos do autismo em filmes, séries ou materiais midiáticos	https://www.instagram.com/p/CMJwZ15BT8K/?utm_source=ig_web_copy_link
19/03/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Narrativas ficcionais	https://www.instagram.com/p/CMmTYAJFRE2/?utm_source=ig_web_copy_link
26/03/2021	TIAGO ABREU	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação	Depois do diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CM4SdgfGHC/?utm_source=ig_web_copy_link

			(valorização, informação)		
02/04/2021	TIAGO ABREU	CONSCIENTIZAÇÃO (campanha)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Dia mundial do Autismo, conscientização ou aceitação	https://www.instagram.com/p/CNKU_XLhIsn/?utm_source=ig_web_copy_link
09/04/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Gafes sociais da vida autista	https://www.instagram.com/p/CNcYLIvFn9/?utm_source=ig_web_copy_link
12/04/2021	TIAGO ABREU	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Tony Attwood	https://www.instagram.com/p/CNkEw8OIXmX/?utm_source=ig_web_copy_link
16/04/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	O problema do trabalho em grupo	https://www.instagram.com/p/CNcYpX8I6m0/?utm_source=ig_web_copy_link
23/04/2021	TIAGO ABREU	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autodiagnóstico de Autismo	https://www.instagram.com/p/COAbLHZcYy/?utm_source=ig_web_copy_link
30/04/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Hiperfoco	https://www.instagram.com/p/COsahLFOZ/?utm_source=ig_web_copy_link
03/05/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Figuras históricas do autismo, Simon Baron-Cohen	https://www.instagram.com/p/COaND-BFERH/?utm_source=ig_web_copy_link
07/05/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Anti-neurodiversidade	https://www.instagram.com/p/COkghn8Jlp/?utm_source=ig_web_copy_link
14/05/2021	TIAGO ABREU	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas no mercado de trabalho, Autismo Tech	https://www.instagram.com/p/CO2hJA0H1W/?utm_source=ig_web_copy_link
21/05/2021	TIAGO ABREU	NORMALIZAÇÃO (padrões sociais, masking, camuflagem social)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Limites da Resiliência	https://www.instagram.com/p/CPigdpRl5rK/?utm_source=ig_web_copy_link
28/05/2021	TIAGO ABREU	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas na cozinha	https://www.instagram.com/p/CPahM1Jlmaw/?utm_source=ig_web_copy_link
03/06/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Neurodiversidade, equívocos na interpretação	https://www.instagram.com/p/CPaq5QqBB4a/?utm_source=ig_web_copy_link
04/06/2021	TIAGO ABREU	LAZER / DIVERSÃO (geral)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo e RPG	https://www.instagram.com/p/CPs8VyIJm/?utm_source=ig_web_copy_link
11/06/2021	TIAGO ABREU	PROFISSÃO	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas na Arquitetura	https://www.instagram.com/p/CP-9m9fPNA/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Orgulho autista	https://www.instagram.com/p/CQ07OGFMRu/?utm_source=ig_web_copy_link
18/06/2021	TIAGO ABREU	IDENTIDADES (orgulho autista, gênero, diversidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas LGBTQIA+	https://www.instagram.com/p/CQ0mVWZFBSE/?utm_source=ig_web_copy_link
25/06/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas, vacinação	https://www.instagram.com/p/CQ0sYdmBrNH/?utm_source=ig_web_copy_link
29/06/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças,	Conscientização / Representação	Experiências inclusivas	https://www.instagram.com/p/CQ0s60EFlcZ/?utm_source=ig_web_copy_link

		não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	(valorização, informação)		
10/08/2021	TIAGO ABREU	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas que não transam	https://www.instagram.com/p/CSgzAw-LuVw/?utm_source=ig_web_copy_link
20/08/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Análise série Atypical	https://www.instagram.com/p/CSyzzDOruvM/?utm_source=ig_web_copy_link
27/08/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo e atividades à distância	https://www.instagram.com/p/CTE70pAXQT/?utm_source=ig_web_copy_link
03/09/2021	TIAGO ABREU	EXTREMISMO (radicalismo)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo e movimento antivacina	https://www.instagram.com/p/CTW3v-DL54z/?utm_source=ig_web_copy_link
10/09/2021	TIAGO ABREU	INDEPENDÊNCIA / AUTONOMIA (potenciais, limitações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autocuidado e Autonomia	https://www.instagram.com/p/CT8i0BF2Hc/?utm_source=ig_web_copy_link
17/09/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas biscoiteiros	https://www.instagram.com/p/CT62mXF67d/?utm_source=ig_web_copy_link
24/09/2021	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Empatia e Teoria da Mente	https://www.instagram.com/p/CUM9UNv3r3Q/?utm_source=ig_web_copy_link
01/10/2021	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autista e a Análise do Comportamento Aplicada	https://www.instagram.com/p/CUe-kHxYdk/?utm_source=ig_web_copy_link
08/10/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Ressaca social	https://www.instagram.com/p/CUXBs_jLqIq/?utm_source=ig_web_copy_link
15/10/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas no Direito	https://www.instagram.com/p/CVDBJ7UINZ7/?utm_source=ig_web_copy_link
22/10/2021	TIAGO ABREU	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comunicação alternativa, comunicação facilitada	https://www.instagram.com/p/CVVtoBHHkY8/?utm_source=ig_web_copy_link
29/10/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Hiperfoco	https://www.instagram.com/p/CVtEQXtF5/?utm_source=ig_web_copy_link
05/11/2021	TIAGO ABREU	DIAGNÓSTICO (traços, níveis de apoio)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo na infância sem diagnóstico	https://www.instagram.com/p/CVSE-4LHNK/?utm_source=ig_web_copy_link
12/11/2021	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas brasileiros no exterior	https://www.instagram.com/p/CWL6m8xi6f/?utm_source=ig_web_copy_link
19/11/2021	TIAGO ABREU	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sedentarismo	https://www.instagram.com/p/CWdJS-KI0P/?utm_source=ig_web_copy_link
26/11/2021	TIAGO ABREU	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas no ENEM	https://www.instagram.com/p/CWvL5_1IFVv/?utm_source=ig_web_copy_link
03/12/2021	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	O fim da Síndrome de Asperger, Supremacia Aspie	https://www.instagram.com/p/CXB1mH5Fdc/?utm_source=ig_web_copy_link
07/12/2021	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Síndrome de Asperger, uso e desuso	https://www.instagram.com/p/CXLoMLiNu/?utm_source=ig_web_copy_link
24/12/2021	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO /	Conscientização / Representação	Festas, sobrecarga sensorial	https://www.instagram.com/p/CX3yClyFe6P/?utm_source=ig_web_copy_link

		RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	(valorização, informação)		
17/01/2022	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Reivindicação (protesto, denúncia)	O que é neurodiversidade (livro)	https://www.instagram.com/p/CY1Cei_mvj/?utm_source=ig_web_copy_link
28/01/2022	TIAGO ABREU	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Sexualidade no Autismo	https://www.instagram.com/p/CZRY7DuLMEU/?utm_source=ig_web_copy_link
01/02/2022	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Reivindicação (protesto, denúncia)	O que é neurodiversidade (livro)	https://www.instagram.com/p/CZeHVBfFaTz/?utm_source=ig_web_copy_link
11/02/2022	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Reivindicação (protesto, denúncia)	O que é neurodiversidade	https://www.instagram.com/p/CZ1cH7byT/?utm_source=ig_web_copy_link
15/02/2022	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Reivindicação (protesto, denúncia)	Neurodiversidade, ativismo	https://www.instagram.com/p/CZ1AwbfK7/?utm_source=ig_web_copy_link
25/02/2022	TIAGO ABREU	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Análise da série 'Nosso jeito de ser'	https://www.instagram.com/p/CaZgE1r_3r/?utm_source=ig_web_copy_link
08/03/2022	TIAGO ABREU	AUTISMO EM MULHERES	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Mulheres autistas	https://www.instagram.com/p/Ca2eJ5oFmQ/?utm_source=ig_web_copy_link
11/03/2022	TIAGO ABREU	VIOLÊNCIA (interseccionalidades, bullying, ataques, opressão, ameaças, denúncias)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas excludentes	https://www.instagram.com/p/Ca9pWuHl_ZA/?utm_source=ig_web_copy_link
25/03/2022	TIAGO ABREU	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autistas no cabeleireiro	https://www.instagram.com/p/CbHj-VUirVxg/?utm_source=ig_web_copy_link
01/04/2022	TIAGO ABREU	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, idosos	https://www.instagram.com/p/Cbzm0jLGWk/?utm_source=ig_web_copy_link
02/04/2022	TIAGO ABREU	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, idosos	https://www.instagram.com/p/Cb2oPFgCAs/?utm_source=ig_web_copy_link
08/04/2022	TIAGO ABREU	AUTISMO ADULTO (diagnóstico tardio, vivência)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, povos indígenas	https://www.instagram.com/p/CcF6Wcrw0X/?utm_source=ig_web_copy_link
15/04/2022	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Amizades	https://www.instagram.com/p/CcXocp6uFKL/?utm_source=ig_web_copy_link
17/04/2022	TIAGO ABREU	APOIO FAMILIAR / SOCIOAFETIVO (amizades, relações, experiências)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Amizades	https://www.instagram.com/p/CcdHYLCPfG/?utm_source=ig_web_copy_link
22/04/2022	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, TDAH	https://www.instagram.com/p/Ccp5GZlrQbg/?utm_source=ig_web_copy_link
29/04/2022	TIAGO ABREU	CAPACITISMO (preconceito, redução, incapacidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Anjo azul	https://www.instagram.com/p/Cc7sec5EAG/?utm_source=ig_web_copy_link
06/05/2022	TIAGO ABREU	SEXUALIDADE (relacionamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Relações, intimidade	https://www.instagram.com/p/CdNtL9krl12/?utm_source=ig_web_copy_link
20/05/2022	TIAGO ABREU	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, dislexia	https://www.instagram.com/p/Cd8x8XbrsGV/?utm_source=ig_web_copy_link
29/06/2020	WILLIAN CHIMURA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Canal autismo youtube	https://www.instagram.com/p/CCCRi57pg4y/?utm_source=ig_web_copy_link

29/09/2020	WILLIAN CHIMURA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Desrespeito, retratação na TV, SBT	https://www.instagram.com/p/CFv03s3Fm1P/?utm_source=ig_web_copy_link
01/10/2020	WILLIAN CHIMURA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Política Nacional de Educação Especial	https://www.instagram.com/p/CF0SDs8Ij9/?utm_source=ig_web_copy_link
09/10/2020	WILLIAN CHIMURA	INCLUSÃO (igualdade, equidade)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Política Nacional de Educação Especial	https://www.instagram.com/p/CGH7YZhxy/?utm_source=ig_web_copy_link
15/03/2021	WILLIAN CHIMURA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo, graus	https://www.instagram.com/p/CMb-hghJLI/?utm_source=ig_web_copy_link
23/03/2021	WILLIAN CHIMURA	PROTAGONISMO (representação, participação, ocupar o lugar, símbolos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Palestrantes autistas	https://www.instagram.com/p/CMxYgDzF64/?utm_source=ig_web_copy_link
30/04/2021	WILLIAN CHIMURA	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Cuidado, M-CHAT	https://www.instagram.com/p/COTx3V13Mi/?utm_source=ig_web_copy_link
27/10/2021	WILLIAN CHIMURA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comunicação facilitada	https://www.instagram.com/tv/CVnjLo518on/?utm_source=ig_web_copy_link
29/10/2021	WILLIAN CHIMURA	COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL (alternativa, dificuldades)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Comunicação alternativa, aumentativa (1-2)	https://www.instagram.com/p/CVnjLo518on/?utm_source=ig_web_copy_link
19/11/2021	WILLIAN CHIMURA	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Autismo	https://www.instagram.com/p/CWeb2x5F-LN/?utm_source=ig_web_copy_link
07/02/2022	WILLIAN CHIMURA	MODO DE SER / ACEITAÇÃO / RESPEITO (diferenças, não é preciso mudar, características, níveis de apoio, crises, mitos)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Tempo de tela x autismo (1-8)	https://www.instagram.com/p/CZslzY9MIZB/?utm_source=ig_web_copy_link
18/02/2022	WILLIAN CHIMURA	ACESSIBILIDADE (políticas públicas, direitos, reivindicações)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Relatório Global, serviço de saúde pública	https://www.instagram.com/p/CalgzxhvaE/?utm_source=ig_web_copy_link
05/03/2022	WILLIAN CHIMURA	QUESTÕES CLÍNICAS (doença, síndrome, CID, tratamento)	Conscientização / Representação (valorização, informação)	Diagnóstico, DSM	https://www.instagram.com/p/Caw87opLjyt/?utm_source=ig_web_copy_link